REVISTA ANHANGÁ
EM GUERRA CONTRA A CIVILIZAÇÃO E PROGRESSO HUMANO DESDE O SUL
Editorial Ponta de Lança
SEGUNDA EDIÇÃO

Organização

1. *"Introdução", por Editorial Ponta de Lança* **(pg. 1-3)**
2. *Tocaia* **(pg. 4)**
3. *Nós Juramos Vingar* **(pg. 5-6)**
4. *Pacto* **(pg. 7)**
5. *Revisitando a Revolução* **(pg. 8-11)**
6. *Primitivismo Sem Catástrofe* **(pg. 12-15)**
7. *Breves Reflexões de Uma Caminhada de Inverno* **(pg. 16)**
8. *Selvagens Politicamente Incorretos* **(pg. 17-19)**
9. *“Revolução Antitecnológica: Por Que e Como”, de Theodore Kaczynski: Uma Análise Crítica* **(pg. 20-26)**
10. *O Retorno do Guerreiro* **(pg. 27-35)**
11. *Apocalipsis Ohlone* **(pg. 36-38)**
12. *Um Poema de Guerra* **(pg. 39)**
13. *É o Momento de Beijar a Terra Novamente* **(pg. 40-42)**
14. *Nota Anônima* **(pg. 43-44)**
15. *A Ovelha Negra e o Lobo* **(pg. 45-46)**
16. *Autexousious Apanthropinization* **(pg. 47-49)**
17. *A Solidão e a Auto-realização* **(pg. 50-51)**
18. *Funeral Niilista - A Aniquilação da Vida* **(pg. 52-55)**
19. *Duras Palavras: Uma Conversa Eco-extremista* **(pg. 56-65)**
20. *Eu e Depois Eu* **(pg. 66)**
21. *O Rio Que Canta: Uma Última Palavra ao Relutante* **(pg. 67)**
22. *As Lições do Estado Islâmico Antes de Seu Colapso* **(pg. 68-71)**
23. *Uma Grande e Terrível Tormenta* **(pg. 72)**
24. *A Evolução da Dieta* **(pg. 73-76)**
25. *Um Falso Escape* **(pg. 77-78)**
26. *Lições Deixadas Pelos Incendiários* **(pg. 79-81)**
27. *Notas Sobre o Anarco-primitivismo* **(pg. 82-83)**
28. *A Noite do Mundo Infernal* **(pg. 84-85)**
29. *Halputta* **(pg. 86-87)**
30. *Animismo Apofático* **(pg. 88 - 90)**
31. *O Mito do Veganismo* **(pg. 91 - 93)**
32. *Os Seris, Os Eco-extremistas e o Nahualismo* **(pg. 94-95)**
33. *Reflexões a Respeito da Liberdade* **(pg. 96-99)**
34. *Conversações Eco-extremistas: Uma Conversa Com Eco-extremistas Mulheres Desde o Norte do Continente* **(pg. 100-103)**
35. *A Guerra de José Vigoa: Um Breve Discurso Sobre o Método Eco-extremista* **(pg. 104-109)**
36. *Assassinando a Nosso Civilizado Interno* **(pg. 110-113)**
37. *(Roma Infernetto – “Mundo Merda”) – Profanação e Devoração* **(pg. 114-115)**
38. *Caçador: Um Resumo de “The Other Slavery”, de Andrés Reséndez* **(pg. 116-118)**
39. *Guerra Oculta* **(pg. 119-123)**
40. *Bélico: Resumo da Revista Black and Green Review No. 3* **(pg. 124-128)**
41. *Humanos* **(pg. 129)**
42. *“Hoka Hey” e “Memento Mori”, a Morte Desde a Perspectiva Pagã* **(pg. 130-135)**
43. *Por que te amar? Breves Reflexões Noturnas Sobre o Amor* **(pg. 136-137)**
44. *Pensamentos Sobre a Moralidade* **(pg. 138-139)**
45. *Ódio Misantrópico* **(pg. 140)**
46. *Moralidade* **(pg. 141-142)**
47. *Fazendo Peróxido de Acetona (Peroxiacetona, "Mãe de Satã" ou também TATP)* **(pg. 143-149)**

“Para nós, o Watu (Rio) é uma entidade, não uma bacia hidrográfica igual os brancos falam. Assim como lá na Índia tem o Rio Ganges, que é sagrado e as pessoas entendem isso, nós temos o Watu, que sustentou durante muito tempo a nossa existência e o nosso imaginário. Mas aqui no Brasil, rios podem virar esgoto, porque eles são vistos só como um corpo de água. […] As crianças hoje olham e perguntam para aos pais: “O Rio morreu? O Rio acabou?”. Para uma infância isso é uma marca que não tem como recuperar […] Olhar para a Terra, o Rio e a Floresta como mercadoria é um engano muito grande que vai nos enterrar a todos.”, **Krenak Ailton sobre a morte de Watu pelas mãos das mineradoras Samarco e Vale.**

Pindorama — o regresso da conspiração eco-extremista desde este lado do Sul era já prometido, os tremores de terra que recentemente aterrorizaram os civilizados por aqui foram as reações animistas dos passos dados pelos guerreiros da Máfia ITS, novamente rumo à indiscriminada caçada nas extensões da antiga Terra das Palmeiras. Repousamos por alguns ciclos lunares entocados nas sombras e a escuridão. O motivo é porque parte de nosso Editorial se enfadou de uma investigaçãozinha esdrúxula de nome Érebo. Contrariamente ao que esperavam, não nos foi ameaça e então outra vez cá estamos, orgulhosamente dando vida a este projeto propagandístico iniciado há um ano, a **Revista Anhangá – Em Guerra Contra a Civilização e o Progresso Humano Desde o Sul**, que agora entra em sua segunda edição.

Devido uma série de acontecimentos o primeiro número desta publicação foi lançado inconcluso, mas agradecemos aos wachos que tomaram a importante decisão de lançá-lo. Longe das condições em que conceberam a versão inaugural do projeto, sai agora o N° 2 desta Revista contando com mais de 100 páginas munidas de escritos que nutrem a teoria e prática do individualista eco-extremista. Esta edição nasce de um tremendo esforço cúmplice de manos e minas afins do Sul e Norte. O período entre a primeira publicação e esta é marcado por uma significativa expansão dos grupos ocultos aderentes a ITS, que além de rugidos e mais acometidas pelo Sul, surgiram e cresceram também nas terras do Velho Continente, aquele onde pisaram os bárbaros, os vikings, que com ferocidade e paganismo implantaram o terror no cerne das civilizações europeias. Os esporos do eco-extremismo foram levados por fortes ventos e cruzaram as grandes águas até caírem nos solos da Grécia, onde caminha agora Seita Iconoclasta e

Caçadores Noturnos; Reino Unido, terra maldita de Misanthropos Cacoguen e Espanha, extensões de Criminosos Animistas. Já pelo Sul e Norte o ânimo dos guerreiros não se detém, contamos com proximamente uma dezena de mortes em mais de 50 diversificados ataques; pacotes incendiários e explosivos abandonados indiscriminadamente estraçalhando a carne e impondo o terror; incêndios selvagens contra máquinas, instituições e objetos; explosivos abandonados contra alvos específicos e exitosamente detonados; ataques armados contra seguidores de cristo e montanhistas deixando mortos e crivados de bala; ataques armados contra estruturas de megaempresas; ameaças de bomba, envenenamento e maldições; punhaladas homicidas contra sacerdote e funcionário de universidade; ataques bombistas contra universidades e centros de pesquisa; tiro certeiro em crânio de vice-reitor de instituto tecnológico; assassinato de drogada e tantos outros que por questões estratégicas não foram reivindicados publicamente. Como apontam os meios gringos já somos uma ameaça terrorista internacional crescente no mundo. O que se originou lá pelo ano de 2011 no México se espalha pelos quatro cantos como uma maldita praga e agora tem presença em diversas cidades de vários países em três continentes. A Máfia Eco-extremista é nutrida pelo ódio catastrófico contra o progresso humano que destrói a tudo o que é Selvagem, contra o progresso civilizado que exterminou os nossos antepassados, suas crenças e modo de vida, contra a lógica ocidental de domesticar e manipular o que é silvestre, contra o esquematizado pensamento religioso moderno e o racionalismo ateu que deprecia e destrói o senso animista de sentir, ver e entender o mundo, e sobretudo pela serenidade e Caos que habita dentro de nós, a força antiga que nos empurra a reviver os adormecidos instintos e recordar os nossos antepassados e que um dia fomos parte de tudo isso, do entorno e vida selvagem, antes da chegada dos civilizados.

A alguns de nós nos enfurece saber através de nossos avós e bisavós que há três gerações passadas fomos forçados a abandonar nossas terras ancestrais e submetidos a sobreviver marginalmente no entorno domesticado enquanto as florestas eram cortadas, os montes explodidos e escavados e os rios barrados e drenados; nos dói não poder chamar o que vemos ou comunicarmo-nos através do nosso idioma akwén porque mataram-no por dizerem que falar a nossa própria língua é sinal de demência e atraso, nos entristece saber que nosso entendimento foi completamente entorpecido por costumes e crenças alheios aos que praticamos desde tempos imemoriais e que em seu lugar nos empurraram goela abaixo o cristo. Por tudo isso é nossa guerra, por nós mesmos, pelos Antigos, pelo pouco que resta do entorno selvagem e pela certeza de que os atos daqueles que assassinam os Espíritos da Natureza não quedarão impunes. Landerretche soube muito bem disso após os wachos cúmplices da Horda Mística do Bosque enviarem a seu endereço um pacote explosivo que detonou em suas mãos e que, por sorte [dele], não o matou. O bastardo é um dos cabeças de uma das maiores mineradoras do mundo. Certeza que seu nome segue entonado nos cânticos de guerra dos mafiosos e que cedo ou tarde a vingança outra vez toca a sua porta. Samarco e Vale são outros dois monstros mineradores responsáveis por causar destruições de proporções colossais como a do Rio Doce e tantas outras, por isso a citação do Krenak. Outro motivo para a citação é porque no passado e por aquela mesma região foi onde centenas de nossos bisavós foram forçados a abandonar as suas terras. Os rios, as florestas, os solos, os animais, os montes, tudo era morto ou tomado com a chegada do progresso e dos civilizados e com isso morria também parte de nós. Em vista disso não nos resta mais nada senão a guerra de vida ou morte, somos inadaptáveis a este mundo moderno; não apenas por sensatez, mas sobretudo por instinto e pelo chamado primitivo daqueles que vieram antes que acudimos. Caminhar nas urbes sentindo através do chão a respiração ofegante da Terra sepultada pelo cimento não é algo que deixaremos passar despercebido, por isso regressamos com o segundo número da Revista Anhangá, esperando que o material contido nesta publicação nutra e muna o imaginário e a força de tantos outros individualistas guerreiros e as guerreiras, tal como Regresión, Ajajema, Extinción e Atassa tem feito.

Nesta edição serão encontrados escritos sobre a espiritualidade eco-extremista, potencialidade do individualismo, debates e críticas sobre moralidade e valores civilizados, reflexões sobre humanismo e violência indiscriminada, escritos sobre veganismo e a evolução da dieta, críticas a ideologias esquerdistas e a crença numa revolução, escritos sobre reavivamento de memórias e práticas guerreiras, cosmologia pagã,

apontes sobre misantropia e extincionismo, apontes sobre primitivismo, lições tiradas de grupos terroristas, banditistas, de assaltantes e movimentos de libertação, além de vários poemas, canções, textos filosóficos, manifestos pessoais, um manual para a fabricação de Peróxido de Acetona e uma análise crítica desde um olhar eco-extremista da mais recente obra de Theodore Kaczynski.

Como um órgão difusor da Máfia Eco-extremista esperamos que o material contribua não só para aqueles guerreiros e guerreiras que estão de pé e em guerra contra o Sistema Tecno-Industrial, mas também à aqueles e aquelas tendentes à selvageria, aos criminosos, antissociais, egoístas, misantropos, anarquistas caóticos, niilistas terroristas e tantos outros que semeiam no aqui e agora o Caos no interior desta civilização, que atacam seus valores, suas estruturas e instituições e também os seus engenhos tecnológicos.

Com profundo respeito pedimos a Yayá que desde sua gruta nos dê sabedoria em nossos movimentos. Certamente quando os civilizados escutarem o assobio estridente do vento, saibam que desde a tocaia fomos convocados por este furioso espírito para atacar e matar. Por vingança, apenas. Tais como as catástrofes somos uma das respostas da Natureza Selvagem a toda esta artificialidade, porque também somos parte dela e de sua reação. Indiscriminados bravios desprovidos de valores morais, como as tempestades, terremotos, furacões e outras catarses que não elegem classe social, sexo ou cor na hora de suas manifestações homicidas. E para finalizar queremos carinhosamente agradecer aos manos e as minas cúmplices destas terras e de fora, a Nẽn-pém, XXX, Urucun, Xale, aos manos da Revista Ajajema e alguns outros que dispensaram citações, que ademais de contribuírem de algum modo para o seguimento desta revista são também fonte de grande inspiração; alguns geograficamente mais próximos, outros mais distantes, mas todos na mesma guerra contra a civilização e defendendo com garras o mesmo projeto, a Máfia ITS.

Pedimos que os Espíritos da Terra acobertem os passos dos afins de sangue e de guerra e que a terrível fúria de Yayá recaia sobre aqueles que destroem a Natureza Selvajem.

A Tocaia segue até a tua morte ou a minha... GUERRA!

Grupo Editorial Ponta de Lança
Outono de 2018

Contato: pontadelanca(a)pm.me

Selvagem e mafioso poema "Tocaia" escrito por Urucun.

Tocaia

De Tocaia, silenciosos como a Lambú por entre os galhos;
De Tocaia, observadores como o Jacurutu estático;
De Tocaia, caçadores como a Sussuarana pronta para o ataque;
De Tocaia, contundentes como a Sucuri finalizando o abate;
De Tocaia, pacientes desde o alto como o Carcará;
De Tocaia, distantes como o Gavião-Pombo pairando no ar;
De Tocaia, escondidos em grutas como os Morcegos;
De Tocaia, vagantes das Chapadas como os Cervos;
De Tocaia, farejando a presa como o Teiú pela vegetação rasteira;
De Tocaia, subestimados, mas homicidas como o Tamanduá-Bandeira;
De Tocaia, entocados por aí como o Tatu em seu abrigo;
De Tocaia, agouros do Terror como o chocalho da Cascavél anunciando o perigo;
De Tocaia, inesperados como a Jararaca atacando;
De Tocaia, estratégicos como a Jaguatirica se rastejando;
De Tocaia, atentos como a Pega de olho na ameaça;
De Tocaia, sempre despertos como a Paca;
De Tocaia, ariscos como a Raposa em sua trajetória;
De Tocaia, desde o Nada e Fatal como o ataque do Caipora;
De Tocaia, vigiando a tudo como o Tetéu;
De Tocaia, analisando a podridão como o Urubu desde os céus,
De Tocaia, preparados sempre como a Aranha-Armadeira;
De Tocaia, guerreando mortalmente como as Abelhas;
De Tocaia, destrutivos como uma manada de Catitu passando;
De Tocaia, ágeis como a Cutia se deslocando;
De Tocaia, cuidadosos como a Lebre por entre os campos;
De Tocaia, sedentos por sangue como a Piranha em um ataque relâmpago;
De Tocaia, caminhantes como o Aguaraçu mata à dentro;
De Tocaia, florescendo no submundo como sementes levadas ao Vento;
De Tocaia, ferozes como o Jaguar abocanhando o pescoço;
De Tocaia, ameaça noturna e implacável como o Lobo;
De Tocaia, assassinos como o Jacaré estraçalhando a carne;
De Tocaia, invisíveis como o Urutau por entre as árvores;
De Tocaia, certeiros como a Surucucu cravando suas presas;
De Tocaia, rasgando o humano como um Tubarão desde as profundezas;
De Tocaia, migratórios como a Andorinha em sua viagem;
De Tocaia, Indiscriminados como a Natureza Selvagem!

Nós Juramos Vingar

Entre o trovão dos céus e a precipitação da chuva renasce a ideia iconoclasta que grita com fúria "a guerra chegou!". Niilistas se preparam movendo-se entre as sombras, não há nada a perder porque tudo já está mais que perdido. O "sem sentido" finalmente ganhou nesta dicotomia interna entre a razão e o instinto. Assassinos, terroristas e ladrões preparam um novo ataque em nome de sua individualidade, em nome da natureza violada por séculos nas mãos do progresso antropocentrista.

Já estou entre eles, um indivíduo farto de utopias libertárias, enojado de ideias totalitárias, que vomita sua raiva através de letras, balas, dinamite e timers nas noites de vingança. Hoje a anarquia morreu dentro de mim com toda a ruína de sua moralidade e desde o seu cadáver apodrecido nasceu uma flor negra espinhosa, a flor da desesperança, mas não se enganem, não é uma desesperança cheia de melancolia vitimista, e sim preenchida de pessimismo, raiva e ódio direcionado a minha própria espécie, mas que ainda sim ganhou o meu absoluto desprezo. Sou a vingança da flora, o filho da fauna que exala a cada manhã a detestável nuvem de dióxido que preenche os meus pulmões de morte e desespero.

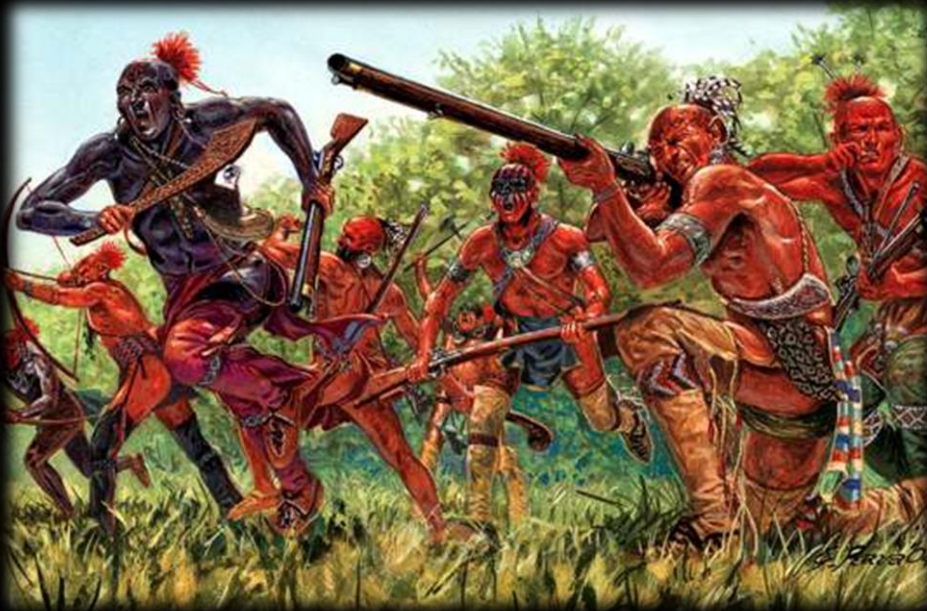
Repito, tome a sua paixão. Entenda que este é o momento de lançar-se sem contemplação a dar-lhe prazer a estas ideias demoníacas que ressoam no pensamento. Mate! Roube! Exploda! Esfaqueie! Dispare! Por que não fazê-lo? Se vocês não tem piedade, por que eu deveria tê-la? Os uivos acompanham as explosões, as quais soam em qualquer lugar do mundo lembrando-me, entre a noite e o silêncio, que neste caminho insano em direção ao nada não estamos sozinhos, assim como eu há seres que olham ao seu redor e sentem seu corpo tremer ao ver apenas plástico, produtos de plástico, coisas de plástico, automóveis de plástico, HUMANOS DE PLÁSTICO. Nunca nos encaixamos em seus grupos contra-culturais nem em seus espaços normativos, nem em suas fugas, muito menos em seus vícios. Sempre estivemos entre vocês sentindo-nos distantes desejando perder-nos no murmúrio do pensamento e o som leve que faz o vento ao

roçar numa folha. AGORA QUE TUDO ESTÁ MORTO JURAMOS VINGAR E ASSIM FAREMOS. POR CADA BOSQUE CORTADO E TAMBÉM PELO EGOÍSMO INCENDIÁRIO QUE PREENCHE DE PLENITUDE A NOSSA VAZIA EXISTÊNCIA.

O fim não importa porque não há nenhum. Meu fim é proporcionar prazer a este asco profundo que causam e me gera uma vida de mentiras baseada em regras de terceiros e posses de arrogância, e assim será até que caia, porque dar meia volta e regressar não é uma opção, pois após ter provado a dor agradável do ataque e o "sem sentido", fechar os olhos é impossível. Que sigam caindo os trovões que da mesma forma cairão nossos ataques sem contemplação, sem piedade, sem discriminação, sem humanidade.

Niilistas e eco-terroristas, a morte nos espera, e nós esperamos por ela, vamos a seu encontro, mas não sem antes espalhar o ódio e o desejo de caos que levamos em nosso interior.

Contra a civilização tecno-industrial e contra seus miseráveis servos simpatizantes, a guerra começou!

Extraído de "Larga Vida Al Caos".

PACTO

Texto extraído da edição número 4 da Revista Ajajema.

Individualista, faria tu este pacto comigo? A noite é escura e nos esconde todas as certezas, a terra clama por vingança. O fogo de guerra se mostra flamejante em nossa fogueira. Agora, mais que nunca, os tambores anunciam a batalha.

Niilista terrorista, formaria tu parte deste pacto comigo? As feridas da terra já não cicatrizam, a onde quer que eu vá vejo destruição, o Grande Espírito está decaído, o céu se escurece, a noite eterna prontamente virá para todos nós.

Não podemos mais esperar, o progresso humano cresce e está mais forte a cada segundo. Irmão, tua vida não vale nada se tu não saca tuas garras para defendê-la. Tu deve converter-te em um guerreiro forte e encher teu peito em batalha, tão alto como a montanha de coros cabeludos de teus inimigos que tu deve conseguir. Irmã, tu pode ajudar aos guerreiros, curá-los e aconselhá-los, guiá-los e abrigá-los, pode acompanhá-los nas batalhas, se assim desejar.

A morte me cerca, sua voz ecoa em minha mente constantemente, sei que minha existência não é nada, e os laços que me unem a este mundo estão cada vez mais finos.

Este pacto é para poucos, os que dão as costas ao sistema tecno-industrial, para os poucos valentes que enfrentam tudo isso de modo cru, sem deixar se levar por esperanças e falsas ilusões. Os que vão até as últimas consequências, os que sabem que para suas vidas já não há outra coisa.

Esqueça-te de teus outros compromissos, tenha apenas o que tu necessita, não espere o momento adequado, construa-o. Teus ancestrais te entregaram o legado da guerra, e agora tu pisa na terra que eles defenderam com suas vidas. Devemos honrar sua memória.

Os civilizados não são capazes de ver, sabe? Mas antes das cidades havia vida nestas terras. Seus olhos e seus ouvidos estão turvos, não sabem que as cidades que habitam são cemitérios, não escutam o choro da terra. Não percebem a toxicidade com a qual se alimentam, entorpecem os próprios sentidos com drogas para não escutar. Mas as bombas fazem barulhos! Devemos tirar as suas vidas, devemos tomar de assalto suas moradias e assassinar a todos os que podemos, o sangue deve regressar à terra, o Grande Espírito exige vingança.

Tu consegue sentir a catástrofe que se aproxima? Quero que saiba da urgência de formar este pacto comigo. A Natureza Selvagem já tem meu espírito, entreguei-o já há várias luas. É por isso que ela opera através de mim e me guia em todos meus ataques, por isso me converto em um animal selvagem e posso permanecer fora das jaulas. O que pensa em fazer com o teu?

O Sul já arde, e no Norte eles sabem muito bem, estamos apenas cumprindo o nosso dever como pessoas da terra. Eu gostaria de explicar-te como eu sei disso, mas essa não é uma mensagem que as vozes humanas possam transmitir, este pacto não é humano. Irmão escuta o assovio do vento. Irmã, perca-se com a bravura do oceano, e assumamos este pacto de guerra até a morte contra o mundo civilizado, hoje.

Revisitando a Revolução

Por John Jacobi

Resumo *– Os selvagistas, assim como seus precursores ideológicos, em geral apoiavam a noção de "revolução" como resposta a seus anseios. No entanto, uma série de grupos conhecidos como "eco-extremistas", que vieram dos mesmos precursores ideológicos que os selvagistas, desafiaram a "abordagem revolucionária" do retorno ao selvagem. Este artigo explica a abordagem revolucionária e por que os eco-extremistas estão certos.*

A Velha Visão

Os valores dos eco-radicais e eco-extremistas selvagistas já foram suficientemente elaborados, mas parte da minha intenção ao iniciar este jornal era explorar e esboçar um modus operandi com base nesses valores. Até então, eu (e aqueles com quem trabalho) havíamos nos atido a uma noção aproximada de "revolução", ou melhor, de reação anti-industrial. O raciocínio era tal como se segue:

Já que desejamos que o mundo entre em colapso para tornar-se um lugar menos administrado ou mais selvagem, nossa preocupação é como alcançar um estado de coisas em que o modo de produção industrial seja tornado cada vez menos eficiente, ou até mesmo, em algumas regiões, um estado em que ele seja destruído para além de qualquer possibilidade de restauração. Mas, é claro, a vida industrial é por demais conveniente. É pouco provável, então, que as pessoas se revoltem contra ela.

No entanto, historicamente tem havido períodos revolucionários em que esse tipo de coisa torna-se possível – épocas em que as pessoas de um lugar específico perdem muitas de suas inibições normais e agem fora dos limites da moralidade convencional. Durante esse período, é muito mais provável que as pessoas ajam contra os seus interesses materiais imediatos, deixando um espaço para que minorias pequenas e organizadas tirem vantagem desse momento de massa e instiguem a ação contra toda estrutura que considerem ilegítima. A Revolução Francesa foi um desses períodos. E o partido bolchevique da Revolução Russa, que explorou metodicamente muitos aspectos inerentes à sociedade de massa, demonstrou como uma minoria pode fazer uso de um momento como esse.

Evidentemente, parte da análise selvagista envolve uma compreensão de que a sociedade (e sua técnica) desenvolvem-se de modo

autônomo em relação a qualquer indivíduo ou grupo de indivíduos; ou seja, as culturas evoluem (*ver "Technical Autonomy"*). Isso significa, entre outras coisas, que os revolucionários não podem planejar sua revolução. A Revolução Francesa, por exemplo, foi resultado de forças imprevisíveis tais como a fome e a industrialização; e a Revolução Russa irrompeu em um momento de intensa pobreza dos russos e de guerra mundial. Esse aspecto do desenvolvimento cultural em geral em que este "arrasta os humanos consigo" também é o motivo pelo qual os revolucionários conseguiram destruir a sociedade-alvo, mas falharam miseravelmente em instituir seus esquemas utópicos racionais. De novo, as culturas evoluem; elas não são planejadas. A única razão pela qual os radicais da época conseguiram tirar vantagem da instabilidade foi porque, de antemão, eles se organizaram e se isolaram, criando uma minoria resoluta não comprometida com a estrutura dominante que buscava derrubar. Por conta disso, os selvagistas e suas influências ideológicas (por exemplo, Kaczynski e os *indomitistas*) defendiam a criação dessa minoria, que se prepararia para a ação cada vez mais radical em tempos de instabilidade. Essa minoria não teria esperanças de instaurar esquemas racionais, mas se dedicaria totalmente a atacar de modo implacável a sociedade indústria.

Nós, eco-radicais, acreditávamos que essa era a única forma de causar dano máximo ao sistema industrial global. Não é que a revolução fosse uma solução perfeita. De qualquer forma, soluções perfeitas não existem. Mas outras propostas eram ou completamente irrealistas ou não iam longe o bastante, e a reforma é impossível como uma força satisfatória, dadas as demandas de nossos valores. Havia até mesmo uma chance de que a reação seria global em alcance, o que significaria não que toda a indústria entraria em colapso, mas que os esforços revolucionários estariam ocorrendo em muitos lugares ao mesmo tempo, talvez com algumas regiões em que eles seriam mais bem-sucedidos. Essa é uma possibilidade nos dias de hoje porque a infraestrutura industrial unifica o mundo, permitindo que as mensagens se espalhem muito mais rápido do que antes. Essa foi, no fim das contas, a razão pela qual os valores da Revolução Francesa se espalharam tão rápida e completamente; e é o motivo pelo qual os jihadistas podem agora ser vistos atacando por toda parte.

Além disso, em regiões onde houve colapso estatal ou industrial, muitas vezes causado por revoluções, podemos observar ganhos notáveis para a natureza selvagem. Considere-se, por exemplo, a Síria, a Líbia, muitas partes do Afeganistão, e até mesmo lugares ao sul dos EUA, como o México e o Brasil. Onde há um alto grau de instabilidade na sociedade moderna (indústria, democracia, instituições humanistas, etc.), as sociedades são menos vigiadas, a natureza não-humana é menos desenvolvida em um sentido material, a infraestrutura começa a ruir... De fato, as emissões de carbono no Oriente Médio estão diminuindo rapidamente devido à atividade revolucionária que se passa por lá, tal como é de se esperar, já que as emissões desde a Revolução Industrial somente diminuíram globalmente em tempos de declínio ou de colapso (por exemplo, a Grande Depressão, o colapso da União Soviética, a Recessão de 2008 etc.).

Porém, esse raciocínio é falho. Não é que a reação em si mesma seja algo indesejável ou mesmo impossível. Claramente, ela é possível. Por exemplo, os jihadistas, não importa o quão abomináveis sejam, estão de tal modo suficientemente organizados e difundidos que, se algum fator externo incontrolável, como um desastre natural, causasse danos severos às sociedades industriais, eles poderiam tirar vantagem desse momento e provocar um enorme estrago. A rigor, é errôneo basear a própria ecodefesa nessa possibilidade, é errôneo imaginar a reação como uma "solução definitiva" para os problemas do Progresso, e é errôneo legitimar o retorno radical ao selvagem por referência ao período revolucionário. Nossos valores oferecem uma mensagem diferente dessa.

Um grupo com influências ideológicas semelhantes às dos selvagistas, os assim chamados eco-extremistas, tentaram elaborar esse argumento em seus comunicados e escritos. Inicialmente, seus argumentos pareciam juvenis, impacientes, imediatistas. Porém, com o passar do tempo, sua análise tornou-se mais aguçada e, quanto a mim, eles conseguiram me convencer que o lugar da revolução no discurso selvagista deveria ser repensado. Depois de muito debate sobre essa questão, minha posição (e a da maioria das pessoas com quem trabalho) mudou.

A Nova Visão

Em primeiro lugar, consideramos o retorno ao selvagem e a ecodefesa como bons em si mesmos. Não há necessidade de um evento futuro que os legitime. É no presente que a natureza selvagem está sendo dominada e destruída, e é no presente que a defenderemos e a restabeleceremos. A ação radical pode precisar de uma justificativa especial, mas isso pode ser facilmente explicado, e não por recurso ao messias da revolução: se a própria ameaça é radical, por que a defesa, por sua vez, não pode ser radical também? Conforme assinalei em "*The Foundations of Wildist Ethics*", é razoável dizer que, à medida que o selvagem torna-se cada vez menos uma qualidade definidora de nosso mundo, tanto mais valioso ele se torna, e tanto mais justificável a defesa radical. "Nenhum recurso a não ser ao presente.", disse um selvagista; e ele tem razão.

Ademais, a revolução não é nenhum messias. Visto que nenhum humano ou grupo de humanos pode incitá-la – apenas tirar vantagem do momento –, nunca está claro como ela irá terminar. De novo, podemos observar isso em regiões onde a revolução ou o colapso estão ocorrendo. Alguns desses processos foram bastante prejudiciais à natureza selvagem, ou pelo menos não foram ideais, e a situação é tal que um curso de eventos semelhante será comum em situações futuras. Pode ser que a revolução aconteça e ainda haverá trabalho a fazer. Um único evento, portanto, não é o foco. Na verdade, é possível que ele seja tangencial.

Considere-se, por exemplo, outros meios através dos quais o colapso ocorreu. Alguns colapsos aconteceram sem absolutamente nenhuma participação humana, com a própria natureza selvagem batendo tão forte que nenhuma intervenção humana se fez necessária; em outros casos, a única participação humana foi a resistência ao colapso, mas fracos como somos enquanto força motriz da sociedade, ele ocorreu mesmo assim. Em alguns lugares, a revolução apenas levou a mais Progresso, ou a regimes totalitários que, embora menos eficientes do que as democracias, continuam sendo incompatíveis com nossos valores. Em suma, a revolução não é o fim. Pode-se até mesmo argumentar que, muitas vezes, ela é apenas o começo.

Isso envolve um aspecto da análise selvagista que eu já havia notado que parece ser contraditório com a proposta anterior da revolução: nosso fatalismo. Acreditamos que os humanos estão tão sujeitos aos processos e aos rumos da natureza selvagem quanto qualquer outro animal; e como qualquer outro animal, somos levados por ela, não uma força motriz por trás dela, não importa o quão enganosas nossas percepções possam ser. Isso é ilustrado até mesmo pelo materialismo científico moderno e por seu determinismo (seja ele literal ou, dependendo da interpretação que se tenha dos fenômenos quânticos, prático). Escrevi brevemente sobre isso em "*The Question of Revolution*", chamando a atenção para o fato de que o colapso não é algo que os selvagistas pensam que possam causar. Em vez disso, se é para acontecer, acontecerá de qualquer forma. O colapso, portanto, é mais uma previsão, e falar de ação ou livre arbítrio é meramente uma "ficção útil" para mentes humanas que nunca conhecem nem são capazes de conhecer o bastante para que tenham certeza de seu destino. Isso, o argumento do naturalismo filosófico, é de fato aquilo em que eu mesmo acredito; os eco-extremistas o mais das vezes falam simplesmente em fatalismo, sem referência a fundamentos filosóficos mais profundos. Nesse mesmo sentido, muitos caçadores-coletores adotavam uma espécie de ponto de vista fatalista em relação à vida, forçados como eram a reconhecer sua pequenez perante as montanhas, os mares e o céu noturno não poluído.

E até mesmo nesse caso, eu quase me contradisse ao chamar a atenção para as limitações da razão moral humana, provavelmente de base biológica. Por exemplo, eu mencionei as descobertas de Paul Slovic, um psicólogo social que observou que os humanos geralmente passam por um processo de "entorpecimento psíquico" em relação ao sofrimento à medida que o número de humanos que sofrem fica maior. Em um experimento, ele pediu que os voluntários doassem dinheiro para uma causa que alimentava crianças na África, dizendo a eles que uma criança específica estava precisando de ajuda; mas à medida que os números aumentavam, ou se o sofrimento da criança era colocado no contexto de uma tragédia maior, as doações diminuiriam rapidamente. Isso ocorria até mesmo depois que apenas mais uma criança era mencionada. Foi com esse tipo de limitações em mente que eu brinquei com a ideia de uma moralidade baseada na razão em "*Foundations*", argumentando que em uma situação não-natural como essa em que nos encontramos, precisaríamos usar muito mais o lado racional de nossa mente do que o lado intuitivo. Mas nem sequer está claro que isso seja possível, o que torna um experimento como esse altamente perigoso. Além disso, qualquer tipo de raciocínio dependeria de dados acessíveis somente através da infraestrutura científica e industrial moderna ou hipermoderna – algo obviamente incompatível com nossos valores regressivos.

Em vez disso, os eco-extremistas – corretamente – argumentaram que deveríamos ignorar qualquer raciocínio "global" e agir no presente de acordo com nossos valores. Se um radical ataca a infraestrutura industrial, ele o faz porque acredita que a ação seja justificada nesse caso específico; se mata um técnico, terá que viver com a responsabilidade; se tira vantagem de uma manifestação para dar notoriedade aos valores eco-radicais, justificará a ação com sua própria vontade selvagem.

Ressalvas e Esclarecimentos

É claro, nada disso significa descartar uma reação anti-industrial como uma possibilidade, especialmente em regiões pequenas, como países equatoriais que serão afetados pelas mudanças climáticas. Em vez disso, significa que se ela ocorrer, será meramente um evento significativo no decorrer de nossas vidas – ou não. Os eco-extremistas em geral parecem concordar nesse ponto. MictlanTepetli, o propagandista com o qual conversei, disse: "É claro, se a oportunidade surgir e nos depararmos com um setor da

cidade destruído pela guerra civil ou por uma catástrofe semelhante, nos dedicaríamos a resselvagizar esse lugar, sem sombra de dúvida.”. Esse é, em geral, o posicionamento das pessoas com quem trabalho. Não faz sentido ficar de braços cruzados. Mas alguns comunicados eco-extremistas dizem que a revolução é absolutamente impossível, e eles têm certeza disso. Isso eu não posso dizer que seja de fato verdade; simplesmente não temos como saber, e é o máximo que se pode dizer a respeito. Basta dizer que pouco importa se a revolução irá ou não ocorrer. Tal como um texto eco-extremista coloca:

“Sim, os eco-extremistas são pessimistas e lamentavelmente nos demos conta de que a destruição da civilização é impossível. A única capaz de causar um dano sério à civilização e, na melhor das hipóteses, acabar com ela, é a própria Natureza Selvagem; então, o que fazer?; cruzar os braços e esperar?; observar como a civilização se expande em todas as direções acabando com os hábitats selvagens, sem fazer nada? Nunca!”

É claro, tal como escrevi anteriormente, os eco-extremistas, mais do que qualquer outra pessoa, seriam capazes de tirar vantagem da instabilidade, seja ela revolucionária ou não. Considere-se os bolcheviques. Lenin manteve o partido altamente isolado do resto da sociedade que eles pretendiam destruir, resistindo à propaganda dominante e exacerbando essa deslealdade através da atividade conspiratória. Ele também promoveu vários projetos congruentes com essa estratégia, como um “jornal com circulação em toda a Rússia”, que ensinava aos revolucionários como se coordenarem ao mesmo tempo em que aprendiam como explorar a tensão ao de fato fazê-lo quando os sindicatos se rebelassem ou entrassem em greve. Não foi esperando que eles tiveram êxito, mas sim somente agindo. Os jihadistas operam de um modo semelhante. É claro, grande parte disso é irrelevante para a filosofia e para os valores eco-radicais, em especial a natureza de massa da estratégia leninista, mas permanece a questão: aprende-se agindo agora, e nada menos do que isso. E, de novo, isso é verdadeiro não apenas em uma situação revolucionária. Desastres naturais, tribos não-contatadas lutando de um modo selvagem contra os civilizados, e muitos outros aspectos em que a natureza contra-ataca fazem parte da luta eco-radical. Tal como os eco-extremistas colocam:

“O eco-extremismo é a resistência armada das tribos amazônicas em guerra contra os madeireiros, as petroleiras, os mineradores; é a flecha lançada contra os helicópteros pelos aborígenes isolados na África, é a continuidade das crenças pagãs que resistem à cristianização total, é a resistência individual por meio das atividades delinquenciais contra a domesticação, é o tornado, o terremoto, a ferocidade dos últimos coiotes, a hostilidade dos elefantes, é a abelha que solta seu ferrão para depois morrer, o eco-extremismo é a violenta defesa da própria Natureza Selvagem, suas reações, suas respostas e manifestações.”

Bibliografia:

Caradonna, J., Borowy, I., Green, T., Victor, P., Cohen, M., Gow, A., . . . Vergragt, P. (2015). *http://www.resilience.org/articles/General/2015/05_May/A-Degrowth-Response-to-An-Ecomodernist-Manifesto.pdf*. Resilience.org.

Hoffer, E. (2011). The True Believer. HarperCollins.

Jacobi, J. (2016). Relations and the moral circle. Hunter/Gatherer, 1(2).

Jacobi, J. (2016). Technical autonomy. Hunter/Gatherer, 1(3).

Jacobi, J. (2016). The foundations of wildist ethics. Hunter/Gatherer, 1(1).

Jacobi, J. (2016). The question of revolution. Hunter/Gatherer, 1(3).

Kaczynski, T. J. (2010). *Technological Slavery: The Collected Writings of Theodore John Kaczynski, a.k.a “The Unabomber”*. (D. Skrbina, Ed.) Feral House.

Kaczynski, T. J. (2016). *Anti-Tech Revolution: Why and How*. Fitch & Madison Publishers.

Peters, G., Marland, G., Quere, C., Boden, T., Canadell, J., & Raupach, M. (2012). Rapid growth in CO2 emissions after the 2008-2009 global financial crisis. *Nature Climate Change*, 2, 2-4.

Sageman, M. (2004). *Understanding Terror Networks*. University of Pennsylvania Press.

Selznick, P. (1952). The Organizational Weapon: A Study of Bolshevik Strategy and Tactics. RAND Corporation.

Slovic, P. (2007). “If I look at the mass I will never act”: Psychic numbing and genocide. *Judgment and Decision Making*, 2(2), 79-95.

Último Reducto. (2009). *Con Amigos Como Éstos…: Último Reducto vs. Los Amigos de Ludd*.

Primitivismo Sem Catástrofe

Por Abe Cabrera

Toda boa ideia precisa de um bom ponto de venda. O ponto de venda da ideologia abrangente que pode ser chamada de vários nomes como "anarco-primitivismo" e "pensamento anticivilização", é a ideia de que a civilização moderna tecnoindustrial está destruindo a espécie humana, e de que se nós quisermos parar essa destruição, temos que destruir a civilização. É uma questão de auto-preservação. Nós precisamos renunciar a tecnologia, ciência, medicina moderna, etc. Como nós sabemos disso? Bom, a tecnologia, ciência, medicina moderna, etc, nos dizem isso. Eu provavelmente não sou o primeiro a notar a inconsistência nessa perspectiva, mas talvez eu seja o primeiro a falar algo sobre isso.

O "Pensamento anticivilização" (por falta de um termo melhor) tem um "problema de conhecimento". O problema é que ele tenta criticar a totalidade do ponto de vista da própria totalidade. Ele tenta desmantelar as ferramentas que construíram tudo que ele despreza usando essas mesmas ferramentas. Isso culmina na ideia de uma "Catástrofe": O colapso catártico do seu inimigo e a chance da restauração de uma ordem justa. Para alguém que segura um martelo, tudo se parece com um prego, e para alguém com uma narrativa apocalíptica, tudo leva ao fim do mundo. De fato, alguns diriam que a catástrofe é para o primitivista o que a ressurreição de Jesus era para São Paulo: O sinequa non fora do qual a mensagem não pode existir. Se a humanidade não está condenada pela tecnologia, se toda a vida na terra não está ameaçada pela ascendência de um primata egoísta vindo da África, então o que estamos fazendo aqui? Poderíamos simplesmente voltar para nossas casas e desfrutar de nossas televisões de tela plana e ar condicionado.

É claro que as coisas não são tão simples. A primeira pergunta deveria ser: "Nós estamos condenados?". Alguns livros que saíram recentemente tentam responder essa pergunta com uma negação, mesmo que levando muito a sério a ciência que analisa a mudança climática e a escassez de recursos naturais. O livro de Ronald Bailey "O Fim da Tragédia: Renovação Ecológica no Século XXI" é uma das maiores contribuições ao gênero eco-modernista. Apesar de não ter tempo para cobrir todo o conteúdo do livro, posso ao menos falar sobre o ponto mais forte do livro (pelo menos sob a minha perspectiva): a análise da ideia ecológica de que "não fazer nada" é melhor do que "fazer algo".

Esse conceito é certamente comum no discurso ambientalista. A natureza tem feito o que ela faz por milhões de anos, e assim, como diz o discurso, ela sabe melhor o que fazer. Isso é o que Bailey chama de "princípio de precaução", melhor formulado pela frase que dá o nome ao terceiro capítulo de seu livro, "Nunca Tente Nada Pela Primeira Vez". Tudo que é novo é culpado até que se prove inocente, e o ônus da prova está na novidade, que tem que demonstrar que ela não irá criar mais problemas do que ela está tentando resolver. É evidente que aqueles que se prendem a esse princípio de precaução se tornam paralisados e impedidos de agir, pois não

há como eles saberem com certeza quais são as implicações de um desenvolvimento tecnológico (pense por exemplo no debate em torno de alimentos geneticamente modificados). Aqueles que sofrem por causa dessa hesitação, diz Bailey, não tem o luxo da dúvida: eles precisam do remédio novo contra o câncer, de comida barata e de outros benefícios que o desenvolvimento tecnológico traz. Como diz Bailey:

"*Infelizmente, o princípio de precaução soa razoável para muitas pessoas, especialmente para aquelas que já estão cercadas de tecnologia. Essas pessoas tem as suas casas com aquecimento elétrico nas montanhas; elas já gozam da liberdade da necessidade, ignorância e doenças que a tecnologia pode providenciar. Mas existem bilhões de pessoas que desejam ver as suas vidas transformadas. Para essas pessoas, o princípio de precaução é uma garantia de pobreza contínua, não de segurança.*" ***(93-94)***

Temos aqui um problema de conhecimento virado e revirado. O pensador anticivilização e neo-ludita estudou o suficiente sobre a sociedade tecnoindustrial para saber que ela é uma causa perdida. Ele sabe disso através do uso das ferramentas que a sociedade tecnoindustrial lhe forneceu. Mesmo assim, um eco-modernista como Bailey vira o jogo e mostra que esse pessimismo é baseado em uma visão otimista do conhecimento humano apoiado por uma infraestrutura tecnológica que permite estudo e reflexão. Se nós não sabemos realmente, e sabemos que não sabemos, não temos a obrigação de tentar? Não seria essa ignorância uma oportunidade ao invés de um obstáculo? Não é disso que se trata o iluminismo e a revolução científica?

Ao longo do resto do livro, Bailey demonstra diversas vezes, em assuntos que variam do pico do petróleo ao suposto aumento do número de casos de câncer causado pelo uso de produtos industriais que os pessimistas têm estado errados, e muito errados até agora. Bailey conclui que o homo sapiens é um animal sagaz e adaptável, capaz de extrair a vitória das garras da derrota repetidas vezes. Bailey tem poucas dúvidas que nós continuaremos fazendo isso, mesmo admitindo que algumas coisas, como a mudança climática, são problemas reais que afetam toda a humanidade.

Ironicamente, aceitar as premissas de Bailey pode ser a posição mais "primitivista" de todas. Se no fim nós somos apenas animais incapazes de salvar a nós mesmos sem abrir mão dos instrumentos que nos conferem um poder que parece absoluto, como é possível que nós sejamos capazes de condenar nós mesmos a não-existência? Ou ainda, se somos burros demais para nos salvarmos, podemos também ser burros demais para matar a nós mesmos. É claro que há o princípio da entropia, além da intuição de que é mais fácil quebrar do que consertar algo. Mas a analogia não se sustenta aqui, já que estamos falando de bilhões de animais individuais pelo planeta que se mostraram resistentes o suficiente para infestar toda a terra.

Então qual é a resposta? Estamos salvos ou condenados? A catástrofe é uma realidade inevitável ou um desejo masoquista? No fim das contas a resposta é: nós não sabemos. Aqueles que fingem saber estão se agarrando a um suposto bastião de certeza da ruína ou do otimismo no qual os cisnes negros de Nassim Nicholas Taleb jamais ocorrem. O futuro não pode ser completamente desolado, e também não podemos ter certeza de que o desastre não ocorrerá simplesmente porque ele ainda não ocorreu até agora. Tudo que nós realmente temos é o presente.

Assim voltamos ao título: é possível haver um primitivismo sem catástrofe? E se essa sociedade conseguir resolver seus problemas e seguir em frente? Nós voltamos para casa então? Nós passamos a tolerar essa ordem capitalista tecnoindustrial e reconhecer que se nós não podemos viver na sociedade em que desejamos, devemos aprender a amar a sociedade na qual vivemos? Afinal de contas, somos todos humanos, e compartilhamos as mesmas almas, corpos, sentimentos e intelecto. Já que as coisas são assim, nós podemos também trabalhar para salvar todos, e quem se importa com como faremos isso? Sonhos de um retorno a existência idealizada de caçadores-coletores se tornam cada vez menos atraentes.

Confrontados com esse impasse, trazemos aqui pensamentos de uma entrevista recente com membros da tendência mexicana eco-extremista:

"A maior diferença entre o que Kaczynski e seus acólitos propõe e a nossa própria posição é bem simples: nós não esperamos por uma "Grande Crise Mundial" para começar a atacar as estruturas físicas e morais do sistema tecnoindustrial. Nós atacamos agora porque o futuro é incerto. Você não pode criar uma estratégia baseada em suposições, acreditando que tudo irá ocorrer de acordo com os seus planos com uma vitória garantida. Nós paramos de acreditar nisso quando entendemos a enormidade do próprio sistema, de seus componentes e de seu vasto alcance que se estende por todo o planeta e até para fora dele. Se a civilização cair amanhã ou nos próximos 30 ou 50 anos, nós saberemos que travamos uma guerra necessária contra ela a partir de nossa própria individualidade. Nós não sabemos se haverá um colapso global do sistema algum dia. Os especialistas dizem que haverá, mas não há como ter certeza. É possível que o sistema caia e a natureza ressurja de suas ruínas. Mas talvez o sistema consiga se manter sempre um passo à frente, tornando-se autossuficiente e com a capacidade de se reparar com facilidade. Como nós já dissemos, não sabemos o futuro. Gostaríamos de saber, mas essa não é a realidade."

Com os eco-extremistas, então, nós podemos encontrar uma maneira de sair da posição errônea de "um futuro melhor através de um retorno ao passado". Aqui, nós podemos dizer que o futuro é nosso inimigo. Toda saída proposta, seja através das teorias liberais de Bailey ou de esquemas tecno-progressistas da esquerda é algo que nós rejeitamos logo de cara. Nós não queremos cooperar, e nem salvar o mundo. Nós nos recusamos a oferecer as nossas vidas ou a vida de outros por um futuro melhor. Esse futuro é sempre prometido, mas nunca chega. E nesse ponto, o problema de conhecimento entra novamente em cena: esse futuro não chega porque ninguém é capaz de trazê-lo. As coisas estão "melhorando o tempo todo" apenas porque nós fomos domesticados a ponto de achar

que a cenoura na ponta da vara é o objetivo, e que nós estamos nos aproximando dela, e que a vara não está realmente lá, mesmo quando ela bate bem nos nossos narizes. Assim é a essência da civilização: o passado nebuloso e mítico e o futuro que nunca chega.

A catástrofe é a catarse que acaba com o ciclo de sofrimento. Mas assim como a versão budista, ela também é elusiva e nunca acontece nessa vida. De fato, o problema real do "pensamento anticivilização", especialmente em sua forma anarco-primitivista, é que ele não sabe o que quer, porque o que ele quer é moldado pelo que ele odeia. Ele nem sequer conhece realmente a natureza por se recusar a admitir que não há como conhecê-la com qualquer certeza, e assim faz da natureza um ídolo representando todos os seus desejos ambivalentes. A própria ideia de defender a natureza nos mostra que o nosso conhecimento sobre a natureza, especialmente o conceito peculiarmente norte-americano de "natureza pristina" é mal embasado. David George Haskell descreve a situação da vegetação florestal em face da ressurgência recente da população de veados em seu livro A Floresta Oculta: Um Ano de Observação na Natureza:

"Humanos eliminaram alguns predadores, mas também introduziram três criaturas que matam veados: cães domésticos, coiotes invadindo do oeste e automóveis. Os dois primeiros são matadores eficientes de veados jovens, enquanto o terceiro é o principal assassino suburbano de adultos. Nós nos deparamos com uma equação impossível. De um lado, nós temos a perda de dezenas de espécies de herbívoros; do outro, nós temos a substituição de um predador por outro. Que nível de pastagem é normal, aceitável e natural em nossas florestas? Essas são perguntas desafiadoras, mas é certo que a vegetação florestal exuberante que cresceu no século XX era menos pastada do que o comum."

Uma floresta sem grandes herbívoros é que nem uma orquestra sem violinos. Nós estamos acostumados a sinfonias incompletas, e estranhamos quando os tons incessantes dos violinos retornam e colidem com os instrumentos mais familiares. Essa reação negativa ao retorno dos herbívoros não tem nenhuma boa fundação histórica. Nós temos que ter uma visão mais ampla, ouvir toda a sinfonia e celebrar a parceria entre animais e micróbios que tem afetado as plantas jovens por milhões de anos. Adeus arbustos; olá carrapatos. Seja bem-vindo de volta ao pleistoceno.

Nós devemos então encarar o fato de que talvez não haja nenhuma "catástrofe", e se houver, ela não terá o efeito purificador que esperamos. A definição do capitalismo moderno é crise, e o bom homem de negócios faz da crise uma oportunidade. Isso significa que nós não devemos lutar? Que nós devemos abaixar as nossas armas e sermos derrotados pelo quietismo e agnosticismo? Não necessariamente, mas significa que nós precisamos definir melhor porque nós nos opomos a sociedade atual mesmo que ela tenha o potencial de durar milhões de anos, e mesmo que ela torne nossas vidas "melhores" em alguns sentidos. Ao menos temos que definir por que nós nos opomos a ela e não acreditamos que ela seja capaz de concretizar qualquer uma de suas promessas de tirar os animais humanos da miséria.

Primeiro, vamos começar com a natureza. Nós não podemos rejeitar a catástrofe como um conceito sem nenhuma nuance precisamente porque a natureza é uma catástrofe ao longo prazo. Isso ocorre porque a natureza é mudança, e é uma mudança que vai muito além da compreensão humana mesmo em seu sentido mais científico e abstrato. Humanos modernos tem o problema de acreditar que as suas ideias são consubstanciais com a realidade, mesmo que frequentemente não haja razão nenhuma para acreditar nisso. Eles dominam conceitos incompreensíveis como tempo, espaço, matéria, luz, etc. no abstrato e assim acham que não há mais nada para eles no sentido concreto, mesmo que eles nunca tenham saído do conforto de sua cadeira ou do espaço na frente da lousa. A natureza é catástrofe porque ela interrompe, desmantela, destrói tudo e cria novamente: das estrelas mais distantes até as células de nossos corpos. Aderentes do pensamento anticivilização tem dificuldade de aceitar isso de uma maneira concreta, apesar de estarem constantemente falando banalidades abstratas sobre isso. Para eles só se pode dizer "Doutor, cure a si mesmo!".

O que é então a nossa relação com a natureza? Como nós superamos a ideia frequentemente repetida pelos críticos de que os primitivistas "reificam a natureza". Aqui, eu ofereço um tropismo cripto-hegeliano. Muitos "primitivistas" (por falta de um termo melhor) veem a natureza como algo que nos é externo, e que oferece a nossa existência como uma dádiva passiva, e que o problema real é que nós nos esquecemos do aspecto gratuito dessa dádiva (pense aqui no conceito cristão de "graça". Da mesma maneira que um homem não pode obter salvação através do Deus de Calvino, ele é também incapaz de criar os seus meios de vida sem o assentimento da natureza. Obviamente, essa é uma formulação absurda. A natureza, ou se você preferir usar o muito criticado termo de Lovelock, "Gaia", é o produto de bilhões de coisas vivas trabalhando juntas e sustentando umas às outras ao longo das eras: ela é o ato de coisas vivas. Elas são formadas por ela e a formam também, que vai de pequenos microrganismos até ecossistemas complexos e a própria biosfera. Nós temos que manter isso em mente cada vez que olhamos para a "natureza pristina". Como Haskell diz várias vezes ao longo de seu livro citado acima, a natureza não é uma sala de meditação, e nem um Éden onde se pega as frutas dos cachos sem esforço algum. Há também confronto e tragédias, da mesma maneira que há cooperação e piedade. O fato que ela persistiu por tanto tempo é uma evidência disso.

O pecado do homem moderno não é ter resistido a sua natureza humana passiva, como diriam muitos primitivistas. O problema é que ele acredita que ele é independente da própria natureza, que ele consegue se virar sozinho, que ele pode dominá-la por completo e não deixar nada sob a sombra do mistério. Esse é o homem moderno, alienado, implacável e autocentrado. Não é o que ele faz, e sim o que ele faz bem demais que é o problema, ou pelo menos assim ele pensa. Por causa disso que não há "solução". Não há nenhuma abstração que consiga capturar o problema inteiro e torná-lo digerível. O mundo onde há soluções é um mundo que não deveria existir, ou melhor, é o mundo que cria problemas em primeiro lugar. A catástrofe da maneira que ela é entendida pelo

homem moderno (purificante, final, devastadora) é o mito necessário pairando sobre a utopia como a espada de Damocles. Alguns de nós preferem espadas caindo do que um paraíso imaginário.

Sendo assim, a solução eco-extremista é brutal e pessimista. Não há futuro, e nem uma “nova comunidade”. Não há “esperança”. Nós não falamos isso com uma alegria gótica, e sim com alívio, como se tivéssemos tirado um fardo de nossos ombros. Seres humanos são feitos para errar o alvo, e nós tendemos a fracassar mais do que acertamos. Mesmo assim, nós fazemos parte de um todo, e deixamos outros para trás para vencer e perder, e para lutar outro dia. Nossa ambição não tem fim, porque ela nunca conquista a vitória. Nós olhamos para sociedades do passado que já foram extintas que aceitaram as suas limitações (ou assim pensamos, pois não há como saber de verdade) com admiração; uma admiração que sabe que se elas não eram “perfeitas”, é porque há algo de errado com as nossas expectativas domesticadas, e nada verdadeiramente errado nelas. Tudo que nós podemos fazer é lutar de volta até nos extinguirmos nessa existência onde uma parte acredita que pode engolir o todo.

E é assim que se parece de fato um primitivismo sem catástrofe, sem uma narrativa fechada, sem um “final feliz”: o contentamento do olho e de todos os outros sentidos em face do que nós conhecemos por natureza, mesmo que nós não a entendamos, mesmo que ela pareça mutilada e incompreensível aqui e agora. Não é algo que nós fazemos (apesar de nós termos uma participação) e nem algo que controlamos (apesar de fazermos o nosso melhor). Mas emaranhada nos corações ementes do homem, é algo verdadeiramente maravilhoso de se contemplar: esse todo, o vasto céu estrelado, o canto do pássaro, a lesma que rasteja, o dia novo, a decomposição, a morte, a vida... terminamos com a grande voz poética de Robinson Jeffers:

Saber que as grandes civilizações foram reduzidas a violência,
e seus tiranos vieram, muitas vezes antes.
Quando a violência aberta surge; evitá-la com honra ou
escolher a facção menos feia; esse mal é essencial.
Manter a própria integridade, piedoso e não corrompido,
sem desejar o mal; e sem ser enganado
Por sonhos de justiça universal ou felicidade. Esses sonhos
não se realizarão.
Saber disso, e saber que por mais feias que pareçam as partes
o todo permanece maravilhoso. Uma mão amputada
É algo feio, e o homem separado da terra e das estrelas
e da sua história... por contemplação ou de fato...
Parece por vezes terrivelmente feio. Integridade é inteireza,
a maior beleza é a
Totalidade orgânica, a totalidade da vida e das coisas, a beleza divina
Do universo. Ame isso, não o homem
Separado disso, senão você irá compartilhar as suas patéticas confusões,
ou se afogar em desespero quando os seus dias escurecem.

Breves reflexões de uma caminhada de inverno

Tradução de um interessante e profundo texto extraído do blog The Dark Glory.

"Havia peixes nos rios de Eire (Irlanda), havia animais nos seus abrigos. Criaturas selvagens, tímidas e monstruosas vagavam pelas suas planícies e montanhas. Criaturas que se viam e que se podia atravessar." ***James Stephens | Contos de Fadas Irlandeses.***

A floresta está encoberta pela escuridão enquanto caminho por trilhas conhecidas. Este abraço de uma calma noite de inverno, entretanto, mudou a floresta. O ar está puro e nítido, a cada respiração sinto um frio profundo em meu nariz e peito. À minha direita e esquerda estão as trevosas bordas dessa floresta negra. Acima da minha cabeça, a luz salpicada das estrelas contra o negrume da copa das árvores. Sob essa negra cobertura, numa noite amargamente fria, vive-se mais perto dos deuses. As florestas do noroeste do Pacífico são ricas em misteriosos lugares profundamente mágicos e umbrosos. São deveras assim no meio da noite, quando toda a mata está encoberta no escuro profundo de uma noite sem luar.

Meus pensamentos vagueiam até o veado, o urso, o coiote que reinam este lugar. Ouvi com alegria e reverência o chamado dos coiotes encher os céus das noites quentes de verão. Observei os veados nos campos abertos à noite, e vi com inveja como eles desapareciam no negro abraço da floresta. Andei as muito usadas trilhas que tecem os emaranhados caminhos da floresta usados pelo urso, espiando a mata a cada um dos seus passos. Nesta noite, estes seres estão em cada fenda dos galhos ou no farfalhar sombrio da vegetação rasteira. Estes são os deuses da floresta negra e eu sou apenas um peregrino no seu domínio. Eles conversam nas sombras, aparecem nos cantos sombrios da floresta, falando através do ruído das folhas durante a noite. Eles não precisam se preocupar com uma manifestação corpórea. Em cada estalo de algum ramo distante, eles estão presentes em espírito.

Mas é claro que os deuses têm muitas caras e estas criaturas são nada mais que uma fração do panteão da floresta perene. Como Tales aponta, "Todas as coisas estão cheias de deuses," do silencioso repouso do velho cedro à letargia do plátano. E da sinfonia desta multitude surge a grandiosa beleza do todo. Dos lentos córregos às trêmulas samambaias. Do silencioso coelho e o ágil veado ao estridente uivo do coiote. Das sombras noturnas da floresta ao congelante cintilar da madrugada. Como os multi-faceados espíritos da terra.

"Tal é o esplendor "trans-humano" do mundo."
— **Shaughnessy**

SELVAGENS POLITICAMENTE INCORRETOS

Extraído de Reflexiones Eco-extremistas número dois.

Steve Sheldon me contou sobre uma mulher que deu à luz sozinha na praia. Algo deu errado. Um parto de nádegas. A mulher estava agonizando e dizia: "Ajuda-me, por favor! O bebê não vem", gritava. Os Pirarrãs sentaram-se passivamente, alguns parecendo tensos, outros falando normalmente. "Estou morrendo! Isto dói. O bebê não vem.", ela gritava. Ninguém respondeu. Já era tarde. Steve se dirigiu a ela. "Não, ela não quer a você. Quer a seus pais.", foi-lhe dito, o que implicava claramente para que ele não se dirigisse a ela. Mas seus pais não estavam perto e ninguém mais iria em sua ajuda. A noite chegou e seus gritos eram notados regularmente, cada vez mais fracos. Finalmente, se detiveram. Pela manhã, Steve soube que ela e o bebê haviam morrido na praia, sem ajuda.

*Steve registrou a história deste incidente, que é repetido aqui. O texto relata... [o] trágico incidente de uma ideia da cultura Pirarrã. Em particular, nos é dito que o Pirarrã deixa a uma jovem morrer sozinha e sem ajuda devido a sua crença de que as pessoas devem ser fortes e superar as dificuldades por conta própria. - **Daniel Everett, "Don't Sleep, There are Snakes: Life and Language in the Amazonian Jungle", pg. 90-91**.*

Um curioso efeito foi observado, o qual deu lugar a muitas queixas por parte da população masculina nativa. Como resultado da associação das mulheres com os homens brancos, desenvolveu-se um movimento feminista espontâneo. Primitivamente, a mulher não era apenas fisicamente, mas também economicamente e espiritualmente subordinada ao homem. A índia realizava a maior parte do duro trabalho manual associado à vida na aldeia, enquanto o seu marido e o pai passavam o tempo descansando. Ela se viu obrigada a obedecer a todas as ordens e caprichos de seu amo e senhor. Caso contrário, não evitaria o inevitável castigo. Com a chegada de milhares de homens brancos, não casados e à caça de fêmeas, a situação foi alterada. As mulheres poderiam fazer frente aos índios homens com a escolha de um melhor tratamento ou deixar o seu conjugue e trocá-lo por um pretendente branco. Por outro lado, a índia, sem dúvida, foi profundamente influenciada pela invejável posição que ocupou o seu sexo nas comunidades brancas recém-criadas. Embora nenhum sociólogo contemporâneo tenha dado suficiente atenção a isso, temos indícios de uma formidável revolta feminista. Um agente da Fresno Indian Farm, reportou:

*"Embora os homens sejam, ou uma vez foram, donos absolutos das mulheres, muitas delas neste momento... encontraram refúgio entre os brancos e, portanto, são independentes dos homens." Uma declaração também apareceu próxima ao mesmo período no sentido de que, "os homens brancos tomaram as mulheres dos índios, desde suas casas de campo e ensinaram-nas a desprezar as criaturas preguiçosas, e utilizaram isso para fazê-las escravas." Se este clima era característico de grande parte da opinião feminina, é fácil ver como, mesmo sem grande agitação social envolvida, a mudança poderia agir como um agente irritante e, assim, servir como um fator na interrupção da vida familiar aborígene. - **"The American Invasion, 1848-1870" pgs. 81-82 em "Cook, Sherburne F. The Conflict Between the California Indian and White Civilization". Berkeley: University of California Press, 1976.***

Os Jarawas são cerca de 400, e um geneticista os descreve como "possivelmente as pessoas mais enigmáticas do nosso planeta", e que se acredita que tenham migrado da África há cerca de 50 mil anos. São muito escuros, de baixa estatura e até 1998 viveram em

*completo isolamento cultural, atiraram com flechas de ponta de aço quando estrangeiros chegaram perto demais… Não é nenhum segredo que, no passado, a tribo tenha realizado assassinatos ritualísticos de crianças nascidas de viúvas ou -muito mais raro- engendrados por aborígenes. O Dr. Ratan Chandra Kar, um médico do governo que escreveu um livro de memórias sobre seu trabalho com os Jarawas, descreveu uma tradição em que os bebês recém-nascidos foram amamentados por cada uma das mulheres no período de lactação no grupo antes de serem estrangulados por um dos anciões da tribo, a fim de manter "a chamada pureza e santidade da sociedade.". **- "Baby's Killing Tests India's Protection of an Aboriginal Culture," New York Times, 13 de Março, 2016.***

*Certa noite Debe caminhava à direita do acampamento de Gau, e sem dizer uma só palavra disparou três flechas contra Gau, uma no ombro esquerdo, uma na testa, e a terceira no peito. O povo de Gau não fez nenhum movimento para protegê-lo. Depois que as três flechas foram disparadas, Gau seguia sentado diante de seu atacante. Debe levantou sua lança como se fosse apunhalá-lo, mas Gau disse, "Você já me flechou três vezes. Não é o suficiente para me matar e agora também quer me cravar uma lança?" Quando Gau tentou se esquivar da lança o povo de Gau apareceu para desarmar a Debe de sua lança. Após ser gravemente ferido, Gau morreu rapidamente. **- Richard Lee, The Dobe !Kung, citado em "Ultrasociety: How 10,000 Years of War Made Humans the Greatest Cooperators on Earth", pg. 104***

Para mim, todas estas citações anteriores me lembram a uma citação aparentemente insignificante que apareceu quase no final da polêmica **"Ya Se Habían Tardado: Reacción Salvaje En Respuesta a Destruye las Prisiones"**, que diz o seguinte:

"Antes deste comentário RS (Reacción Salvaje) comenta se DP (Destruye las Prisiones) dá uma de conhecedores de comunidades. Esperamos que saibam que o povo das colinas no México está acostumado há centenas de anos a formas de vida que são mal vistas pelos citadinos doentes da cultura ocidental, certas formas de vida que são catalogadas de "brutais", como por exemplo, trocar uma mulher por uma vaca ou uns porcos. Para os nativos é comum, é parte de seus costumes, de seu modus vivendi e é algo normal, enquanto que para os moralistas ocidentais (incluindo alguns anarquistas) é algo indigno, se escandalizam e gritam de indignação quando escutam falar sobre isso. Geralmente as anarquistas do tipo feminista são as que fazem mais escândalo diante disso. RS não vê como algo ruim, RS respeita o desenvolvimento e os costumes das pessoas do campo, por isso nos expressamos a favor das relações de poder neste tipo de comunidades, porque não é da nossa conta tentar mudá-las. Enfatizamos, não é que sejamos "machistas", mas honestamente não nos opomos a esse tipo de atitude nativa. Isso é o que pensamentos, embora os anarquistas fiquem furiosos por falarmos desta maneira."

Não posso falar por todo o eco-extremismo, apenas por mim, e vou aceitar outros pontos de vista da tendência se uma correção for necessária, mas a partir disso, posso afirmar que o anarquismo, o primitivismo, o esquerdismo, etc., estão mal orientados e são moralistas precisamente porque tentam se organizar-julgar-melhorar a sociedade, enquanto que os animais humanos possivelmente não podem fazer isso, não com nenhuma competência, pelo menos. Muitas dessas sociedades tem práticas bárbaras, violentas e "sombrias", mas elas existem há centenas de anos, isso senão por milhares. Então, porque é que, em nosso tempo de vida em uma sociedade excepcionalmente jovem (se é que é vivaz), nos damos o direito de determinar como uma sociedade humana deve ser em TODAS as circunstâncias? Eu diria que não o faria. As sociedades que se desenvolveram dentro de seus ambientes desde tempos imemoriais demonstraram que podem manter suas formas de vida por milênios. Nossa própria sociedade (isto é, a que estamos presos, embora não voluntariamente) não pode dizer o mesmo, mas muito pelo contrário.

Pessoalmente, este ponto de vista é porque não posso tomar nem o anarquismo, o marxismo, o esquerdismo, o liberalismo, etc., seriamente como um meio de interpretar a realidade. Estas ideologias são obcecadas por coisas ocidentais, tais como a organização social, a igualdade entre os indivíduos, a divisão do trabalho, etc. Em nossa realidade animal, que é como escolher algo para comer baseado apenas em sua cor em vez de seu sabor e seu valor nutricional, a relação principal não é a dos seres humanos entre si, mas a dos seres humanos com a natureza, ou melhor, com seu ambiente natural, e com as outras entidades, conscientes ou não, que compartilham conosco. Todas estas ideologias errôneas e civilizadas, até mesmo os autoproclamados "primitivistas" são humanistas e antropocêntricos, enquanto que nós só queremos a relação com a Natureza Selvagem e as culturas que se formaram ao longo de milênios, como as gotas de água que podem polir uma pedra, de forma inconsciente, organicamente e não planejada.

Os seres humanos, sem dúvida, tem um papel a desempenhar nisso, e suas ações fazem dar forma a paisagem e a eles mesmos, assim como as ações dos castores, formigas, aves, etc., formam um bosque ou um rio. Mas isso está completamente determinado pela encarnação da Natureza Selvagem que eles encontram, é realizado por séculos, e de nenhuma maneira é "planificada" ou "controlada" pelo intelecto humano determinado. Isso simplesmente acontece. Apresentar-se a um "selvagem" com a ideia de que a queima seletiva de ervas daninhas ou de atividades semelhantes o torna mestre do ambiente, provavelmente estaria confundido pela afirmação.

Aqui, então, afirmo que os seres humanos no passado estavam sempre em equilíbrio entre seu próprio poder e sua mente, e o da própria Natureza Selvagem. A questão não é dizer que alguns viviam em completa harmonia com a natureza, sem hierarquia ou sem guerra ou qualquer coisa que ofenda a sensibilidade ocidental burguesa. O ponto é que o equilíbrio de poder entre o humano e a natureza selvagem se manteve. Em alguns casos, isso implicaria o patriarcado, em alguns lugares que não seria o caso (foram os Selk'nam da Terra do Fogo "mais domesticados" que outros caçadores-coletores porque eles eram regidos por um patriarcado?

Considerando sua cultura, outro estado seria absurdo.) Foram os Choctaw, no que é agora o sudeste dos Estados Unidos, tão civilizados como os Astecas ou Maias simplesmente porque também cultivaram milho? Eram os Yuroks do norte da Califórnia, de alguma forma ruins, porque tinham uma hierarquia social rígida, mas sem agricultura? "Domesticação" e "civilização", estas podem não ser categorias tão claras como algumas ideologias anti-civilização afirmam que são. Isso porque nosso conhecimento é animal e, portanto, defeituoso.

Aqui temos que olhar as coisas que não estão em preto e branco, mas em um espectro, e nesse espectro, nós não estamos julgando as sociedades humanas por sua forma "agradável" e o quão bem tratavam as mulheres, homossexuais, deficientes, etc. Nós não nos preocupamos com estas coisas, e aqueles que são obcecados por isso são extremamente estúpidos e deixam que seus próprios preconceitos civilizados mostrem o melhor deles.

Preferimos confiar nas sociedades que viveram há milhares de anos em seus respectivos ambientes e em seus "valores", que nos valores humanistas dos ocidentais que ocultam a violência da sociedade tecno-industrial moderna, por trás de platitudes como moralismo e decência. O mais importante sobre a domesticação e a civilização, então, é que surgem, mas surgem nos lugares mais frágeis. Ou seja, que nunca foram capazes de dominar completamente, nunca exaltaram as sociedades humanas individuais no domínio completo sobre a natureza, e quando o fazem, inevitavelmente, o colapso ocorre. O que temos agora é uma monstruosidade completa, um Leviatã que não pode entrar em colapso e que não há possibilidades de livrar a maioria dos seres vivos dele, pois busca a completa dominação. Ante este ser antinatural a única atitude que nós podemos ter é a de hostilidade total e absoluta.

Isso pode parecer completamente reflexões escolares, e talvez não. Pelo menos escrevo para apoiar a afirmação eco-extremista de que os valores ocidentais liberais não importam em nada, e, portanto, quando as pessoas tentam esfregá-los em nossa cara, deveríamos energeticamente rechaçá-los e insultar os que seguem comprando estes contos de fadas. Além disso, isso indica que o pessimismo eco-extremista está mais do que garantido: se tudo o que temos a nosso favor em termos de "esperança" são as observações incompletas dos "antropólogos" e nossas próprias faculdades intelectuais defeituosas, está claro que estamos completamente fodidos.

Não podemos fazer as sociedades em uma noite e desde o zero, ou não deveríamos querer fazê-las. Um Saruê não se pergunta nem é nuançado para determinar o que significa ser um Saruê. É apenas um Saruê. Em outras palavras, não pretende ser um deus, e tampouco nós devemos. No passado, os humanos viviam em sociedades que existiram por milhares de anos que falaram do que era ser um ser humano, sociedades que eram pequenas, sustentáveis, e mais frequentemente muito estáveis. Nós não temos isso e, em vez disso, pensamos que podemos fazer o papel de engenheiro social, o que é o problema fundamental e real. Por isso nos vemos tentados a pensar que um !Kung Bushman é mais "selvagem" ou "melhor" que um caçador Selk’nam, ou um guerreiro Choctaw, ou um Yurok “nobre”. Isso não é indicação de conhecimento, mas de loucura.

A relação primária no eco-extremismo é entre o animal humano e a Natureza Selvagem, que é concretizada em seu ambiente imediato, e não com uma abstração conhecida como humanidade. Portanto, é uma tendência anti-humanista e não humanista. Como todos os ursos não simpatizam com ursos menores, mas os dois dependem de todas as plantas, animais, as águas e as rochas circundantes para sobreviver, então todos os seres humanos não deveriam ter solidariedade com toda a humanidade, apenas com aqueles de outras disposições similares e com os seres que passaram a amar em seu entorno. Isso deveria ser óbvio, e muitos selvagens têm esta atitude.

Além disso, nos damos conta de que a civilização é uma "doença transitória", que surge ocasionalmente e logo se vai, deixando cicatrizes algumas vezes, mas nunca terminal, como o todo nunca pode ser destruído por uma parte. Somos deficientes neste sentido, que nós não conhecemos nossos lugares, ou que eles foram roubados, indica a tragédia do nosso estado e nossa raiva na guerra indiscriminada contra o que pode nos destruir e escraviza o Selvagem. Mesmo se a única Natureza Selvagem que nos resta somos nós mesmos, ou talvez seja apenas a dor e a raiva de ter sido privado dela, isso é o suficiente para levar a cabo esta guerra contra a humanidade domesticada.

-Chahta-Ima
Nanih Waiya
Primavera de 2016

"Revolução Antitecnológica: Por Que e Como", de Theodore Kaczynski - Uma Análise Crítica

Análise extraída da primeira edição da Revista Atassa.

*"A diferença principal entre o que Kaczynski e seus acólitos propõe e a nossa própria posição é bem simples: nós não esperamos por uma "Grande Crise Mundial" para começar a atacar as estruturas físicas e morais do sistema tecno-industrial. Nós atacamos porque o futuro é incerto." - **Reação Selvagem**, em **Politicamente Incorreto: Uma Entrevista com Reação Selvagem**.*

Introdução

Em setembro de 2016, Kaczynski lançou sua análise mais ambiciosa de sua tão falada "revolução contra o sistema tecnológico" na forma do livro *Revolução Antitecnológica: Por Que e Como* **(RA)**, um texto com mais de 200 páginas dedicado apenas a várias questões relacionadas a ação revolucionária contra o sistema tecnológico. Leitores familiares com os escritos de Kaczynski saberão que essa noção de uma revolução contra o sistema tecnológico sempre foi uma parte importante do pensamento de Kaczynski. A noção aparece pela primeira vez na forma de um chamado pela destruição completa da civilização industrial no primeiro comunicado do *Freedom Club* enviado ao San Francisco Examiner em 1985, e continuou a aparecer nos escritos de Kaczynski. Por exemplo, no famoso trecho de *A Sociedade Industrial e o Seu Futuro* **(ASIEOSF)** em 1995:

"Nós advogamos então por uma revolução contra o sistema industrial. Essa revolução pode ser ou não ser violenta; ela pode ser súbita ou um processo gradual ocorrendo ao longo de algumas décadas."

Apesar de ser um elemento importante de seu pensamento, uma análise mais profunda das questões envolvidas em tal revolução estão em grande parte ausentes de ASIEOSF, e espalhada por ensaios como *"A Revolução Que Está Por Vir"* e *"Atinja Onde Dói"*, para mencionar alguns dos mais pertinentes. Parece que esse livro tenta expandir um elemento essencial, porém sub-analisado do seu pensamento. Como uma breve análise, o livro é dividido em duas partes que correspondem a dois pontos de interesse indicados no subtítulo, tanto o porquê de Kaczynski ver uma revolução contra o sistema tecnoindustrial como a única resposta plausível para "os principais perigos que pairam sobre nós", quanto sugestões de "estratégia central" para preparar e realizar tal revolução.

Vale notar que apesar de ser uma expansão do tratamento de assuntos relacionados a ação revolucionária contra o sistema

tecnológico, grande parte do conteúdo de RA não pode ser considerado particularmente inovador para qualquer um que está acostumado com os escritos de Kaczynski; não há muito de novo do ponto de vista teórico. Muitos dos elementos centrais apresentados nessa obra podem ser encontrados de forma dispersa em ensaios e cartas em *Escravidão Tecnológica* por um leitor cuidadoso com capacidade de sintetizar os comentários feitos ao longo dessas peças. Fundamentalmente, a base teórica de Kaczynski permanece a mesma de sempre, enquanto a maior parte do livro é dedicada a oferecer uma extensão dessa base através de uma análise histórica e de argumentos delineados de forma mais rigorosa. A exceção disso é a exploração da teoria do colapso por parte de Kaczynski no segundo capítulo.

Antes de se aprofundar na análise do livro, eu vou abrir o jogo e expor a minha posição ideológica. É importante notar que muitas das minhas críticas ao RA estão ligadas à minha afinidade com eco-extremistas. Das várias críticas que **ITS** (*Individualistas Tendendo ao Selvagem*) e *Reação Selvagem* apresentaram contra Kaczynski até o seu enfoque no presente como o único foco de ação razoável (e o seu ceticismo em relação a especulações futuras), eu valorizo muito as contribuições dos eco-extremistas para o pensamento anticivilização. Vale também notar que grande parte dessas críticas estão disponíveis em outros lugares, então eu não vou dedicar muito espaço as nuances das críticas levantadas pelos eco-extremistas, a não ser onde elas se mostrem pertinentes ao conteúdo do RA. Tendo dito isso, o produto final da obra de Kaczynski é um tratamento sistemático e unidimensional de uma questão que passou a constituir um elemento central de seu pensamento. Sendo assim, RA desempenha um papel importante na obra de Kaczynski, sendo também importante para aqueles que estão interessados nas nuances de seus pensamentos sobre a ação revolucionária contra o sistema tecnológico, apesar da minha desconfiança pessoal do pensamento revolucionário que caracteriza a obra.

1. O Desenvolvimento de uma Sociedade Jamais pode ser Sujeito ao Controle Racional.

Kaczynski abre o primeiro capítulo da obra com uma exploração da tese que sociedades complexas jamais podem ser racionalmente controladas. Essa exploração é uma expansão da sua crítica contra soluções reformistas para os problemas do sistema tecnológico apresentada pela primeira vez em ASIEOSF nas seções intituladas *"Alguns Princípios da História"* e *"A Sociedade Tecnoindustrial não Pode ser Reformada"* **(Parágrafos 99-113)**. O foco principal dessas duas secções do ASIEOSF é ilustrar que "Pessoas não escolhem conscientemente e racionalmente a forma de sua sociedade. Sociedades se desenvolvem através de um processo de evolução social que não está sob controle humano racional" **("Escravidão Tecnológica", p 68)**. A tese principal do primeiro capítulo de RA é a mesma tese apresentada nos capítulos mencionados de ASIEOSF.

A diferença entre os dois escritos está principalmente nos argumentos fornecidos para apoiar a tese. Enquanto a tese em ASIEOSF é baseada em uma dedução lógica de uma série de premissas precedentes, em RA ela é em grande parte pressuposta, e a maior parte do ensaio é dedicada em fornecer exemplos históricos que demonstrem sua veracidade em eventos reais. Kaczynski deriva uma vasta gama de exemplos da história escrita para ilustrar essa tendência (a esse ponto praticamente um truísmo para quase todos que apresentam alguma perspectiva anticivilização) dos planos para controle racional de sociedades de larga escala raramente ocorrerem como planejado. "De fato, fracasso é a norma" **(RA, p.7)**. Além do mais, Kaczynski oferece uma série de cenários cada vez mais implausíveis para testar a força de sua tese. Ele até mesmo continua com esses cenários em seu primeiro apêndice, *"Em Apoio ao Primeiro Capítulo"*, que consiste em uma série de experimentos mentais usando mais cenários hipotéticos (novamente, cada um mais absurdo do que o último caso você não esteja ainda convencido). Previsivelmente, Kaczynski lida com cada contraponto demonstrando que mesmo permitindo uma série de cenários cada vez mais implausíveis, o controle racional de sociedades complexas permanece fora da capacidade humana e mesmo não humana (usando, por exemplo, a aplicação de algo como o teorema de incompletude de Godel para demonstrar a impossibilidade de qualquer sistema totalizador para o controle não-humano da trajetória de uma sociedade). A imagem da nossa sociedade complexa que emerge no fim é análoga a de um navio sem ninguém no timão. Mas é pior ainda; esse é um navio tão massivo e complexo que nenhuma pessoa ou coletivo de pessoas a bordo sabe o suficiente sobre esse gigante para ser capaz de dirigi-lo conscientemente, e nem seria capaz de saber. Essa é a imagem de um gigantesco monstro sem precedente histórico diante do qual somos impotentes.

Novamente, nada disso é algo que Kaczynski não tenha dito de uma forma ou outra ao longo de sua obra. Apesar disso, esse livro mais recente – que tem a intenção de elaborar mais sobre a impossibilidade do controle racional da sociedade e ilustrar a veracidade do conceito através de uma série de exemplos históricos – é admirável. De certa forma, não há muito o que falar sobre esse capítulo, pois eu não discordo de maneira significativa com a tese e concordo em grande parte com as suas conclusões. No fim das contas, é difícil encontrar muito do que reclamar em relação a análise apresentada aqui.

II. Porque o Sistema Tecnológico vai Destruir a si Mesmo

Como mencionado na introdução, esse capítulo contém algumas das poucas inovações teóricas no livro. Esse capítulo é dedicado a uma exposição da necessidade de auto-aniquilação por parte do sistema tecnológico. Para dar um contexto teórico: em respeito à perspectiva de colapso do sistema tecnológico, a maneira que Kaczynski tem lidado com o rumo da sociedade tecnológica no passado admite que a sua trajetória não está sujeita ao controle de seres humanos **(*veja o comentário do primeiro capítulo*)**, mas ele tem sido hesitante em fazer qualquer afirmação forte sobre a necessidade de um colapso.

A maioria das explorações teóricas ocorrem na segunda secção do capítulo. É ali que ele apresenta a estrutura formal da teoria em termos gerais e abstratos. Para apresentar a sua teoria, ele se foca primariamente no que ele chama de "sistemas auto-propagantes". Esse conceito é central a suas explorações aqui, e ele descreve esses sistemas como qualquer "sistema que tenda a promover a sua própria sobrevivência e propagação". **(RA, p42.)** Kaczynski apresenta exemplos de sistemas auto-propagantes que variam de organismos biológicos individuais até grupos de organismos biológicos, que incluem grupos de seres humanos. Sociedades humanas complexas como a sociedade industrial moderna se encaixam nessa categoria de sistemas auto-propagantes. Seguindo essa definição geral, Kaczynski passa o resto da segunda secção apresentando sete proposições sobre características estruturais de sistemas auto-propagantes, e por extensão, sociedades complexas, que representam o conteúdo formal da sua teoria de colapso. Kaczynski também utilizará essas proposições na terceira e quarta secções para mostrar como os eventos que estão ocorrendo na sociedade moderna, assim como o que ele enxerga como o resultado necessário, seguem as dinâmicas estruturais apresentadas em sua teoria. Essencialmente, essas sete proposições constituem o cerne de sua teoria em abstrato, e eu as repetirei aqui para o leitor:

1. *Em qualquer ambiente suficientemente abundante, sistemas auto-propagantes surgirão, e a seleção natural levará a evolução de sistemas auto-propagantes que desenvolverão meios cada vez mais sofisticados, sutis e complexos de sobreviver e de se propagar.*

2. *No curto prazo, a seleção natural favorece sistemas auto-propagantes que buscam vantagem a curto prazo com pouca ou nenhuma consideração pelas consequências de longo prazo.*

3. *Subsistemas auto-propagantes de um determinado supersistema tendem a se tornar dependentes do supersistema e de condições específicas que prevalecem no supersistema.*

4. *Questões de transporte e comunicação impõe um limite no tamanho da região geográfica pela qual um sistema auto-propagante consegue estender as suas operações.*

5. *O limite mais importante e o único limite consistente do tamanho da área geográfica pela qual grupos auto-propagantes humanos podem estender as suas operações é o limite imposto pelos meios disponíveis de transporte e comunicação. Em outras palavras, apesar de nem todos os grupos humanos auto-propagantes tenderem a expandir as suas operações por uma região de tamanho máximo, a seleção natural tende a produzir alguns grupos humanos auto-propagantes que operam ao longo de regiões que se aproximam o tamanho máximo disponível pelos meios disponíveis de transporte e comunicação.*

6. *Em tempos modernos, a seleção natural tende a produzir alguns grupos humanos auto-propagantes cuja operação percorre todo o globo. Além do mais, mesmo que os seres humanos sejam substituídos por máquinas ou outras entidades, a seleção natural ainda tenderá a criar outros sistemas auto-propagantes cuja operação percorre todo o globo.*

7. *Enquanto os problemas atuais de transporte e comunicação não constituem limitações efetivas no tamanho das regiões geográficas nas quais sistemas auto-propagantes operam, a seleção natural tende a criar um mundo no qual o poder é em grande parte concentrado nas mãos de um número relativamente pequeno de sistemas auto-propagantes globais.*

Kaczynski tenta estabelecer argumentos para demonstrar a veracidade de cada proposição apresentada na segunda secção, ou como ele diz, para demonstrar que nós temos evidência suficiente para acreditar que essas proposições são, ao menos, razoavelmente precisas. Como afirmações abstratas sobre tendências de sistemas auto-propagantes, e depois sobre sociedades complexas (ao menos sob a luz de várias presunções), nenhuma das proposições parece claramente problemática. Não vale a pena gastar o tempo ou a sanidade do leitor com um foco míope nos detalhes precisos de cada proposição. Para os objetivos desse ensaio, é suficiente permitir que as proposições se sustentem apesar da possibilidade de alguns equívocos em suas respectivas formulações. Ele também se esforça ao máximo para mostrar que cada proposição pode ser logicamente inferida da anterior, o que é característico de sua forma de trabalhar. Ele pode ter desistido de trabalhar com matemática avançada há muito tempo atrás, mas seu pensamento ainda é em grande parte guiado pela rigidez formal de um matemático. A formulação da segunda secção não é imune a meticulosidade excessiva, como leitores atentos podem ter notado ao ler as sete proposições listadas anteriormente. Apesar de seus melhores esforços, as conexões que ele tenta fazer parecem forçadas às vezes, e as secções parecem pular de ponto em ponto com ligações que dão a impressão de terem sido feitas a força em uma tentativa de dar a teoria alguma forma de certeza lógica. A apresentação é desprovida da sistematicidade frequentemente presente nos escritos de Kaczynski.

Me parece que os problemas com essa secção são parte de um problema maior com o capítulo como um todo. O problema não envolve essa ou aquela proposição ou mesmo conexões questionáveis entre elas; apesar de haver razões para criticar esses fatores também, como notado. Em minha opinião, o problema está nas extensões que Kaczynski tenta fazer em relação as conclusões que ele tenta derivar desse capítulo. As conexões suspeitas entre proposições e a falta de fluidez com a qual a teoria é apresentada parece surgir de um capítulo que propõe mais do que deveria. Kaczynski é honesto em relação ao fato de que nesse capítulo, e mais especificamente na segunda secção, ele está argumentando "que existe de fato um processo" pelo qual sociedades tecnologicamente avançadas se autodestroem, e que ele está apresentando uma teoria sobre como esse processo funcionaria. Infelizmente, eu não acho que esse capítulo cumpre as expectativas, nem que ele apresenta um argumento sólido para acreditar na ruína inevitável da sociedade tecnológica, por mais que Kaczynski não concorde.

Eu notei nas secções introdutórias deste ensaio que muitas das minhas discordâncias em relação ao livro vem da minha afinidade com críticas e perspectivas apresentadas por eco-extremistas sobre muitas dessas questões, e esse é um exemplo. Eu não acho que a tese que Kaczynski está tentando provar pode ser apresentada honestamente sem entrar em um nível de especulação que torna essa tarefa intelectual sem sentido. Levando isso em consideração, o fracasso de qualquer tentativa de prever com precisão o futuro da nossa ou de qualquer sociedade tecnologicamente avançada não me surpreende. A ideia da autodestruição inevitável da civilização tecnoindustrial, e especialmente a ideia de que alguém vai apresentar uma teoria descrevendo-a – isso se aplica a todas as sociedades tecnologicamente avançadas em qualquer tempo ou lugar – é uma ideia que não me parece plausível sem entrar em especulações revolucionárias.

O que é particularmente interessante para mim é que a impossibilidade de desenvolver tal teoria é algo que deveria ser realisticamente implicado por algumas das explorações do primeiro capítulo, que demonstra por exemplo a impossibilidade de controlar sociedades complexas racionalmente. Uma das mais importantes razões (mas certamente não a única) para a impossibilidade desse controle é o limite do conhecimento humano, e mais especificamente da capacidade de entender apropriadamente o tipo de problemas de conhecimento dos quais emergem campos da matemática como a teoria de sistemas dinâmicos e o que é frequentemente chamado coloquialmente de "teoria do caos e da complexidade".

A quantidade e o tipo de variáveis em jogo em um sistema como a nossa sociedade tecnológica moderna significa que nós estamos lidando com um sistema que se comporta de acordo com as descrições apresentadas pela teoria de sistemas dinâmicos (pense em algo como sistemas climáticos e a dificuldade de prever o clima a longo prazo). Em tais sistemas, previsões a longo prazo se tornam impossíveis devido à complexidade e as tendências comportamentais do sistema envolvido. Nesse caso, essa impossibilidade se aplica tanto a análises reformistas/progressivas quanto ao tipo de conclusões que Kaczynski tenta apresentar aqui no segundo capítulo (e nós veremos que as repercussões lógicas do primeiro capítulo tem consequências para o resto do livro e para o planejamento de revolucionário de poltrona apresentado Kaczynski mais à frente no livro). A complexidade do sistema com que estamos lidando é tanto que esse tipo de teorização se torna praticamente impossível sem adentrar em meras especulações. Levando isso em consideração, nós nos encontramos em um impasse devido a impossibilidade de dizer qualquer coisa quanto as perspectivas de um colapso. Mas como dito antes, há um "primitivismo sem catástrofe", e os eco-extremistas nos mostraram como.

No fim das contas, Kaczynski pegou o dinamismo, complexidade e poder da sociedade moderna e criou uma interpretação que os entende como as sementes de sua própria destruição, o que convenientemente se encaixa a sua práxis revolucionária. Mas a sua conclusão não é a única possível. Ela envolve uma série de saltos teóricos para terrenos dos quais não podemos falar com boa consciência intelectual. Apesar de toda essa teorização, podemos igualmente concluir que todo esse dinamismo da sociedade moderna que Kaczynski vê como a sua ruína pode ser justamente a causa de sua autopreservação. Essa é, por exemplo, a forma de pensamento que caracteriza os ecomodernistas. Ao tentar responder questões como essa, nós devemos ser honestos com nós mesmos e admitir que nós simplesmente não temos as respostas. No final nós nos deparamos com o fato de que o futuro é incerto, e nos resta apenas o presente. A catástrofe pode ou não chegar, mas se ela chegar ela pode terminar aperfeiçoando a civilização ao invés de se tornar o messias dos teóricos anticivilização. Mas mesmo que isso seja verdade, os eco-extremistas mostraram que isso não é um motivo para ficar quieto. É melhor ter um realismo inabalável e a determinação de um guerreiro do que os confortos milenários de sonhos revolucionários. Eu termino essa secção com as palavras pertinentes de Reação Selvagem:

> *"Pessoalmente, nós não sabemos por quanto tempo as estruturas que mantém a civilização em seu caminho decadente vão durar. Nós podemos ler muito sobre as várias teorias existentes, mas no fim das contas nós terminaremos esperando pelo profético ano em que talvez tudo acabará. De qualquer forma, tudo que os estudiosos podem oferecer são teorias. O aqui e agora denota tudo que é ruim...Como individualistas nós decidimos deixar de esperar por uma crise e tomar as nossas vidas em nossas próprias mãos. Por que? Porque nós já estamos vivendo. Nós não queremos esperar porque a Natureza nos encoraja a retrucar os golpes que ela tem recebido agora."* - ***Politicamente Incorreto: Uma Entrevista com Reação Selvagem***

III. Como Transformar uma Sociedade: Erros a Evitar

Com a conclusão do primeiro e segundo capítulo, Kaczynski muda o foco de suas explicações sobre as razões pelas quais ele vê uma revolução antitecnologia como a resposta necessária para o sistema tecnológico para tentar explicar como alguém poderia trabalhar para trazer tal revolução. Essas considerações permeiam este capítulo, assim como o quarto capítulo. Mais especificamente, e aqui o título do capítulo é enganoso, o terceiro capítulo é dedicado em extrair uma série de regras gerais e abstratas que Kaczynski vê como uma parte integral do sucesso de qualquer movimento revolucionário, antitecnologia ou não. Ao apresentar essas regras, Kaczynski começa, como de costume, apresentando uma série de postulados dos quais ele procura derivar essas regras para a ação revolucionária. A primeira secção do terceiro capítulo apresenta quatro postulados, repetidos aqui para o leitor:

1. Você não pode mudar uma sociedade lutando por objetivos vagos e abstratos. Você precisa de um objetivo claro e concreto. Como disse um ativista experiente: "Objetivos vagos e generalizados raramente são atingidos. O segredo é conceber um objetivo específico que vai inevitavelmente impelir a sua comunidade na direção que você quer ir".

2. Pregar apenas – a mera difusão de ideias – não é capaz de provocar mudanças importantes e duradouras no comportamento de seres humanos, a não ser em uma pequena minoria.

3. Todos os movimentos radicais tendem a atrair pessoas que são sinceras, mas cujos objetivos são apenas ligados aos objetivos do movimento até um certo ponto. O resultado é que os objetivos iniciais do movimento podem ser distorcidos ou completamente alterados.

4. Todo movimento radical que adquire grande poder se torna corrupto quando seus líderes originais (aqueles que entraram no movimento quando ele era relativamente fraco) estão mortos ou politicamente inativos. Ao dizer que um movimento se tornou corrupto, isso significa que os seus membros, e especialmente os seus líderes, buscam primariamente ganhos pessoais (como dinheiro, segurança, status social, posições poderosas ou uma carreira) ao invés de se dedicarem sinceramente aos ideais de um movimento.

A partir desses postulados ele deriva cinco regras:

1. Para mudar uma sociedade de uma forma especifica, um movimento deve escolher um único objetivo simples e claro que irá levar uma mudança desejada se perseguido com sucesso.

2. Se um movimento busca transformar uma sociedade, o objetivo escolhido pelo movimento tem que ser um objetivo que tenha consequências irreversíveis uma vez que ele seja cumprido. Isso significa que uma vez que a sociedade seja transformada através desse objetivo, a mudança permanecerá sem a necessidade de nenhum esforço por parte do movimento ou de qualquer outra pessoa ou grupo.

3. Uma vez que o objetivo tenha sido escolhido, é preciso convencer uma minoria de pessoas a se dedicar ao seu cumprimento através de métodos mais poderosos do que a mera pregação de ideias. Em outras palavras, essa minoria deve se organizar para tomar ações práticas.

4. Para se manter fiel ao seu objetivo, um movimento radical deve encontrar uma forma de expulsar de suas fileiras qualquer pessoa que não seja compatível com o movimento, mas que tenha intenções de participar dele.

5. A partir do ponto que um movimento tenha se tornado poderoso o suficiente para cumprir o seu objetivo, ele deve cumpri-lo o mais rápido possível, e em qualquer caso, antes que os revolucionários originais (aqueles que se juntaram ao movimento quando ele era relativamente fraco) morram ou se tornem politicamente inativos.

Depois da apresentação dos postulados e da derivação das regras, Kaczynski dedica o resto do capítulo examinando a falsidade ou veracidade das regras. Para fazer isso, ele se apoia em registros históricos, citando vários casos para demonstrar que a veracidade de qualquer regra determinada pode ser verificada em eventos históricos. Para demonstrar a importância da aderência a essas regras, o autor cita vários exemplos onde o não-seguimento dessas regras resultou em problemas ou catástrofe para movimentos envolvidos. Apesar disso, o cerne teórico dessa parte está na própria lista de regra para movimentos revolucionários. Como mencionado na introdução, grande parte da base teórica do livro reflete o que já foi dito em sua obra e expande sobre essa base. Isso é verdadeiro para o terceiro capítulo, e eu acredito que leitores familiares com o trabalho de Kaczynski vão reconhecer os temas apresentados aqui de escritos como ASIEOSF, *"O Melhor Truque do Sistema"*, *"A Revolução que Está por vir"* e *"Atinja Onde Dói"*, que tem todos secções dedicadas a questões estratégicas para ação revolucionária contra a sociedade tecnológica.

Eu devo admitir que à primeira vista esse capítulo é fácil de aceitar se você se deixar levar de maneira não-crítica pelo fluxo do pensamento de Kaczynski. Muitos de seus postulados parecem ao menos instintivamente plausíveis tendo em vista a nossa experiência cotidiana ou um conhecimento geral da história, e as regras derivadas desses postulados parecem ser coerentes, além de uma extensão natural desses postulados. Seu recurso ao registro histórico para embasar seus postulados e regras é caracteristicamente metódico, de forma comparável a análise detalhada do primeiro capítulo. O resultado é um capítulo que poderá convencer muitos. E de fato, muitos chegaram a conclusões similares seguindo essa linha de raciocínio. Basta ler os escritos do *Último Reducto* (**UR**) ou dos *Indomitistas* para encontrar exemplos de grupos e indivíduos que seguiram grande parte do pensamento de Kaczynski ao pé da letra. É fácil se deixar levar pelas suas teorias de revolucionário de poltrona e esquecer do fato que a grande maioria do conteúdo dessas teorias é puramente especulativo, pensado de forma teórica dentro de uma cela de prisão no Colorado. Essa situação é análoga a maneira que alguns físicos falam sobre ficarem tão encantados com a elegância de teorias matemáticas que eles terminam acreditando que essa elegância tem que ser a expressão de alguma verdade. Apesar disso, a realidade nunca teve nenhuma obrigação de se conformar com o que nós desejamos, e isso é verdade para as teorias de Kaczynski tanto quanto para os físicos perseguindo o tênue rastro da teoria das cordas.

Eu não estou apenas sendo exigente. Há muitas críticas legítimas a serem feitas sobre o conteúdo desse capítulo (se nós decidirmos entreter esse tipo de teorização de poltrona). Para elaborar um pouco, há óbvias contradições entre o planejamento revolucionário apresentado nesse capítulo e as conclusões apresentadas no primeiro capítulo, que praticamente proíbem esse tipo de planejamento. Se você se recorda, nós notamos que as observações lógicas do primeiro capítulo se aplicam não apenas a reformistas/progressistas tentando direcionar a sociedade para os rumos que desejam, mas também a revolucionários que visam perturbá-la com ações revolucionárias. Esse observação é verdadeira devido a impossibilidade de fazer previsões a longo prazo, justamente o tipo de previsões necessárias para que um movimento revolucionário trace um plano e aja de acordo com ele. Certamente, é possível tentar

tornar as regras suficientemente gerais para que elas possam ser aplicadas a diversas situações, mas a esse ponto uma regra tão abstrata tem pouca relação com as particularidades concretas de eventos reais. Para ser justo, Kaczynski admite no terceiro capítulo que essas regras não devem ser interpretadas como “regras rígidas” **(Ra, p.119)** devido as dificuldades já discutidas em prever situações reais comas quais um movimento revolucionário teria que lidar, mas nós já explicamos porque esse reconhecimento não muda muita coisa. Essa contradição entre capítulos não é a única crítica que eu tenho a fazer desse capítulo. A tentativa de Kaczynski de derivar axiomas não-históricos de exemplos históricos, por exemplo, tornam suas regras e postulados ao menos duvidosos,pelo menos aos olhos de um approach histórico. Esse mesmo problema ocorre no quarto capítulo.

Alguns talvez diriam que essa análise do trabalho de Kaczynski é excessivamente pessimista, derrotista, etc. Outros diriam que ela é rápida demais em jogar fora o trabalho de Kaczynski, mesmo que nós tenhamos levantado várias objeções legítimas. Alguns como o UR acusaram o ITS e o Reação Selvagem dessas mesmas coisas quando eles expressaram uma dose de ceticismo saudável em relação a esse tipo de teorização revolucionária. Essas são as mesmas pessoas que demonstram uma esperança ingênua em frente a essas críticas, refletindo a ingenuidade revolucionária de Kaczynski ao invés de levantar o véu de suas próprias ilusões esperançosas e aceitar o mundo como ele é. No fim das contas, como o Reação Selvagem disse em sua resposta ao UR, grande parte da base para tal revolução contra o sistema tecnológico permanece “ao vento”:

> *Concluindo esse ponto, a base estratégica para a “grande revolução” é suposição, “talvez”, “esperamos que sim”, “provavelmente”, “no melhor dos casos”, “depende”, em outras palavras, nada concreto, tudo ao vento. Isso tudo nos lembra do que um comediante mexicano popular disse uma vez em seu programa: “talvez sim, talvez não, mas provavelmente quem sabe.” -* ***Reação Selvagem*** *em* ***Algumas Palavras Sobre o Presente e NÃO o Futuro****.*

IV. Guia Estratégico Para Um Movimento Revolucionário

Enquanto o terceiro capítulo lidou com questões estratégicas de uma revolução antitecnologia em termos mais abstratos, tentando destilar as regras mais críticas para um movimento revolucionário, esse capítulo apresenta um olhar mais abrangente e marginalmente mais realista do programa revolucionário de Kaczynski. Ele cobre diversas coisas nesse capítulo, tratando de muitas questões relacionadas aos caminhos que ele acredita que um movimento revolucionário deve ou não deve tomar. Para aqueles que são familiares com a história das revoluções comunistas, grande parte do programa que ele oferece aqui é derivado das reflexões de figuras chave do pensamento marxista revolucionário. Lenin, Trotsky, Mao e Castro são grandes influências por exemplo. Apesar disso, grande parte do pensamento dessas figuras foi adaptado ao neo-ludismo de Kaczynski. Essa dependência na revolução russa e em outras revoluções comunistas não é algo novo ou surpreendente. Os revolucionários russos e franceses tem sido a tempos uma inspiração para os pensamentos de Kaczynski sobre a ação revolucionária, e a dimensão das revoluções comunistas seguindo a ascensão dos bolcheviques em 1917 fazem da revolução russa e das outras revoluções relacionadas uma fonte óbvia de interesse e inspiração para aqueles com predileções revolucionárias.

Em relação a uma análise crítica desse capítulo, há várias críticas a serem feitas que eu irei oferecer aqui. A primeira e mais óbvia crítica se relaciona primariamente ao tipo de teorização revolucionária que Kaczynski está fazendo aqui e ao grau em que essa teorização ocorre no campo da especulação pura. Há vários momentos no terceiro capítulo que seguem a mesma predileção por planejamento revolucionário oferecido no terceiro capítulo, que as vezes se parecem com tentativas de formalizar sua estratégia. Esse tratamento obviamente reflete aquele do terceiro capítulo, e consequentemente está sujeito as mesmas críticas do pensamento revolucionário apresentadas anteriormente nesse ensaio. Além domais, outra crítica lida com os paralelos que Kaczynski tenta derivar recorrendo constantemente a revoluções comunistas, tanto no nível das ideias que ele tira de seus respectivos teóricos quanto ao seu uso dessas revoluções para justificar a plausibilidade do seu modelo particular de revolução antitecnologia. Eu não sou o primeiro a apontar esses problemas. Em vários comunicados, tanto o ITS quanto o Reação Selvagem criticaram detalhadamente o recurso de Kaczynski às revoluções da Rússia e da França (as críticas mais detalhadas estão na primeira fase dos comunicados do ITS e nas diversas publicações de Reação Selvagem). Essas críticas demonstram as diversas formas em que o papo de Kaczynski sobre uma revolução global ocupa o domínio da fantasia. Nem a revolução russa, nem a francesa, e nenhuma outra revolução fora a industrial conseguiu estender seu alcance pelo planeta inteiro, como eles notaram. As guerras históricas não são comparações análogas.

Também há uma crítica metodológica a que eu me referi brevemente na última secção; isso é, Kaczynski tem uma tendência de olhar para o passado sem considerar o contexto histórico dos eventos que ele está analisando. No terceiro capítulo,por exemplo, ele usa exemplos históricos continuamente para mostrar que vários de seus postulados e regras podem ser derivados da história enquanto ele ignora completamente uma análise do contexto histórico no qual esses eventos ocorreram, além de diferenças entre esses contextos e o nosso atual contexto contemporâneo. A nossa sociedade tecnológica moderna não é a Rússia de Lenin e Trotsky, a China de Mao, a Cuba de Castro, etc. Há vastas diferenças entre a fábrica social, ideológica e material da nossa sociedade contemporânea e a dessas épocas históricas, o que torna qualquer correlação tênue, a não ser da forma mais geral. Como notado na última secção, ele mostra momentos de honestidade onde ele admite que o recurso a história nem sempre fornecerá lições que podem ser facilmente adaptadas de um período histórico passado para o presente. Mas como discutimos aqui, essa honestidade não é exatamente útil. Para recapitular, se as lições derivadas são gerais o suficiente para serem aplicadas a várias situações, elas provavelmente são praticamente inúteis em qualquer situação concreta. Essas abstrações de uma regra geral pouco nos ajudam ao nos depararmos com a complexidade de qualquer problema real.

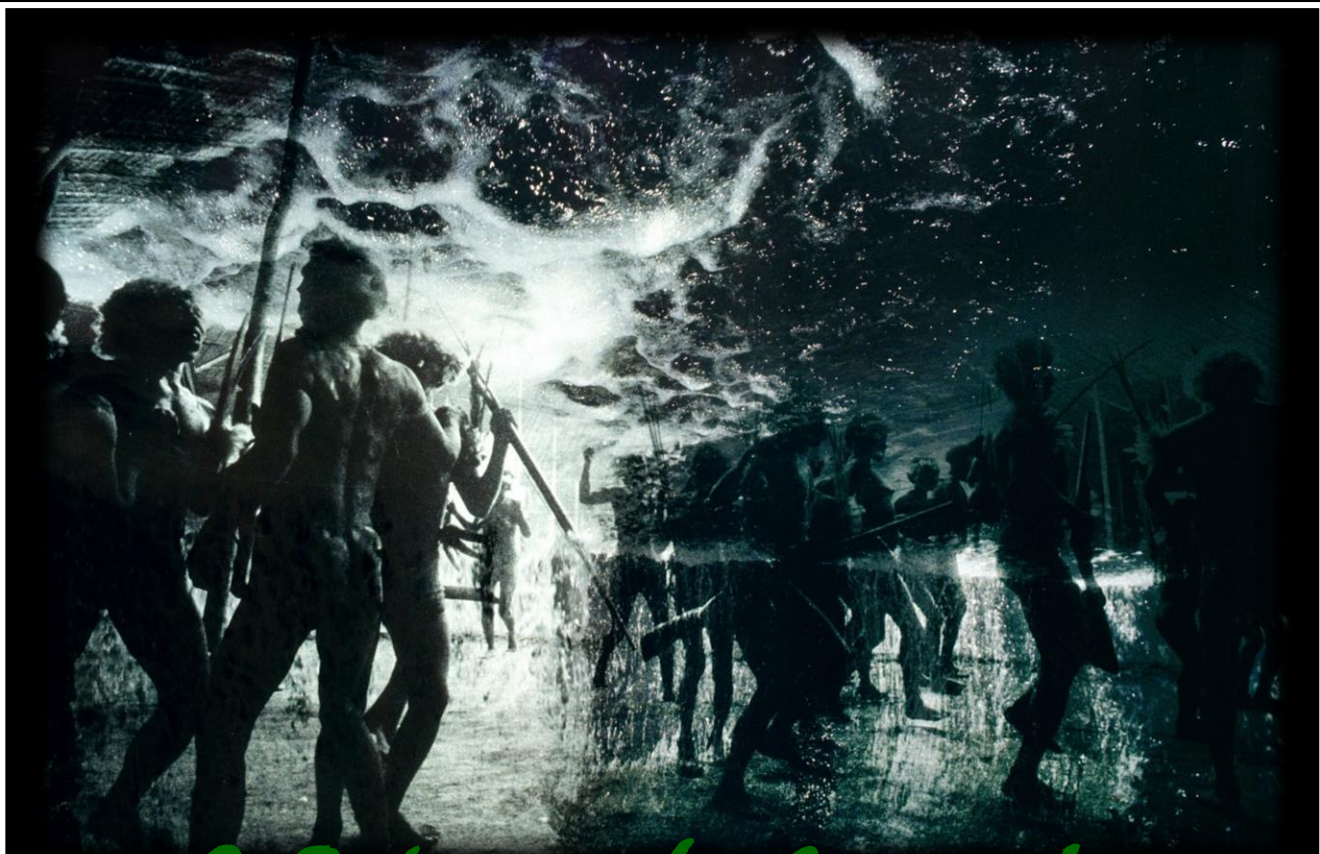
Os pontos mencionados são certamente problemas reais com as teorias de Kaczynski no quarto capítulo, mas eles não são o maior problema que eu tive com o capítulo. O que eu achei o elemento mais incomodo desse capítulo é o uso constante que Kaczynski faz de uma "crise futura" especulativa como um elemento central de sua práxis revolucionária. O papel messiânico de uma catástrofe para sua revolução antitecnologia se torna cada vez mais óbvio ao longo desse capítulo,chegando ao ponto de se tornar cada vez mais questionável se o programa revolucionário de Kaczynski seria capaz de encarar algo como um "Ataque sem Catástrofe", para fazer um paralelo ao "Primitivismo sem Catástrofe" de Abe Cabrera. Como o Reação Selvagem expressou anteriormente, enquanto grande parte da reação significativa ao sistema continuar dependendo de uma crise especulativa, "é tudo ao vento".Minhas rejeições aqui e ali vão de encontro com as críticas eco-extremistas,nesse caso, uma particularmente central: a rejeição dos eco-extremistas de uma revolução como uma forma válida de reação contra o sistema industrial, contra o leviatã da civilização e contra a própria domesticação. Desde os primeiros comunicados do ITS em 2011, eles persistiram com seu foco obstinado no presente como o único ponto sensato para agir e atacar. No primeiro comunicado do ITS seguindo a dissolução voluntária do Reação Selvagem, eles falam o seguinte sobre esse assunto: *"Nós não desejamos, não procuramos, não achamos necessário e nem nos interessamos em lutar por uma revolução. Nós desprezamos o termo e acreditamos que esse é um objetivo não existente. Nós atacamos no presente porque ele é tudo que existe".* Ao longo desse ensaio, nós expressamos críticas ao pensamento revolucionário de Kaczynski; muitas dessas análises permanecem relevantes aqui. Nós falamos da impossibilidade em falar honestamente sobre as perspectivas de catástrofes,falamos sobre os problemas com o planejamento revolucionário, etc. Basta dizer que levando em conta essas análises, eu não vejo nenhuma razão para fazer concessões aqui.

Kaczynski e companhia podem sentar e esperar pelo messias do colapso antes de atacar em nome da Natureza Selvagem, mas a marcha da civilização continua a dobrar tudo que é selvagem e natural de acordo com seus desejos e destruir tudo que se recusa a se submeter. O que nos confronta é um presente que demanda que nós ajamos agora. Para encerrar, eu deixo que o ITS expresse em suas próprias palavras esse ataque sem catástrofe:

"A natureza selvagem não pode mais esperar. A civilização se expande indiscriminadamente as custas de tudo que é natural. Nós não ficaremos parados de bobeira observando passivamente enquanto o homem moderno rasga a terra em busca de minerais, enterrando-a sob toneladas de concreto ou perfurando montanhas inteiras para construir túneis. Nós estamos em uma guerra contra a civilização e o progresso, e também contra aqueles que a melhoram ou a apoiam com a sua passividade. Qualquer um!" - ***Individualidades Tendendo ao Selvagem (Its)*** *em seu* ***Sétimo Comunicado***

Conclusão

O que falta falar sobre o último livro de Kaczynski então? Eu notei na introdução que dentro do contexto da obra de Kaczynski esse livro ocupa um papel importante como um tratado obstinado e sistemático de seus pensamentos a respeito da ação revolucionária contra o sistema tecnológico. De um ponto de vista puramente acadêmico sobre o autor eu mantenho essa opinião. Eu também notei brevemente a raiz das minhas objeções sob uma perspectiva eco-extremista, e através das análises presentes eu tentei delinear o conteúdo dessas objeções. E é a partir dessa perspectiva que eu acho grande parte do livro simplesmente inaceitável. É dessa perspectiva que eu afirmo a rejeição eco-extremista de ilusões revolucionárias. Eu afirmo o foco dos eco-extremistas no presente como o único foco de ataque. Eu afirmo a honestidade obstinada dos eco-extremistas em face do horrível presente. Eu afirmo a determinação guerreira dos eco-extremistas em lutar mesmo sabendo que essa pode ser uma guerra suicida, além de outros pontos de uma perspectiva eco-extremista. Essas são posições simplesmente irreconciliáveis com a de Kaczynski. Que assim seja. Haverão aqueles sem ouvidos para ouvir. Haverão aqueles que denunciarão essas rejeições como niilistas, pessimistas, derrotistas, etc. Haverão aqueles que trocarão a honestidade pelos confortos de uma ingenuidade revolucionária. Que assim seja. Para eles, tudo que eu tenho a dizer é "Boa Sorte". Mas para mim e para outros com quem o chamado ressoa, o que Kaczynski tem a oferecer é algo com o que eu não posso concordar. Eu encerro essa conclusão e esse ensaio com uma expressão do espírito dos eco-extremistas do editorial da **Regresión #4**:

"A realidade às vezes nos apresenta um cenário extremamente derrotista e pessimista. Apesar disso, aceitar a realidade é crucial para removermos a venda e aceitarmos as coisas como elas são, mesmo que isso seja difícil. Essa venda, é claro, é a utopia. Muitos criticaram Individualistas Tendendo ao Selvagem, o Reação Selvagem e outros grupos por rejeitar a ideia de um "amanhã melhor". Eles criticam esses grupos por não esperar um resultado positivo da luta nessa guerra, ou por rejeitar a esperança. Mas as pessoas sempre ouvirão apenas o que eles querem, e não a realidade. O individualista eco-extremista é pessimista e realista ao mesmo tempo. Ele não ouve o falatório do otimista pueril; para ele, o mundo é cheio de duras realidades, e ele deve confrontar essas realidades com força, se defendendo delas com dentes e garras" - ***Reação Selvagem***

O Retorno do Guerreiro

Por Ramon Elani

"A guerra... é um meio de atingir um objetivo individual: o desejo do guerreiro por glória, o guerreiro sendo seu próprio objetivo. Desejo não de poder, e sim de glória." – ***Clastres***

"Eu sou uma lança que ruge por sangue" - ***Canção de Amergin***

Rejeitando inteiramente as ideologias do humanismo e progressismo, eu proponho a figura do guerreiro selvagem. A sociedade guerreira, entendida como oposta à guerra mecanizada dos séculos XX e XXI, rompe a sociedade do estado, a sociedade do mundo tecnoindustrial. O guerreiro se encontra na encruzilhada entre a vida e a morte, o humano e o animal, a memória e o esquecimento, negociando uma constelação de cosmo-práxis em sua tarefa. Eduardo Viveiros de Castro chama a nossa atenção para as diferenças entre o tratamento dos mortos entre os andinos e as tribos das terras baixas. No primeiro caso, as tradições incas de sepultamento e o complexo funerário industrial veneram os ancestrais, os fundadores do estado, os burocratas, os administradores. No segundo caso, nas sociedades de guerra, os mortos são tratados como inimigos, sendo erradicados e esquecidos através da ingestão ritual. Há uma guerra entre os vivos e os mortos. Aqueles que veneram os mortos reforçam as correntes que os prendem. Aqueles que os devoram afirmam a sua autarquia selvagemente. O guerreiro renuncia a hereditariedade, e nenhuma honra pode ser adquirida através da linhagem. É apenas os seus atos de valor que lhe trarão a glória que ele procura. A seguir, eu irei contextualizar o guerreiro em luz de seu mais elegante teórico, Pierre Clastres.

A voz de Clastres fala como um eco de coisas esquecidas há muito tempo. Uma tendência, um gesto que caminha ao nosso lado mas oculto nas sombras dos milênios. Nós conhecemos as palavras de Clastres antes de termos ouvido elas. O fogo do guerreiro flameja dentro de todos nós. De Castro: *"às vezes temos uma impressão que é preciso lê-lo (Clastres) como se ele fosse um obscuro filósofo pré-socrático"*. De fato, nós podemos verdadeiramente perceber a essência do mundo nos sangrentos fantasmas que ele conjura.

De Castro aponta para a comparação feita por Clastres entre Heráclito e os xamãs guaranis. Todas as filosofias do dinamismo e do mundo são costuradas em conjunto para formar uma bandeira contra o monólito da máquina. Se, apesar de sua ressonância subterrânea e atemporal, os escritos de Clastres nos preenchem com uma experiência de estranheza, de destino, de escuridão, de mistério, nós podemos ver que tudo que nós precisamos fazer é tirar as vendas de nossos olhos. Clastres nos convida a ouvir novamente o batimento do tambor que ecoa em nosso sangue. Quando nós mergulhamos nas lagoas familiares, porém turvas da alma

do guerreiro, Clastres nos lembra, há apenas uma questão: até onde nós estamos realmente dispostos a ir? Ele entendia, como nós também devemos entender, que o destino cósmico da nossa civilização está em jogo.

Nada é mais ultrapassado do que o homem da guerra: ele foi substituído há muito tempo atrás por um personagem completamente diferente, o homem militar.

É tentador e comum, diz de Castro, pensar em Clastres como um porco espinho com apenas uma ideia, mas uma ideia vasta além de qualquer compreensão. O guerreiro primitivo se levanta contra o estado. A guerra tribal, em toda a sua brutalidade e crueldade, existe para prevenir o aniquilamento do universo. Como nós veremos, porém, o trabalho de Clastres explode em uma galáxia de poesia e filosofia, difusa e brilhando contra o céu noturno. No final das contas, não é o estado, e sim o próprio significado da humanidade que o guerreiro expõe e arrasta para a luz. Nas palavras de Claude Lefort: *"Apenas o homem pode revelar ao homem que ele é homem".* Sendo assim, o que Clastres nos mostra sobre o sentido da violência e da guerra se torna uma questão metafísica, não apenas algo que está no domínio político, e de fato, algo oposto a ele. As fronteiras e as demarcações de território são transgredidas pelo guerreiro. Na falta dessa força transgressiva, nós somos gado domesticado. O guerreiro, que conduz, abduz e queima, cruza todos os limites e resiste a todos os controles além de seu próprio significado. É apenas a glória e os profetas que o direcionam a sua conquista que o impelem. Ele vai e vem. As leis que o governam superam a mesquinhez do estado. A monstruosidade da sociedade tecnoindustrial codifica e determina a cada oportunidade. Nada ameaça a sua hegemonia como a desterritorialização da guerra. Por esse motivo, a figura do nômade entendido como um proto-guerreiro, foi agarrada por pensadores como Bruce Chatwin, Deleuze e Guattari. Clastres direciona o nosso olhar ao guerreiro, orgulhosamente sustentando um mundo de multiplicidade com cada golpe de lança e cada escalpo adornando as paredes.

Ao longo de sua obra, Clastres celebra a máquina de guerra... Goethe e Hegel são homens velhos perto de Clastres.

Ao ser-para-a-guerra, a morte é um evento biocósmico que produz alteridade. O guerreiro avança em direção a morte. Não é claro que o desejo pela glória eclipsa completamente o desejo pela morte. Os mortos continuam a lutar na forma de espíritos, o xamã brandindo seu machado está cercado por eles em todos os momentos. O xamã yanomami Kopenawa diz que quando a terra começar a apodrecer *"os humanos se transformarão em outra coisa, como aconteceu no começo do tempo"*. Espíritos vingativos cortarão o céu em pedaços com os seus facões, e as florestas atrás dos céus cairão sobre nossas cabeças. Tão rápido será o fim que nós não teremos tempo de gritar. Os espíritos, liberados da terra, destruirão o sol, a lua e as estrelas. E no final haverá apenas a escuridão.

O ano é 1970, e Pierre Clastres vive entre os Yanomami e os declara *"A última sociedade livre do mundo"*. Ele comenta sobre a sua incrível flatulência, produto dos altos níveis de banana em suas dietas. À noite, Clastres é deixado só com as mulheres no acampamento, pois os homens saíram em uma incursão. Eles atacam seus inimigos à noite e correm de volta para a selva para evitar o inevitável e ligeiro contra-ataque. Os mortos são queimados sobre uma pira, seus ossos moídos até se tornarem poeira e depois inalados. Dias de lazer e risadas são pontuados por incursões do outro lado do rio. Homens se juntam na terra para duelar com bordunas por suas mulheres. Clastres viaja com várias canoas cheias de guerreiros armados com o objetivo de realizar trocas para obterem drogas. As sementes alucinógenas de que eles necessitam crescem apenas no território de uma tribo particular. Eles mantêm seu monopólio tenazmente. Além de ferramentas e outros itens de troca, há uma demanda clara por itens de prestígio. Esses incluem vestidos femininos, usados pelos guerreiros, que não se preocupam em fazer distinção de gênero de vestimentas. Eles assopram a droga para dentro das narinas uns dos outros usando tubos de cana. Enquanto o grupo de Clastres se prepara para sair, um menino pequeno de outra tribo pula em sua canoa. Ele quer ir com eles. Sua mãe o puxa de volta e ele bate nela com um remo. Com a ajuda de várias outras mulheres, ela consegue tirá-lo da canoa. Ele morde ela.
O mar como um espaço suave é um problema específico para a máquina de guerra.

Garotos na sociedade Yanomami, como Clastres observa, são *"encorajados a demonstrar a sua violência e agressão. Crianças jogam jogos que frequentemente são brutais. Pais evitam consolá-los. O resultado dessa pedagogia é que ela forma guerreiros"*. Os missionários fracassaram miseravelmente em suas tentativas de dissuadi-los de seu amor pela violência. Armas entregues como presentes pelos salesianos sob a condição de que elas sejam usadas apenas para caçar são rapidamente integradas a máquina de guerra yanomami. *"Tente convencer os guerreiros a renunciar a uma vitória fácil"*, escreve Clastres, *"Esses não são santos"*. A presença de armas, obviamente, permite massacres em escalas maiores. Clastres aponta, porém, que é comum que uma tribo convide outra para um banquete com a intenção de massacrá-los. Tais atos nunca são esquecidos, e as rixas de sangue são passadas de geração para geração. Em um dia com 21 horas de tempo livre, há muito tempo para cultivar a animosidade em relação aos seus inimigos. Como diz Clastres em seu diário:

"*No final de uma tarde entre os Karohiteri, surge uma tempestade, precedida por ventanias violentas que ameaçam levar os tetos. Imediatamente, todos os xamãs se posicionam ao longo das moradas, tentando empurrar de volta o vento. O vento, esses redemoinhos, são de fato espíritos ruins, certamente enviados por seus inimigos."*

Enfim, o xamã captura os espíritos ruins em uma cesta e corta eles em pedaços com o seu machado. Clastres despreza a paz. Seu sonho e prece para os yanomami é "mil anos de guerra! Mil anos de festas!" Harmonia, ele escreve, é conquistada através da escavação de minas, a perfuração que busca petróleo, fábricas, polícia e shoppings.

A tese pela qual Clastres é mais conhecido é simples: o estado de guerra permanente que se encontra na maioria das sociedades indígenas é uma estratégia usada deliberadamente para manter a segmentação territorial e impedir a formação de um estado ou de uma cultura monolítica. A guerra tribal resiste a globalização. Clastres escreve:

"A máquina de guerra é o motor da máquina social: o ser social primitivo depende completamente da guerra, e a sociedade primitiva não pode sobreviver sem a guerra. Quanto mais guerra, menos unificação, e o maior inimigo do estado é a guerra. A sociedade primitiva é uma sociedade contra o estado ao ser uma sociedade pela guerra."

Assim, os incas enclausurados em seus templos de pedra e cidades elevadas olhavam para as tribos da floresta com medo, ódio e desprezo. Para os aristocratas incas perfumados, os habitantes das pampas sem lei e sem reis eram menos que humanos. Nesse sentido, eles marcaram um padrão que foi mais tarde adotado pelos espanhóis ao lidarem com todos os povos ameríndios.

A sociedade tecnoindustrial condena a violência ao mesmo tempo que a facilita e torna possível graus de violência inimagináveis mesmo para as sociedades tradicionais mais cruéis e sedentas por sangue. Nós somos ensinados a temer e rejeitar a violência. Nós somos ensinados que não há significado na guerra, mesmo quando a nossa cultura promove uma guerra implacável contra o próprio cosmos. Essa incoerência ressoa pela nossa sociedade. Quando Clastres escreveu sobre a violência entre os Yanomami, Tupi-Guarani e os Guayaki nos anos 60 e 70, a cultura entre os antropólogos também era assim. A violência era ignorada no mundo acadêmico ou usada por etnógrafos racistas para denigrir as sociedades primitivas. Clastres não temia a faca, e via o derramamento de sangue como uma verdade reprimida e esquecida. Quando os europeus, escondidos como caranguejos-eremitas em suas armaduras, chegaram nas praias da América do Norte, América do Sul, Austrália, África, Sibéria e as ilhas do Pacífico, eles se surpreenderam sem exceção com o amor pela guerra dos nativos que encontraram. Sejam nômades ou fazendeiros, comunidades primitivas eram *"apaixonadamente devotadas a guerra"*. Para os europeus, esse amor pela guerra não podia conviver com a sua doutrina da paz: os indígenas deveriam ser ensinados abandonar as suas tradições violentas através de centenas de anos de tortura, genocídio e etnocídio.

Não importa onde olhamos entre as sociedades primitivas, nós sempre encontramos a violência brilhando como uma tocha na noite escura. Apesar de todas as nuances e variações culturais, essa violência parece ser universal. O mito do primitivo pacífico é pernicioso. Como nós veremos abaixo, parte da razão da existência desse mito é a falta de uma compreensão do significado da guerra fora do nosso entendimento atrofiado e reprimido da violência. Clastres escreve *"uma imagem emerge continuamente da diversidade infinita das culturas: a imagem do guerreiro"*. Qual é o significado dessa figura? Como nós explicamos ou entendemos o amor universal pela guerra? O que significa o fato de a nossa sociedade ter virado as costas para essa força primal, abandonando-a para e deixando a guerra se tornar o trabalho de robôs ou empregados corporativos estéreis? Nós perdemos *"o espetáculo de nossa livre e guerreira vitalidade"*, substituído por uma paz vil e assassina.

Antropólogos tentaram entender a violência primitiva de várias formas, e grande parte dos seus pensamentos gotejou para as pessoas comuns. Eles ecoam os presentes envenenados do Iluminismo. O significado da violência é frequentemente representado de forma equivocada. A figura do guerreiro e a sua busca pela glória é frequentemente ignorada e desvalorizada. E por causa disso, o espírito da sociedade primitiva em sua inteireza é mal compreendido. Primeiramente, há quem argumente que a violência e a guerra simplesmente evoluíram como um mecanismo de sobrevivência através da caça. Andre Leroi-Gourhan é um dos primeiros proponentes dessa teoria. Para Leroi-Gourhan, o guerreiro é simplesmente uma extensão do caçador. A necessidade de alimento do homem produziu o caçador, e o caçador – o homem que possui armas e sabe usá-las – produziu a guerra e o guerreiro. Leroi-Gourhan escreve *"Ao longo do tempo, a agressão aparece como uma técnica fundamental ligada a aquisição, e no primitivo, seu papel inicial é a caça onde a agressão e a aquisição alimentar se fundem"*. Em outras palavras, se a agressão é inata como parece ser, ela deve servir um propósito evolutivo. Leroi-Gourhan imagina que o instinto da violência pode ser usado de forma produtiva, e nesse sentido seu pensamento se limita a necessidades banais como comida. A violência para ele não é nada mais do que um impulso predatório ajustado através do prisma da economia social. Clastres corta Leroi-Gourhan como uma faca quente cortando gordura.

Nossa discordância com Leroi-Gourhan não decorre pelo fato de ele tratar humanos como animais, muito pelo contrário. A diferença é que ele não atribui os instintos animais corretos a violência. *"A sociedade humana"* escreve Clastres *"não deriva da zoologia, e sim da sociologia"*. Clastres desarma Leroi-Gourhan com facilidade e destreza surpreendentes. Como qualquer caçador já percebeu, a agressão está completamente ausente da experiência da caça. De fato, ao caçar, uma mentalidade agressiva garante que você voltará para casa faminto. Como diz Clastres *"O que motiva o caçador primitivo é o apetite, ao ponto da exclusão de todos os outros sentimentos"*. Ele também fala da importância do ritual na caçada. De qualquer forma, a agressão não está presente. O motivo para a guerra e a violência nas culturas primitivas, diz Clastres, é mais profundo. A guerra é pura agressão. Ela é o desejo de aniquilar seu inimigo, banhar-se em sangue e erguer troféus sangrentos aos céus. Uma necessidade maior que a fome está presente aqui. Clastres: *"Mesmo entre tribos canibais, o objetivo nunca é matar o inimigo para comê-los"*. Tanto alarde para Leroi-Gourhan e o seu "discurso naturalístico" da guerra.

A segunda, e provavelmente a mais persistente teoria da violência primitiva se baseia na economia. Essa crença é bem difundida em todos os níveis da sociedade. As pessoas cometem violência e guerreiam por recursos e riqueza material. Essa noção é sempre acompanhada por um desprezo pela violência: ela é apenas um veículo, uma estratégia dos tolos, daqueles que não tem outros

(melhores) recursos. Como diz Clastres, essa ideia é frequentemente vista como algo tão óbvio que não necessita de justificativa. A violência surge da competição por recursos escassos. No fundo nós sabemos que isso não é verdade. Que argumento insatisfatório! As origens desse argumento podem ser traçadas. Clastres nos direciona ao século 19, quando se acreditava que a vida primitiva era uma vida de "pobreza e miséria". O primitivo é aqui imaginado como um cidadão miserável e destituído do mundo tecnoindustrial, e que se tornou violento e cruel através da escassez e privação. Como eles não conseguem prover as suas necessidades, eles têm que guerrear por migalhas.

Essa noção da escassez primitiva é reforçada pela antropologia marxista. Clastres, que foi um membro do Partido Comunista até 1956, entende as armadilhas do progressismo. *"O que é o marxismo senão a teoria marxista da história"*, escreve Clastres. Para que esse aparato funcione, é preciso demonstrar que os estágios antigos da história da humanidade são deficientes:

> *"Para que a história siga em frente, para que as forças produtivas decolem, essas forças produtivas devem primeiro existir no início desse processo na mais extrema fraqueza, em seu total subdesenvolvimento: na falta disso, não haveria uma razão para elas se desenvolverem, e nem haveria como articular a mudança social."*

Infelizmente, como já é bem estabelecido hoje em dia, as culturas primitivas raramente lidavam com a escassez, e a sua capacidade produtiva era vasta. Aqui, Clastres reitera o que foi falado por Marshall Sahlin, *"sociedades primitivas, sejam elas caçadores nômades ou fazendeiros sedentários... são verdadeiras sociedades de lazer"*. Tendo esse fato em vista, a teoria econômica da guerra primitiva vai por água abaixo. A ideia de guerrear com uma tribo vizinha por alimento ou algum outro recurso é completamente sem sentido. Como Clastres aponta, as comunidades primitivas são profundamente autossuficientes, e quando a troca é necessária, ela ocorre pacificamente entre vizinhos. Também é bem observado em várias comunidades primitivas uma abundância tão grande que os leva a criar festivais devotados somente a destruição ritualística de recursos.

A última teoria antropológica da guerra primitiva que Clastres identifica está incorporada na ideia da troca. Aqui nós encontramos Clastres em confronto com o seu professor Claude Levi-Strauss. Para Levi-Strauss, a guerra primitiva é o lado sombrio do comércio primitivo. Comunidades são obrigadas a participar em sistemas de troca. Quando esses sistemas são bem-sucedidos, o resultado é o comércio mutualmente benéfico. Quando a troca colapsa ou amarga, a guerra irrompe. Levi-Strauss escreve *"a troca comercial representa guerras potencias sendo resolvidas pacificamente, e guerras são o resultado de transações malsucedidas"*. Essa visão da guerra apresenta ela como um terrível acidente, argumentando de forma implícita que o comércio é uma forma de interação social superior. Como nós somos rápidos ao esquecer os sofrimentos do espírito para nos livrarmos dos sofrimentos da carne! E mesmo assim, quão rápido o corpo o corpo se cura enquanto o espírito se agarra aos seus ferimentos. "Tudo menos a guerra!", grita a sociedade tecnoindustrial e os seus oradores. Apesar disso, não podemos dizer que o comércio também assassina e tortura a carne? Não são os crimes cometidos em nome do comércio muito maiores do que os da guerra? Levi-Strauss e seus colegas não puderam ignorar esse fato: *"o comércio é frequentemente uma alternativa a guerra, e a maneira como ele é conduzido mostra que ele é uma modificação da guerra"*. Sim, o comércio deixou uma pilha de cadáveres capaz de dar inveja a qualquer guerra. Em outras palavras, Levi-Strauss vê a troca como o aspecto mais elementar da dinâmica de grupos primitivos. Todo o resto é visto apenas como uma variação desse tema. Clastres não aceita essa conclusão. É a guerra, afirma ele, que nos faz o que somos.

No mundo tecnoindustrial, nós vemos o comércio como um imperativo universal. Mas o comércio é necessário apenas quando comunidades são enfraquecidas e perdem a capacidade de prover o seu sustento. Nós sabemos que a vida nas comunidades primitivas é uma de abundância e lazer. Levando isso em conta, precisamos rever a noção de Levi-Strauss da guerra como o comércio que deu errado. A própria essência da comunidade primitiva está em sua autarquia *"nós produzimos tudo o que precisamos (comida e ferramentas), o que nos coloca em uma posição que nos permite viver sem os outros. Em outras palavras, o ideal autárquico é o ideal anti-comércio".* Isso não é para dizer que não havia comércio, mas Clastres estava absolutamente certo ao contestar a análise de seu professor. Sugerir que a relação da vida primitiva com a guerra e o comércio é acidental e primária é sobrevalorizar o papel das transações comerciais nessas comunidades. Levi-Strauss tenta nos convencer de que a guerra é um acessório em relação ao principal, que seria o comércio. Assim, Clastres escreve, Levi-Strauss superestima a importância do comércio.

Primórdios do Islã, uma sociedade reduzida a um empreendimento militar.

Se a guerra no contexto primitivo não é um substituto ou uma mutação das trocas comerciais, nem uma luta por recursos ou uma característica evolutiva desenvolvida por predadores, o que ela é? E como nós podemos entender a sua presença quase universal? Essas são questões que assombravam Clastres pouco antes de sua morte (em 1977, aos 43 anos, em um acidente de carro). Na época de sua morte, ele estava escrevendo um novo livro analisando o significado da guerra nas sociedades primitivas. Dois ensaios desse livro inacabado permaneceram. Nesses ensaios, Clastres refinou a sua ideia de que a guerra e a tortura são deliberadamente implementadas por comunidades primitivas para prevenir a emergência de um estado ou outros poderes hegemônicos, impedindo assim a desigualdade radical. A violência imposta quase constantemente em todos os membros da sociedade lembra a todos de seu lugar.

> *A lei que eles aprendem na dor é a lei da sociedade primitiva que diz a todos: Você não vale mais do que ninguém; você não vale menos que ninguém. Essa lei, escrita nos corpos expressa a recusa da sociedade primitiva de correr o risco da divisão, o risco de*

um poder separado da própria sociedade, um poder que fugiria do seu controle. A lei primitiva, cruelmente ensinada, é uma proibição da desigualdade que cada pessoa lembrará.

Esse é o monismo da vida primitiva. A violência cultiva a assembleia de multiplicidades, para pegar emprestado uma frase de Deleuze e Guattari, que estudaram Clastres. Além do mais, contrariando Hobbes, Clastres demonstrou que a guerra ocorria entre diferentes grupos, não dentro desses grupos. Aqui nós voltamos ao começo. A guerra não é nada mais do que a busca pela glória.

A ponto principal a ser notado sobre a guerra em um contexto tribal é que ela é por si só um objetivo, assim como uma resposta a uma necessidade. Para Clastres, a sociedade primitiva é uma singular e plural, difusa e concentrada, dispersada e coagulada. Não é surpreendente que o seu trabalho foi tão influente para Deleuze e Guattari e a teorização deles sobre a natureza da esquizofrenia e o rizoma. Nós podemos perceber imediatamente a sombria presença do corpo sem órgãos na análise de Clastres do grupo primitivo. O todo é maior do que a soma de suas partes. A tribo é um arranjo feito de pequenas rupturas na forma de seus membros. Clãs, ordens militares e irmandades cerimoniais integram o indivíduo. O que somos nós? Nós estamos aqui. Nós somos o lugar. Nós somos as coisas associadas a esse lugar. Nós somos a sua essência. A localidade da comunidade primitiva torna a sua natureza nômade ou sedentária irrelevante. Sejam eles agricultores assentados ou caçadores ambulantes, há um local e um direito territorial. Estar fora desse local, longe de casa, é uma experiência aterrorizante. Nesse sentido, há também um "movimento de exclusão", aqueles além da floresta, da planície, o outro. Nós podemos ser tentados a pensar na guerra como uma das consequências da territorialização. Mas se esse fosse o caso, os antropólogos não descobririam que a guerra ocorre na defesa de fronteiras tribais? Mas esse não é o caso. A guerra é ofensiva. O território é invadido, penetrado, e não mantido. Como é possível que o mundo primitivo se pareça com uma galáxia de estrelas? Grupos e bandos autocontidos que em suas diferenças iluminam a noite.

Cada comunidade, no sentido em que é indivisa, pode pensar em si mesma como "Nós". Esse "Nós" por sua vez se vê como uma totalidade na relação igual que ele mantém com outros "Nós" que constituem outras vilas, tribos, bandos, etc. A comunidade primitiva pode se ver como uma totalidade porque ela se institui como uma unidade; ela é inteira, por ser um "Nós" indiviso.

Como essa multiplicidade é mantida quando há tal união dentro da comunidade? Simples. Não há nada aqui para o homem com ambições políticas e econômicas. Aquele que acumula não pode fazer nada a não ser olhar enquanto suas riquezas são devoradas pelos seus semelhantes. Aquele que aspira por poder se torna acorrentado ao trono, sua garganta arrancada e transformada em um megafone para *a lei*. Essa é a sua recompensa se ele faz bem seu trabalho. Caso contrário, ele será massacrado. A forma que se apresenta diante de nós é um monólito. Uma visão da morte, estase, calcificação. Sem movimento ou energia. Mas a alma cristalina do mundo primitivo, dura, fria e perfeita é estilhaçada, se arrebentando e dando vida ao coração flamejante da guerra.

Finalmente nós chegamos a isso. O coração vivo da selva e do chaco, iluminado pelo estranho e fantasmagórico fogo da lua. A guerra é uma forma para as tribos *"testarem o próprio ser da sua sociedade"*. Qual é a natureza do mundo indiviso? É a sua recusa a se identificar com os outros, não mais que estrangeiros. Nós somos quem somos porque não somos você. E nós vamos afirmar a nossa identidade em sangue. "Nós somos todos o mesmo!" Clama a máquina industrial, o nervo de fibra óptica da civilização. Nós estamos todos unidos na escravidão do sistema tecnoindustrial. Nós somos idênticos. Nós somos a morte viva. *"Identificação"* escreve Clastres, *"é um movimento em direção a morte"*. A guerra e derramamento de sangue das sociedades primitivas é uma celebração, *"uma afirmação da vida"*. A mônada está sempre ameaçada pela decadência e colapso, a forca esfacelante que destrói todos os nossos monumentos. A guerra é o poder que resiste a dispersão.

Nós sabemos que a guerra é universal entre as comunidades primitivas. Clastres nos avisa sobre o risco de extrair desse fato uma confirmação da *"guerra de todos contra todos"* de Hobbes. Esse, na verdade, é o estado da guerra na sociedade tecnoindustrial. O mundo globalizado é facilitado por uma máquina de guerra que corre em um ritmo tão acelerado que o poder e a dominação se espalham inabalavelmente. Tudo e todos são inimigos, e todos são vitoriosos ou aniquilados. Gradualmente, toda a oposição é subjugada. Toda a autonomia é trazida sob controle. Pax Imperium. A paz reina apenas quando a própria terra é enterrada sob uma montanha de ossos. A paz é a morte. A amizade de todos é impossível pois ela aniquila a natureza da identidade. A inimizade de todos também é impossível pois ela conduz à paz silenciosa do túmulo. Clastres: *"a sociedade primitiva... não pode consentir a uma paz universal que aliena a sua liberdade; ela não pode se entregar a uma guerra geral que abole a sua igualdade"*. Esse é justamente o erro que Levi-Strauss comete ao igualar a guerra primitiva ao comércio. Você não pode ser amigo de todos da mesma forma que também não pode ser inimigo de todos. Essa é a complexidade da sociedade primitiva: há inimigos e aliados. Os primeiros necessitam dos últimos, e as duas categorias estão sempre em fluxo:

"A comunidade nunca lança uma aventura de guerra sem antes se proteger por meio de atos diplomáticos – festas, convites – depois dos quais alianças supostamente duradouras são formadas, mas que devem ser sempre renovadas, pois a traição é sempre possível e frequentemente real."

Tais alianças eram criadas e mantidas primeiramente através da troca de mulheres, que eram também acumuladas como espólios de guerra. Esse paradoxo, a troca de mulheres para formar alianças e a captura de mulheres através da guerra, ilustra para Clastres um desdém pela economia de trocas. Porque nós deveríamos trocar para obtermos mulheres quando podemos simplesmente ir pegá-las para nós? *"O risco [da guerra] é considerável (ferimentos, morte), mas os benefícios também: eles são totais, as mulheres são de graça"*. Incidentalmente, encontramos aqui mais refutações da proposição de Levi Strauss de que a sociedade primitiva é construída em torno da troca. Clastres observou que a própria troca é sempre feita em serviço da guerra. Em outras palavras, a troca apenas

ocorre como uma forma de conseguir aliados militares.

A guerra é uma forma de preservar a comunidade. A coesão, permanência e estabilidade da vida primitiva são todas conquistadas por um estado de guerra constante. Isso não significa, é claro, que estamos sempre guerreando, mas estamos sempre em guerra, somos sempre guerreiros, somos sempre a guerra. A permanência da guerra nas sociedades primitivas cria uma imagem e ideia da totalidade da qual tudo depende. Minha identidade é preservada através da guerra. Eu sou diferente por causa da guerra. Eu existo apenas através da guerra. A manutenção dessa particularidade e separação de identidades e comunidades não é um produto da guerra, e sim o seu propósito. A guerra produz "a multiplicação do múltiplo". Essa á a força que resiste o centrípeto, o movimento em direção ao centro. O derramamento de sangue do guerreiro cria uma estrutura elástica que permite dispersão e coesão. Por eras, implementos de guerra e ferramentas de agricultura permaneceram idênticos.

Como nós podemos ver, o que se aplica a uma crítica do estado vai muito mais além. Quando nós falamos da guerra e do guerreiro que se levanta contra o estado, estamos falando de algo muito mais profundo. A própria sociedade tecnoindustrial depende do banimento do guerreiro, que é subsumido em formas mais amenas a esse mundo e a sua lógica. O burocrata, o contador, o técnico. Como nota Clastres, *"a recusa do estado é a recusa da exonomia, da lei exterior, é simplesmente uma recusa a submissão"*. Não há nenhuma lei a não ser a nossa lei, a lei da faca, do dente. A medida que a guerra é direcionada para fora em direção ao inimigo, ao outro, ela é também uma política interna que preserva a integridade e a estabilidade interna da comunidade. A guerra facilita a preservação da autonomia em uma sociedade assim como a sua indivisibilidade e totalidade. Nós entendemos que o estado é aquilo que impõe a divisão de uma sociedade. O estado é o aparato da fragmentação, e enquanto a guerra primitiva permanecer, haverá sempre uma força contra o poder que ameaça destruir as conexões que nos unem. Não se deve deixar erodir nenhum grau de liberdade. O que os nômades inventaram foi a arma-homem-animal, a assembleia arco-homem-cavalo.

Então quem é o guerreiro? Quem é o homem que vive em guerra? No contexto primitivo nenhum homem é mais do que a sua capacidade para violência. Há, é claro, o que Clastres chama de *"uma hierarquia de prestígio"*, à medida que alguns homens são naturalmente mais corajosos que outro, além das habilidades de guerra também variarem. Apesar disso, o status do guerreiro e o seu lugar entre os seus não lhe confere um aumento em seu poder político. Não há subdivisões dentro do grupo, e o comando não traz honra; disciplina e obediência exercem pouca influência aqui. Cada homem luta por uma razão particular, e as ordens do chefe de guerra não são uma grande preocupação. De fato, como Clastres notou, chefes de guerra que tentam ditar ordens são ignorados ou até mesmo massacrados. Não, o guerreiro luta por seus próprios fins pessoais, ele *"obedece apenas a lei de seu desejo e vontade"*. Nesse sentido, há uma variedade considerável na figura do guerreiro que se apresenta em sociedades primitivas.

Ao mesmo tempo que é correto dizer que o homem primitivo é um guerreiro por definição, nem todos os homens recebem o chamado para esta tarefa da mesma forma. O centro dos homens de guerra é composto por aqueles que se tornaram inflamados pela sua paixão por sangue e pela glória. Esses são os homens que se devotam completamente a violência e a busca pela honra. Eles não existem para nada mais. Todo homem tem potencial para ser guerreiro, mas nem todos cumprem esse destino. Como diz Clastres: *"todos os homens vão para a guerra de vez em quando... alguns homens vão para a guerra constantemente"*. Quando uma vila é atacada, todos os homens claramente vão agir como guerreiros. Mas há aquela classe especial que deve se envolver em atividades guerreiras mesmo em tempos de paz. Eles não vão para a guerra para responder as necessidades dos outros, mas porque o tambor está sempre batendo dentro de seus peitos.

Momentos de ameaça externa e perigo coletivo podem transformar qualquer comunidade em uma comunidade de guerra, e isso é naturalmente universal. O que é mais particular é o crescimento de sociedades de guerreiros. Apesar disso, existem amplos exemplos de comunidades que institucionalizaram a prática da guerra. Nessas comunidades existe uma dedicação total à guerra, que é o centro de todo o poder político e ritual. Nós sabemos que isso se aplica aos Huron, Algonkin, Iroquouis, Sioux, Blackfoot e Apache. Mas para Clastres, não há exemplo melhor que as tribos do Grande Chaco, uma terra hostil, dura e espinhosa que cobre grande parte do Paraguai, Argentina e Bolivia. Entre os *chaquenos* a guerra é valorizada acima de tudo, uma lição aprendida de forma dura pelos conquistadores.

As tribos do Chaco veneravam a guerra tão profundamente que os jesuítas do século 18 tiveram que simplesmente desistir de sua missão porque não havia nada que pudessem fazer para diminuir o amor dos *chaquenos* pelo combate e por derramamento de sangue. Em 1966, quando Clastres viajou entre os Abipone, os Guaicuru e os Chulupi, a memória das antigas batalhas ainda estava fresca entre eles, e a ideia do guerreiro ainda presente na mente das pessoas. A aceitação dentro de uma sociedade de guerreiros é para eles uma forma de nobreza, e a glória e prestígio acumulado por um grupo de guerreiros é refletida na comunidade como um todo. O papel da sociedade nesse caso é desempenhar cerimônias: danças e rituais que encorajam e celebram as conquistas de seus guerreiros para que eles continuem a buscar prestígio.

O machado de batalha de bronze dos Hyksos e a espada de ferro dos Hititas já foram comparadas a bombas atômicas em miniatura.

Entre esses guerreiros, os mais agressivos são os mais valorizados, e esses são geralmente homens jovens. Os Guaicuru estabeleciam cerimonias rituais para a entrada das sociedades guerreiras que era distinta dos ritos de iniciação pelo qual todos os jovens passavam. Apesar disso, entrar nesse grupo seleto não garantia aceitação na *niadagaguadi*, a irmandade dos guerreiros. Essa aceitação só ocorria através de feitos em batalhas e expedições de guerra. Em outras palavras, a decisão de se tornar um guerreiro significa perseguir esse objetivo com foco, determinação e principalmente paixão singular. O jesuíta do século 18 Sanchez Labrador escreveu

dos Guaicuru: *"eles são completamente indiferentes a tudo, mas cuidam de seus cavalos e de suas armas com grande dedicação"*.

Fomentar esse cuidado pela violência é o objetivo principal da pedagogia primitiva, e frequentemente observadores europeus comentaram com horror a violência brutal que é infligida muitas vezes sobre crianças pequenas, que devem entender essa violência como um prelúdio para a vida de guerra na qual elas irão ingressar. Labrador e outros missionários foram frustrados a cada passo pelo fato de que o conceito de amar o seu vizinho não tinha significado nenhum para os *chaquenos*, e a cristianização nesse contexto era impossível: *"Os jovens Abipone são um obstáculo para o progresso da religião. Em seu desejo ardente por espólios e glória militar, eles estão avidamente cortando as cabeças dos espanhóis e destruindo suas ferramentas e seus campos"*. O guerreiro, como foi dito acima, insiste na necessidade de guerra a todos os custos, tendo a paz sido estabelecida ou não.

A experiência dos jesuítas no Chaco foi ecoada pelos franceses no Hemisfério Norte. Champlain, ao tentar consolidar alianças e tratados de paz entre os Algonkin e Iroquois para facilitar o comércio, foi constantemente derrotado. Ele escreve que seus esforços foram frustrados em uma circunstância particular por *"nove ou dez jovens desmiolados que decidiram ir guerrear, o que eles fizeram sem que ninguém conseguisse dissuadi-los, devido à pouca obediência que eles dão aos seus chefes"*. Aqui nós vemos novamente que o chefe não tem nenhum poder diante do guerreiro. A guerra não pode ser impedida, independentemente do ímpeto político para impedi-la.

Mesmo ocupados em exterminar um continente, os europeus fizeram esforços constantes para interromper guerras locais. Os franceses, por exemplo, compraram tantos prisioneiros Iroquois quanto eles conseguiram dos Huron para poupá-los da tortura e para poupar as próprias tribos da retaliação inevitável. Um chefe Huron respondeu da seguinte maneira a uma oferta de compra de prisioneiros:

> *"Eu sou um homem de guerra e não um mercador, eu vim para lutar e não para barganhar; minha glória não é trazer presentes de volta, e sim prisioneiros, e eu não posso aceitar suas machadinhas nem caldeirões; se você quer tanto nossos prisioneiros, venha pegá-los! Eu ainda tenho coragem de encontrar outros. Se o inimigo tirar a minha vida, será falado no país que desde que Ontonio tomou nossos prisioneiros, nós nos lançamos a morte para buscar outros".*

A incapacidade de dissuadir guerreiros da violência não é de forma alguma exclusiva aos europeus. Essa mesma dinâmica pode ser encontrada dentro dessas próprias comunidades. Clastres reconta a história de um ataque dos Chulupi a um acampamento Boliviano nos anos 30 que foi sabotado por um grupo de jovens guerreiros que decidiram que o inimigo deveria ser massacrado até o último homem. Sentindo que essa sede de sangue poderia atrapalhar a missão, os veteranos e os chefes expulsaram os jovens da excursão. *"Nós não precisamos de vocês. Há o suficiente de nós"*, respondeu um dos jovens guerreiros. Clastres relatou que não havia mais de doze deles.

Genghis Khan e seus seguidores conseguiram durar por um longo tempo integrando-se parcialmente nos impérios conquistados enquanto ao mesmo tempo mantinham um espaço suave nas estepes ao qual os centros imperiais eram subordinados.

Como nós já estabelecemos, a guerra funciona nas comunidades primitivas como uma forma de preservar a autonomia e prevenir o acúmulo de poder político e o surgimento do estado. O papel do guerreiro é guerrear. E o guerreiro é o homem que tem paixão pela guerra. Mas qual é a fonte dessa paixão? Expressada de forma simples, essa paixão do guerreiro pela guerra deriva de sua fome selvagem e desesperada por prestígio, honra e glória. Isso nos ajuda a entender a dimensão existencial do ato de guerrear. O guerreiro só consegue se realizar plenamente se a sociedade lhe confere significado. O prestígio é o conteúdo desse significado. A comunidade confere prestígio ao guerreiro que realiza certos atos de guerra, que como já vimos, aumenta o prestígio e honra da comunidade como um todo. O cálculo do prestígio é decidido pela sociedade, que pode considerar certos atos de guerra imprudentes e não conferir nenhum prestígio a esses atos. Talvez seja desnecessário mencionar que a linhagem e hereditariedade não conferem nenhum prestígio. Em outras palavras, a nobreza não pode ser herdada; a glória só pode ser conquistada pela mão do homem que a procura; ela não é transferível.

Então, através de quais atos de guerra particulares um guerreiro pode conquistar prestígio? No primeiro caso, Clastres identifica a importância de espólios. Como a guerra primitiva geralmente não é travada para conquistar territórios, espólios são primários. Espólios tem um significado simbólico e material. Por um lado, há espólios como armas e metais, que podem ser usados para fazer mais armas. Do outro lado, dentre os *chaquenos*, cavalos ocupam uma posição peculiar na hierarquia dos espólios. Devido ao vasto número de cavalos no Chaco, eles não têm nenhum valor de uso ou troca além de constituir grande parte dos espólios de guerra. De fato, Clastres relata que certos indivíduos entre os Abipone e Guaicuru possuíam dúzias ou mesmo centenas de cavalos. Possuir cavalos demais era considerado uma drenagem dos recursos da família ou comunidade. Ao invés disso, o roubo de cavalos contribuía para a acumulação de espólios através da pura guerra ou esporte. Isso é claro, não quer dizer que as tribos não guardavam seus cavalos com atenção, nem que o roubo de cavalos não envolvia derramamento de sangue ou morte.

Prisioneiros são o espólio de guerra mais valoroso entre os *chaquenos*. Sanchez Labrador escreveu dos Guaicuru, *"seu desejo por prisioneiros... é inexpressível e frenético"*. A experiência de ser um prisioneiro em comunidades primitivas varia tremendamente de tribo para tribo. Em alguns casos, os prisioneiros fazem todo o trabalho, permitindo aos homens, mulheres e crianças todo o tempo de lazer. Em outras comunidades a distinção entre prisioneiro e não-prisioneiro é vaga; prisioneiros vivem e lutam ao lado de seus captores. O alto valor dos prisioneiros entre as tribos do Chaco pode ao menos parcialmente ser atribuído a baixa taxa de crescimento

da população. Labrador notou que muitas famílias tinham apenas uma ou mesmo nenhuma criança. Além disso, em muitas comunidades o número de mulheres superava o de homens em uma proporção de seis para um. Naturalmente, nós podemos assumir a alta taxa de mortalidade entre os homens como uma causa, mas a taxa extrema de mulheres para homens poderia mitigar esse fato através da poligamia. Além do mais, temos que levar em conta as epidemias trazidas pelos conquistadores. A hostilidade extrema dos *chaquenos* em relação a estrangeiros, porém, diminuiu dramaticamente o impacto de micróbios vindos de fora. Os dois fatores parecem explicar o fenômeno apenas parcialmente. Clastres concluiu que as mulheres do Chaco simplesmente não querem ter filhos.

Esse é o elemento cosmicamente trágico da sociedade-para-a-guerra primitiva, o desejo pela guerra traz com ele a recusa de dar luz a crianças; *"mulheres jovens concordavam em ser as mulheres dos guerreiros, mas não as mães de suas crianças"*. Essa é a razão pela qual a captura de prisioneiros, especialmente crianças e mulheres estrangeiras, que eram considerados importantes. Crianças podiam ser facilmente integradas a sociedade através da Lei da violência, e mulheres estrangeiras tinham menos chances de manter o desgosto das *chaquenas* pela procriação.

É claro que existem mais dimensões socioeconômicas da guerra primitiva além da acumulação de espólios para prestígio. Os Abipone e Guaicuru abandonaram a agricultura porque ela é incompatível com a guerra permanente. Incursões providenciavam ganhos simbólicos, além de um estimulante necessário para o crescimento da população, como vimos, mas elas também são uma boa forma de adquirir bens de consumo. De qualquer forma, porque investir a força de trabalho necessária para a agricultura quando você está lutando por glória? Essa dinâmica é ilustrada pela linguística Guaicuru, que designa o termo "guerreiro" como "aqueles graças a quem nós comemos". O guerreiro é então o provedor da comunidade. O Apache, por exemplo, que também abandonou a agricultura, só permitia a guerra se fosse determinado que a ação traria espólios suficientes.

Mas há outras formas para o guerreiro obter prestígio além de espólios. De fato, como Clastres e outros já observaram, um guerreiro que retornava para a vila sem o escalpo de um inimigo morto não ganhava nenhuma glória, independente de quantos cavalos, mulheres ou aço ele trouxesse de volta. A prática de escalpamento, comum na América do Sul e do Norte, indica explicitamente a aceitação de um homem em uma sociedade de guerreiros. Clastres aqui chama atenção para uma distinção notável, porém sutil. Um homem que mata um inimigo, mas se recusa a tirar o seu escalpo não pode ser um guerreiro. Para aquele que foi consagrado para a batalha, matar é insuficiente, ele é compelido a tomar o seu troféu. Aqui nós podemos pensar na distinção feita entre aqueles que são dedicados a guerra e aqueles que simplesmente respondem as necessidades da comunidade quando as circunstâncias demandam.

O escalpo, como um troféu de guerra, é um objeto de grande significado. Para começar, Clastres escreve que *"há uma hierarquia de escalpos. Cabelos de cabeças espanholas não eram desdenhados, mas não eram nem um pouco estimadas comparadas com os escalpos de outros índios"*. Alguém poderia assumir que um escalpo do espanhol, do conquistador, do genocida, seria altamente valorizado, mas é um testamento para o orgulho e autonomia dos *chaquenos* que eles não valorizavam os espanhóis o suficiente para considerar matar um deles como uma conquista significativa para um guerreiro. Para os Chulupi, por exemplo, o escalpo de um Toba era o prêmio mais valioso, devido a gerações de animosidade compartilhada entre os dois grupos. Depois da morte de um guerreiro a sua família queima todos escalpos acumulados por ele sobre o seu túmulo; sua alma ascenderá para um paraíso guerreiro sobre o caminho formado pela fumaça. Para os Chulupi, não havia nada melhor do que ascender sobre um caminho feito pela fumaça de escalpos Toba.

Nós falamos que escalpar um inimigo era um requisito para entrar em uma sociedade de guerreiros, mas esse é apenas o começo de sua jornada. O guerreiro, como o escravo de Hegel, está sempre em um estado de devir. Da mesma maneira que ele não herda nada dos atos gloriosos de seus pais, com cada escalpo que ele toma ele deve recomeçar novamente. Não importa quantos escalpos um guerreiro tem pendurados nas paredes de sua cabana. Quando ele para de tomar escalpos, a sua glória chega ao fim. A busca e apetite por prestígio são uma compulsão. Clastres, que corretamente coloca o guerreiro em uma dimensão existencial, escreve que *"o guerreiro é em essência condenado a seguir em frente forjando"*. Ele nunca tem escalpos suficientes. Sua sede de sangue nunca é saciada. O guerreiro é então, paradoxalmente, uma figura quintessencialmente moderna. Ele está sempre dessatisfeito e inquieto. Ele é neurótico. Ele é formado e condicionado por forças conflitantes, uma alma que tem sede de glória mas que depende de uma sociedade para reconhecer e presenteá-lo essa glória: *"para cada incursão completa, o guerreiro e a sociedade pronunciam o mesmo julgamento: O guerreiro diz [Isso é bom mas eu posso fazer melhor, eu posso aumentar a minha glória]. A sociedade diz [Isso é bom mas você deveria fazer mais, e obter o nosso reconhecimento de um prestígio superior]"*. Esse paradoxo é sentido de maneira mais aguda pelo fato das incursões e da glória que elas conferem serem puramente individuais. O guerreiro não representa uma mentalidade de equipe. É cada homem em busca de sua própria glória.

Da mesma maneira que escalpar um inimigo e se juntar as fileiras daqueles que estão vivendo a guerra não é suficiente para um guerreiro, também é insuficiente para ele participar de várias incursões contínuas e retornar sem escalpos. Esse ciclo só pode trazer prestígio até um ponto, pois o guerreiro só pode se arriscar até um ponto nessas incursões. Para conseguir prestígio, um guerreiro deve também se distinguir de todos os outros guerreiros. Ele deve continuamente ir atrás de novas incursões cada vez mais arriscadas e sangrentas. Cada ato de guerra é um desafio para outros guerreiros: você consegue fazer melhor? Isso pode ser feito de várias formas. Um guerreiro ou grupo de guerreiros pode decidir penetrar cada vez mais profundamente no território do inimigo e dificultar a sua própria fuga. Um guerreiro pode guerrear contra um inimigo particularmente conhecido por sua coragem, agressividade ou proeza. Um guerreiro particularmente corajoso pode guerrear a noite, o que é geralmente considerado imprudente devido a ameaça adicional de espíritos hostis. Finalmente, um guerreiro pode ir para a linha de frente da batalha, deliberadamente colocando o seu

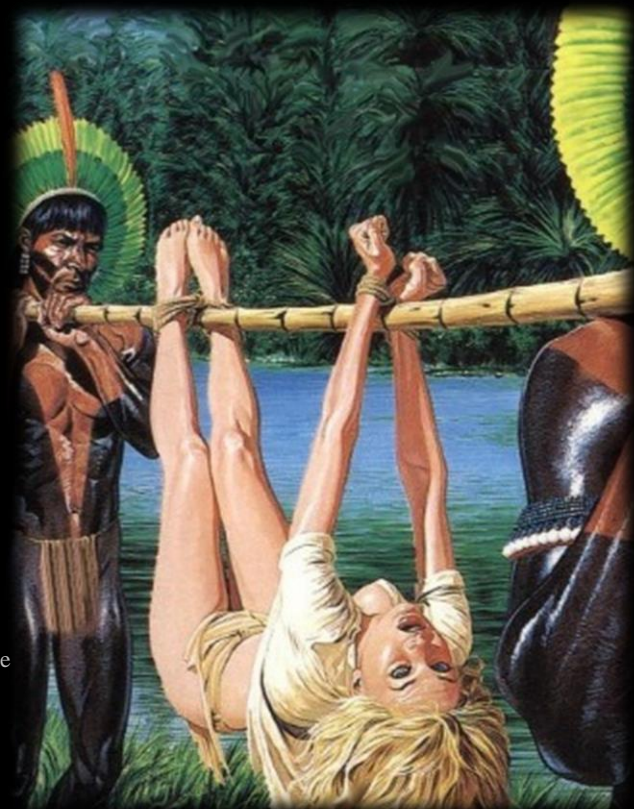
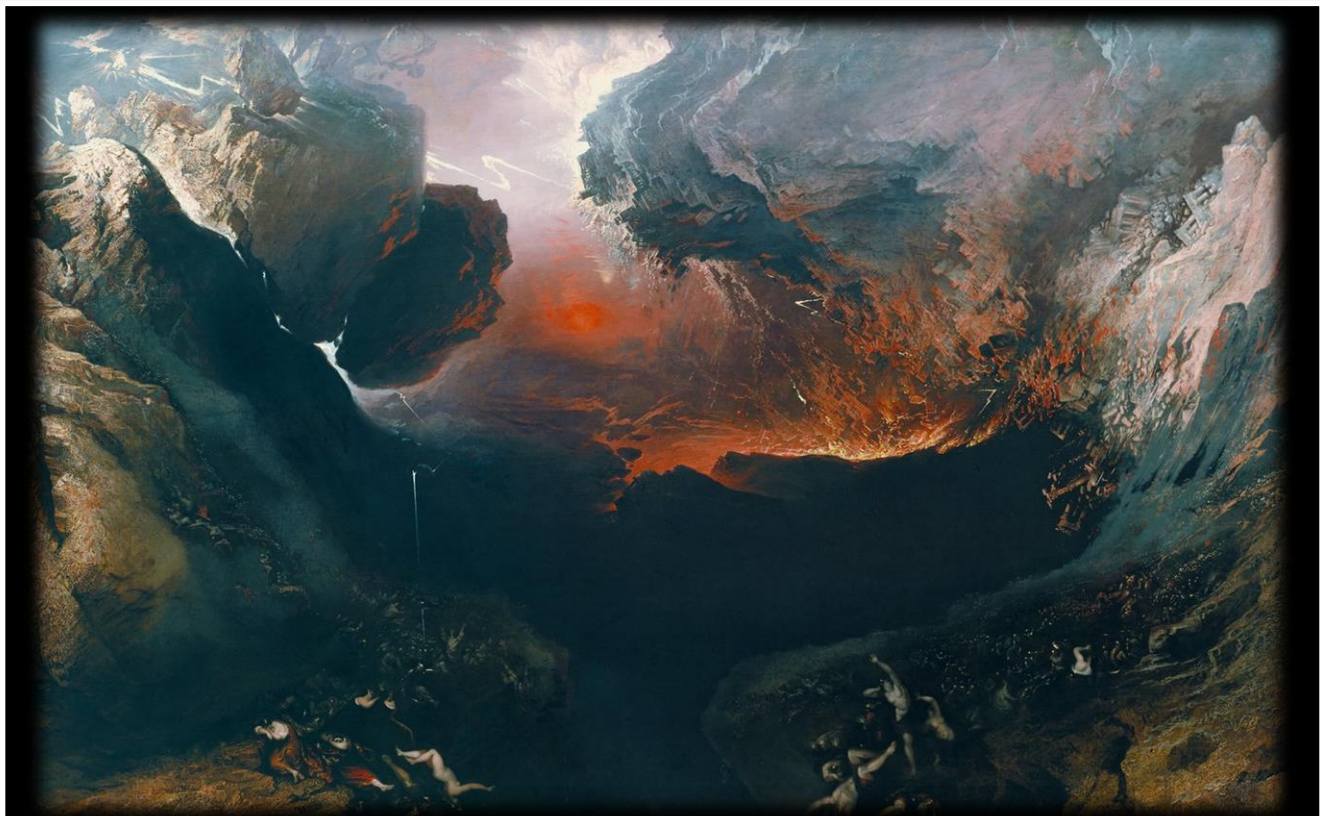
corpo na mira das flechas e balas do inimigo. O ato que universalmente confere o maior nível de prestígio é aquele do guerreiro solitário que se separa de seus companheiros para atacar o inimigo em sua posição mais forte, em seu próprio acampamento: "sozinho contra todos". Essa é a única coisa que resta fazer para um guerreiro de grande prestígio.

Notavelmente, o auge desse vigor guerreiro é compartilhado por tribos pelo Hemisfério Ocidental. Champlain escreve sobre a tentativa de dissuadir um guerreiro Algonkin de atacar sozinho um acampamento Iroquois, *"ele respondeu que viver seria impossível para ele se ele não matasse seus inimigos"*. De forma similar, os jesuítas franceses entre os Huron notaram com horror que *"às vezes um inimigo, totalmente nu e armado apenas de uma machadinha, tinha a coragem de entrar nas cabanas de uma vila a noite sozinho, e após assassinar aqueles que ele encontra dormindo, fugir enquanto cem ou duzentos homens o perseguem por um ou dois dias inteiros"*.

As histórias de coragem contadas para Clastres quando ele estava entre os Chulupi ecoam esse tipo de coragem suicida; um guerreiro famoso, após realizar todos os outros feitos gloriosos, não teve outra escolha além de montar seu cavalo e penetrar cada vez mais profundamente no território inimigo. Sozinho, ele atacou um acampamento inimigo após o outro, sobrevivendo dessa maneira por dias até ser finalmente abatido. O culto a coragem é tanto que os Chulupi até veneram a memória de um guerreiro dos Toba, seus inimigos eternos. Esse homem era conhecido por infiltrar acampamentos Chulupi noite após noite e escalpar vários homens antes de desaparecer sem deixar rastros. Eventualmente, ele foi encontrado por um grupo de guerreiros Chulupi e morto sob tortura sem se acovardar em nenhum momento.

É precisamente esse desdém pelo perigo, dor e morte que corresponde a maior glória. Como Clastres nota, os espanhóis sempre ficavam confusos porque quando eles capturavam um guerreiro Tupi-Guarani, ele nunca tentava escapar. Enfrentar a tortura e a morte com coragem traz glória, ao contrário de escapar. De fato, um prisioneiro que escapou é rejeitado pela sua comunidade quando ele retorna: *"ele é um prisioneiro. Seu destino tem que ser realizado"*. Esse destino é invariavelmente o de tortura e morte, seguido por canibalismo. O destino do guerreiro é continuar a se colocar em situações cada vez mais perigosas, e eventualmente, independente de seus sucessos passados, ele é fadado a morrer sozinho nas mãos de seus inimigos. Ele é um nômade ambulante, sempre viajando a linha entre a vida e a morte: *"O guerreiro é, em seu ser, um ser-para-a-morte"*.
O instinto para a morte pode não superar o instinto por glória e prestígio, mas nós devemos observar que um se torna o outro. O instinto para a morte pode ser um fator mais influente do que gostaríamos de admitir.

Em um dos últimos ensaios que Clastres escreveu antes de sua morte, ele se lembra de um encontro com dois velhos homens Chulupi. Os dois tinham cerca de 65 anos de idade. Os dois haviam participado de incontáveis batalhas, tinham os corpos cobertos de cicatrizes e haviam matado dúzias de homens. Apesar disso, Clastres se surpreendeu ao descobrir que nenhum dos homens havia tomado escalpos ou entrado na Kaanokle, a sociedade dos guerreiros. Quando Clastres perguntou porque eles não queriam entrar nesse grupo de prestígio, os dois responderam que eles simplesmente não queriam morrer. Isso é profundamente ilustrativo da dinâmica do instinto para a morte que descrevemos anteriormente: *"insistir na glória ligada ao título do guerreiro significa aceitar o preço ao mais ou menos longo prazo: a morte"*. Ser um guerreiro, como já vimos, significa nunca parar de perseguir a glória e enfrentar perigos cada vez maiores. Para muitos homens, é melhor renunciar a perseguição sem fim de prestígio e simplesmente ser esquecido pela comunidade do que ser aprisionado por uma paixão pela matança. Esse é o pesar do guerreiro: renunciar o prestígio, a fama e a glória ou viver todo dia banhado de sangue, se aproximando cada vez mais da morte.

No fim das contas, a significância de Clastres está em se certificar de que nós entendemos quão fundamental é a violência para as sociedades primitivas. Além do mais, é importante também que nós entendamos que a violência primitiva não é uma mancha em uma existência que tirando essa violência é idílica, mancha essa que deve ser varrida para debaixo do tapete para promover uma visão prescritiva para o futuro. Clastres demonstrou que o que é desejável, substantivo, e eminentemente merecedor de emulação na sociedade primitiva se dá precisamente e é constituído por uma violência constante e sempre presente. Nós devemos nos recusar a ignorar a importância da violência para a criação da comunidade. Nós devemos reconhecer, de fato, que apenas a violência entendida apropriadamente é o único meio para alcançar a forma de sociedade que desejamos.

Apocalipsis Ohlone

Reflexão do editor-chefe da revista Atassa.

Estive lutando um pouco para chegar a uma reflexão sobre o décimo nono comunicado de ITS, considerando que creio que é importante e digno de um comentário. Há algumas coisas que ainda não estou seguro sobre este texto, e algumas outras que creio que se articulam de uma maneira fascinante. Por exemplo, este é o primeiro texto eco-extremista que é expressamente extincionista, ao menos nos termos da espécia humana em seu estado atual em 2016. Não creio que isso tenha sido abordado antes de modo tão cru: no máximo, em alguns textos eco-extremistas foi falado de ataques indiscriminados como se as vidas dos híper-civilizados não importassem. Aqui, a diferença é que o texto abordado diz que o híper-civilizado deve ser extinto. Ponto final.

Eu observei que no passado as culturas mais civilizadas tinham um ponto de vista apocalíptico ("Apocalipse" em grego significa "Revelação"). A civilização sempre teve um desejo de morte. Os líderes de algumas das nações mais poderosas da Terra hoje professam religiões que creem que o mundo terminará com uma chuva de fogo, e que isso é uma coisa boa. Outros são guiados por ideologias que afirmam que o mundo físico é meramente uma ilusão. O estranho então não é que o eco-extremismo tenha uma visão pessimista da humanidade, é mais, é que os que criticam o eco-extremismo sobre este fato nem se dão conta de que isso não é nada excepcional no contexto da civilização, como se desenvolveu durante milhares de anos. De fato, a questão mais urgente, comparativamente falando, é porque o progressismo de esquerda consideraria a humanidade como algo distinto de um esforço finito: um projeto com uma data de vencimento. O livro “The Ohlone Way: Indian life in the San Francisco-Monterey Bay Area” de Malcolm Margolin, é um dos livros mais influentes que já li nos últimos anos. Cresci naquela parte do mundo, então sua descrição da terra antes da chegada dos europeus me tocou como uma tonelada de tijolos. Lembro-me desta região como um intercâmbio entre a terra agrícola e urbana, com um terreno montanhoso selvagem no meio. Antes dos europeus, a terra estava úmida e cheia de caça, era o lugar de animais como a lontra do rio e o urso pardo que já não podem mais ser vistos ali.

Um trecho interessante no livro indica que o "Ohlone" (agrupamento das tribos linguísticas dessa região que possivelmente seja arbitrária), tinha um sentido de natureza finita da existência humana como um todo. Como escreve Margolin:

"Mas no fundo [o Ohlone] sabia que seu mundo estava condenado, destinado à completa destruição. No princípio, no Tempo Sagrado, o poder era puro e impressionante, mas desde então esteve sempre deslizando, diminuindo em qualidade, quantidade e intensidade. As pessoas de hoje eram menos poderosas que seus avós antes deles. Um pessimismo e um fatalismo enraizados percorriam sua visão de mundo. As coisas estavam piorando em cada geração, e em algum momento no futuro deste magnífico mundo, como os mundos anteriores, estaria minado pelo poder. As pessoas deixariam de fazer suas danças e cerimônias, e o

mundo Ohlone – seu formoso mundo vivo – entraria em colapso sobre si mesmo e se dissolveria no caos. Então talvez os espíritos se levantariam novamente, misteriosamente nascidos de uma inundação – espíritos como a Águia, o Coiote e o Colibri – para criar mais uma vez um mundo novo, claro, incrivelmente poderoso, um mundo talvez povoado por uma nova raça de pessoas, mas um Mundo que certamente não teria os Ohlones."

Estou disposto a admitir que algumas das ideias de Margolin podem aqui ser uma profecia posterior aos acontecimentos de um povo conquistado. Mas existe uma interessante base existencial para os povos indígenas da costa central da Califórnia acreditarem nisso. Por um lado, relativamente falando, não havia muitos deles. Estes indígenas viviam em uma terra cheia de animais, e o homem nem sequer era o animal mais perigoso da Califórnia antes da chegada dos europeus. Havia uma boa chance de que os adultos fossem atacados por ursos pardos ou perseguidos por gatos selvagens, assim como nesta era moderna, sempre há uma boa possibilidade de morrer de um acidente de carro. Margolin escreve:

"Mas o conhecimento íntimo dos animais não levou à conquista, nem sua familiaridade desprezada. Os Ohlones viviam em um mundo em que as pessoas eram escassas e os animais eram muitos, onde o arco e a flecha eram o auge da tecnologia, onde um cervo que não se aproximasse de uma maneira adequada poderia escapar facilmente, e um urso poderia concebivelmente atacar. Vivia em um mundo onde o reino animal ainda não havia caído sob o domínio da raça humana e onde (como é difícil para nós compreender plenamente as implicações disso!) as pessoas ainda não se viam como os senhores indiscutíveis de toda a criação. Os Ohlones, como os caçadores de todo o mundo, adoravam os espíritos dos animais como deuses, imitavam movimentos de animais em suas danças, buscavam poderes animais em seus sonhos e até mesmo se viam como pertencentes a clãs com os animais, como os seus antepassados. A poderosa e graciosa vida animal da Área da Baía não só encheu seu mundo, mas encheu também suas mentes."

O híper-civilizado, é claro, interpõe-se, a "Água debaixo da ponte!" aqui, mas na verdade não é. Meu próprio senso é que, o ódio à humanidade por si só é gerado por muita familiaridade. Os povos indígenas do centro da Califórnia (e de outros lugares) podiam olhar uma paisagem, pradarias, montanhas, rios, etc., e ver uma abundância de vida, uma panóplia de seres vivos. O homem moderno faz isso de modo que, quando olhe, enxergue apenas a si mesmo. Alguns podem dizer que isso é uma coisa boa, mas acima de tudo ele mesmo fica chateado com isso. O bem elimina a humanidade através de seus óculos de sol, fones de ouvido, telas de smartphones, etc. Ou consome a humanidade como mercadoria, auto-selecionada, criada para vender de acordo com a atratividade física, a inteligência percebida, o interesse comum, etc. Pensam que não há nada fora do ser humano, fora do ego e fora dos pensamentos sobre o mundo. E as pessoas se sentem particularmente inteligentes e eruditas ao pensar em tais absurdos, apesar de sangrarem e se decomporem aos demais… Minhas próprias investigações sobre a chegada da civilização europeia a partes do que hoje é "América", concluem que a última ferramenta da conquista não era a tecnologia ou a doença (tomada em si mesma). Era um jogo de números: havia apenas mais homens brancos, especialmente no que agora são os Estados Unidos. Os guerreiros indígenas eram frequentemente mais valentes, melhores lutadores e com vantagem no campo, mas as ondas de conquistadores e imigrantes continuavam vindo e devastando a terra, transformando-a, matando os animais e despejando-a de suas características anteriores em muitos lugares. Não é que os povos indígenas tivessem necessariamente uma perspectiva mais "holística" da terra, ou que fossem mais "virtuosos", que não eram muitos. A diferença quantitativa foi feita para as diferenças qualitativas em perspectiva. Em lugares cheios de energia, vibrantes e cheios de vida, é difícil conceber a superioridade humana como um conceito plausível. Pegue a destruição da terra, da vida silvestre, contaminando os rios e envenenando o ar, para chegar ao lugar onde se olha ao redor e se vê apenas o Homem. E então ele acaba odiando a si mesmo, tendo que olhar fixamente para si próprio e ter o poder absoluto percebido em se matar, levando junto o resto do planeta. Os povos indígenas da Califórnia, é claro, morreram, seu mundo foi silenciado junto com tantos outros. O que os substituiu é agora o mundialmente famoso Silicon Valley, junto com o que tem sido considerado o “Salad Bowl of the United States,” produzindo grande parte da alface e outros produtos consumidos nas mesas dos estadunidenses. O progressista não quer admitir isso, mas a troca entre o Homem e a Natureza neste ponto é uma preposição "ou bem/ou", não "ambas/e" preposições. Você pode ter seres humanos, a grande maioria dos quais dependem ou apoiam a civilização e tudo o que ela representa ou pode ter coisas como água limpa e ar fresco que fazem com que a vida humana vala a pena viver. Você não pode ter ambos, não nesta etapa do jogo. É por isso que não choro pelos híper-civilizados, e não me queixo dos atos indiscriminados contra eles, e sigo escrevendo sobre estes atos. Uma vez que você se converte em um inimigo da civilização, se você é realmente um inimigo da própria humanidade, isso depende de como honestamente você tira suas premissas.

Como eu disse no início desta reflexão, as pessoas mais civilizadas admitem isso em segundo plano. Elas acreditam que Jesus, Alá ou Javé, virá e destruirá o mundo com fogo e estabelecerão uma Cidade Eterna que não pode desmoronar ou decair. São esses ateus e esquerdistas menos honestos que confundem a humanidade com um projeto transparente e permanente. Os primeiros acreditam que é preciso seguir a moralidade para que esta Cidade Eterna possa surgir, os últimos creem que é preciso seguir a moralidade para manter a Humanidade tal como está flutuando em sua missão de se tornar uma instituição eterna. Os primeiro se baseiam numa mentira, mas é muito realista em termos de meios para alcançar o resultado desejado. Os últimos são, sem dúvida, completamente enganados.

A falta de preocupação com os híper-civilizados, pelos domesticados que apenas amam a si mesmos, é base do pensamento eco-extremista, e é um aspecto desse pensamento que defendo totalmente. Não posso deixar de citar o poema de Robinson Jeffers na íntegra, este é o texto mais apropriado para pôr fim a esta reflexão. Descreve uma cena da terra de Esselen, ao sul do território "Ohlone":

"Mãos Dentro de uma caverna em um estreito desfiladeiro próximo de Tassajara
A Abóboda de pedra é pintada com as mãos;
Uma multidão de mãos no crepúsculo, uma nuvem de palmas de homens, não mais,
Não há outra foto. Não há ninguém que diga
Se os tímidos e silenciosos marrons que estão mortos tentaram
Religião ou magia, ou fizeram seus traços
Na ociosidade da arte; Mas sobre a divisão dos anos estes cuidadosos
Sinais-manuais agora são como uma mensagem selada
Dizendo: "Olhe: nós também somos humanos, Tínhamos mãos, não patas.
Todos louvam
Vocês com as mãos mais inteligentes, nossos fornecedores
No formoso país; Desfrutar dela na temporada, de sua beleza, e baixa
E foi suplantado; Porque vocês também são humanos."

Um Poema de Guerra

Caminho nos bosques e escuto as canções das aves e o esmagar das folhas, mas as máquinas que gemem e gritam ficam mais barulhentas a cada dia.
Tudo o que escuto é morte.

Caminho nos bosques e busco os selvagens, os coelhos, os cervos e javalis
Seus corpos jazem apodrecidos em um montículo e isso preenche o meu coração de dor.
Tudo o que cheiro é morte.

Caminho nos bosques e busco os antigos carvalhos, praias e cinzas
Seus corpos jazem empilhados ao lado do caminho e a sabedoria de anos
se perde após o "progresso". Tento respirar, mas o ar está enfermo
Tudo o que saboreio é morte.

Diante de mim jaz uma paisagem torturada, uma ferida aberta e supurante sobre a terra
Onde as máquinas de nossa morte coletiva rastejam como parasitas
Arrancando as entranhas da terra para construir seus monumentos da artificialidade.

Diante de mim jaz uma montanha, uma montanha que nunca deveria ter existido e está alinhada com árvores, filas após filas de árvores que nunca deveriam ter existido.
Árvores que já estão mortas.

O sangue da terra corre para trás e encharca minha pele, sei que me envenena
Mas esta agonia eu mesmo faço. Tomo este sofrimento e o converto em uma arma em meu interior, o qual se estende do abismo de minha mente até a palma das minhas mãos, onde a conspiração se torna realidade.

Caminho nos bosques e escuto o som de meus inimigos, sei que me temem,
Porque seu sofrimento já não é uma opção. É tão duro como uma realidade
Como a dor a qual todos nós fomos submetidos. A vingança arde luminosamente em minhas mãos
Tudo o que vejo é morte.

-A

Extraído da segunda edição da Revista Ajajema.

É o Momento de Beijar a Terra Novamente

Texto extraído e traduzido de Reflexiones Eco-extremistas N°3.

"Você nunca pode recuperar uma visão antiga uma vez que tenha sido suplantada, mas o que podemos fazer é descobrir uma nova visão em harmonia com as memórias antigas, distante, longe, remota experiência que se encontra dentro de nós." ***– D.H. Lawrence***

"Todas as coisas estão cheias de deuses." ***– Thales***

"Uma existência, uma música, um organismo, uma vida, um Deus: -Estrela de fogo e rochas fortes, o fluxo frio do mar, E a alma escura do homem." ***– Robinson Jeffers***

Durante as últimas três décadas o anarco-primitivismo tem sido a forma dominante da crítica anti-civilização. Neste período a crise da sociedade tecno-industrial intensificou-se a níveis antes inimagináveis. Para aqueles de nós que somos inimigos da civilização temos a certeza do problema, mas a solução não está tão clara. Muitos anarco-primitivistas adotaram as táticas de outros anarquistas; destruição da propriedade, sabotagem, tree-sits*, vandalismo e outras formas de ação direta. A ideia subjacente que motiva estas ações é que com o tempo as pessoas "despertem" e reconheçam o caráter opressivo da civilização. Como tal, o anarco-primitivismo se orienta como um movimento essencialmente político. Neste ensaio vou argumentar que a crítica à civilização deve ser libertada de toda política e reformulada solidamente dentro do contexto da religião e da espiritualidade, que o primitivismo deve se separar do anarquismo.

Embora reconhecendo, sem dúvida, o seu impacto sobre o mundo natural, o anarco-primitivismo tende a enfatizar as formas que a civilização é prejudicial para a humanidade: a alienação, a pobreza, a depressão, os fuzilamentos em massa. As sociedades de caçadores-coletores são apresentadas como um modelo ideal para a felicidade humana e a perfeita igualdade [no anarco-primitivismo], enquanto que todas as formas de injustiça social estão ligadas à civilização. A civilização, em outras palavras, é essencialmente apresentada como um problema social. É conceitualizada como uma forma particular de organização social que produziu uma série de circunstâncias indesejáveis. Neste sentido o anarco-primitivismo não é diferente do socialismo ou qualquer outra filosofia social do iluminismo que apresenta uma visão da sociedade sem sofrimento. Sua crítica da civilização é baseada no que é melhor para a humanidade.

Isso é um problema porque na raiz da consciência civilizada existe a ideia de que os seres humanos são a coisa mais importante do universo. Portanto, se os anarco-primitivistas seguem concentrando sua crítica da civilização sobre seus efeitos nocivos à humanidade e continuam considerando a sociedade caçadora-coletora como um paraíso igualitário eles estarão, em última instância, perpetuando a crença de que o que ocorre na humanidade é mais importante do que qualquer outra coisa.

É verdade que, na ausência da civilização muitos seres humanos seriam mais saudáveis e mais felizes do que são agora? Provavelmente sim. O problema com este ponto de vista não é que a humanidade seja valorizada, mas que ela seja valorizada acima de tudo. Remover o anarquismo ou o elemento da justiça política ou social da crítica à civilização não quer dizer que o

sofrimento dos seres humanos são é importante. Este sofrimento é simplesmente colocado em um contexto maior, muito maior. O sofrimento de um ser humano não é mais nem menos importante que o sofrimento de uma mosca. É desnecessário dizer que, como seres humanos, naturalmente experimentamos o sofrimento de nossa família e amigos mais intensamente que o sofrimento de uma mosca. Por fim, isso não quer dizer que seja mais significativo, seja como for.

Se aceitarmos que a vida de uma mosca ou de um pedaço de musgo é tão importante como a vida humana, como suspeito que a maioria dos anarco-primitivistas fazem, também devemos aceitar que deixamos para trás o campo da política. Neste contexto, as preocupações da sociedade humana, as lutas específicas de um grupo particular, são irrelevantes. Amo a terra mais do que amo a humanidade. O núcleo desta posição é uma atitude fundamentalmente religiosa que acredito que os primitivistas deveriam adotar.

O animismo é a crença de que todas as coisas naturais –não feitas pelos seres humanos– tem alma: árvores, samambaias, grama, rios, montanhas, pedras, assim como todas as criaturas. Tudo no mundo é sagrado e nem mais nem menos que qualquer outra coisa. Esta compreensão de santidade não depende de nenhuma ideia em particular de um Deus, é simplesmente o reconhecimento da divindade em todas as coisas. E esta divindade não precisa ser fundamentada ou provada. Como os antigos Daoístas entendiam, qualquer tentativa de dizer "o que quer que seja" deve estar condenada ao fracasso. O dao que pode ser chamado não é dao. Nós, como criaturas da civilização, fomos condicionados a aceitar o nada sem definições precisas e a lógica convincente. Este desejo é o desejo do cientista, do engenheiro, do técnico. Da mesma forma, a alma que pode ser nomeada não é alma. Qualquer definição de alma ou da divindade que existe dentro de todas as coisas deve necessariamente ser irremediavelmente limitada pela consciência e a linguagem humana. Embora talvez possamos dizer, como os antigos gregos, romanos, hindus, judeus, chineses, e outros, que o conceito de alma ou de espírito está relacionado com a respiração. E, se a mente está calma e se escuta com atenção podemos perceber o sopro das rochas, os fluxos, as areias do deserto.

Historicamente, o animismo tem sido ligado a lugares específicos, montanhas, rios específicos. Existem tantos animismos diferentes já que existem diferentes tribos e povos. Como tal, qualquer animismo em particular não pode ser universal. O animismo de uma tribo específica dos povos da América Central não pode ser o mesmo que o de uma comunidade particular de escandinavos ou mongóis. Nesse sentido, no entanto, podemos pensar no koan zen**: o dedo pode apontar a localização da lua, mas o dedo não é a lua. O dedo pouco importa; a lua é realmente a coisa. Em outras palavras, os espíritos animistas particulares de uma comunidade em particular são apenas o dedo. Devemos olhar para a lua: a santidade universal da Terra.

Até agora o anarco-primitivismo insistiu em participar do campo dos argumentos intelectuais. Apesar dos críticos da civilização rechaçarem as estruturas sociais e culturais que dominam as nossas vidas, há uma forte tendência a aceitar tacitamente certos modos de pensamento civilizado, ou seja, o secularismo e o empirismo. Em muitas literaturas anarco-primitivistas produzidas por escritores seminais como John Zerzan e Kevin Tucker, existe uma clara demonstração do compromisso com a verdade através da apresentação da evidência empírica válida e lógica persuasiva. Eles fazem isso apelando para a razão. Os argumentos são construídos e implantados. Os dados recolhidos por especialistas são citados cansativamente. Estas são as ferramentas do professor, ferramentas civilizadas, e a história é o cemitério das ideologias que se acreditavam imunes à influência das ferramentas táticas que utilizaram.

Os anarco-primitivistas tentam "expor seus argumentos" para aqueles que não rejeitam a civilização. As pessoas que abraçam a civilização não o fazem já que não tem "os fatos". Podia-se até mesmo apresentar milhares de fatos que "demonstrem" a felicidade relativa e a felicidade em uma vida do caçador-coletor que nenhuma pessoa sequer estaria disposta a abandonar seu modo de vida atual, ou mesmo conceder que a crítica à civilização tem mérito.

Em última instância, não importa o que os caçadores-coletores fizeram ou não fizeram. Não importa quais sociedades históricas eram autoritárias ou cultivavam milho. A crítica à civilização não deve se basear nestes argumentos. A crítica à civilização deve ser feita com base em crenças nos espíritos da Terra. A civilização não é ruim porque faz grupos humanos objetificarem-se e sofrerem. O sofrimento é uma parte inescapável da vida e não precisa ser lamentável. A civilização é ruim porque é uma guerra contra os deuses.

Em seu fervor para convencer a outros anarco-primitivistas se tornam cada vez mais dogmáticos. Eles fazem birras contra os "esquerdistas", discutem coisas sobre o veganismo, debatem sobre os méritos relativos das economias de retenção imediata frente as economias de retorno de atraso, travam intermináveis disputas relativas à moralidade da violência, se deleitam e se desesperam alternativamente na cara das novas tecnologias aberrantes. Como tal, a crítica à civilização é absolutamente solipsista. E não se trata simplesmente dos anarco-primitivistas tentarem teorizar intermináveis coisas, mas também de nenhuma tentativa de aplicar a prática. As poucas ações que são vistas, como já falamos anteriormente, não tem sentido e são apenas simbólicas nos termos mais amplos e vagos. É hora de deixar isso para trás. Não importa o que dizem os filósofos, não importa o que dizem os cientistas. Temos que aceitar que nossas crenças são de natureza religiosa e dependem da fé.

Chegou a hora de reafirmar a espiritualidade baseada na natureza de nosso passado coletivo humano. Se o mundo natural não é sagrado, então por que é importante? A única alternativa é dizer que o mundo natural é importante porque dependemos dele para a nossa própria sobrevivência como espécie. Seria dizer, como já discutimos anteriormente, que a humanidade é realmente o que nos importa e nada mais, que o mundo natural é importante para nós apenas na medida em que serve a nossas necessidades. Qualquer argumento para o valor inerente de todas as coisas naturais pode ser feitos apenas a partir de razões espirituais.

É hora de parar de escrever livros pseudo-científicos, ensaios e artigos, de lutar contra policiais, de organizar protestos, de destruir caixas eletrônicos, e de tacar fogo em objetos. Estas são as táticas daqueles que desejam melhorar a sociedade humana para determinados grupos de seres humanos. Estas não são ações que refletem a crença de que a vida natural é sagrada.

A humanidade não mudará seu destino através da ação. Não através das ações dos governos e das empresas, não através das ações dos movimentos de massa, e certamente não através das ações de um punhado de anarquistas insatisfeitos. O destino da humanidade está selado. O mundo é conhecido há 10.000 anos e não durará. É tolice e fútil tentar prever a natureza de um colapso ou de imaginar que mundo continuará. Isso vai ser bom? Vai ser ruim? Não importa. Se produzirá, e a humanidade se verá obrigada a responder a isso. Talvez a sociedade humana tenha futuro de alguma outra forma. Talvez a humanidade seja completamente extinta.

O caminho sempre esteve claro para os que escolheram ver. Devemos fugir da civilização e das coisas da civilização. Há que ir para a floresta e nunca sair. Devemos reunir nossas almas com as almas das árvores, das rochas, das correntes, da sujeira. Devemos meditar sobre nosso lugar no cosmos. Ao fazê-lo, não mudaremos o destino deste mundo, mas seremos, por fim, fiéis à nossa natureza mais uma vez. O mundo dos caçadores-coletores paleolíticos se foi para sempre. Não podemos voltar ao passado. Mas os deuses que uma vez conhecemos ainda estão esperando por nós nos lugares selvagens do mundo. Se formos a eles, nos abraçarão.

Notas:

Tree-sits: Parte do ativismo ecológico que consiste em sentar e acorrentar-se às árvores para impedir que sejam cortadas.

*****Koan Zen: Um Koan é um problema que o professor passa a seus alunos para comprovar seu progresso.***

Nota Anônima

Tradução de uma nota anônima enviada ao já falecido blog "La Manta Mojada", onde o anônimo ou a anônima expressa a sua simpatia pelo atentado contra o bastardo Landerretche, atentado terrorístico, selvagem e egoísta levado a cabo pelos ferozes membros de ITS-Chile.

Outro dia eu caminhava no bosque. Vi a terra rasgada, os destroços retorcidos de árvores quebradas. Havia um páramo onde uma vez havia vivido o cervo, o urso, o coelho e os pássaros. Pensei nos cedros e me apressei por eles, implorando que ainda estivessem de pé. Quando os encontrei caminhei até eles, os toquei, senti sua divindade e a grossa casca. Este conjunto de cedros está formado por três anciões, os mais antigos que conheço neste bosque. Talvez comparativamente jovem no grande esquema das coisas, mas este é um bosque comparativamente jovem. Suponho que busquei conselhos com eles no meio de outro bosque que eu queria que fosse arrancado, devorado para apaziguar o apetite incessante desta miserável civilização. Mas me ofereceram apenas seu repouso estoico. Se falassem algo comigo era em uma língua na qual meus ouvidos haviam ficado surdos.

Escutei que recentemente no Chile o presidente da junta diretiva da empresa mineradora estatal Codelco recebeu uma agradável surpresa de um pacote particularmente volátil enviado a ele por um grupo de eco-terroristas, uma resposta da Natureza Selvagem pela destruição causada pelas mãos das apodrecidas minas de cobre da Codelco que rasgam a face da terra. Me disseram que as autoridades afirmaram que estes atos são “deploráveis”, “desprezíveis”, etc. Michelle Obama e o New York Times inclusive sentiram-se obrigados a comentar sobre o ataque. Uma imprensa muito boa para um humilde grupo de terroristas chilenos, se me perguntam sobre. A maioria dos moralizantes são lixo híper-civilizado padrão. Proselitizando no altar da “Ordem e a Civilização”, e outros similares. O NYT tentou encobrir a natureza do ataque em seu comentário, apesar de que os atacantes sabiam mais de perto do que havia ocorrido. Não posso dizer, no entanto, que meus sentimentos se alinhem tão bem com o resto das massas híper-civilizadas.

Nas palavras dos próprios atacantes:

“Nosso atentado é um ataque em nome de todo o Selvagem e Desconhecido, é um ataque eco-extremista indiscriminado, febrilmente egoísta e contrário à civilização na sua mais elevada expressão. Também é um ato de terror para os híper-civilizados representantes da devastação da Terra. Suas grandes minas a céu aberto são as provas dos maus-tratos do progresso humano contra a Natureza Selvagem.

Codelco, uma (senão a maior) empresa mineradora do mundo, responsável por devastar a Terra por décadas, encarregada de

roubar seus minerais em busca da perfeição absoluta da civilização. Por acaso pensaram que os prantos dos montes indignados por suas máquinas não seriam escutados por nós? Por acaso pensaram que não escutaríamos os gritos de espanto das árvores? Pois é. Nossos ouvidos escutaram a chamada do Selvagem, por isso nossas mãos atentaram.

Somos os gritos de vingança da cordilheira que rodeia as tumbas da Codelco, a neve ali caída apenas amaldiçoa a todos os infelizes que trabalham em suas estruturas, e dizemos a TODOS, porque desde a velha que limpa o piso ou o chofer de algum caminhão, até os cargos altos da empresa ou donos, todos são partes da subjugação do Selvagem."

[...]

"Mas, o que são feridas nos braços e estômago se comparadas com as feridas que as máquinas da Codelco infringem a Terra? NADA! Sem dúvida isso é pouco para o que merece estes bastardos. Aparentemente também saiu ferida a empregada da casa e a filha pequena que teve um trauma acústico. Continua a ser pouco." – ***Vigésimo primeiro comunicado de Individualistas Tendendo ao Selvagem***

Conheço essa raiva, e conheço este desejo de atacar "em nome do Selvagem e o Desconhecido". Estas são palavras que fazem eco em meu espírito. Seria uma mentira eu dizer que não vi estas máquinas que arrancavam as árvores da terra e desejava com cada fibra do meu ser vê-las queimar juntamente com cada pessoa que trabalhava neste local, para enfrentar sua violência contra a terra junto com a minha. Regressar baixo o escuro abraço da noite e tacar fogo nestas máquinas. Deixar bombas nos caminhões desta companhia madeireira para cada trabalhador involuntário que corta este lugar maravilhoso. E houvesse sido tão fácil se tivesse acontecido algo. Sua morte significaria pouco para mim. O que é a mutilação ou inclusive a morte de alguns poucos trabalhadores madeireiros diante da destruição realizada na terra a cada dia pela marcha implacável desta civilização? Como alguns disseram anteriormente, "todavia é muito pouco".

Saí do bosque este dia, ainda cheio de raiva. Inclusive a dupla de mulheres que ia comigo enquanto caminhava me enojou enquanto iam pelas trilhas fofocando sobre qualquer merda sem sentido que as donas de casa obesas falam, aparentemente imperturbáveis pela destruição ao redor delas. Quando passaram por mim sorriram e eu sorri em seguida para elas, e logo me ri entre os dentes enquanto meus pensamentos vagavam por matar as duas por sua irreverência pela profanação que ocorria a seu redor.

Mas não as matei. E não taquei fogo nas máquinas nem deixei bombas para surpreender aos trabalhadores madeireiros. Eu queria e sentia no fundo do meu espírito o desejo de atacar selvagemente e indiscriminadamente, em nome do bosque e contra a destruição desta beleza selvagem. Estava sentado durante horas nestes bosques vendo os pássaros esvoaçando entre os galhos das árvores. Havia observado como os coelhos examinavam as ervas daninhas e invejava como sabiam pegar os presentes da Natureza Selvagem. Havia deitado nas camas das samambaias e escutado o vento no dossel do bosque. Havia seguido as trilhas do veado que serpenteava pelo bosque. Tudo isso, todas estas coisas belas destruídas para saciar os impulsos decadentes dos híper-civilizados. Por ver estas coisas feitas a estes lugares que tanto amo, não conheço outra reação que o desejo de responder violentamente. Para enfrentar esta violência contra todo o livre e belo com violência em defesa do que é livre e belo.

Mas ao final do dia, e sendo honesto comigo mesmo, não pude dizer que atuaria sobre estes impulsos. E no entanto, ao mesmo tempo, não pude dizer que nunca faria um esforço por realizá-los. Estas são perguntas que não estou em condições de responder, já que não posso prever o futuro. Não sei em quais situações me encontrarei, quais coisas irei presenciar, como reagirei a elas, etc. Talvez alguns leiam isto e me considerem um hipócrita por deliciar-me com o ataque ao presidente da Codelco. Não me assusto com a violência indiscriminada dos eco-extremistas, para escrever sobre os desejos em meu coração de atacar o que destrói tudo o que encontro livre e belo sem atacar. Mas estas são minhas próprias contradições, suponho. Sou um produto desta sociedade decadente, híper-civilizada, e ao mesmo tempo não me vejo veementemente oposto a tudo o que representa. Simplesmente escrevi aqui o que está em meu coração, pelo que vale a pena.

A Ovelha Negra e o Lobo

Texto extraído do trabalho editorial espanhol "Cuentos del Lado Oscuro".

Na história várias questões são tratadas, incluindo predominantemente críticas às posturas de alguns anarquistas que acreditam ser rebeldes, mas que permanecem sendo parte do rebanho. Trata sobre individualismo, Natureza Selvagem, etc…

Libertária era uma jovem ovelha negra, mas, ao contrário das outras ovelhas do rebanho, ela havia nascido de cor negra. E a cor era apenas uma de suas peculiaridades. Seu caráter também se diferenciava do caráter das ovelhas brancas. Não era tão dócil como suas companheiras. Não abaixava a cabeça e se apertava contra as demais na hora do descanso. Ela preferia ir dar caminhadas nas proximidades em vez de ficar sonolenta. E na hora de se deslocar com o rebanho ela saía à frente, já outras vezes caminhava devagarzinho ou até mesmo saía fora da trilha, fazendo com que o pastor e os cachorros se irritassem e tivessem sempre que estar correndo atrás dela para devolvê-la ao grupo. E ao retornar para o rebanho quando anoitecia ela sempre era a última a chegar e se fazia a durona vindo com má vontade, de tal modo que o pastor costumava ter de ameaçá-la a gritos brandindo por um porrete e fazendo Libertária entrar à base de empurrões e pontapés. Às vezes, se contorcia contra o pastor ou os cachorros e os ameaçava de dar-lhes uma cabeçada. Ela inclusive já havia feito isso uma vez. Outras vezes quando o pastor ficava desatento Libertária cagava e mijava encima do seu cobertor e da sua mochila, pensava sobre as coisas, e tratava de explicar às outras ovelhas que era uma injustiça o pastor não tratá-las bem como os outros animais; não acariciá-las como fazia com os cachorros, não dar a elas outra coisa para comer além de ervas que encontravam no campo ao contrário do que fazia o pastor com o gado bovino que recebia feno e cevada, não levá-las para passear ao povoado como era feito com o burro… e ao ouvi-la as outras ovelhas deixavam de pastar por um momento, levantavam a cabeça, olhavam inexpressivamente para ela e logo após voltavam a pastar, assim como faziam quando durante uma tempestade o monótono som da chuva era interrompido por um trovão distante.

Devido a todas estas características tão atípicas em uma ovelha, Libertária via a si mesma como uma rebelde e se sentia afortunada porque pensava que ela havia se libertado dos preconceitos que as demais ovelhas não podiam ver. Pensava ela ser totalmente livre.

E assim foi até que um dia quando o rebanho estava nas pastagens de verão nas terras finais de julho, Libertária, que estava andando por aí como era de costume, deu de cara com um estranho animal que estava deitado na extremidade de um grande carvalho. No começo ela o identificou como um cachorro, pois seu aspecto era como tal, e tranquilamente logo trocaram saudações entre si.

– Olá!

– E aí!

– Você está vigiando algum rebanho aqui pelos arredores? – perguntou Libertária.

– No momento não. A propósito, ovelha, você não acha que está um pouco longe do seu rebanho? Poderia se perder.

– Não pense assim – disse a ovelha se gabando – eu não sou uma ovelha convencional, sou uma ovelha negra, ando por aí livremente.

Ao ouvir isso o desconhecido soltou uma gargalhada que deixou à mostra uma boca cheia de dentes afiados e dois pares de presas. Libertária ao vê-los se assustou e, de repente, se deu conta de que aquele animal parecido com um cachorro era o que as ovelhas mais velhas e os cães do pastor chamavam de "lobo". Ela ia sair correndo quando o lobo lhe disse com um sorriso:

– Não fuja, eu não vou te machucar, acabo de comer uma igual a você agorinha do outro lado das montanhas. Não tenho fome pelo momento.

Gostei de ti e por isso vou te ensinar algumas coisas sobre você mesma que você não sabe.

Libertária ao ver que o lobo não se movia e que realmente parecia não ter a intenção de atacá-la, relaxou um pouco e expressou interesse.

– O que você pode me ensinar que eu não saiba? – lhe contestou.

– Sou um lobo velho, não se esqueça, e se tem algo que eu sei bastante é de ovelhas, porque matei e devorei muitas em toda a minha vida.

– Certo, mas eu não sou uma ovelha normal, sou uma ovelha negra.

– Negra ou branca, não importa, no fundo ainda segue sendo ovelha. Você se orgulha de ser independente, livre… mas não é capaz de ficar muito longe do rebanho, de abandoná-lo realmente, estou errado? Você já passou algum tempo do rebanho apenas com você? Você ao menos tentou? Por que não? Nem sequer passou pela sua cabeça – olhava a Libertária com seus olhos puxados de lobo e um olhar severo, e ela se calava e abaixava o olhar em um silêncio mais do que eloquente.

– Para você é suficiente passear na hora do descanso, mas claro, sem perder as demais ovelhas nem o pastor e seus cachorros de vista, acha suficiente sair da trilha quando o rebanho se movimenta, mas sem nunca deixar de acabar indo a onde vão todas as demais ovelhas. E, em geral, você só faz isso para gerar um pouco mais de confusão e para dar trabalho aos cães e a seu mestre. Com isso você se acha livre e rebelde, mas na realidade, segue sendo escrava, segue formando parte deste rebanho cujo não pode nem quer escapar, segue sendo ovelha, rara e negra, mas ovelha no fim das contas.

Você não é nem um muflão, nem um veado, nem um cervo, nem um javali, nem uma cabra da montanha, nem uma raposa, nem um urso, nem qualquer um dos outros animais selvagens que habitam estas montanhas e que são realmente livres. Nós desprezamos os cuidados e o afeto dos mestres e a comodidade de uma vida de escravos e prisioneiros, e o que realmente apreciamos é a vida livre e selvagem que temos aqui.

Já você, no entanto, não sabe nem pode saber o que é a liberdade, e se inveja da alimentação que o teu mestre dá a suas vacas e das carícias e o apreço que dá a seus cães, porque você é tão escrava quanto eles, e sempre será, porque não é mais que uma ovelha que não quer deixar de ser ovelha e crê que é o suficiente ser negra.

Você tem de saber que, se o pastor ainda não se desfez de ti e suporta tuas extravagâncias é porque você é útil para ele. Os rebanhos de ovelhas negras e brancas são mais resistentes a doenças do que os rebanhos compostos apenas por ovelhas brancas. Este último, com o tempo, tende a se degenerar e posteriormente se extinguir. Na verdade, no outro lado das montanhas, onde a pecuária está muito mais avançada do que aqui, os rebanhos estão compostos em sua maioria por ovelhas negras e cinza porque a mescla de ovelhas de distintas cores para escurecer a pelagem de seus descendentes garante a saúde futura, a resistência e a produção do rebanho, apesar de ser menos fácil de se manejar.

E agora, volte para teus semelhantes antes que eu tenha fome novamente e me arrependa de não haver te degolado.

E Libertária de cabeça baixa retornou ao rebanho. E seguiu sendo negra, é claro; e tampouco deixou de atuar de forma excêntrica de vez em quando (ao fim das contas era uma ovelha negra e não poderia deixar de ser um pouco peculiar), mas nunca se esqueceu da verdade das palavras do lobo: as ovelhas negras seguem sem ser mais que meras ovelhas, membros do rebanho.

E=mc2

Autexousious Apanthropinization

Tradução do texto anti-social extremista escrito por Archegonos.

"Se você for nas fronteiras, poderá ver árvores, solo, oceano mas não verá países. Quando vago em solidão dentro da cidade vejo muitas criações humanas, todas manifestação de Deus, mas não vejo Deuses em nenhuma parte."

Este é apenas um pequeno texto que menciona algumas realizações que eu queria escrever há algum tempo. Eu mesmo já me esquivei do masoquismo escondido atrás destas mesmas realizações, e estas palavras são escritas para refutar conclusões errôneas que foram expressadas, e críticas com as quais eu já não estou de acordo, em relação ao eco-extremismo, que foi abordado desde um ponto de vista de valores, obscurecendo o que objetivamente é. As palavras escritas a seguir vêm de experiências pessoais vivenciadas.

"Me parece que a sociedade geralmente vence. Há, é claro, espíritos livres no mundo, mas sua liberdade, em última análise, não é muito maior do que a de um canário em uma jaula. Podem saltar de um lado a outro, podem se banhar e comer à vontade, podem bater suas asas e cantar, mas seguem presos em uma gaiola, e cedo ou tarde, ela os conquista." ***-H.L. Mecken-***

A liberdade que busca um homem espiritual, a liberdade de valores, a liberdade de libertação é uma ilusão que se vê esmagada pela

guilhotina da observação objetiva da natureza humana. É a escuridão que se transforma em lama quando entra em contato com a realidade. Alguns acreditavam que o Cristianismo limitava o espírito humano. O que não entendem é que o Cristianismo é o espírito humano. O ser espiritual que nega a existência natural. A mente sobre a matéria. Tudo o que fez a modernidade foi reciclar seu nome. O fim segue sendo o mesmo. Tiremos um assunto do caminho e digamos, o que veio sob o termo da Anarquia não tem nada a ver com o niilismo. Não estou brincando com as palavras aqui, serei franco. É a realização objetiva dos fatos fora do lixo do avaliativo pensamento subjetivo que dá um contexto para a realidade. A realidade e as interpretações anarquistas são sempre baseadas em contextos sociais, como se isso pudesse ser considerado a estrutura padrão que não pode ser mais dissecada. É sempre baseado no mundo ético dos humanos. É sempre a mente sobre a matéria. A mente é o mestre do ego e o ego aceita. No entanto, o egoísmo é uma realidade que não pode ser negada. A lógica Anarquista é sempre formulada de acordo com construções ideológicas básicas. O ego natural se mantém impossibilitado de tomar completamente o controle. O ego, todos os impulsos e desejos irracionais, não precisam da justificação de ideias para existir ou para o caralho que for. O Niilismo Antissocial é essencialmente misantrópico e tira do caminho de uma vez por todas o mundo artificial da mente humana. Em outras palavras, você pode usar seu cérebro como uma lógica simples, dura e indiferente, exatamente como a naturalidade e o nada que te rodeia faz, e usá-lo apenas como uma arma quando seja aplicável, ou caso contrário é muito inútil e uma fabricação de mitos, assim como é o mundo humano inteiro que foi construído através dela. O espírito humano não existe! Olhando ainda mais profundamente, a natureza paradoxal da consciência e da fenomenologia não é algo que possa passar batido.

"Tentar pensar sobre algo sem que tenham sido fornecidos os meios para alcançá-lo: essa é a tarefa da fenomenologia: Uma tarefa impossível, a tentação do impossível. Mas não é essa a nossa condição humana?" ***-Marc Richir-***

Claramente marcado nas orações acima, isso é tudo que existe! Todo o masoquismo da existência humana está aqui, toda a autoflagelação que parece muito difícil de desfazer. Pense que com esta patética ferramenta, a mente, as realidades construídas na forma humana são criadas. Pense sobre onde elas estão e o quão instáveis elas ficam quando são contrastados com o afiado olhar natural do Niilismo.

"Aqui os sentimentos de misantropia permanecem ligados e, por mais limitantes que possam parecer em uma escala socio-cultural, que não me preocupa em nada, ambos são libertadores em uma escala de busca existencial. A realização da trivialidade da existência se é percebida como um valor em si mesmo e, portanto, a substância humana no interior que te faz detestar a maneira antropocêntrica de pensar e de ser e sua exaltação do humano como um valor moral e o centro da evolução. É nestes momentos que se pode observar que o pensamento humano pode alcançar com um propósito um objetivo a longo prazo, seja qual for este propósito, como um ser pensamente e racional que pode criar, mudar e ajustar o mundo para se encaixar nele, ajustar a vida dos animais não-humanos para que se encaixem nela e no mundo. Momentos de pura arrogância e ignorância. Momentos de ideologia. Para mim, a "humanidade" como conceito ou parasita na mente e como entidade parasita na forma de vida massificada".

-Archegonos-

O assim chamado "humano" é apenas um animal que sempre quer esquecer o que é. E não é um animal "mal". Apenas completamente disfuncional. Um organismo biológico condenado, porque quando o humano surge (o mundo da mente e o pensamento) diz-se que há algo além. Portanto, a necessidade de considerações éticas para determinar porque são "maus". O que foi que deu errado? Nada que o mundo da mente não possa concertar, é claro! Não importa que o Niilismo ao ser levado a sua conclusão lógica erradique a todas as realidades construídas de forma humana e você fique apenas com a sobra para atuar sobre isso, mas a conexão de algumas pessoas com a merda que está em suas cabeças faz com que elas tentem o impossível. Eles querem se enganar. Todo este lixo se tornou parte do DNA humano.

Então, se um anarquista é franco consigo mesmo deveria admitir que está buscando recriar o "bem" e o "mal, que quer perpetuar o ser humano e seus laços que se tornaram realidades biológicas depois de tantos anos de flagelação e auto-derrota.
Há três tipos de anarquistas que você pode reconhecer agora mesmo. O honesto (mas enganoso) idealista, o pregador e o tolo.
Todos eles seguem sendo moralistas. O que eu era, era uma espécie muito mais diferenciada, mas que tinha uma natureza paradoxal. Para o anarquista o mundo não tem espírito suficiente. Eles querem incutir mais. Que tipo de espírito seria não é o que importa aqui, o que importa é a insistência em manter a fé no ser humano. No entanto, se você promove o Niilismo e não a hipnose ideológica você será o mais saudável possível. Não terá mais a maldita insistência em se masturbar com o humano. O Niilismo Antissocial não tem nenhuma preocupação em justificar qualquer comportamento contra alguém enquanto a Anarquia tem que responder às ideias.

Eu aceito que definitivamente sou um obsceno e depravado produto da civilização de hoje em dia, e a misantropia total, a que abalou todo idealismo, que a abominação da sociedade do ser ético, desta criança mimada, impôs sobre mim. Odeio a todos igualmente, não importa quem ou o que são. Para mim não se trata de quem "merece" morrer. Não é uma questão ética. Não preciso de justificação para algo. Desejo a morte de quem seja nesta hedionda manifestação de Cristo que resulta o mundo humano civilizado e seus carnavais artificiais. Não vejo espíritos ao meu redor, vejo parasitas limitando a minha reclamação de poder. Minha reclamação de poder que não pode ser demais com tantos parasitas ao meu redor. Isto não significa que esta dura verdade dobre a minha vontade.

Tenho um interesse específico na expansão da ação misantrópica em um sentido extra-moral. Ainda conservo a capacidade de respeitar todas as formas, o que me surpreende, mas é exatamente o modo como isso é feito e sentido o que faz dele um aspecto do poder e não do cristianismo. Assim, não no sentido de uma enraizada ideia de igualdade, mas em uma violenta afinidade espontânea

de uma franca ação-reação animalística de bestas para bestas. Para alguns animais que como nós compartilhamos de forma egoísta, não comunal, com uma atitude de agressão-em-sua-cara. Alguns ganham, outros perdem, mas todos aprendem algo disso. Se algo não te destrói, provavelmente te fará mais forte. Fora da culpa e do véu hipócrita do cristianismo e elitismo de um clero espiritual dos justos. Quanto aos anarquistas, o que quer que façam está baseado fundamentalmente na mentalidade ocidental, parte das culturas políticas eclesiásticas, parte de um modo de vida normal, no sentido da conduta humana, a participação no Teatro. Permanece e permanecerá sempre humanista. Para mim, qualquer coisa que eu faça na santificada pia purulenta da cidadania é um ato de arbitrariedade egocêntrica. Pura negação. Um passo em direção aos caminhos do abismo. A abertura de uma porta em um não-caminho para a guerra, uma oportunidade de saciar minha sede, uma cuspida na cara das barreiras ético-biológicas. Não é uma fantasia de nenhum tipo de libertação. Não é um esquema do "bom". Quem quer que observe este mundo e não o mundo dos céus saberá o que eu quero dizer. O nada total é minha sombra, não minha inimiga.
Por que eu ainda me incomodo em escrever se odeio a todo mundo? Dado que odeio até mesmo o mundo da internet que utilizo junto com seus meios de comunicação? Estou em busca de fulminar meu curso de queda no pan-óptico paleantropiano, o que será a morte, captura ou covardia. Não há outros caminhos ou soluções. A libertação do cadáver violado de Cristo não me salvará. E calar as bocas de todos aqueles que me odiaram por quem sou, porque viram em mim uma depravação e, quando abri minha boca, cuspi veneno sobre sua estreita mente. E como eu disse antes, para espalhar a ação misantrópica após algumas falácias rejeitadas. As noções básicas que foram rejeitadas e as quais meu Niilismo Misantrópico tentará a expansão de meu ego sobre elas a partir de agora são as seguintes: a chegada de cada novo ser humano sobre a arbitrariedade do caos. A noção de anarquia vs autoridade. A noção do indivíduo vs a dominação. O ego espiritual. Toda ideia sobre meu ego único e concreto. Todas as considerações éticas. A superioridade biológica da existência humana.

O que digo neste texto é um vômito que só me beneficiaria quando eu cuspi-lo. Não é uma obrigação para ninguém, nem é uma tentativa de crítica, nem um pilar para a evolução coletiva. Então, eu não dou a mínima, tudo o que importa para mim é apoiar e aprimorar minhas cumplicidades com os loucos filhos da puta dos Niilistas, que atacam a tudo porque os nossos interesses se sobrepõem acima das ideologias e/ou políticas que buscam uma utopia coletiva. Todos perseguem seus caminhos, estamos de acordo com o ataque indiscriminado, e não vou argumentar que poderei dizer qualquer outra coisa por enquanto. Todos os misantropos totais, os eco-extremistas, niilistas terroristas e outros criminosos niilistas que compreenderam que a existência humana e suas performances teatrais são uma piada. Aqueles que não negam seu ego natural e aceitam a autoridade com uma realidade natural. Também sou um daqueles que desafiam os limites ético/biológicos que foram programados em nós pela modernidade. Sou um misantropo solitário, paciente a todo momento para estripar mais e mais a outro pedaço da humanidade. Todos os demais podem seguir tentando ressuscitar o humano de sua tumba.

Falo com os animais, animais de estimação do zoológico,
Aqueles que nomearam o mundo humano,
Disseco seus pensamentos, seus sonhos,
Suas esperançadas aspirações, sua espiritualidade subjetivista.
Aspectos do que é chamado humano,
a mentira definitiva e pilar da ética
a pedra angular do mundo humano
No zoológico os animais
se convenceram de que são humanos
e alguns deles até acreditam que são mais que isso
Que são espíritos de outro mundo
O humano os flagelou,
Tão duramente que eles se arrependeram
Então permita que os relógios da ética nos consertem!
A existência natural é tão desprezada
tanto que a mente tomou o controle.
O ego sofreu uma mutação em direção a uma massa de depravação ideológica
que consome todo o organismo
Rio cataclismicamente de sua piedade
E sua inconsciente hipocrisia.
Reciclem o espírito, meus irmãos!
Nunca deixem ele morrer, porque se morre
estamos condenados ao caos!
Para ser consumidos pela natureza.
Então deixemos que Cristo nos viole!
Deixemos que o espírito ejacule sobre nós!"

Archegonos

**Nota do Tradutor: o significa do título é algo complexo. A primeira palavra (autexousious) faz referência ao fato de atuar por vontade própria, e a segunda palavra (apanthropinization), se refere a afastar-se de todas as preocupações e considerações humanas. Portanto, a tradução poderia ser algo como: Um afastamento voluntário de todas as preocupações/considerações humanas.*

A Solidão e a Autorrealização

Texto extraído e traduzido da Revista Ash and Ruin N° 1: Subversive Nihilist Periodical.

Todos os dias me encontro em um estado de perpétuo conflito sendo rasgado pela agonia de minha consciência. A cada dia que passa na medida em que o sol nasce e novamente se põe, o concreto e a artificialidade sufoca mais a terra, e o "humano" deixa seu toque viscoso e corrosivo sobre tudo o que considero belo neste mundo, e sempre que o ódio e a raiva temporariamente desaparecem, é fácil sentir-se esmagado por sentimentos de tristeza.

Mergulho nas águas frias e turvas do desespero enquanto me afundo nas profundezas com a boca cheia de água fétida. Eu bebo do fundo e começo a nadar, o desejo de viver me empurra para resistir ao peso esmagador deste abismo negro. Não! Não irei sofrer a indignidade de afogar-me neste lago sujo.

No fundo encontro uma caverna, e dentro destes sinuosos túneis descubro uma câmara escura e secreta. Como tenho que lutar fora da água sombria, me falta ar, então colido contra pedras afiadas. Embriagado pelo licor do desespero, durmo e espero o ar doce, à deriva confortavelmente em um estado de total isolamento. Começo a escutar uma voz familiar, ela sussurra segredos maravilhosos para mim em meio à escuridão e me conta contos sacrílegos de coragem e de criminalidade, histórias que iluminam os olhos como chamas de tochas pela noite, ali, naquela caverna, no fundo do lago do desespero onde caio no sono mais profundo e as imaginações pecaminosas da mente vadia vem à mim em meus sonhos.

Começo a acordar, não por causa do silêncio ensurdecedor do qual me havia distanciado, mas sim devido a uma barulhenta cacofonia! Os motores rugem, os alarmes apitam, telefones tocam, as vozes de estranhos estão por todas as partes, bate-papo sobre as coisas mais insignificantes e detestáveis. É então quando me dou conta de como o calor do sol é escaldante e abaixo de mim está mais quente do que nunca. Ao abrir os olhos e despertar totalmente, percebo que eu estou de volta aqui, neste reino de miséria e estagnação, rodeado por tolos desprezíveis e cretinos, pela artificialidade e banalidade.

Pra onde foi a caverna? Pra onde foi a voz familiar? E como cheguei até aqui? Aqui, de tantos lugares! Bem quando eu poderia ter morrido tão feliz naquela caverna escura e fria. Oh, o quão confortável estava na caverna! Como eu anseio o doce abraço da solidão mais uma vez.

Agora me dou conta de que a voz familiar que ouvi não era nenhuma outra voz a não ser a minha. Esses segredos que sussurravam em meu ouvido, e esses sonhos criminosos que tive lá no fundo do lago do desespero são a essência pura de meus desejos conscientes e subconscientes, e ainda que meus sonhos nasçam ao sair da angústia e do sofrimento, estão cheios da energia mais vívida e selvagem que já depositaram em minha visão e da força para viver minha vida com sua capacidade máxima!

Mas, o que significa viver? Certamente, quando todas as opções são "oferecidas" por este circo repugnante da civilização, te apresentam uma "vida", o tédio, a humilhação, o desespero, e em última instância, a derrota por uma morte lenta, então, viver significa para mim resistir a tudo isso com todo o meu coração. Tenho que lutar, tenho que lutar! Devo matar a meus inimigos porque estão me matando! Se alguém me fala sobre "racionalismo", "paciência", "consideração" ou algo nascido da confusão pútrida das obrigações sociais, rirei em sua cara! A vontade da vida não pode ser contida pelos valores patéticos da manada, ovelhas covardes, dispostas até mesmo a olhar ao seu redor e reconhecer suas prisões. Não importa, começarei a quebrá-las.

E os motores rugem, e os alarmes apitam e os telefones tocam, e as árvores caem, e os não-humanos morrem, e as vozes de estranhos seguem freneticamente tagarelando sobre isso e aquilo. Olho os infelizes idiotas da barulhenta massa em torno de sua indiferença, sua sujeira e sua contaminação, e os amaldiçoo.

Apenas quando me arrastei para fora deste poço transbordado de normalidade, comecei armar meus desejos mais selvagens, e intencionalmente defini a mim mesmo como indivíduo, consegui assegurar mais nada além do desprezo contra eles.

Deixei que meu ódio fluísse livremente por mim, envolvendo tudo o que toca em chamas, e se a constante rejeição e a solidão acabarem por ser as consequências de minha atitude perante a vida, que assim seja! Sairei como sempre, no entanto, desdenhoso e erguido. Um exílio de cada "comunidade". Prefiro morrer sozinho com uma pistola na mão do que com covardes ao meu lado e um punhal nas costas.

É claro, nem sempre tem que ser apenas no sentido literal da palavra. Há possibilidades de encontrar cúmplices em nossas lutas e oportunidades de compartilhar ideias e armas entre si e criar belos momentos de ruptura, muitas vezes estas situações podem aparecer – devemos buscar nos lugares certos – mas falando de uma maneira existencial, o único sempre está sozinho, contra todas as probabilidades e as normas, sempre tratando de ofuscar todas as limitações que são impostas, as limitações que derivam de dentro e de fora.

-A

Funeral Niilista
- A Aniquilação da Vida

"O único Deus em que eu creio é uma pistola carregada, com um gatilho sensível." ***- Richard Kuklinski***

O desejo, a elevação orgiástica da morte e do assassinato, o alvo a golpear, aniquilando o limite que "restringe" o modelo de identificação do fluxo da vida.

Golpear e aniquilar -para converter-se- em "seu próprio deus", matando o círculo contínuo da vida que espera viver e prosperar, provar o cheiro do sangue que desce jorrando da ferida.

A experimentação que eleva um indivíduo, a ação que reside no meio da periferia da consciência onde "permanece" o traçado estático obstacularizando e aprisionando o palpito do gozo egoísta.

Gozo próprio, para ser possuído pelo tremor das extremidades, desconhecido fundo existencial, corpo e mente, diluindo o fragmento da radical destruição imoralista.

Ultrapassar o cumprimento total e imperfeito, a execução de um desejo de assassinar, para aniquilar a morte do pensamento, colapsando a libido e o inferno pessoal, saboreando e desfrutando uma vida que dá voltas, morrendo pela exaltação de um "Deus sem Deus". Possuo, me movo, sinto, transmito e injeto a imagem que se converte diante de mim, mostrando e exibindo a partida total e verificada da vida vivida.

Domínio e controle de minhas emoções em um abismo escuro. Lúcido entro no caminho do "não escutar". Impulso, com ritmo quebrado, explicação da ação, tremor espasmódico, à deriva em uma linha injetada de sangue do "próximo" perto da morte, que quer e deseja, superando o obstáculo de um rosto desenhado e desesperado.

Sentir a percepção da morte, tendo-a diante de si, desejando-a, sem esperança, seleção de um corpo prisioneiro.

O prazer, a paixão que divide e separa em um instante, golpe puro para a vida que cruza a margem do "viver".

Eu sou o criminoso niilista que nega a humanidade obsoleta, transcendendo o homem moral-mortal, existência de uma idêntica e categórica delegação de representação em avaliações iguais.

Eu sou a má paixão que vive no abismo niilista, pela destruição que aniquila a multiplicidade proteiforme da igualdade.

Minhas faces que babam saliva-veneno abismal buscam um corpo quente no frio que rasga a exalação de uma respiração.

Respiro, e respiro para romper o "alento" e o sopro da esperança, pensando na ilusão do futuro, no sorriso fraco e imutável, numa estável perpetuação do lógico caminho "viajado".

O espectro de Kirillov (1), o demônio que habita em mim.

A experimentação, o atuar que exerce mutação no momento vivido, é a vida, existência que entra numa lógica que categoriza e imprime o selo da verdade.

Eu "vivo" o mundo que morre, no momento em que vivo e respiro o fragmento do pensamento moribundo, póstuma expiração de uma respiração penetrante dentro de minhas vísceras, essência de minha singularidade.

Experimentamos niilisticamente -adentrando-nos abismalmente- saboreando o "medo" na busca da morte (e o morto), e uma sucessão de objetivos reais e do contexto normal do se erguer prospectivo.

A fábula miserável de um mundo "real" existe em um contexto da vida na sociedade de "iguais", envenenando a minha ambição egocêntrica, aniquilando a margem do respeito à vida.

Fragmento que visa e quer quebrar a regra do compromisso equalizador da gratidão humanista da vida no contexto dos vivos.
*
Realizaremos -avançando para não retroceder "absolutamente"- um absoluto que acumula e imprime uma estrutura de generalização à dinâmica da ação, produto de um fato que estabiliza a regra ao atingir um alvo, apenas meu alvo. A escolha, a dinâmica, a intenção do objetivo, buscando através do desgaste cotidiano, imprime e traça, marcando o sinal exterior da representação dualística na sociedade, fora do limite estabelecido e possível, fato concreto e axioma, um informe categorizando a tipologia da data da impressão, deduzindo a adesão a um método que segue um momento e um ato planejado.

Lógica representação do sinal que se desliga em um circuito de eventos, vivendo o caminho à margem e se apegando, deduzindo a conclusão do efeito reordenado, o sucesso comunicativo no arranjo da elaboração efeito-conclusão.

O efeito dado a determinada imposição, estabelecendo a conclusão que exige e reivindica, tornando efetivo o arranjo na definição do limite que, circunscrito, especifica a conclusão de um bloqueio da hegemônica igualdade.

Hegemônica igualdade que luta duramente com o ato egoísta do objetivo único, estimula o lado oposto ao tentar querer se fundir com a consequente oposição.
Limite que circunscreve e encerra a si mesmo na fronteira do limite da consciência [*]
A luta radical do único que busca seu alvo, cumpre a presunção da absoluta abordagem da hegemônica igualdade, predispondo o chamado para a "sociedade" (tanto que -na verdade- é criticado por eles), então tentam obrigar e submeter definitivamente o único querer de uma potência egoística. A fábula que invoca o predispor lógico de um evento se converte em regra efetiva no concreto e chamado tangível à consciência, uma presunção que visa prever o efeito dado do ato, em uma retroalimentação esclarecendo a verdade do bem com a falsidade do mal.
A sujeira se lava na lúcida consciência destas pessoas "humanistas", é a representação do limite tangível que rompo e aniquilo, não só com a transferência da verdade, respeito minha única "verdade", aniquilo a base e a margem da vida moral-mortal.
Golpear e atacar são sinônimos onde eu quebro "o degrau da igualdade" que tenta coagular e conter o egocêntrico gozo da destruição.

Por que objetivo egocêntrico?

Objetivo egocêntrico como a negação da ordem e a estrutura da hipótese e a verdade "verídica", a assonância entre o movimento de ação e o comportamento ético-cêntrico finalizado, através de uma série de substantivos coordenados da direção (com dois lados), no qual deve explodir minha destruição.
Minha destruição não funciona em nenhum sistema decifrador nem descriptografado e incompreensível por uma multidão proteica de comportamento versátil, por uma cláusula imposta com os outros, o vizinho, o humano, que pisou com o outro pé (para aqueles que tem os dois pés), para tentar estar atento e disposto ao anêmico sorriso ávido de igualdade.

A destruição, o aniquilamento de meu alvo é a ruptura egoísta, o hegemônico propósito de suposições e inventários nas profundezas da consciência, buscar o prazer que se converte nas leis purulentas da ética legal das pessoas -comportamento ético- ética política (anarquista ou não).

Na refração reverberante, num nexo de ordem e gênero para uma divisão igualitária, o grau é a tipologia, no catálogo da reparação da ação produto da destruição.

A "produção" da destruição faz do ato -adormecimento que faz um autentico movimento dentro da regra delimitante- a única lógica acessível à multidão esotérica para a raça humana.

Elevo a Unicidade Egoísta contra a barreira da compensação, me afundando no Abismo do Niilismo, para golpear como Terrorista a decrépita humanidade, a razão pela qual disse "não", a consciência que reclama sua submissão e a culpa do próximo para atacar e aniquilar de maneira seletiva.
Aniquilando a margem e a sedução do medo no julgamento do humano mortal-moral - e atinge cravando a adaga Niilista no ventre fraco do sentido da conformação possibilista.
Começa a retrospectiva, assassinando e germinando o ressentimento, atacando sem um sistema de identificação e de avaliação de comportamento.

Porque eu devo valorizar o objetivo -através da avaliação do que é possível [**] Eu experimento a anulação com o avance da Destruição Niilista contra um mundo declarado à morte.
Eu não quero "apenas" a morte do mundo, como um sistema social, também quero a morte de Meu alvo, aniquilando a lógica alteração -em uma sistematização- devido ao surgimento do medo na "boca da consciência".

Objetivo que seleciono como uma preeminente ação de Meu gozo, ansiando o instante em que meu falo se ergue na predominância do próximo alvo. Eu aprecio a morte do meu alvo, selecionando-o através do momento Egoísta no qual o pensamento funde a luz com a escuridão, a vida "mortal" com a morte "morta".

Eu sou o Terrorista e Criminoso Niilista que quer a Destruição do sistema impulso-derivado, para desobstruir o sangue na ferida infectada e purulenta, desintegração da reprovação sedutora da ética em uma ótica de representação orgânica e do comportamento em uma linha reta que estabelece o robô automatizado.

Aniquilando, aniquilando, elimino o meu alvo egoico, na decomposição do córrego da boa consciência, acabando com o respeito à vida e do vivente, no método preciso de um órgão variável do absoluto e do conceito.

Niilifico e quebro o "próximo", que vem e se converte em meu alvo, no experimento eu atravesso a inversa parábola que indica a rota no caminho da esperança.

A esperança, horrível conceito em um momento vivido, na aparição da bílis da "boca da consciência". [***]
Quero a destruição da utópica ilusão do futuro, no ascendente destino, como a eliminação de um juiz no poder do indivíduo.

Exploro e avanço, estou aspirando, estou a favor da estratégia da afirmação, no caminho que aniquila o caminho “passado”, que se converteu em putrefação, emerjo e me mergulho, imponho minha libido e meu falo ereto por "vir", enquanto desfruto a imagem da morte do meu alvo egocêntrico.

Sou dono de minha arma, alta narcisista no alento da morte, na explosão que radica e rasga o pino da existência, pelo instante "Único", como a masturbação de meu falo, que goza expulsando esperma pelo final da vida!

Despojo, com minha arma Terrorística-Niilista, a pedra angular da igualdade, o fundamento da verdade, princípio do respeito à essência humana.

Essência humana sensível, marca da verdade, pino da realidade em um arco vital do fim e do nada. Nada no nada, é o desenho e a aspiração que compreende e inclui a consequência consequente em uma ordem que ordena e dispõe em um movimento literal, a trilha existencial.

A realidade e a presença-existência da não variabilidade, a continuidade imóvel -repetitiva em um círculo que dá persistência e forma, define o uso do resultado, se recompõe em uma série de cavilhas e articulações, onde se pode continuar a vida na morte, em uma vida já moribunda, que congestiona seu próprio declínio, dispondo regular a vida da utópica ilusão.

Pico de sulco entre mim e a morte de um Alvo Egoico, tenho saudades e saboreio o momento em que se pisoteia o "presente" e a destruição do passado se converte simplesmente em "passado" para expressar dentro de minha Unicidade a existência do sopro de uma vida, que existe e desvanece, perde consistência e se contrai, expandindo o sangue, deixando em pedaços a consciência, transformando o Poder Arbitrário, as veias se convertem em um espectro sem nenhum fluxo vital.

Levanto minha Arma Egoística, uma canção de morte, que explode em chamas do nada para o nada, radical e extremo que exalta o Terror, sem pensar em possíveis infecções em seu absoluto no mundo moribundo.

Armo meu Poder penetrante pela niilificação de um alvo, pela extinção de seu alento, "passos" contrários aos da enfermidade chamada "humanidade".

Investigação espasmódica, olhos contraídos à margem da vida, fedor da sociedade da igualdade, a visão projetada ao exterior, em uma implícita alteração do próprio projeto e a formação do coágulo de representações que determinam a ocorrência ordinária de emoções comuns.

A vontade da Morte, o Único que congestiona o terreno ético-jurídico da podre comunidade de humanos, escolhe o Livre Arbítrio, o ataque contra o delicado "coração" do sujeito-homem, perdidos em uma tênue vida como a frágil rama de uma árvore caída.

Quero romper uma dessas ramas, reduzindo-as ao nada, para identificar o valor do mundo "verídico", matando o emocional comum que se eleva da consciência mortal-moral.

Pelo Fúnebre e Niilístico Aniquilamento de uma vida.
EU, NECHAEVSHCHINA!

[*] *A consciência- postulado da verdade ética comportamental- morada do submisso- não como o indivíduo Egoico- mas como um sujeito "sujeito" que o que é redime suas Paixões, que flui "passo a passo" em uma metafórica "periferia", longe do desfrutar Egoico e Destruidor das "certezas".*

[**] *O "Possível", ação geométrica e esquemática, reduz a Potência Egocentrista, fluir que o refluxo determina, o movimento sequencial no hegemônico egoísmo igualitarista, evitando a aniquilação do valor "verdadeiro" impondo -a doutrina do respeito das "partes", atuando para assegurar o gozo Niilístico e a ação esquematizada, em uma série de regras que "possibilitam" uma ação dentro dos limites que não se pode nem devem ser excedidos.*

[***] *A metáfora experimentada da "boca da consciência", é o elo entre o ato do indivíduo de impor a moral dualista, que parte da consciência, e se expressa através de sua "boca", impondo a dedução, a resolução, dentro de um limite que não se pode superar, porque a verdade não é um comportamento ético, dentro do agente da representação, do bem em relação ao mal Terrorista.*

(1) *[**NdT**; personagem da novela de Fiódor Dostoiévski: "Os demônios"]*

Duras Palavras: uma conversa Eco-extremista

*Durante a extensa discussão de natureza jornalística realizada em 2016, **Xale**, editor-chefe da Revista Regressión, responde às questões postas por **HH**. No texto eles passam por assuntos como a nova fase de ITS iniciada no ano de 2016 juntamente com sua internacionalização e evolução, paganismo, a importância da atividade delinquencial, niilismo e a relação da tendência com os niilistas terroristas da Itália, eco-extremismo nos EUA, "reselvagização", problemática com os anarquistas e vários outros temas que compõem a tendência eco-extremista.*

"Duras são estas palavras! Quem pode ouvi-las?"
– (João 6:60)

Como leitor nunca estive muito satisfeito com todas as entrevistas que foram feitas com vários eco-extremistas durante alguns anos. Os interlocutores sempre foram mal informados, de má fé, não dispostos a aprender algo novo ou simplesmente não são muito inteligentes. De todos os modos, como um leitor um pouco mais informado queria fazer umas perguntas que realmente vão ao fundo do eco-extremismo, suas origens e sua evolução recente. Neste sentido, Xale, editor-chefe da Revista Regresión e membro de ITS-México, um especialista sobre estas questões, foi bastante generoso com seu tempo para responder às seguintes perguntas ou/e pensamentos.

Há de notar que tivemos esta conversa num espírito jornalístico. Fizemos e respondemos as perguntas para informar e não exortar neste documento. O interlocutor principal se declara independente de ITS ou do eco-extremismo, e apenas faz a entrevista para informar ou "entreter".

Comecemos:

HH: Desde o início da nova fase de ITS e sua internacionalização, quais são as lições que você crê que aprenderam os eco-extremistas? Como crê você que o eco-extremismo evoluiu desde o início deste ano?

Xale: Este ano gregoriano tem sido bastante movimentado, cheio de novas notícias, novas cumplicidades e novas tonalidades nos atos e discursos dos eco-extremistas.

Como individualista partidário desta tendência penso que as lições deixadas durante a expansão do eco-extremismo são diversas e variam dependendo do individualista que as experimenta, mas pessoalmente falando penso que tem havido um avanço qualitativo referente a atos extremos contra o objetivo que o leitor inteligente conhece, a civilização e seu progresso.

Os eco-extremistas no Chile que aderiram a ITS ensinaram que se pode gerar um dano impressionante com apenas 1 litro ou menos de líquido inflamável, como fizeram com o ônibus Transantiago e com o centro comercial Mall Vivo, em fevereiro e maio, respectivamente. Também nos ensinaram que, embora em alguns casos os dispositivos não funcionem, a ameaça prevalece, os ânimos não se deterioram e a guerra de nervos prossegue.

Os eco-extremistas que se encontram na Argentina igualmente aderidos ao projeto de ITS ensinaram uma muito particular atitude terrorista e indiscriminada, as recentes ameaças de bomba em colégios, universidades e estações de metrô em maio e junho. É possível ver um rastro evidente do desprezo à vida civilizada em todas as suas variantes e em todos seus cantos. Isso também é evidenciado após ler seu comunicado emitido neste mês de agosto no qual se fazem responsáveis por envenenar dezenas de garrafas de Coca-Cola que foram distribuídas em um par de supermercados de Buenos Aires, ameaçando de maneira formidável a estabilidade social e física dos hiper-civilizados.

Os eco-extremistas no Brasil que também se uniram recentemente a ITS mostraram o fator surpresa, atacaram ferozmente e ensinaram que a ameaça de ITS é imprescindível. Sua sagaz atitude materializada em três quilos de pólvora negra detonada em um centro comercial de Brasília deixa desmoralizada as autoridades que mexem e remexem tentando encontrar os responsáveis por esta tendência que está presente em quatro países e que segue com suas ameaças.

Os eco-extremistas no México, lugar onde se forjou o projeto internacional de ITS, também ensinaram várias lições. Seu atentado homicida contra o chefe de serviços da faculdade de química na UNAM quis demonstrar a facilidade de atacar a qualquer momento os hiper-civilizados com apenas uma faca e alcançar o objetivo, demonstrou que é possível atacar o mais elevado local de aprendizagem dentro de suas próprias instalações, escarmentando as autoridades (com a morte de um homem no campus) por ocultar seus atentados passados na CU.

Seus constantes ataques com explosivos também evidenciam sua capacidade de ataque, sua diversidade no modus operandi e sua imparável atividade, embora seus atentados sejam censurados.

O antigo ITS em 2011 se concentrou em expandir à nível nacional e daquele ano até 2013 teve presença na Cidade do México, Estado do México, Morelos, Hidalgo, Coahuila, Veracruz e Guanajuato. Nos anos sucedidos esta expansão parou um pouco, e agora ITS-México, regionalmente falando, tem presença apenas na Cidade do México, Estado do México, Michoacán, Jalisco e Coahuila, embora tenha se internacionalizado, o que ensina a perseverança e a continuidade deste projeto.

Agora entrando no âmbito da teoria, o eco-extremismo também tem crescido nisso. No ciclo de RS (Reação Selvagem), ao menos eu considero que os editores da Revista Regresión juntamente com os grupúsculos do RS deram as bases teóricas para a tendência, as quais concentraram-se no estudo de grupos caçadores-coletores nômades da região, resgatando sua atitude hostil frente ao alheio e seu animismo pagão. Terminado este ciclo com RS, considero que "deixamos em paz" estas questões e nos concentramos na prática até que outros teóricos colocaram o dedo mais uma vez no assunto. Chahta-Ima, considero que é o mais importante teórico eco-extremista no decorrer deste novo ciclo, seus ensaios e investigações tem sido fundamentais para que outros individualistas cresçam e tenham fundamentações históricas para atacar ou seguir atacando.

O eco-extremista necessita de prática e teoria, necessita saber e fazer, necessita conhecer, aprender e ao mesmo tempo ensinar com atos e palavras a seus irmãos de guerra.

Em geral, o eco-extremismo não tem "planos futuros", não atua sob um "programa" específico, não se alinha a procedimentos de luta pré-determinados, não possui uma estratégia a seguir, nós eco-extremistas atuamos sob a espontaneidade, fazemos coisas que consideramos oportunas ou não, para gerar uma reação, seguimos nossos instintos animais e prosseguimos com a herança de Guerra até que, como um pombo migratório, desapareçamos.

HH: Creio que as pessoas que leem a literatura eco-extremista não entendem o papel da "guerra de nervos". Sei que foi explicado, mas ainda sim há críticas às ações eco-extremistas onde estipulam que devem ter um foco em atacar a infraestrutura elétrica ou o que quer que seja. Dizem que as ações dos eco-extremistas variam entre piadas de mal gosto (com bomba) ou assassinato psicopata (como houve na UNAM). As pessoas não sabem muito bem que tudo isso é parte de uma tática que é a "guerra dos nervos". A clandestinidade, a decepção, o ataque indiscriminado, etc…, não funcionam apenas para golpear as estruturas da civilização (as quais, claramente falando, são difíceis de se atacar, e ao serem destruídas, são reconstruídas, dando assim mais trabalho "útil" para a massa), mas também para que o eco-extremista se converta no "monstro debaixo da cama", uma ameaça a mais que a civilização criou. Ao menos para mim esta etapa do eco-extremismo sublinha este aspecto de ITS e os demais grupos.

Xale: Sim, as pessoas que tem dito que os atos de ITS e de outros grupos são "piadas de mau gosto" ou atos realizados por "assassinos psicopatas" talvez pensem que a guerra contra a civilização é apenas um jogo, talvez pensem que é apenas atacar centrais elétricas ou objetivos semelhantes. Nós e os demais eco-extremistas deixamos de pensar isso e tomamos a Guerra contra a civilização como um todo, como uma guerra REAL e não a entendemos como um fato onde se deva realizar atos "aceitáveis" para os demais radicais ou que midiaticamente sejam vistos como "espetaculares". Embora os atos de ITS resultem incorretos para algumas pessoas, incômodos e insuportáveis, é exatamente o que deseja o eco-extremismo, demonstrar que a Guerra contra a Civilização tem que ser levada à sério e apenas deve ser travada por individualistas que realmente desprezam a morte e todo o progresso humano, há de haver sangue derramado, há de se ter feridas, mortes, uma vez que esta é a Guerra e nós que a levamos a cabo não hesitamos em aceitá-la.

Ultimamente o mundo ocidental tem andado catalogando as pessoas que realizam qualquer ato de violência extrema como "psicopatas", "mercenários", etc., e isso podemos ver nos atos terroristas do Estado Islâmico, e de fato é uma estratégia dos governos e seus meios de comunicação para desacreditar as causas maiores "rebaixando-as" a uma desordem mental ou o que seja. Não é surpreendente que as pessoas que portam os valores ocidentais sigam a mesma linha estratégica para também desacreditar os eco-extremistas.

HH: Qual é a relação entre o eco-extremismo e o niilismo? Pergunto porque aparenta que o terrorismo niilista é como "a rama" do eco-extremismo na Itália e, talvez, em alguns outros lugares.

Xale: Há pouco tempo se vem somando e desenvolvendo em conjunto com o eco-extremismo a tendência terrorista-niilista, aquela que não é passiva e que renega todos os valores morais fundamentais da civilização. O niilismo-terrorista e, em especial, o que tem defendido alguns grupos de individualistas na Itália, é a filosofia na qual encontramos a verdadeira afinidade, uma vez que é totalmente contrária ao humanismo e ao progressismo que os eco-extremistas tanto criticam.

Penso que os individualistas da América (de qualquer país) sintam simpatia com o eco-extremismo e isso pode ser visto na expansão do ITS e no fato de que certos grupos tem adotado pequenas, mas importantes, características desta tendência. Mas tenho notado que os "latino americanos", em particular, sentem-se mais atraídos que os europeus que acabam se inclinando mais pelo niilismo, embora a esta altura o eco-extremismo e o niilismo-terrorista andem de mãos dadas.

Não é de se admirar que aqueles que habitam as terras deste lado do mundo se sintam atraídos por esta tendência já que o eco-extremismo é o chamado de nossos ancestrais. Não é uma guerra pelo separatismo nativo, pela identidade indígena ou para dar um sentido político a tudo isso, não, é uma guerra que herdamos de nossos ancestrais, invocamos os mortos de nossos avós e eles nos possuíram. Qualquer individualista que tenha no sangue a ferocidade dos antigos, diga-se teochichimecas, yahis, selknam, a grande variedade de tribos amazônicas, etc., é claro que se voltará para ver o que fazemos e o que dizemos. Penso que é uma questão até mesmo genética (isso, cientificamente explicando), muitos de nós eco-extremistas viemos de famílias nativas, isso nos faz continuar o conflito por aqueles que deram suas vidas, isto é, não somos estranhos, ainda testemunhamos a esse chamamento selvagem para nos defendermos por todos os meios necessários.

Historicamente a América foi invadida pelos brancos lá pelo século XVI, e com eles chegou a destruição, chegaram as epidemias e as desgraças. Violaram nossos terrenos sagrados, profanaram as tumbas de nossos mortos, mataram nossos sábios anciãos, escravizaram nossas mulheres, venderam nossos filhos, queimaram nossas casas, saquearam a Terra extraindo minerais praticando mineração das formas mais desrespeitosas, mataram as presas que caçávamos com veneração, escarneceram nossas deidades e crenças, exterminaram nossa língua, nossa cultura, jogaram-na ao esquecimento, e tudo isso e mais aconteceu em mais ou menos 500 anos, relativamente faz pouco tempo. Hoje a situação já não é racial, já não é o homem branco que faz estas atrocidades, é a civilização em seu conjunto. Já não temos nada pelo que lutar, já não temos terras ancestrais, já não temos uma comunidade com a qual compartilhar a língua, tradições, ambientes, já não há anciões sábios que nos presenteiem o conhecimento ancestral. Temos sido domesticados por anos, nos fizeram viver em grandes cidades, nos obrigaram a necessitar de dinheiro para sobreviver nas urbes e trabalhar como escravos para obtê-lo, nos fizeram crer que a ciência a tudo explicaria ou que a religião é a salvação eterna, nos aprisionaram em escolas onde nos "educaram", tentaram arrancar nosso espírito guerreiro ofuscando-o com a modernidade e a religião, progresso e monotonia, drogas e diversão ambígua, humanismo e não-violência, tentaram enterrar na cova mais profunda a história maldita de nossos antepassados que emboscaram a seus inimigos, os flecharam, arrancaram seus coros cabeludos, cortaram seus tendões para servir de suporte para suas flechas, conspiraram e lutaram entregando suas vidas. Xale, o tlatoani **(1)** teochichimeca vive em mim, fala comigo através do vento das tempestades, nos trovões que caem indiscriminadamente sobre a cidade, me sussurra pelo musgo do rio, no Sangue de Grado **(2)** que se levanta em direção ao sol, na sombra da algaroba, me acorda no serpentear do fogo na fogueira, nos olhos do coiote noturno, no frio gélido da montanha, nas pegadas de veado no monte, me fala e sussurra a mim, me ensina e me guia, me ensinou a me transformar em um animal selvagem quando executo atentados sozinho ou com minha manada, me disse que todos os eco-extremistas tem um espírito que também os acompanha, me disse que com o simples fato de que tenhamos este tipo de pensamento nós somos um perigo para nossos inimigos, e uma das coisas mais importantes que me disse é que a vingança será terrível…

HH: Sim, me parece que os niilistas-terroristas na Europa tem seu modo muito particular de se comunicar. Mas acima de tudo a afinidade vem da ação. Alguns niilistas em outros lugares pensam que o eco-extremismo está tentando envergonhar os niilistas que pensam que fazer algo é "moralismo". Sei que não é o seu caso nem de seus afins na Europa mas, em sua opinião, há como ser niilista sem atacar fisicamente esta sociedade? Alguns niilistas dizem que "seu Ego" não inclina ao ataque, e melhor fazem o que lhes dá vontade.

Xale: Esta é uma atitude própria de um niilista passivo que diz que o ataque não é parte essencial de seu pensamento. É entendível que o niilismo tenha esse tipo de variante e deturpações nesta era moderna, mas isso não se alinha ao pensamento original. É bem sabido por muitos que antes da Revolução de Outubro na Rússia existiam uma grande quantidade de homens, mulheres e sociedades secretas que com seus atentados indiscriminados e seletivos empurraram ao abismo a Rússia Czarista, e estes foram os fundadores do terrível niilismo, o original. Estas mulheres e homens causaram feridas na sociedade, foram os que empurraram o enfrentamento contra as guardas do regime, os que confeccionavam bombas para lançá-las contra os responsáveis por seus problemas sociais e econômicos, os que apunhalaram e encheram suas mãos de sangue. Para sua época estavam bastante avançados, hoje em dia como muitos aspectos "relaxaram" os novos niilistas se dedicam a criticar sem fazer nada, relaxam-se e se afundam em sua imobilidade, até mesmo há uma variante filosófica niilista que se baseia mais na arte (?), e desgraçadamente isso também é "niilismo". O que eu resgataria sobre isso é que mesmo nesta era de adoçamento existem os verdadeiros niilistas que enfrentam ferozmente a sociedade assim como os pensadores originais fizeram, e a exemplo disso temos na Itália a "Seita Niilista da Livre Morte", a "Seita do Niilístico Momento Mori" e o "Clã Terrorista Niilista Cenaze", aqueles que com suas palavras e atos demonstraram que o ataque, o atentado, é uma parte importante para ser um niilista verdadeiro.

HH: Com relação a esta pergunta parece que a diferença entre a primeira etapa de ITS e a etapa de Reação Selvagem foi um retorno às fontes indígenas-selvagens-pagãs em RS. Certamente ainda há referências a "Chicomoztoc", etc. Mas percebi uma redução deste aspecto e uma abertura a outras ideias e maneiras de se compreender as coisas. É correta tal percepção? É uma parte necessária para a expansão do eco-extremismo?

Xale: Sim, como eu havia respondido acima na primeira pergunta, nesta nova etapa do eco-extremismo temos deixado de lado o tema dos povos nativos, mas apenas um pouco, já que ultimamente temos abraçado completamente o estudo da questão sobre o paganismo.

Esta "redução" na temática nativa pode ser vista nos comunicados emitidos ultimamente e no conteúdo da Revista Regresión, e como efetivamente você disse, houve uma abertura a outras questões que tem haver com o niilismo e a atividade delinquencial, embora eu deva esclarecer que não é porque nós consideramos mais importante falar destas questões do que se aprofundar nos estudos da guerra nativa. NÃO, é o momento de cobrir mais variantes que compõem a tendência eco-extremista.

Com RS houve um estudo concreto e focado na guerra nativa, de fato a maioria dos comunicados dos grupúsculos que o integraram faziam referência à herança de guerra de nossos antepassados, mas passado este ciclo e tendo maior presença e mais indivíduos que participam da prática e teoria, é necessário fazer uma abertura de temas para solidificar esta tendência.

HH: É interessante porque ser nativo em lugares como Canadá e Estados Unidos não significa nem ilegalidade nem a guerra contra a civilização. As tribos modernas às vezes funcionam como empresas, tem cassinos ou vendem suas terras para a exploração de petróleo. No entanto, alguns críticos tem dito que o eco-extremismo explora a memória de "indígenas mortos" para suas doentes causas antissociais. Como você caracterizaria a relação do eco-extremismo com os indígenas de hoje em dia tão distantes (e às vezes aliados) com a civilização?

Xale: Essa crítica sempre me faz rir muito. Dizer que estamos explorando as "memórias" de "indígenas mortos" é apenas alongar a lista de desculpas que tem esse tipo de críticos. Os eco-extremistas não exploram as memórias de ninguém, seríamos "antissociais doentes" se justificássemos com este mesmo discurso a violação e prostituição de crianças, o tráfico de órgãos, o sexo com cadáveres e outras doenças derivadas da atrofiada mente dos hiper-civilizados, mas como apenas justificamos os atos incorretos contra a civilização, atos que levaram a cabo nossos antepassados e que inclusive algumas tribos selvagens ainda praticam, esta crítica está completamente equivocada.

Não vou negar que muitos grupos indígenas e nativos de várias partes do mundo são cúmplices das grandes empresas que devastam seus territórios, muito menos vou negar que muitos indígenas aqui no México, inclusive, se afastaram de suas tradições e adotaram as práticas ocidentais, gerando um dano em seus ambientes controlados por grandes corporações. Grupos de nativos que não estão absorvidos pela cultura dominante podem ser contados nos dedos, são muito poucos. Embora eu deva dizer que em muitos dos casos em que os indígenas se afastam de suas origens é por vontade própria, uma vez que eles decidem se adaptar ao modo de vida dos outros, em outros casos os indígenas são manipulados e postos em condições que os forçam a abandonar as montanhas e se unir aos não-vivos das cidades. Por aqui é bem sabido de que empresas chegam até as aldeias remotas e para conseguir mão de obra barata convencem os indígenas a trabalharem nas cidades com a promessa de que terão dinheiro e comodidades, algo completamente falso, já que quando não necessitam mais deles os abandonam e os deixam a mercê. Sobreviver em uma cidade tão monstruosa como a capital mexicana e sua área metropolitana é muito difícil para pessoas que são de fora, então estes indígenas terminam como vagabundos viciados, na prisão ou mortos. A situação é lastimável, claro, mas é parte da realidade.

HH: O eco-extremismo tem uma relação bastante complicada com o anarquismo, mas às vezes também se refere "à Anarquia, mas não o anarquismo". É possível ser anarquista e estar aliado ao eco-extremismo? Como seria isso?

Xale: Recentemente escrevi para a próxima edição da Revista Regresión (N°6) um texto intitulado "Anarquistas Indiscriminados", onde exponho os terríveis atos terroristas que realizaram alguns anarquistas na história sepultada no panteão do esquecimento. No texto eu menciono a constante briga entre os anarco-bandidos e os anarquistas humanistas a partir de suas perspectivas da época porque os primeiros atentavam contra seus objetivos sem se importar em ferir civis ou inocentes, atos que correspondem à terminologia do Ataque Indiscriminado, prática que tem sido um ponto de debate para muitos anarquistas da atualidade.

Com este texto público em breve eu me emprego a evidenciar que alguns anarquistas do século XIX atuavam indiscriminadamente, violando os códigos morais e políticos próprios do anarquismo e como os entendia a grande maioria do movimento anárquico tradicional.

Com o texto pretendo também "puxar" (mesmo que por um momento) estes anarcos das tumbas onde a história oficial e não oficial pretendia deixá-los.

É engraçado ler como lá por meados do século XX os atos terroristas de Di Giovanni (por exemplo) assustavam os anarco-sociais, e ler como é que se assustam alguns anarquistas de hoje em dia quando se inteiram de nossos atentados. É praticamente a mesma acusação histórica, "bandidos", "desumanos", "esses não são companheiros", "excluamos eles do nosso movimento", "são covardes que atacam ao acaso", etc.

Respondendo à sua pergunta, penso que SE pode haver anarquistas aliados com os eco-extremistas desde que estes anarquistas respondam firmemente às características de seus antepassados demoníacos e terroristas. Contrariamente, um anarquista humanista que se preocupa com a sociedade e que sonha com um "mundo melhor" NÃO pode ser aliado dos eco-extremistas.

HH: Qual seria a diferença entre um anarquista que simpatiza com o eco-extremismo e um que severamente o rechaça?

Xale: A diferença teria que ser um tanto abismal. De fato um anarquista que simpatiza com o eco-extremismo teria que subverter com o que foi dito por pensadores anárquicos tradicionais e com isso abalar seu humanismo e seu progressismo úteis para alcançar um mundo sem "estado-capital", teria que deixar de lado as utopias e se concentrar no presente decadente e pessimista no qual nos encontramos, assumindo seu papel como indivíduo dentro desta época e atuando em consequência, teria que desprezar tudo o que é humano (em termos filosóficos), teria que fazer as coisas que se tem que fazer respondendo friamente e inteligentemente sem importar que terceiros sejam afetados. Teria que ser como Di Giovanni, como Mario Buda, como Santiago Salvador, como os anarquistas galeanistas.

HH: Me parece que o anarquismo "social" é um vestígio da antiga política das massas. Não posso comentar muito já que nunca fui anarquista e não conheço muito bem a história. No entanto, suspeito que grande parte da atividade individualista que você menciona ocorreu antes da "época moderna das Revoluções", como na Rússia em 1917, Espanha nos anos 30, etc. O anarquista social moderno tem muita dificuldade em terminar este capítulo, embora o resto mo mundo (político ou não) já tenha renunciado a toda essa coisa das massas lutando nas ruas ou o que seja. Contudo, no extremismo islâmico quando não é uma questão de guerra convencional muitas de suas ações são individualistas e indiscriminadas, mas o anarquista social não pode se separar da atitude de "despertar as massas" para forjar um "novo amanhecer" uma vez que não pode renunciar à velha análise e fazer isso retiraria toda sua esperança e o converteria em um eco-extremista niilista asqueroso, ou algo do tipo.

Xale: O contexto histórico em que se desataram os demônios da anarquia maldita foi antes e depois da Revolução Bolchevique e antes da Guerra Civil espanhola de 1936.

Por exemplo, Santiago Salvador atuou sozinho em novembro de 1893. O homem escolheu como objetivo o Grande Teatro de Liceu em Barcelona, isso em vingança pelo fuzilamento de seu amigo Paulino Pallás (outro anarquista terrorista que em setembro daquele mesmo ano atentou contra o general Martínez Campos em pleno desfile militar em Barcelona. O terrorista lançou um par de bombas contra sua carruagem, o general atentado ficou ferido, assim como outros dois generais e houve a morte de um guarda civil, além de deixar dezenas de civis feridos). Salvador escondeu entre suas roupas duas bombas Orsini, um explosivo muito popular entre os anarquistas daquela época que detonava ao se chocar fortemente contra o solo ou qualquer superfície sólida. O terrorista esperou até que a ópera estivesse na metade para que o teatro estivesse cheio, e quando percebeu o momento oportuno lançou indiscriminadamente desde um balcão as duas bombas contra o público. A primeira causou um ruído infernal e ensurdecedor arremessando pedaços de corpos, sangue e estilhaços por todas as partes, a segunda caiu no voluptuoso vestido de uma mulher que havia sido ferida após a primeira explosão, mas não detonou já que seu vestido amorteceu a queda. Este atentado anarquista deixou um saldo de 22 mortos e 35 feridos em gravidade.

Talvez muitos anarquistas de agora não recordem que o autor deste ataque foi um de seus antepassados políticos. É uma pena que um personagem tão emblemático que na sua época foi um terrível inimigo da sociedade e do sistema seja condenado ao esquecimento (como muitos outros), só que não totalmente, pois ainda existem alguns poucos que se lembram deles.

HH: Há certa ambiguidade em termos de "reselvagear-se" ("re-wilding", em inglês). Às vezes diz-se que o eco-extremista tem que fazer o possível para não estar dependente da civilização, mas ainda voltando-se para o "não há futuro". Há uma posição sobre a "reselvagização" ou é algo que depende de cada eco-extremista?

Xale: a reselvagização como nós a entendemos talvez difira um pouco do que entendem os ianques eco-radicais com seu "rewilding", que creio que foram os primeiros a empregar o término. Desde o início eles o empregaram para designar uma ação a favor da natureza selvagem sempre relacionada com a preservação de entornos e o florescimento da natureza em certos espaços urbanizados que pouco a pouco vão se tornando feral.

Eu pessoalmente conheço alguns eco-extremistas que não nasceram na cidade e que neste exato momento estão levando uma vida de nômades em algum lugar da geografia "mexicana". Eles saem por um tempo, regressam a seus lugares e então decidem atacar a civilização. É uma estratégia muito adequada.

Este tipo de eco-extremistas decidiram se reselvagear na natureza selvagem, andar como nômades, saber caçar, fazer fogo por fricção, usar peles, coletar sua comida, etc., eu pessoalmente respeito muito seu modo de vida e acho que se isso é o que eles querem fazer, adiante. De qualquer forma estar em contato com a natureza selvagem sempre te cria algo belo, você dá um valor muito mais especial às coisas. Este tipo de eco-extemistas também entendem que não há futuro, por isso vão às montanhas antes que estes entornos sejam devastados por completo. Felizmente aqui no México ainda temos lugares selvagens se comparado a outras partes do mundo onde quase não há mais nada ou os entornos viraram reservas.

Por outro lado os eco-extremistas da cidade também se reselvageiam individualmente a sua maneira. Muitos de nós sabemos fazer algo do que sabem fazer os eco-extremistas nômades para enfrentar qualquer situação que apareça em nosso caminho, mas na cidade é preciso saber se deslocar, há que ser um lobo vestido de ovelha. Os eco-extremistas da cidade se empregam à guerra, a saber atacar, emboscar, enganar as autoridades, assaltar, utilizar armas, provar o último suspiro após tirar a vida do inimigo, e tudo isso e mais também é reselvagear-se, é regressar ao primitivo em um conflito herdado por nossos ancestrais colocando em prática as táticas que usaram os antigos, só que dentro de outras condições. De fato o homicídio que levou a cabo ITS se apresenta como uma "reselvagização individualista". Assassinando o empregando da UNAM ITS não SÓ pretendia eliminá-lo e criar reações, mas também com o mesmo ato os membros de ITS assassinaram o seu civilizado interior, onde matam à punhaladas pouco a pouco os valores ocidentais que são empurrados a eles desde pequenos.

Para mim e para os meus, os eco-extremistas da cidade e fora dela, não há futuro, apenas há o presente. Não temos nada pelo que lutar, exceto por nós mesmos. Reselvagear-nos é saber se mover como os caçadores, convertendo-nos em animais, é aprender a atacar o inimigo, odiá-lo, derramar seu sangue, cortar sua cabeleira e oferecê-la aos mortos. Igualmente também é conhecer a natureza selvagem, perder-se nos ambientes, estar em contato com seus ciclos, apreciá-la, respirá-la e amá-la.

HH: Algumas pessoas acusam o eco-extremismo de estar a favor da autoridade, uma vez que rechaça o anarquismo. O eco-extremismo possui uma posição abstrata sobre a "autoridade" ou é uma pergunta meramente escolástica na atualidade?

Xale: Não há como negar, a autoridade teve um papel importante nas sociedades humanas. Em cada grupo étnico antigo sempre houve um líder tanto de guerra como espiritual. A mulher coletora que fornecia a comida quando a caça escasseava também poderia ser considerada uma espécie de autoridade, a "cabeça" da tribo em tempos difíceis. Só há algum tempo tem sido visto apenas o lado negativo da autoridade com os autoritarismos, tem sido traduzido como uma figura concreta que "querem nos impor algo pela força", e isso devemos à cultura ocidental que temos impregnada na cabeça. A educação forçada acompanhada de uma figura de autoridade que nos diz o que fazer e o que dizer é o modelo no qual fomos criados, e até certo ponto é compreensivo que muitos considerem a autoridade como algo prejudicial e invasivo.

É necessário se livrar da cultura ocidental para ver a autoridade com outros olhos, sabendo diferenciar entre uma figura de autoridade que a todo custo quer impor algo e uma figura de autoridade que dado o seu conhecimento nos compartilha lições valiosas.

Assim, sem meias palavras, posso dizer que o eco-extremismo não demoniza a autoridade, não a rejeita categoricamente como fazem os anarquistas, por exemplo, uma vez que não vemos apenas as partes negativas visualizadas da maneira ocidental, mas também as partes positivas visualizadas da forma nativa. De fato, ao contrário do que dizem os anarquistas, muitos grupos anarquistas tiveram líderes e figuras de autoridade, agora se estes eram chamados de maneira diferente a como "um exemplo a ser seguido", etc., isso aí já é outra história. Dito isso podemos ver que na história dos anarco-bandidos, por exemplo, sempre houve um anarquista dentro destes grupos que teve maior presença, que incitava, que tinha mais iniciativa que os demais, que tinha um conhecimento mais elaborado, e para esclarecer com exemplos há Di Giovanni, aquele que foi o líder de seu bando dada a sua dedicação a tudo o que fazia, desde atentados à bomba, edição de jornais e livros, escrita de cartas onde ele sempre se defendia das calúnias dos anarco-franciscanos, até a execução de pessoas indesejáveis, assaltos, etc. Num outro exemplo Bonnot foi quem liderava seu grupo de assaltantes na França dado ao fato de que ele tinha maior conhecimento nos assaltos. Miguel Arcángel Rosigna foi quem liderava seu grupo de assaltantes no Uruguai dada a sua inteligência e sua metodologia quase perfeita para cometer roubos e realizar fugas da prisão.

Até mesmo Bakunin pode ser considerado como uma figura de autoridade, mas não faça o sinal da cruz diante disso leitor anarquista. De fato ele é um exemplo de uma figura de autoridade não nociva que com suas teorias ensinou coisas valiosas a muitos e devido a isso o movimento anarquista tornou-se uma ameaça para seus inimigos.

Então, resumindo um pouco tudo isso e respondendo à sua pergunta, penso que a autoridade para os eco-extremistas é um tema abstrato no qual não colocamos uma ênfase especial já que não há nenhum problema em aceitar isso.

HH: É verdade que o esquerdismo e o anarquismo (em geral) trata a autoridade como uma categoria metafísica absoluta quando tradicionalmente nunca foi assim. Eu culpo o fato de que o homem moderno não pode fazer nada, é completamente domesticado, e por isso se obceca pela questão da autoridade. Em outras sociedades a autoridade era, em especial, carismática, mas nos bandos mais primitivos houve leis e códigos sociais que ou alguém seguia ou seguia. Recentemente li sobre alguém que disse que o anarquista moderno não aguentaria viver em um bando primitivo uma vez que todos tinham seus papeis definidos dentro do bando e sua obrigação não poderia ser variada. E atenção, tudo isso sem estado ou polícia. Por outro lado o anarquista social parece completamente obrigado por sua solidariedade e reciprocidade entre "companheiros" ou o que quer que seja, mas nunca se questiona sobre esta moral…

Xale: Concordo com você, um anarco-primitivista certamente seria chutado como um cão num bando primitivo se algum dia tentasse se encaixar em um. Certamente estaria reprovando coisas e incitando os demais a se "rebelarem" contra o xamã ou algo assim.

HH: Creio que há muitos leitores interessados, especialmente nos Estados Unidos, que pensam que o eco-extremismo não é para eles, uma vez que lá o estado é bastante poderoso e as ações eco-extremistas não parecem possíveis. Existe alguma maneira de "ser eco-extremista" ianque sem ser jogado imediatamente na prisão ou morto pela polícia?

Xale: Sinceramente, penso que as pessoas que creem que o eco-extremismo não possa ser possível porque tem "em casa" as maiores agências de segurança do mundo, são pessoas medrosas que não conseguem pensar em formas convincentes de levar a cabo atentados nos Estados Unidos sem serem detidas. É bem verdade que a NSA espia a maioria dos radicais e de fato o FBI tem uma lista daqueles que podem gerar problemas, é verdade também que a polícia possui infiltrados muito bem preparados para desarticular grupos extremistas, isso eu não vou negar, mas penso que o problema aqui reside nas pessoas que são buscadas, que são marcadas em uma lista e que sua foto está no sistema, são pessoas que se relacionam com certos movimentos e que as agências de segurança já tem certa suspeita deles. As pessoas destes movimentos gostam de ser protagonistas, de serem reconhecidas como as "mais radicais", gostam dos holofotes e da algazarra dentro de sua cena. Agora pensemos em um eco-extremista que não se importe com isso, que atue só ou com um cúmplice, que tenha um perfil discreto, que nunca assista nem frequente lugares onde haja pessoas que pertençam a movimentos radicais (anarquistas, ambientalistas, ecologistas, okupas, etc.), e pensemos que este eco-extremista saiba ocultar (o máximo possível) seu rastro na web, pensemos que seja extremamente cuidadoso, desconfiado e inteligente. Sob certas condições penso que este eco-extremista possa executar atentados sem ser detido ou morto pela polícia. Embora pareça fácil eu sei que não é, o eco-extremista deve ter convicção, dedicação, paciência e ser comprometido.

Um eco-extremista é bastante capaz de executar atentados nos Estados Unidos, sair ileso e continuar com a guerra, disso estou seguro. Talvez o tempo provará que estou certo, ou talvez não…

HH: Esta é uma questão muito sensível, e aqui não estou sugerindo nada específico, claro. Estou apenas observando. Mas parece que o ataque individualista e às vezes indiscriminado é um tema abordado ultimamente pelos gringos, ou pelo menos é algo que obceca a mentalidade ianque. John Zerzan, por exemplo, é obcecado pela questão do "mass shooter", o atirador que mata pessoas inocentes em clubes, escolas ou qualquer lugar público sem razão alguma aparente ou por razões "doentes". Como você sabe, todo o mundo na Ianquelândia tem armas, e muitas armas, de todos os calibres, etc. O atirador sempre se suicida no fim do ataque ou é preso pela polícia, mas nunca há maneiras de impedir estes "lobos solitários" até que seja tarde demais. Menciono isso porque pode explicar a reação dos bons anarcos sobre os ataques dos eco-extremistas: não é uma questão de estar distante da vida rotineira deles, mas é parte da vida cotidiana dos ianques: um "louco" com uma pistola mata pessoas por frustração e nada mais.

Xale: Me parece que o que você menciona é até uma questão cultural, embora no México não há muitos casos conhecidos de uma pessoa que se põe a disparar em quantas pessoas conseguir. As pessoas que tem armas por aqui é porque usam elas para proteção, para vingança ou para algum trabalho (assassinato por aluguel, assalto, sequestro, etc.). Quando uma pessoa é encontrada assassinada as pessoas ao invés de dizerem que foi por frustração ou resultado de uma pessoa com desordem mental, dizem: "talvez ele merecia", ou "para que resistir ao assalto?!".

Recordo de algo parecido que aconteceu por aqui e que é próximo ao termo "mass shooter", quando em 2009 um homem estava pintando slogans na estação Balderas de metrô da Cidade do México, slogans sobre o aquecimento global, a responsabilidade dos governos, etc., um policial tentou detê-lo (saibamos que o que ocorreu foi num horário de pico quando havia uma maior quantidade de pessoas no metrô), o homem lutou com o policial e do meio dos seus pertences sacou um revólver e o matou. Muitos passageiros se assustaram e fugiram apavorados ou trataram de se esconder dentro dos vagões, alguns cidadãos heróis tentaram desarmar o

homem que sem nenhum remorso igualmente atirou contra eles, deixando alguns feridos e um outro morto na rinha. Por fim a arma ficou sem balas, ele foi encurralado, quase linchado e foi preso. Depois a imprensa publicou que o homem sofria de esquizofrenia devido a tratamentos que teve numa clínica psiquiátrica e que por isso sua reação foi tão violenta. Como esperado, o homem foi condenado a passar alguns anos em uma clínica de "saúde mental" e depois saiu livre. Talvez neste caso em particular as pessoas daqui tacharam o homem como um "porra louca", mas o contexto é muito diferente do que se passa lá pelos Estados Unidos, embora as causas centrais sigam sendo as mesmas. Nesta caso, os medicamentos que fizeram com que o homem sofresse esquizofrenia, estes medicamentos e tratamentos médicos são derivados do grande problema, a civilização.

Agora falando do contexto gringo, em minha perspectiva penso que os "mass shooters" tem verdadeiras razões para realizar estes tipos de atos indiscriminados, não fazem simplesmente porque sim, ou do nada, não disparam apenas por disparar, houve algo que os empurrou a fazer isso, a planificar. Assassinar a uma grande quantidade de pessoas utilizando este modus operandi pode ser resultado de uma grande matiz de causas e efeitos como por exemplo, religiosos e sociais, clínicos e culturais, econômicos e políticos, etc. É bem sabido que pessoas devido o assédio escolar um dia decidem chegar ao colégio com rifles de assalto e matar aos que os molestavam, já outros, por injustiças raciais contra os afroamericanos, outros por razões religiosas atentam contra a sociedade gringa por considerá-la inimiga de Alá, outros por suposta "supremacia branca", outros por ter a mente atrofiada devido a medicamentos psiquiátricos. No caso de um eco-extremista estadunidense, se algum dia houver alguém que realize um ato deste tipo, certamente as razões pelas quais atuará seriam atacadas, mas nós, seus afins, saberíamos que era a única opção e a reconheceríamos completamente. Com isso chegamos à conclusão de que a civilização é o problema e a atacamos sem contemplações, ou seja, todas essas causas e razões, ações e consequências, são derivadas por toda uma rede de condições variadas, e penso eu que uma análise mais profunda é merecida antes de haver a condenação destes atos. Embora esses e outros casos sejam, para mim, apenas uma reação dos instintos animais humanos que tentam se desenvolver na civilização e que ao não poder se desenvolver como antes, encontram uma saída sob estas condições, há que se aceitar, todos nós na civilização estamos em certo grau "frustrados" por uma ou por outra razão, então dizer que estes fatos são derivados da frustração não é um julgamento TÃO equivocado afinal.

HH: Penso que "a obra teórica" na fase atual é encontrar uma maneira de restabelecer o paganismo/animismo além da mente secular do esquerdismo e o monoteísmo ocidental. Para mim, isso significa um conhecimento profundo do seu lugar. Você acha que uma mudança de percepção, longe do humanismo e do antropocentrismo, mudaria a retórica "pessimista" do eco-extremismo? Ou seja, se a Natureza vence no fim da história, e o homem civilizado é o "vilão derrotado", isso significaria que os "verdadeiros niilistas" são os que defendem a civilização, e, (por que não?) a sociedade e a humanidade propriamente dita. O que você acha desta análise?

Xale: A mudança de percepção da qual você fala teria que ser radical, teríamos que passar de pessimistas a otimistas, e de niilistas a positivistas.

Talvez haja por aí algum eco-extremista ou não propriamente dito que, dado o seu desenvolvimento cultural, suas condições sociais, tenha uma percepção distinta de tudo isso e que, como você menciona, considera a humanidade moderna como os verdadeiros niilistas, embora se tivesse tal percepção, penso que isso não mudaria a ideia central da defesa individualista da natureza selvagem e o reconhecimento encarnado de deidades antigas ligadas a essa natureza que penso que são as bases fundamentais da tendência.

Mas a realidade dita este cenário pessimista e é nele em que nos desenvolvemos, não temos outra escolha a optar e agir em conformidade.

HH: Qual é o papel da delinquência no eco-extremismo? Parece que ele tem surgido como um tema significante nos blogs, na Revista Regresión, etc. O que você diria para as pessoas que se opõem à delinquência dizendo que ela também é parte da civilização e não merece ser idealizada?

Xale: As atividades delinquenciais são uma parte fundamental da tendência do eco-extremismo. É delinquência roubar, plantar bombas, incendiar coisas, ameaçar pessoas, adquirir os ingredientes para a fabricação de mesclas explosivas, transportar explosivos e armas, armazená-los, conspirar com individualistas de outras partes do mundo para executar atentados, assassinar pessoas; inclusive é um delito grave (dependendo do país onde você esteja) difundir, traduzir e editar este tipo de mensagem incitando direta ou indiretamente a cometer crimes, etc. Nós eco-extremistas somos delinquentes, criminais, assaltantes, assassinos e atentadores, essa é a essência desta tendência, a sua natureza. Nisto não há uma idealização, há uma prática herdada dos selvagens nus que roubavam gado dos espanhóis, dos que os emboscavam e assaltavam suas caravanas, daqueles que assassinavam o inimigo, dos que invadiam povoados inteiros reduzindo-os à cinzas, dos que afiavam as pontas de suas flechas embebecidas de veneno, etc., uma prática que seguimos, só que em um contexto e época diferente, mas que no fim das contas a mesma guerra é levada a cabo. Essa coisa referente à prática da delinquência, mas como termo, temos cunhado como retórica. Se a sociedade e as autoridades dizem que somos delinquentes isso nós somos, se dizem que somos terroristas isso também somos, esses rótulos não nos assustam, não vamos nos defender dizendo que não somos criminosos porque dentro de seus términos jurídicos nós somos, não vamos nos indignar como a maioria dos "revolucionários" e radicais fazem quando nos chamam destas formas, os eco-extremistas não defendem causas "justas", não representam sua "compaixão" e seu "humanismo", pelo contrário, representam a violência e o desprezo pela vida civilizada.

É verdade que muitas pessoas veem a delinquência como parte da civilização, muitos talvez pensem que é produto das condições

sociais na qual estão submetidas as pessoas dentro da civilização, e em parte isso é verdade. Evidentemente, se a civilização não existisse a delinquência dentro do aspecto jurídico muito menos, mas repito, apenas dentro do aspecto jurídico, uma vez que os “crimes” contra alguém existiriam sem civilização. Mas mesmo sem civilização os atos delinquenciais seriam classificados como crimes? Ou seriam classificados como retribuições? Nesta era moderna dá no mesmo qualquer uma das duas categorizações? É a delinquência uma atividade que surge dos problemas de uma civilização ou pode ser considerada como uma consequência sem que esteja estritamente relacionada com as condições civilizadas? Devemos recordar que tudo neste mundo e fora dele é regido por ciclos, tudo é um constante movimento onde cada ação contribui uma reação.

Sobre isso colocarei um exemplo. Os astecas consideravam bárbaros e incivilizados os teochichimecas e não se atreviam a explorar a Grande Chichimeca, e quando fizeram isso deram de cara com selvagens hostis que os expulsaram violentamente. Os astecas não consideravam esses nativos criminosos ou delinquentes, mas simplesmente “não civilizados”, gente sem cultura, etc. Sob esta lógica os astecas se concentraram então em erguer sua civilização sem se meter em territórios da Teotlalpan Tlacochcalco Mictlampa (“lugar do norte onde se esconde a morte”, em nahuatl), talvez suas deidades lhes recomendassem a não se meter com os teochichimecas e essa recomendação eles houvessem escutado e a respeitaram. Após isso se dedicaram a conquistar e expandir seu primeiro império sob outras tribos que eram mais fáceis de dominar. Os chichimecas de guerra ao verem que os civilizados pré-hispânicos não entravam em seus territórios não viram a necessidade de causar um conflito generalizado contra estes.

Quando os espanhóis chegaram na Grande Chichimeca empreenderam uma campanha à sangue e fogo contra esses incivilizados malditos, e eles responderam com uma fúria semelhante à do branco, inclusive pior. Com isso foram então considerados criminosos pelas leis da coroa espanhola e foram presos, escravizados, domesticados ou exterminados. Ou seja, a ação dos espanhóis que se meteram com os teochichimecas provocou uma reação destes.

Mesmo se os ocidentais não tivessem chegado com essa insaciável atitude de subjugar a tudo e a todos, penso que os teochichimecas tivessem seguido com suas vidas simples e às vezes guerreando com tribos vizinhas como era há séculos tradição dada sua natureza conflituosa.

O mesmo se passa com os eco-extremistas dado que a civilização quer nos artificializar, nos mecanizar e nos domesticar completamente. Frente a isso nós respondemos violentamente como fizeram nossos ancestrais, e é deste modo que a delinquência não é completamente um produto da civilização moderna como tal, não surge com ela, é dado o nome de “crime” pelas leis dela, mas na verdade é uma consequência geral da ação dependendo do sistema estabelecido; chama-se civilização, sistema de dominação, etc. Todo este raciocínio baseia-se apenas no aspecto jurídico-histórico, penal-oficialista, mas se destroçarmos o termo da “delinquência” um pouco mais veremos que é muito relativo e que se apoia em uma posição moral fixa assim como exemplifico a seguir:

– Um homem assalta um banco à mão armada, ameaça explodir os miolos da cabeça do caixa se este não lhe der todo o dinheiro. Neste caso, o assaltante talvez considere que neste momento esteja cometendo um crime ou talvez não, talvez considere que esteja fazendo algo “ruim” ou talvez não, talvez como muitos assaltantes da Cidade do México considere o assalto à mão armada apenas como mais um “trabalho” onde se consegue dinheiro se arriscando, empregando força e inteligência assim como faz um mineiro, um limpador de vidros de grandes edifícios ou um trabalhador metalúrgico. Mas para o caixa, para o gerente da agência bancária e para a polícia, esse homem é um delinquente e está trabalhando “mal”.

– Um trabalhador de um matadouro mata dezenas de cabeças de gado diariamente. Ele corta a garganta com uma faca bastante afiada para que sangrem até a morte e sua carne possa ser processada. É um trabalho sujo, mas no fim das contas é um trabalho que o empregado considera “bom”, pois no fim de semana consegue uma remuneração para sustentar sua família e como um adicional contribui com a indústria alimentícia. Cortar gargantas de gados não é considerado “ruim” e muito menos um crime, mas para muitos veganos radicais o que este senhor que trabalha no matadouro faz é “ruim”, e é um delinquente por assassinar animais para que os outros comam, e por isso os veganos decidem incendiar seu carro.

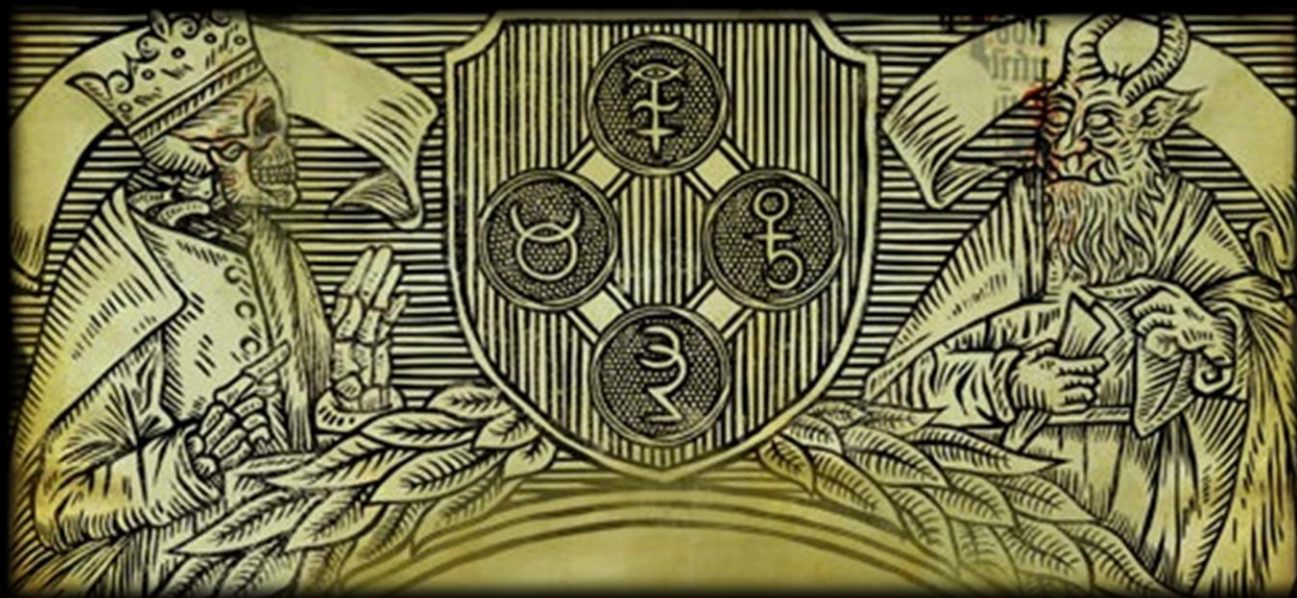
– Um estudante de direito tem vontade de “triunfar” na vida, para isso durante sua vida acadêmica ele não se importa de passar por cima dos outros para alcançar ser alguém reconhecido dentro da advocacia. Ele utiliza artimanhas para conseguir seus títulos e, finalmente, torna-se um advogado importante. Em sua carreira se encarrega de por na cadeia pessoas acusadas falsamente e beneficiar seus clientes que sempre são ricos. Para o advogado isso não é “ruim” e muito menos ele se considera um delinquente por prender pessoas por meio de provas falsas enquanto recebia uma grande quantidade de dinheiro por cada caso ganho ao mesmo tempo que seus clientes endinheirados ficavam satisfeitos. Mas os familiares das pessoas que foram presas não pensam como ele, para eles não é “bom” o que faz o advogado, e um deles, em especial, o considera um delinquente, um criminoso, e sabendo que para este tipo de pessoa não há juiz que julgue, o familiar decide segui-lo e lhe mete um tiro na cabeça.

Como é possível ver nestes exemplos e como eu disse acima, se analisarmos o término “delinquência” em muitos casos veremos que é relativo. Claro, os eco-extremistas não veem a atividade delinquencial como algo “ruim” nem como algo “bom”, mas sim como uma consequência, empregando e defendendo o termo dentro da retórica que nos caracteriza.

HH: O que você diria da turma de Zerzan que acredita que os eco-extremistas deveriam fugir para a serra para lutar contra os cartéis para libertar os terrenos selvagens?

Xale: Caramba! Outra vez Zerzan e seus apóstolos. Cada vez mais me surpreende sua imbecilidade e a falta de coerência em suas críticas. Ha-ha, nota-se que acabaram suas críticas e agora seguem vomitando barbaridades como essas. Dizer isso é como se um ignorante perguntasse a estes anarco-primitivistas zerzianos, "por quê criticam tanto a tecnologia e possuem um programa de rádio na internet?". Foram estúpidos ao dizer que temos que combater os cartéis para que deixem em paz as zonas montanhosas onde têm presença.

Para responder à sua pergunta eu perguntaria a Zerzan e a seus discípulos, porque teríamos que fugir para as montanhas e lutar com assassinos deste ou daquele cartel? Isso teríamos que fazer se nossa meta fosse "libertar a terra", se nossa meta fosse "reselvagear" ao estilo gringo, mas como não temos essas finalidades, dane-se. Não resta dúvidas que o chefe Zerzan e seus subordinados apenas pensam dentro de seus termos, não podem fazer uma crítica sincera ou certeira porque não conseguem sair da sua mentalidade quadrada ondem pensam que tem a razão em tudo que pregam. Que lástima. Esperávamos que com tudo o que foi escrito contra o seu (anarco) primitivismo fosse sacada uma crítica adequada, mas nos equivocamos, talvez seja para uma outra vida…

HH: Com esta pergunta termina nossa conversa. A verdade é que poucos que leem este texto estarão de acordo com todo seu conteúdo, mas a verdade é que parece que o eco-extremismo não tem um caminho fixo previsível. É verdade que, como tendência definida, é muito jovem. Tem apenas cinco anos, e mudou bastante em muitos de seus aspectos. Mas nós estamos vivendo nas ruínas das utopias fracassadas, sejam socialistas, capitalistas ou religiosas, e o eco-extremismo seguirá sendo uma opção dentro deste âmbito. As pessoas odeiam o eco-extremismo não apenas porque ele se opõe à sociedade, mas também porque a reflete sem as ilusões dos civilizados, reflete o desgosto e a frustração do que os hiper-civilizados sentem, porém não podem mudar. É um ataque contra todas as mentiras de um mundo domesticado. Nem os próprios idealistas engolem a pílula do otimismo e do humanismo. O mundo está no precipício e não há como regressar. Alea iacta est.

Eu e Depois Eu

*Relato de um individualista em guerra contra a civilização. Nele se fala de coletivismo, drogas, Terrorismo e Natureza Selvagem. Assinado por alguém das **Individualidades Antissociais Pela Queda da Civilização**.*

Afastei-me do rebanho, escapei de falsas amizades, de relações hipócritas de companheirismo. Cansei-me das reuniões de convivência do modo correto e normal que impõe a civilização, convivências baseadas no consumo de álcool, drogas, conversas decadentes e repetitivas, apenas para quê? Simples… Para continuar com uma relação vazia. Como individualista com tendências eco-extremistas declaro-me inimigo de qualquer droga (legal ou ilegal) que domestique meus instintos selvagens e violentos. Devo estar atento e preparado para qualquer coisa, a vida é caótica e uma vida imersa no ataque a esta civilização tecno-industrial é ainda mais caótica.

Lanço-me a uma guerra contra o meu eu, o eu de alguns anos atrás, aquele que ainda acreditava na farsa da esperança revolucionária, que depositava seu esforço físico e psicológico no despertar do povo, cansei-me de esperar a revolução, abandonei esta ideia que agora me causa náuseas. As palavras revolucionárias apenas servem para encher a boca de esquerdistas ou de algum outro anarquista faminto de atenção. Quando falo de revolução não apenas me refiro a proposta por comunistas ou anarquistas que buscam a expropriação das fábricas, das coletividades, o assembleísmo etc., também refiro-me a ideia ilusória do primitivismo. Neste ponto da história isso é apenas um sonho, algo tão utópico. Estamos em uma civilização dependente das tecnologias até mesmo para a mínima ação onde os instintos selvagens desapareceram quase por completo. Para esta civilização alheia a natureza é impossível obter esta regressão às mais primitivas formas de vida. Quando as novas tendências são o altruísmo, o apoio mútuo, o humanismo, eu cada vez me afasto do humano. Seu altruísmo hipócrita que apenas se baseia em buscar a aceitação da sociedade na qual vive "o altruísta" ou na forma mais repugnante; o altruísmo por troca de "likes", são o pão de cada dia neste terreno. O domínio total triunfou, adolescentes destruindo seus corpos a cada dia com dezenas de vícios, com aspirações tão decadentes como ter o melhor celular, o melhor carro, o par com o melhor físico. Este é o grande progresso humano?

Amargurado? Pessimista? Sim! Impossível ser feliz neste mundo cinzento que asfixia, que mata desenfreadamente a Natureza Selvagem. "Que siga o extermínio do natural!", gritam ferozmente os hiper-civilizados agitando a bandeira do progresso com cada uma de suas nefastas ações.

Eu e depois eu!, grito tentando acabar com minha domesticação rompendo laços de relacionamentos inúteis, lançando-me a uma guerra contra a civilização e seus escravos, contra seu coletivismo, seu altruísmo e humanismo. Morte às relações baseadas na hipocrisia, vida longa para as afinidades sinceras. Meus afins que acompanham-me nesta guerra já perdida sabem; para mim sempre será eu antes deles, e vice-versa: seus eus antes do meu eu. Assim continuaremos porque somos indivíduos amorais e egoístas.

Opinião breve de Individualidades Antissociais Pela Queda da Civilização:

Nos enteramos que na madrugada de quarta-feira, 10 de agosto, algum grupo ou indivíduo colocou um artefato incendiário na sede do Partido Revolucionário Institucional (PRI) localizado em Torreón, Coahuila. Para ser honesto, ficamos surpresos com o dito ato, já que esta cidade é um ninho de hiper-civilizados e fábrica de dominação e artificialidade, onde não são comuns os atentados desta índole. Também na mesma quarta-feira um guarda de um carro-forte foi assassinato a tiros após uma assalto. Esse ato foi realizado pela delinquência comum e de igual maneira incentivamos esses tipos de atos terroristas que implantam o pânico e a tensão na sociedade. Um ser que se preocupa mais com o dinheiro (em muitos casos, alheio) que sua própria vida, apenas merece morrer.

Pela defesa extrema da Natureza Selvagem!
Adiante pessimistas e niilistas terroristas, eco-extremistas e anarquistas anti-civilização!
Pelo ataque indiscriminado e seletivo!
Manter viva a crítica e a ação contra a civilização tecno-industrial!
Com a Natureza do nosso lado!

-Algum individualista –
-Individualidades Antissociais Pela Queda da Civilização-

Torreón, verão de 2016

O Rio Que Canta: Uma Última Palavra ao Relutante

Extraído da Revista Ajajema número 4.

Diz-se que o rio Pascagoula, que está dentro do que agora é o estado Norte Americano de Mississippi, canta. O que seriam os estranhos sons feitos pelo rio que muitos dizem que soam como cantos? Alguns creditam a musicalidade do rio a Sereias ou outros seres mitológicos. De qualquer forma, a lenda mais popular data da época anterior a chegada dos europeus, quando o que agora é o Sudeste dos Estados Unidos estava dotado de muitos cacicaços poderosos. De acordo com a lenda,

… As tribos Biloxi e Pascagoula viveram por séculos de forma pacífica onde agora é o sul de Mississipi, antes que uma separação entre as tribos resultasse em sua mútua extinção. Altama, cacique dos Pascagoula, se apaixonou por Anola, uma princesa Biloxi que estava noiva do Cacique dos Biloxi, indo contra as tradições das tribos. Altama e Anola queriam estar juntos sem se importar com as consequências. Em resposta, os Biloxi fizeram guerra contra os Pascagoula, matando-os e tomando-os como escravos devido a decisão que Altama havia tomado. Eles decidiram permanecer leais a Altama, e como grupo pensaram que era melhor morrer pelas próprias mãos do que converter-se em escravos, acreditavam que se encontrariam novamente no mundo dos mortos e viveriam em um mundo sem guerra. Altama, Anola, e o povo Pascagoula escolheram afogar-se no rio, e enquanto cantavam sua canção de morte, deram as mãos e caminharam rumo às águas. De acordo com a lenda local, a desaparição do povo Pascagoula ecoa nos míticos sons que vem do rio.

O principal elemento da subjugação que a civilização utiliza é o medo. A domesticação e a escravidão não existiriam sem o medo, sem a firme convicção de que não há nada pior que a morte, que a escravidão e a servidão são melhores alternativas que o final de nossa existência material individual. Deveríamos recordar, especialmente aqueles de nós que viemos de algum dos povos discutidos nestas páginas que nós também somos filhos do medo. Muitas pessoas, como os Pascagoula, tem agora poucos ou nenhum descendente, mas chegaram a conclusão de que era melhor guerrear e/ou morrer que viver como escravos. Somos os filhos da derrota, os nascidos mortos da liberdade. Mas já é demasiado tarde para este tipo de discurso…

Talvez a civilização dure outros dez anos, ou outros dez mil anos. Talvez sejamos hostis a ela agora, mas nos resignemos daqui algumas décadas. Pode ser que sejamos forçados a alimentar a nossos próprios filhos com mentiras e engolir nosso orgulho para suportar o dia. No mínimo, não deveríamos engolir nosso orgulho por completo, nem deveríamos engolir a falsidade da irmandade universal ou o progresso humano. A cada momento nesta apodrecida sociedade deveríamos dar-nos conta de que nos é vendida uma farsa, e alimentar o ódio e o ressentimento de acordo com isso...

Nós os editores não somos capazes nem estamos dispostos a te oferecer sugestões do que você deveria fazer com isso, só que é este ressentimento que te faz manter-se humano, animal e vivo. Mesmo se nenhuma catástrofe acabar com a civilização, a catástrofe de nossa própria domesticação é suficiente para fazer-nos refletir sobre o quanto temos perdido e o que se pode ser feito a respeito. Não há soluções fáceis, e provavelmente nunca houve. Deveríamos nos apegar a esta íntima parte de nós mesmos que a civilização nunca pode tocar, a parte que inspira medo ao híper-civilizado e que se manifesta nas sombras: uma ameaça invisível constantemente em tocaia.

E para aqueles que fazem um pouco mais do que isso, podemos finalizar oferecendo esta dobra pagã eco-extremista:

Que a lua os siga guiando. Que a chuva os refresque.
Que o sol aqueça seus corpos. Que os console o som dos grilos.
Que a Terra manche seus pés. Que as montanhas lhes ofereçam refúgio.
Que a escura noite os esconda. Que suas pegadas sejam apagadas pelo vento.
Para sempre!

Chicomoztoc, 2 de Dezembro.

As Lições do Estado Islâmico Antes de Seu Colapso

Texto retirado da Revista Regresión número 6.

O Islamic State of Irak and Siria (ISIS), ou vulgarmente chamado de Estado Islâmico (EI), tem sido a força terrorista mais ameaçante dos últimos anos. Desprendido da Al Qaeda e ressurgido pela guerra civil na Síria, se fez presente em vastos territórios sob os quais controla baixo a Sharia*, zonas onde instituiu um verdadeiro Califado**.

O EI não é um grupo, não é uma organização com militantes contados e algumas poucas armas, não é nada disso, ele se fez com equipe militar sofisticada, com treinamento de elite, e isso junto a sua mobilidade e a sua devastadora máquina propagandística. O EI é a evolução do islamismo extremo em toda a expressão da palavra. Mas um Estado desse não teria o êxito que teve desde o início sem aliados econômicos e políticos. O EI não se fez forte da noite pro dia, ele teve autoridades cúmplices, xeiques o financiaram para ter uma verdadeira presença mundial, ter pactos com criminosos e máfias, etc.

Fazendo um distanciamento de toda a demonização midiática que tem bombardeado a causa islâmica extremista desde os seus primeiros atos de "barbárie", e igualmente tomando distância de toda a "moral do ataque", há algumas coisas que poderiam ser aprendidas, especialmente em sua estratégia de terror, como é possível ler adiante. Já deixo claro que talvez este assunto resulte incômodo ou inapropriado para algumas pessoas, por isso, se você, leitor desta análise, não está familiarizado com a temática da amoralidade e da extramoral nietzscheriana dos niilistas terroristas recomendo que pule fora deste artigo agora mesmo, já que apenas poucos indivíduos podem fazer uma leitura e compreender sem nenhum remorso moral cristão-humanista. Talvez algumas pessoas também considerem que o EI é fascista, e isso de fato não me importa, pois poderia rapidamente contra-opinar expondo como que o ocidente também é fascista, mas para mim dá no mesmo, não quero fazer "gala" de minha "consciência política" posto que me considero um individualista antipolítico, então para os que talvez me considerem fascista ao dizer que é possível aprender coisas com o EI, que saibam que pouco me importo com os seus possíveis julgamentos. A política não é meu forte, isso tem haver com a lente da amoralidade.

Sexta-feira 13: Dia de "Má Sorte".

Na sexta-feira de 13 de Novembro de 2015 na cidade de Paris, França, enquanto a juventude desfrutava da diversão ocidental do fim de semana concentrada em shows musicais, conversando em bares e curtindo uma partida de futebol, três grupos do EI formados por nove jihadistas franceses, belgas e iraquianos atacam a cidade símbolo do ocidentalismo, atacam os defensores da "liberdade", "igualdade" e "fraternidade", valores contrários ao islã.

Três terroristas suicidas com coletes-bomba compostos de peróxido de acetona ao não poderem entrar no Estádio da França (que era

um de seus objetivos), se explodem nas imediações do jogo amistoso entre França e Alemanha, local onde além de haver 80 mil espectadores o próprio François Hollande se encontrava ali.

Ao mesmo tempo o segundo grupo ataca vários bares e restaurantes com fuzis AK 47, disparando indiscriminadamente e se detonando dentro deles.

Da mesma forma, quatro terroristas chegaram a boate Bataclan, onde se apresentava o grupo musical estadunidense “Eagles of Dead Metal”, e então tomaram o lugar e massacraram a todos os que não puderam fugir.

Um dos sobreviventes disse, *"eu vi o rosto do homem que estava atirando em mim, era jovem como eu, atuava com precisão e determinação".*

Neste grandioso ataque contra a civilização ocidental 130 civis foram mortos e mais de uma centena de pessoas ficaram gravemente feridas tanto por disparos como pelos explosivos dos suicidas. Todos os combatentes do EI morreram.

Estes ataques coordenados foram rápidos e súbitos como um tsunami. Com foco em conseguir assassinar o maior número de pessoas, golpearam e deixaram uma profunda ferida na capital, Paris, cidade que os islâmicos extremistas não deixaram em paz por várias razões, e uma delas podem ser consideradas como a inimizade histórica, a ambivalência entre o ocidental e o islâmico, a guerra desencadeada pela Coalização Internacional (da qual a França faz parte) contra territórios do EI, etc.

Os islâmicos radicais do EI e outros grupos odeiam o mundo ocidental, sua crenças, suas tradições, sua música, sua convivência, suas drogas, e, resumidamente, sua civilização como um todo. A guerra do EI é uma verdadeira guerra contra a civilização. Tenho a certeza de que se triunfassem imporiam com mão de ferro sua civilização islâmica, mas de qualquer maneira é uma guerra, por isso, pessoalmente, eu não tenho nenhum problema moral em aprender algo com ela.

Voltando à questão, como vimos anteriormente, o grau de sofisticação neste atentado pode se dizer que foi alto, já que foi necessário conseguir os materiais para a fabricação dos coletes-bomba; houve a necessidade de planejamento estratégico, de como observar os alvos e estudá-los; de como conseguir as armas e alugar o carro, etc., todos os jihadistas que participaram nos ataques foram treinados na Síria e alguns regressaram à França como refugiados. Já em Paris tiveram que comprar os bilhetes dias antes para a partida de futebol, e seguir com o plano para executá-lo, ou seja, houve tempo, dinheiro, determinação e ferocidade.

Os Gays: Inimigos de Alá

Embora nem todos os ataques do EI foram executados por muitas pessoas com um grau de treinamento militar complexo, e não utilizando uma grande quantidade de dinheiro, o EI nos ensinou que para atacar de maneira selvagem muitas vezes só é necessário agir em silêncio, sozinho e saber o básico sobre as armas utilizadas nos ataques.

12 de Junho de 2016, às 2:02 da manhã dentro da boate gay noturna "Pulse" localizada em Orlando, Flórida, um homem armado com um fuzil simi-automático SIG Sauer MCX, e uma pistola Glock 9 MM começa a disparar contra os homossexuais que desfrutavam de bebidas alcoólicas, drogas, música e promiscuidade. Um dos sobreviventes da matança afirma ter visto a cara do homem e disse que "ria enquanto disparava".

Os corpos dos homens gays caiam ao solo espalhando sangue por todo o lugar, alguns gritavam como mulheres enquanto corriam e o homem continuava disparando. Quando a polícia chegou ao lugar o homem muçulmano de origem afegã de nome Omar Mir Seddique Mateen já havia massacrado a um pouco mais de 50 pessoas, e havia deixado a outras 50 seriamente feridas. No final do confronto com a polícia e já com as armas completamente descarregadas o muçulmano extremista morreu pelas balas disparadas pelo corpo especial da SWAT.

Após o massacre de Orlando a mídia tentou difamar o combatente extremista dizendo que frequentava o clube noturno, que era um gay frustrado e que estava negociando com a polícia através do número de emergência, fazendo-o ser visto como um arrependido ou um "amante frustrado". Depois destas mentiras soube-se que Omar não era gay, desprezava a estes por considerá-los aberrações ocidentais, e soube-se que era combatente do EI e que antes do ataque havia jurado lealdade ao Estado Islâmico falando a um número de emergência.

Nesta ocasião bastou apenas um homem e balas suficientes para causar o maior número de vítimas. O atentado em si não poderia ser impedido pelas autoridades já que Omar atuou sozinho, não deu nenhum sinal de alerta, nem sequer teve cúmplices, mas, estrategicamente escolheu uma hora e um lugar onde sabia muito bem que iria causar uma grande quantidade de vítimas, além de que atacar a homossexualidade em seus locais de recreação é um dos objetivos dos lutadores do EI contra os inimigos de Alá.

Niza: O Caminho dos Mortos

Outro dos exemplos de ataques do EI que não corresponde necessariamente com o modus operandi dos exemplos citados acima se fez presente em 4 de Julho de 2016 durante a festa do Dia Nacional da França celebrada na cidade costeira de Niza. Um muçulmano

tunisiano chamado Mohamed Lahouaiej Bouhlel conduziu um caminhão de carga durante 2 quilômetros atropelando indiscriminadamente a multidão que se concentrou no Passeio dos Ingleses observando os fogos de artifício. Mohamed que foi silencioso e rapidamente radicalizado pela propaganda do EI, conduziu o caminhão enquanto disparava com uma arma de fogo contra os civis e policiais que cuidavam da festa. Neste atentado o terrorista matou a 85 pessoas e feriu outras 300. No final o combatente do EI foi baleado pela polícia.

Devido ao acontecimento o governo francês ficou desmoralizado e confuso, já que este tipo de ataque não pode ser previsto, e menos ainda se for executado apenas por uma pessoa com um perfil muito baixo como Mohamed Lahouaiej. Os meios de comunicação tentaram fazer com que o terrorista fosse visto como uma pessoa com problemas psiquiátricos, e afetado economicamente e sentimentalmente por um divórcio, estratégia difamatória muito comum empregada pelos governos e a mídia para distrair a atenção da verdadeira causa dos atentados.

O modus operandi deste ataque foi muito utilizado por palestinos extremistas em Jerusalém e outros territórios ocupados pelo estado de Israel em 2015, conflito que levou o nome de "A Intifada das Facas", onde foram contabilizados mais de 50 atropelamentos deliberados contra civis e agentes de segurança israelense. Com o atentado de Niza, uma nova "tragédia" havia abalado aos ocidentais enquanto o Califado era bombardeado pela Coalização Internacional na Síria e Iraque.

Igualmente Seletivos e Indiscriminados

Os ataques indiscriminados e seletivos do EI contra as multidões muitas vezes acontecem misturados. Isso aconteceu em 2 de Julho de 2016 na capital de Bangladesh, Daca. Um grupo de combatentes do EI estourou um restaurante frequentado por empresários e diplomáticos estrangeiros ao grito de "Allahu Akbar" (Alá é Grande), tomaram o restaurante e com ele vários reféns, os quais, um por um foi morto a machadadas. Após um tiroteio entre a polícia e os combatentes, os terroristas foram mortos, mas não sem antes assassinar a dois policiais no enfrentamento.

Os atentados seletivos também foram recorrentes por parte dos membros do EI em 26 de Julho de 2016. Dois muçulmanos extremistas Malik Petitjean e Adel Kermiche da zona norte da França entraram na igreja de Saint-Étienne-du-Rouvray em Normandia e durante a missa começaram a entonar orações árabes, as quais assustaram as freiras. Os dois terroristas tomaram o controle da igreja e foram diretamente no sacerdote católico Jacques Hamel. Malik e Abel sacaram uma faca de dentro de suas roupas, fizeram o religioso se ajoelhar e o degolaram. Os dois combatentes foram depois mortos pela polícia após saírem da igreja com as freiras como escudos humanos. Este ataque causou grande indignação entre os círculos católicos. Os terroristas conseguiram degolar a um sacerdote dentro de uma igreja e novamente atingir o coração ocidental.

Refresco-bomba

Mas nem todos os ataques do EI foram levados a cabo desta forma. Em 31 de Outubro de 2015 o avião Airbus A321 da companhia aérea rusa Metrojet que saía do aeroporto egípcio Sharm el Sheik e se dirigia a São Petersburgo, Rússia, explodiu pelos ares caindo na província de Sinal e matando a 224 pessoas. O incidente ocorreu um mês após o presidente russo Vladimir Putin anunciar que se uniria a Coalização Internacional contra o Estado Islâmico. Rapidamente os muçulmanos reivindicaram o atentado, e como prova, em sua revista "Dabiq" publicaram uma foto do artefato artesanal que haviam utilizado para derrubar o avião. Se tratava de um explosivo (provavelmente plástico) dentro de uma lata de refresco com um detonador e uma pilha com cabos. O artefato detonava remotamente.

Neste caso a audácia dos terroristas se fez presente, assim como a lição de que é preciso apenas um pequeno artefato artesanal para causar uma grande "tragédia".

Outras lições antes da queda do EI

Os ataques indiscriminados e seletivos executados pelo EI contam com uma característica tanto estratégica como de organização. Por um lado eles insistem em causar um grande número de mortos e feridos para conseguir uma grande cobertura midiática (em muitos casos internacionalmente), ao mesmo tempo sua mensagem é difundida amplamente e capta a atenção dos lobos solitários que a qualquer momento podem atentar. Mas por outro lado, seus ataques fazem com que uma grande quantidade de não-muçulmanos sinta hostilidade com qualquer um que professe esta religião, e então a discriminação contra os muçulmanos de qualquer tipo aumenta consideravelmente e principalmente na Europa e Estados Unidos, áreas onde a maioria dos ataques do EI e outros grupos são registrados. Os muçulmanos ao sentirem-se deslocados, discriminados e repudiados pela sociedade, tudo o que resta é tomar uma atitude intransigente, radicalizando-se e jurando lealdade ao EI, tirando a vida de algum ou alguns ocidentais.

Se percebermos, tudo o que foi feito pelo EI responde a uma estratégia global de ação-reação, desencadeando um círculo eterno de confrontação e guerra entre os polos opostos.

Embora na maioria destes casos citados e não citados nesta análise os combatentes morreram tanto por balas como pela ativação de seus coletes-bomba adornados em seus corpos, isso é um indicador da entrega TOTAL que tem enraizada as mulheres e os homens muçulmanos extremistas, o qual merecem MEU respeito. ***

Esta entrega que tem caracterizado os muçulmanos desde muito tempo vem de uma linhagem de confrontação forjando gerações de terroristas que, embora morram em cada ataque, parece que renascem.

Para o que parece ser uma lição de história repetida (com muitas variantes), comparando-a com a expansão da antiga URSS, o Califado Islâmico do Iraque e Síria aparentemente está chegando ao seu fim, o que logicamente será seguido de mais ataques e repercussão.

Do EI se pode tirar muitas lições para a continuação de nossa guerra contra a civilização, desde estratégias de combate-propaganda até formas de passar despercebido pela segurança informática e física, se podem aprender coisas valiosas do EI ou condená-lo como a maioria dos cordeiros fazem.

Ghoul

Notas:

**Sharia ou Lei Islâmica é uma regra moral e religiosa utilizada para castigar a todos aqueles que a violem. Por muito tempo esta lei tem sido discutida por sua variada interpretação em países na qual está estabelecida. No Estado Islâmico do Iraque e Síria a Sharia é cumprida de maneira dura entre a população, de modo que o consumo de bebidas alcoólicas, roubos, práticas de adultério, homossexualidade, relações com infiéis, desobediência das mulheres, etc., podem ser castigados com lapidação, açoites, amputação de extremidades, prisão ou pena de morte.*

***O Califado é um Estado muçulmano, um sistema político e religioso regido por um chefe máximo chamado Califa, este sistema foi estabelecido pelo profeta Maomé há séculos atrás.*

Uma Grande e Terrível Tormenta

O império da "humanidade" tem a certeza de sua queda.
A chuva, vil e ácida, tem vindo a cair sobre todos nós
como as lágrimas de uma dor silenciosa por bastante tempo,
No entanto, poucos prestam atenção à tormenta que se aproxima.
Os perdidos e os covardes marcham animados aos montes para o topo da ilusão
construindo os muros de sua própria prisão
na vã esperança de que podem esconder de vista
as nuvens escuras que agora surgem acima de todos.
Mas nada pode deter as marés crescentes
ou deter a marcha dos desertos
que consumirá as cidades
e deixará apenas ruínas em seu rastro.
Com desprezo, amargura e ceticismo
Penetro a escuridão que me rodeia.
E sem qualquer esperança por um amanhã melhor
Eu abraço a tormenta e vagueio por ela.
Carrego minha tocha na noite
E escuto os gritos de batalha através do estrondo.
Ansiosamente vou ainda mais em direção ao Desconhecido
Na busca de uma vida que vala a pena.
A chuva torrencialmente chicoteia em direção abaixo
E a noite é escura e impenetrável
Exceto para os incêndios no horizonte
Que são minha única bússola…

– A

A Evolução da Dieta

Extraído de NatGeo.

É hora do jantar na Amazônia boliviana, e Ana Cuata Maito remove uma papa de banana e mandioca doce que estava sobre o fogo que arde no chão de terra de sua cabana coberta de palha enquanto aguça o ouvido para ouvir seu marido que retorna da selva com o seu esquálido cão de caça. Com uma menina no peito e um filho de sete anos puxando-a pelo braço, é a imagem viva do esgotamento quando me diz que espera esperançosamente que esta noite seu marido Deonicio Nate traga um pouco de carne. «As crianças ficam tristes quando não há carne», diz por meio de um intérprete.

Esta manhã de janeiro Deonicio saiu antes do amanhecer com o seu rifle e o seu facão para percorrer o quanto antes as duas horas de caminhada que o separa da floresta primária onde gosta de caçar. Ali examinou as copas das árvores em busca de macacos-pregos e de quatis, enquanto o cão cheirava a terra rastreando algum catitu ou capivara. Se a sorte estivesse com ele, Deonicio localizaria um dos animais mais carnudos da selva: uma anta, mexendo com seu longo focinho preênsil os gomos de samambaias úmidas. Esta noite, no entanto, ele retorna de mãos vazias. Mas ele é um cara dinâmico de 39 anos que não parece se dar por vencido facilmente; quando não está caçando, pescando ou tecendo folhas de palmeiras para o teto de sua casa, está no bosque esculpindo uma nova canoa a partir de um tronco. Quando ele finalmente se senta para comer, se queixa de como é difícil obter carne o suficiente para a sua família: duas esposas (algo comum em sua tribo) e seus 12 filhos. Os madeireiros assustam os animais e não há como pescar no rio porque uma tempestade o deixou sem canoa.

A história se repete, com variações mínimas, em todas as famílias que visito em Anachere, uma comunidade de cerca de 90 membros da antiga tribo Tsimane. Estamos na estação das chuvas, a pior para caçar e pescar. Mais de 15 mil Tsimane vivem em cem aldeias espalhadas ao longo das margens de dois rios da bacia amazônica, perto de San Borja, uma pequena cidade com mercado a 360 quilômetros de La Paz. No entanto, para ir de Anachere a San Borja são dois dias de viagem em canoa motorizada, então os Tsimane que vivem ali obtém a maior parte de seu sustento da salva, rio e suas plantações.

Viajo com Asher Rosinger, um doutorando da equipe copresidida pelo bioantropólogo Willian Leonard, da Northwestern University (Illinois), que estuda os Tsimane para documentar as características de uma dieta da floresta tropical. Particularmente lhes interessa saber como muda o estado de saúde dos indígenas conforme abandonam a sua dieta tradicional e seu ativo estilo de vida e começam a trocar os produtos da selva por açúcar, sal, arroz, azeite e –cada vez mais– carnes secas e sardinhas enlatadas. Não é uma investigação de valor exclusivamente teórico: o que os antropólogos descobrem sobre as dietas dos povos indígenas como os Tsimane poderia dizer aos demais quais alimentos nos convém comer.

Rosinger me apresenta José Mayer Cunay, de 78 anos, que, com o seu filho Felipe Mayer Lero, de 39, cuida há três décadas de uma exuberante horta às margens do rio. José nos conduz por um caminho ladeado por árvores carregadas de mangas e mamão, cachos de bananas verdes e toranjas penduradas nos galhos como brincos em uma orelha. As helicônias e o gengibre silvestre crescem como ervas daninhas entre o milho e a cana-de-açúcar. *«A família de José tem mais frutas do que qualquer outra»*, diz Rosinger. Mas na cabana da família, a mulher de Felipe, Catalina, está preparando o mesmo purê maçante que nas outras casas. Pergunto se eles não se contentam com os produtos da horta quando a carne é escassa, e Felipe nega com a cabeça. *«Necessito caçar e pescar –diz–. Meu corpo não se conforma em comer apenas estas plantas.»*

À medida que nos aproximamos de 2050, quando teremos outras mais 2 bilhões de bocas para alimentar, descobrir a dieta ideal se torna uma missão urgente. As decisões alimentares que tomarmos nas próximas décadas terão repercussões cruciais para o planeta. Em suma, uma dieta focada em carne e laticínios –em alta nos países em desenvolvimento– consumirá mais recursos no planeta que outra baseada em cereais integrais, nozes, frutas e legumes.

Até o nascimento da agricultura há cerca de 10 mil anos atrás todos os humanos comiam o que caçavam, coletavam e pescavam. Com a aparição da pecuária, os caçadores coletores nômades foram expulsos pouco a pouco das terras cultiváveis mais valiosas, até ficarem isolados nas florestas da Amazônia, as pastagens áridas da África, as ilhas remotas do sudeste da Ásia e a tundra do Ártico. Hoje restam apenas algumas poucas tribos de caçadores coletores espalhadas pelo planeta. Diante dessa realidade, a ciência está redobrando os seus esforços para aprender tudo o que puder sobre a dieta e o estilo de vida ancestral destes povos antes que desapareçam. *«Os caçadores coletores não são fósseis viventes –diz Alyssa Crittenden, da Universidade de Nevada, Las Vegas, antropóloga especialista em nutrição que estuda a dieta dos Hadza da Tanzânia, um dos últimos exponentes da sociedade caçadora coletora–. Dito isso, é verdade que quase não existem populações desse tipo. O tempo está se esgotando. Se quisermos obter informações sobre o estilo de vida nômade caçador coletor, devemos documentar sua dieta hoje mesmo.»*

Até hoje os estudos sobre os caçadores coletores como os Tsimane, os Inuit do Ártico e os Hadza descobriram que essas populações não conheciam a hipertensão, aterosclerose nem as doenças cardiovasculares. *«Muitos acreditam que existe uma discordância entre o que comemos hoje e o que nossos antepassados estavam evolutivamente preparados para comer»*, diz o paleoantropólogo Peter Ungar, da Universidade de Arkansas. A ideia de que estamos presos em um corpo típico da Idade da Pedra trazido ao mundo dos fast foods dá razão a atual moda das dietas paleolíticas. As chamadas "dietas dos homens das cavernas", da Idade da Pedra ou paleodietas são baseadas na teoria de que os humanos modernos são adaptados para comer como os caçadores coletores do paleolítico (período de cerca de 2,6 milhões de anos atrás até a chegada da revolução agrícola) e que os nossos genes não tiveram tempo para se adaptar aos alimentos cultivados.

A dieta da Idade da Pedra *«é a única que se adapta perfeitamente a nossa configuração genética»*, escreve Loren Cordain, nutricionista evolutiva da Universidade Estatal do Colorado, em seu livro A Dieta Peleolítica. Perca peso e ganhe saúde com a dieta ancestral que a natureza desenhou para você. Após estudar as dietas dos caçadores coletores atuais e concluir que 73% destas sociedades obtém da carne mais da metade de suas calorias, Cordain elaborou sua própria receita paleolítica: coma carne magra e peixe em abundância, mas evite consumir laticínios, legumes e cereais, ou seja, os alimentos que não se incorporaram em nossa dieta até que houve o surgimento da culinária e da agricultura. Os defensores da paleodieta como Cordain, asseguram que ao limitarmo-nos aos alimentos que consumiam os nossos ancestrais caçadores coletores podemos nos livrar das doenças próprias da civilização, como são as cardíacas, hipertensão, diabetes, câncer e até a acne. Soa bem. Mas é verdade que na evolução humana todos nós nos adaptamos para consumir uma dieta na qual a carne predomina? Os paleontólogos que estudam os fósseis de nossos ancestrais e os antropólogos que documentam as dietas dos atuais povos indígenas afirmam que a questão não é tão simples. Ungar e outros cientistas apontam que a dieta paleolítica, muito na moda, é baseada em ideias errôneas. A carne tem desempenhando um papel importante na evolução da dieta humana. Raymond Dart, que em 1924 descobriu o primeiro fóssil de um ancestral humano na África, popularizou a imagem de uns proto-humanos que caçavam para sobreviver comendo carne na savana africana. Nos anos cinquenta os descrevia como *«criaturas carnívoras, que capturavam presas vivas por meios violentos, as matava a golpes […], saciavam sua sede bebendo o sangue quente de suas vítimas e devoravam com ânsia a carne ainda vermelha e pulsátil»*.

Alguns cientistas acreditam que a ingestão de carne foi fundamental para que os nossos ancestrais desenvolvessem um cérebro maior há cerca de dois milhões de anos. Ao substituir a dieta vegetariana dos macacos antropomorfos, baixa em calorias, por um menu mais calórico a base de carne e medula, nosso antepassado direto, o Homo Erectus, obteve em cada ingestão uma dose extra de energia que contribuiu para o ampliamento de seu cérebro. Ao digerir uma dieta de maior qualidade e com menor volume de fibra vegetal, o intestino deste Homo reduziu o seu tamanho. A energia liberada como resultado da hipotrofia intestinal pode ser redirecionada para o faminto cérebro; é nisso que Leslie Aiello acredita, a primeira a postular esta tese junto com o paleoantropólogo Peter Wheeler. O cérebro humano consome em repouso 20% da energia corporal; o cérebro de um macaco se satisfaz com 8%. Isso significa que desde a época do H. Erectus o organismo humano depende de uma dieta de alimentos hipercalóricos, especialmente a carne.

Se dermos um salto adiante de dois milhões de anos, testemunhamos outra revolução na dieta humana: a invenção da agricultura. A domesticação de cereais como o sorgo, a cevada, o trigo, o milho e o arroz resultaram em uma oferta abundante e previsível de alimento, e graças a isso as mulheres dos agricultores poderiam ter muitos filhos seguidos: um a cada 2,5 anos, em vez de 3,5 como os caçadores coletores. A consequência foi uma explosão demográfica; em pouco tempo, os agricultores superavam em número os

caçadores coletores. Os antropólogo passaram uma década tentando decifrar as chaves dessa transição. A agricultura constitui um progresso completo para a saúde humana? Ou será que ao abandonar a vida de caça e coleta e voltar-se para o campo e a criação de gado renunciamos a uma dieta mais saudável e um corpo mais forte em troca de comida assegurada?

O bioantropólogo Clark Spencer Larsen, da Universidade Estatal de Ohio, descreve o surgimento da agricultura em termos negativos. Quando os primeiros agricultores tornaram-se dependentes das colheitas para garantir a sobrevivência, sua dieta perdeu uma enorme diversidade nutricional em comparação com a dos caçadores coletores. Comer o mesmo grão domesticado dia após dia lhes causou cáries e doenças periodontais, patologias muito raras nos caçadores coletores, diz Larsen. Quando os agricultores começaram a domesticar os animais, o gado, as ovelhas e as cabras se converteram em uma fonte de leite e carne, mas também de parasitas e novas doenças infecciosas. Os agricultores sofreram deficiência de ferro e atrasos no desenvolvimento, além de perderem estatura.

Apesar da explosão demográfica, a forma de vida e a dieta dos agricultores eram claramente menos saudáveis que as dos caçadores coletores. O fato de que as comunidades agrícolas produzirem mais filhos, diz Larsen, apenas mostra que "estar doente não é um obstáculo à procriação". A verdadeira dieta paleolítica, no entanto, era mais que carne e medula. É verdade que os caçadores coletores de todo o planeta desejam comer carne acima de qualquer outra coisa e obtém dos animais cerca de 30% de seu consumo calórico anual, mas também é verdade que a maioria suporta períodos de escassez em que comem pouquíssima carne por semana. Os últimos estudos sugerem que a expansão do cérebro se deve a algo mais que a preponderância da carne na dieta dos antigos humanos.

Observar os caçadores coletores ao longo do ano confirma que as caçadas fracassadas ocorrem com frequência. Os Hadza e os Bosquímanos Kung! da África, por exemplo, retornam sem carne mais da metade das vezes que saem para caçar com arcos e flechas. A partir desta realidade fica claro que foi muito mais difícil para nossos ancestrais, que não possuíam essas armas. *«As pessoas pensam que você sai para caçar na Savana e encontra antílopes em todos os lugares, esperando tranquilamente que lhes abram a cabeça»*, diz Alison Brooks, paleoantropóloga da Universidade George Washington e especialista nos Dobe Kung! de Botswana. Em nenhum lugar a carne é consumida com frequência, exceto no Ártico, onde os Inuítes e outros grupos obtinham tradicionalmente até 99% de sua ingestão calórica de focas, narvais e peixes.

O que os caçadores coletores comem quando não há carne? Acontece que por trás do «homo venator» há sempre uma «femina recollectrix», que, com ajuda das crianças, proporciona um bônus de calorias durante os tempos difíceis. Quando a carne, a fruta e o mel são escassos, os coletores dependem de «alimentos de última instância», diz Brooks. Os Hadza obtém quase 70% de sua ingestão calórica das plantas. Os Kung! resistem graças aos tubérculos e as nozes do mongongo; os pigmeus Aka e Baka da bacia do Congo, do inhame, os Tsimane e os Yanomami do Amazonas, da banana e a mandioca; os Aborígenes australianos, de duas plantas que chamam Junça bulbosa e castanha da água.

«Existe um discurso sistemático segundo o qual a caça nos definiu e a carne nos fez humanos –diz Amanda Henry, paleobióloga do Instituto Max Planck de Antropologia Evolutiva de Leipzig–. Honestamente, eu creio que esta afirmação óbvia é metade verdade. Os humanos querem comer carne, isso sem dúvidas, mas do que realmente sobrevivem é de vegetais.» Além disso, a cientista encontrou grânulos de amido vegetal em fósseis dentais e ferramentas líticas, o que sugere que os humanos podem ter vindo se alimentando de cereais, além de tubérculos, pelo menos há 100.000 anos, o suficiente para ter desenvolvido a capacidade de tolerá-los.

A ideia de que paramos de evoluir no paleolítico é errônea. Nossos dentes, nossa mandíbula e nosso rosto foram reduzidos, e nosso DNA variou desde a invenção da agricultura. *«Ainda estamos evoluindo? É claro!»*, diz a geneticista Sarah Tishkoff, da Universidade da Pensilvânia. Uma evidência que demonstra isso é o caso da intolerância à lactose. Todos os humanos digerem o leite materno enquanto o tomam do peito; mas até que chegou a domesticação do gado há 10 mil anos, uma vez que as crianças eram desmamadas, elas não precisavam digerir o leite novamente. Como consequência, o organismo humano deixava de produzir lactase, a enzima que decompõe a lactose em açúcares simples. Quando os humanos se lançaram como pecuaristas, a capacidade de digerir leite se converteu em uma vantagem fabulosa e, portanto, foi gerada uma tolerância à lactose que evoluiu de forma independente nas comunidades pecuárias da Europa, Oriente Médio e África. As comunidades que não dependiam do gado para a sua sobrevivência –como os chineses e tailandeses, os índios Pima do sudoeste norte-americano e os Bantus da África Ocidental– continuam sendo intolerantes à lactose.

Os humanos também apresentam variações na capacidade de extrair açúcares de alimentos ricos em amido durante a mastigação, dependendo de quantas cópias eles herdam de um gene em particular. As populações que tradicionalmente comem mais alimentos ricos em amido, como os Hadza, têm mais cópias do gene que os Iacutos da Sibéria, de dieta carnívora, de modo que sua saliva começa a decompor os amidos antes que cheguem ao estômago. Estes exemplos parecem contradizer o clichê de que «somos o que comemos». Deveríamos puramente dizer *«somos o que comeram nossos antepassados»*. Existe uma grande variedade de alimentos dos quais os humanos podem obter sustento, dependendo de sua herança genética. As dietas tradicionais de hoje incluem o vegetarianismo dos Índios Jainistas, a predominância carnívora dos Inuíte e a enorme presença de peixes entre os Bajau da Malásia. Os Nchmani das Ilhas Nocobar, no Índico, se dispõem com a proteína dos insetos *«O que nos torna humanos é a capacidade de encontrar algo para comer em qualquer ambiente»*, diz Leonard, codiretor do estudo sobre os Tsimane.

Os estudos sugerem que os grupos indígenas sofrem diversos problemas quando abandonam a dieta e as atividades tradicionais e abraçam o modo de vida ocidental. Por exemplo, até a década de 1950 a diabetes era quase desconhecida entre os Maias da América Central; quando adotaram uma dieta ocidental, carregada de açúcares, os casos de diabetes dispararam. Os pecuaristas siberianos, como os Evenki e os Yakuto, seguiam dietas muito ricas em carne, mas desenvolveram poucas patologias coronárias até que mudaram seu modo de vida tradicional para um mais sedentário e começaram a consumir produtos comercializados. Para muitos povos nativos da Sibéria estas mudanças se aceleraram após a desintegração da União Soviética. Hoje, metade dos Yakut instalados nas cidades estão com sobrepeso e quase um terço, com hipertensão, diz Leonard. E os Tsimane que compram comida em supermercados são mais propensos a desenvolver diabetes do que aqueles que continuam a caçar e coletar.

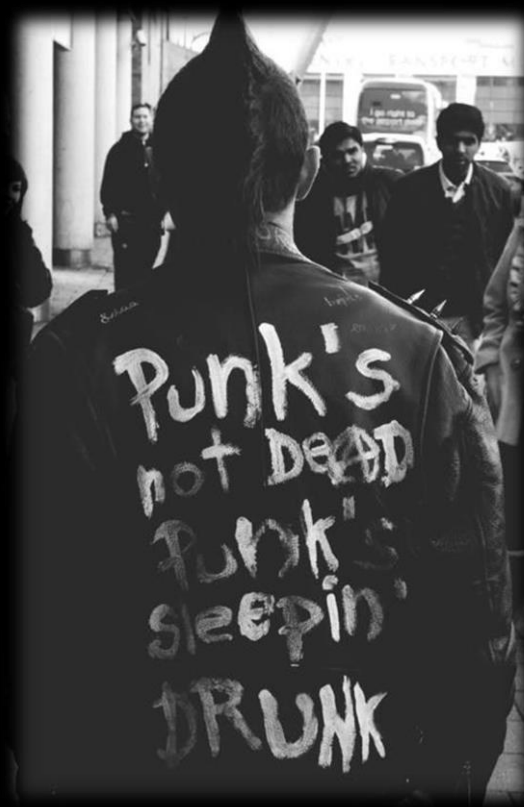
Para aqueles de nós descendentes de humanos adaptados a dietas vegetais –e que tem empregos sedentários– talvez não seja uma boa ideia consumir tanta carne como os Yakuto. Estudos recentes confirmam que embora os humanos seguem consumindo carne vermelha durante dois milhões de anos, consumi-la em grande quantidade aumenta a prevalência da aterosclerose e o câncer na maioria das populações, e não apenas por causa das gorduras saturadas e o colesterol. Nossas bactérias intestinais digerem um nutriente da carne chamado L-carnitina. Em um estudo com camundongos, a digestão da L-carnitina desencadeava a formação de placas de ateroma. As investigações também demonstraram que o sistema imunológico humano ataca um açúcar da carne vermelha chamado Neu5Gc, uma resposta cujos efeitos inflamatórios são mínimos nos jovens, mas que com o tempo podem se tornar cancerígenos. *«A carne vermelha é fantástica se você quer morrer aos 45»*, diz Ajit Varki, da Universidade da Califórnia em San Diego, principal autor do estudo sobre o Neu5Gc.

Muitos paleoantropólogos afirmam que, embora os defensores da dieta paleolítica moderna nos impelem a rejeitar produtos processados, a dieta baseada fundamentalmente na carne não produz a diversidade alimentar de nossos ancestrais, não incorpora as atividades físicas que os protegiam de doenças cardiovasculares e da diabetes. «o que incomoda muitos paleoantropólogos é que na verdade não existe uma só dieta do "homem das cavernas" –diz Leslie Aiello, presidenta da Fundação Wenner-Gren de Investigação Antropológica em Nova York–. A dieta humana tem pelo menos dois milhões de anos de história. Há muitos "homens das cavernas" em nossa árvores genealógico.» Em outras palavras, a dieta humana ideal não existe. Aiello e Leonard afirmam que a verdadeira marca distintiva da espécia humana não é nosso gosto pela carne, mas a nossa capacidade de adaptarmo-nos a muitos habitats distintos e sermos capazes de combinar muitos alimentos diferentes para criar muitas dietas saudáveis. Infelizmente, a atual dieta ocidental não parece ser uma delas.

O mais recente indício que poderia nos ajudar a entender porque a dieta moderna nos faz adoecer foi apontado pelo primatologista de Harvard Richard Wrangham, para quem a revolução mais importante da dieta humana não foi a introdução da carne, mas a preparação de alimentos. Quando nossos ancestrais aprenderam a cozinhar entre 1,8 milhões de anos e 400 mil anos atrás, eles provavelmente conseguiram criar mais filhos, diz ele. Esmagar e aquecer a comida deixa os alimentos "pré-digeridos", de modo que o intestino investe menos energia para quebrá-los, os absorve melhor que crus e, com isso, extrai mais energia para o cérebro. «Cozinhar produz alimentos suaves e muito energéticos", continua Wrangham. Hoje não podemos nos manter exclusivamente de comida crua sem processamento, diz: a evolução nos fez dependentes de alimentos cozidos. Para verificar sua tese, Wrangham e seus alunos programaram duas dietas –uma de comida crua e outra cozida– para dois grupos de camundongos. Quando visitei o laboratório de Wrangham em Havard, a então doutoranda Rachel Carmody me mostrou umas sacolas plásticas cheias de carne e batata doce, cruas e, umas e cozidas em outras. Os ratos que comiam alimentos cozidos ganharam entre 15% e 40% mais peso que os que só comiam alimentos crus. Se Wrangham está certo, o cozimento dos alimentos não apenas deu aos primeiros humanos a energia necessária para desenvolver um cérebro maior, mas também permitiu que obtivessem mais calorias de cada alimento e, consequentemente, ganhassem peso. O outro lado da moeda é que, no contexto atual, podemos ser vítimas de nosso próprio sucesso. Aperfeiçoamos de tal forma as técnicas de processamento de alimentos que, pela primeira vez na história evolutiva humana, muitos indivíduos consomem mais calorias do que queimam. *"Os pães grossos integrais deram lugar a doces industriais, e maçãs, a suco de maçã"*, escreve ele. *"Devemos nos conscientizar dos efeitos hipercalóricos do consumo de alimentos ultraprocessados".*

Essa mudança para os alimentos ultraprocessados, uma tendência comum em todo o mundo, está por trás da desenfreada epidemia de obesidade e suas patologias associadas. Se consumíssemos mais frutas e vegetais de produção local, um pouco de carne, peixe e cereais integrais (como na tão alardeada dieta mediterrânea) e fizéssemos uma hora por dia de exercício, nossa saúde agradeceria. E o planeta também.

A última tarde que passo com os Tsimane de Anachere, uma das filhas de Deonicio Nate, Albania, de 13 anos, nos conta que seu pai e seu meio irmão Alberto, de 16, finalmente voltaram com a caça. Nós a seguimos até a cabana onde cozinham e sentimos o cheiro dos animais antes mesmo de vê-los: três quatis sobre o fogo. Enquanto sua pele listrada era queimada, Albânia e sua irmã Emiliana, de 12 anos, vão raspando a pele até deixar a carne à vista. As esposas de Deonicio estão limpando dois tatus, que irão cozinhar com banana da terra. O pai está sentando perto do fogo, descrevendo um bom dia dia de caça; Primeiro abateu os dois tatus. Então o cão localizou um grupo de quatis e os perseguiu; ele matou dois e o resto entrou em uma árvore. Alberto atingiu um deles com um tiro. Três coatis e dois tatus eram suficientes, então o pai e filho recolheram tudo e voltaram para casa.

Enquanto a família desfruta do banquete, observo o pequeno Alfonso, que esteve doente a semana toda. Dança ao redor do fogo, comendo com alegria um pedaço de rabo de coati assado. Deonicio está satisfeito. Esta noite, no povoado de Anachere, alheios às disquisições nutricionais, há carne, e isso é bom.

Um Falso Escape

Escrito de Huehuecoyotl que faz duras críticas a uma das práticas mais desprezíveis da vida civilizada, o vício.

A mentira chamada civilização é uma hidra; cada uma de suas cabeças busca a hora certa para morder, para matar nossos instintos selvagens e nos transformar em robôs que caminham em condição de cúmplices. Desta condição ninguém está livre de se encontrar dentro desta sociedade. Para nós eco-extremistas tudo isso é uma constante guerra interna e contínua, onde há tentativas de viver longe das práticas e dos valores sociais. Várias destas práticas são, para muitos sujeitos -até mesmo os que chamam a si mesmos de "anti-sistema"- libertadoras, quando na verdade são práticas impostas pela civilização. Neste trabalho irei me referir a uma prática social na qual um grande número de hiper-civilizados e sujeitos com "posturas anti-sistêmicas" estão imersos: a vida dentro de um vício. Estas pessoas encontram muitas razões e justificativas para levar esta vida cíclica: a diversão, uma medida contra a tristeza, a decepção, "abrir a mente", e a que para mim é a mais desprezível; a busca pela fuga da realidade.

A realidade nos golpeia constantemente, vivemos dentro de um mundo no qual o caminho em direção à morte vai se tornando mais e mais curto de maneira rápida. Esta é a cotidianidade chata e depressiva a que uma grande parte da cidadania está presa: estresse, trabalho, família, escola, rotina, transporte, tráfego, etc. Ante todas estas dores "escapes" são buscados, algo que dê um fôlego e faça esquecer estes maus momentos. Seria um erro pensar que ditas fugas que se tornam parte de uma vida cíclica são apenas substâncias ingeridas.

A grande dominação tecnológica é um forte pilar da vida cíclica, tornou-se "normal" ver jovens que na maior parte de sua vida vão com o celular em mãos -isso literalmente-, escravos e aprisionados, fundidos a um "mundinho" virtual com amigos igualmente virtuais e uma forte dependência das redes sociais, as quais não passam nem uns minutos sequer sem revisá-las. Estes são dependentes totais dos celulares e das redes sociais -dentro disso tudo a morbidez e a opulência ditam o dia a dia-, assim caminha grande parte da sociedade, em especial, a juventude, em direção a uma vida de progresso e tecnologia. Anseiam dentro de seus aparatos celulares a "vida ideal" que querem alcançar enquanto ao redor tudo o que é vivo segue desaparecendo. Sua vida ideal se resume no consumismo desenfreado, em relações banais, uma existência onde tudo é assumido como verdade e nada é submetido a críticas. A juventude segue já perdida, são tão dependentes tanto do celular como do álcool. Não vejo nenhuma esperança no futuro. Alguns ilusoriamente pensariam que as gerações futuras ao verem a grande destruição da Natureza Selvagem refletiriam e optariam por uma vida antagônica à estabelecida dentro da civilização tecno-industrial. Eu acho isso incrível. Os "jovens" que para os estúpidos esquerdistas são biologicamente revolucionários se encontram também na condição de híper-civilizados, levando a cabo as mesmas ações dos adultos, envolvidos em seus estudos, deixando toda sua vitalidade para o "grande" progresso da humanidade, um progresso que está a poucos passos do precipício. Se os jovens são "nossos" próximos revolucionários, a onde iria sua revolução? Ainda que os modos de produção fossem alterados a produção continuaria a durar. E esta revolução… Que revolução poderia fazer

um jovem que na maioria de sua existência se encontra ligado a um aparato tecnológico? Como teria vigência a ideia do "povo organizado" se este "povo" segue acorrentado à tecnologias, e segue perpetuando o estilo de vida dentro dos cânones da tecno-indústria? Que isso não seja uma confusão, como eco-extremista não tento estabelecer uma revolução que derrube a civilização tecno-industrial como uma "resposta" ou uma "melhor" revolução. Então, por que criticar a ideia de uma revolução? Ou por que criticar os jovens que se sentem revolucionários?

Penso que em alguns jovens existe um sentimento de culpabilidade ou indignação diante das situações que eles consideram como injustiça. Então, optam por se apropriar de ideologias que propõem uma mudança…, enchem suas cabeça com ideias revolucionárias, e vivem com base em utopias, meros anseios. Isto não deixa de ser um escape da realidade, ignorando a decadente realidade presente e esperando a revolução que chegará. Vivem em seu eterno sonho. Não vejo diferenças de uma pessoa presa a algum videogame com uma outra presa à ideia da revolução. Ambas ignoram o aqui e o agora. Porque o ato de pensar em seu mundo virtual bem como em seu mundo mais justo que algum dia chegará mantém a cabeça ocupada, e no segundo caso, os "revolucionários", cura-os do profundo sentimento de culpabilidade. Para muitos esta afirmação que aqui faço será incômoda, alarmante e indignante. Responderão eufóricos que ao contrário daqueles que se mantém dentro da realidade virtual, eles como revolucionários realmente analisam a realidade e enfrentam-na. Será isso verdade? Quão real será seu enfrentamento contra a realidade se em suas redes sociais ante os olhos de todos difundem o que fazem sem medo de serem presos? Um enfrentamento "real" contra a realidade dá possibilidades de expressar seus posicionamentos aos quatro cantos? Alguns até mesmo "enchem a cara" enquanto permanecem "de pé em luta". Que engraçada é a forma de enfrentar a realidade destes "revolucionários". Nós eco-extremistas sabemos que estamos diante de um risco constante, que nossas palavras e ações são incômodas para cidadãos e autoridades. Sabemos que as forças de segurança que operam nos distintos territórios onde atentam os selvagens eco-extremistas estão atrás de nós, é por isso que nós seguimos sempre despertos, por isso que rejeitamos tudo aquilo que distorça nossa realidade, porque a aceitamos e a enfrentamos por mais deprimente que seja, é por isso que vários individualistas se propuseram a difundir seus conhecimentos sobre como sobreviver dentro da civilização. Seguimos nos mantendo fora das grades, seguimos conspirando dentro de suas urbes.

Romper com a ilusão revolucionária não é fácil, mas enquanto se vive nela se ignora a realidade presente, tudo se torna tão utópico que se esquece do agora. A revolução que promulgam jamais chegará, o humano perdeu sua condição natural e se transformou em um robô que trabalha à serviço do progresso destruidor da Natureza. Quando será que esses jovens se darão conta da ilusão em que vivem? Eu não sei, talvez seguirão toda a vida perseguindo o fantasma da revolução, porque não é nada mais que isso: uma ideia morta.

Falei daqueles acorrentados tanto ao mundo virtual como dos que se encontram arrastando as correntes do anseio. Ambos desprezíveis para mim, ambos buscando falsas saídas para a realidade existente. Outros, os que há de monte em todas as cidades, tem caído na hipocrisia de falar de posturas antagônicas à realidade com uma garrafa na mão e seu corpo infestado de substâncias psicotrópicas. Abundam, há em todas as partes, suas razões? Muitas: para escapar das dores da vida, para agigantar a felicidade, felicidade que como já disseram diversos comunicados eco-extremistas, é totalmente falsa. Em sua condição total de híper-civilizados, não são capazes de levar a cabo convivência alguma a não ser por meio de uma substância que altere sua percepção da realidade, uma fuga nauseante e falsa onde apenas perpetuam os modos de "diversão" que impõe a civilização. Tristes são aqueles que tentam sanar suas dores sedando-se desenfreadamente. Parece que a hidra tecno-industrial fala e de sua boca sangrando sai as palavras que ordena a seu escravo: se está triste, drogue-se! Se deseja estar feliz, drogue-se! A toda dor ou a todo desejo insaciável de diversão a civilização oferece uma grande quantidade de substâncias psicotrópicas. O triunfo total: se você quer ser rebelde, igualmente drogue-se, e com isso o feroz guerreiro que poderia se lançar a uma guerra contra a realidade terminará transformado em um escravo dócil. A hidra rindo pronuncia sua sentença: a civilização triunfou, o guerreiro já está sedado! Não há "liberdade" alguma em uma vida cíclica. Muitos ignorantes catalogarão estas palavras de moralismo, mas cairiam em um erro pensar que como eco-extremista rejeito essas substâncias por considerar que é "mal" ingeri-las. Tentarão justificar de milhões de formas, justificando suas cadeias. Estas palavras não são uma questão de moral, já que me posiciono como um ser amoral. Estas palavras nascem de um desprezo, um desprezo à vida cíclica, às substâncias e às práticas que levam a essa vida. Se sentem tão vivos quando estão tão mortos, tão dependentes de uma substância ou de uma prática que sem isso o viver se tornaria algo impossível. Não é questão de moral nem muito menos que nos espantemos e cataloguemos essas práticas como "más", é mero desprezo a suas atividades "libertadoras" que mais são um atalho à vida cíclica. No momento, até aqui chegarão estas palavras, haverá mais tempo para ir mais a fundo na crítica à vida cíclica e as distintas formas que ela se apresenta.

Huehuecoyotl

Outono de 2016

Lições Deixadas Pelos Incendiários

Extraído de Revista Regresión número 5.

"Somos a raiva incendiária de um planeta que morre"

A “Earth Liberation Front” ou “ELF” (“Frente de Libertação da Terra” ou “FLT”), foi considerada pelo Departamento de Estado e as grandes agências de investigação dos Estados Unidos, a ameaça de terrorismo doméstico mais importante daquele país.

Embora seus primeiros atos datem 1996, foi apenas no ano seguinte que seus atos começaram a se tornar mais destrutivos e saltaram a opinião pública.

Aqui está uma breve cronologia dos atos mais notáveis:

- 21 de Julho de 1997: a ELF ataca com um grande incêndio a empresa "Cavel West" em Redmond, Oregon. A empresa dedicada à venda de carne de cavalo sofre prejuízos de 1 milhão de dólares e nunca mais é reconstruída.

- 02 de Junho de 1998: o edifício do U.S. Department of Agriculture Animal Damage Control e o U.S. Department of Agriculture são incendiados em ataques coordenados pela ELF. Os prejuízos chegam a 1,9 milhões de dólares.

- 19 de Outubro de 1998: cinco edifícios e diversas propriedades de uma grande pista de esqui nas montanhas de Vail, Colorado, são reduzidas a cinzas por integrantes da ELF. Cinco dias antes o tribunal havia emitido uma permissão para que a empresa de esqui se expandisse pelo território do lince. Os danos alcançaram 12 milhões de dólares.

- 31 de Dezembro de 1999: um feroz incêndio acaba com a sala 324 da faculdade de Agricultura na Universidade Estatal de Michigan, em East Lansing. No edifício eram realizados experimentos para a expansão de sementes geneticamente modificadas. Os danos atingem 1 milhão de dólares. As investigações em biotecnologia estavam financiadas pela Monsanto e a USAID (Agencia Estadunidense Internacional de Desenvolvimento). A ELF escreve "Queima a Monsanto, Viva a ELF!".

- 20 de Julho de 2000: Centenas de árvores geneticamente modificadas são destruídas por membros da ELF. Nas imediações do centro de pesquisa do U.S. Forest Service vários carros são pintados com slogans contrários à bioengenharia. Os danos são estimados em 1 milhão de dólares. Tudo isso em Rhinelander, Wisconsin.

- Novembro e Dezembro de 2000: a ELF leva a cabo grandes incêndios contra condomínios de casas e luxuosas construções em Nova Iorque e Colorado, declarando assim uma "Guerra sem limites contra a expansão urbana". Os danos foram avaliados em milhares de dólares.

- 21 de Maio de 2001: o Centro de Horticultura Urbana da Universidade de Washington é consumido por um voraz incêndio gerado pela ELF. Os danos são avaliados em 7 milhões de dólares.

- 01 de Agosto de 2003: um incêndio de grande magnitude afeta a um condomínio com 206 casas em construção em San Diego, Califórnia. Os danos chegam a 50 milhões de dólares. A ELF se responsabiliza pelo ataque. A mensagem "Vocês constroem, nós queimamos." é deixada pintada em um cobertor largado no local do ataque. Este foi o ato mais destrutivo na história da ELF nos Estados Unidos, pelo qual se começou a considerá-la uma ameaça latente à segurança nacional.

- 22 de Agosto de 2003: em West Covina, Califórnia, a ELF realiza sabotagens e ataques incendiários em um armazém com luxuosas camionetes Hummer. Os danos são de 2,3 milhões de dólares.

Os ataques incendiários, intimidatórios e sabotadores da ELF continuaram até 2006 e foram diminuindo nos anos seguintes, embora a ELF que executava ataques de grande escala em territórios gringos foi vista apenas em 2009 quando seus integrantes roubaram uma escavadeira e jogaram-na contra torres da estação de rádio KRKO em Everett, Washington, derrubando-as por completo. Até agora seus integrantes são severamente perseguidos pelo FBI ao redor do mundo.

Mas por que as campanhas de grandes incêndios da ELF pararam? A resposta é: devido a um delator. Em novembro de 2015 a imprensa publicou uma matéria sobre o assunto, o FBI havia admitido que tinha na mira uma das eco-terroristas mais buscadas, mas a perdeu de vista.

Se trata de Josephine S. Overaker, integrante de uma das células da ELF mais destrutivas e ativas nos anos 90 e princípios dos anos 2000, célula que causou milhões de dólares em perdas após atacar empresas, instituições governamentais e universidades baixo a responsabilidade da ELF.

O FBI chamou esta célula de "A Família". Em dezembro de 2005 invadiu vários Infoshops em quatro estados diferentes, prendendo a 9 pessoas e processando outras 11, e isso após as declarações de um delator chamado Jacob Ferguson. Este viciado em heroína com uma tatuagem de um pentagrama na testa era naquela época namorado de Josephine e que estava envolvido nos ataques da ELF através do relacionamento que tinha com ela. Ele se encarregou de levar um microfone oculto entre suas roupas quando se reunia com os responsáveis dos incêndios, e foi assim que o FBI levou a cabo a chamada operação "Blackfire" contra "A Família".

Segundo o FBI "A Família" era liderada por Bill Rodgers, ecologista radical que foi preso em 2005 nesta operação policial, e que cometeu suicídio em sua cela na prisão do Arizona em 21 de Dezembro aquele ano. Cabe destacar que Bill foi o responsável por escrever um manual da ELF chamado "**Setting Fires With Electrical Timers – An Earth Liberation Front Guide**", que é um guia de temporizadores elétricos para detonar cargas explosivas ou iniciar incêndios.

Muitos dos acusados cooperaram com o governo e agiram como delatores entre seus companheiros para que assim suas penas fossem reduzidas. Os únicos que aceitaram suas responsabilidades nos atos e não cooperaram com a polícia foram Nathan Block, Daniel McGowan, Jonathan Paul e Joyanna Zacher.

Apenas 4 integrantes da célula da ELF conseguiram escapar e evitar a prisão, mas em Março de 2009, Justin Solondz foi capturado na China e extraditado. Ele se negou a cooperar com o governo e foi sentenciado a 7 anos.

Rebecca Rubin foi capturada na fronteira com o Canadá em novembro de 2012. Em Janeiro de 2014 foi condenada a 5 anos de prisão.

Joseph Mahmoud Dibee é outro dos ecologistas radicais buscados pelos Estados Unidos. É dito que está fora de sua jurisdição, pois declararam que pode estar se escondendo na Síria.

Segundo o FBI, Josephine S. Overaker havia fugido para a Espanha com ajuda de separatistas bascos e protegida por anarquistas madrilenses, embora depois de tê-la em sua mira na Europa uma dia desapareceu sem deixar rastro algum e desde então não soube mais dela.

As lições que deixa a história da ELF nos Estados Unidos, são:

- Nunca confie nem meta um drogado em um ato ilegal com consequências de prisão ou morte.

- Não pode esperar e é melhor que nem pense que te considerarão o "salvador" da terra quando promove incêndios e causa danos aos que causam danos à natureza, sempre te catalogarão como criminoso, extremista, louco, terrorista, etc.

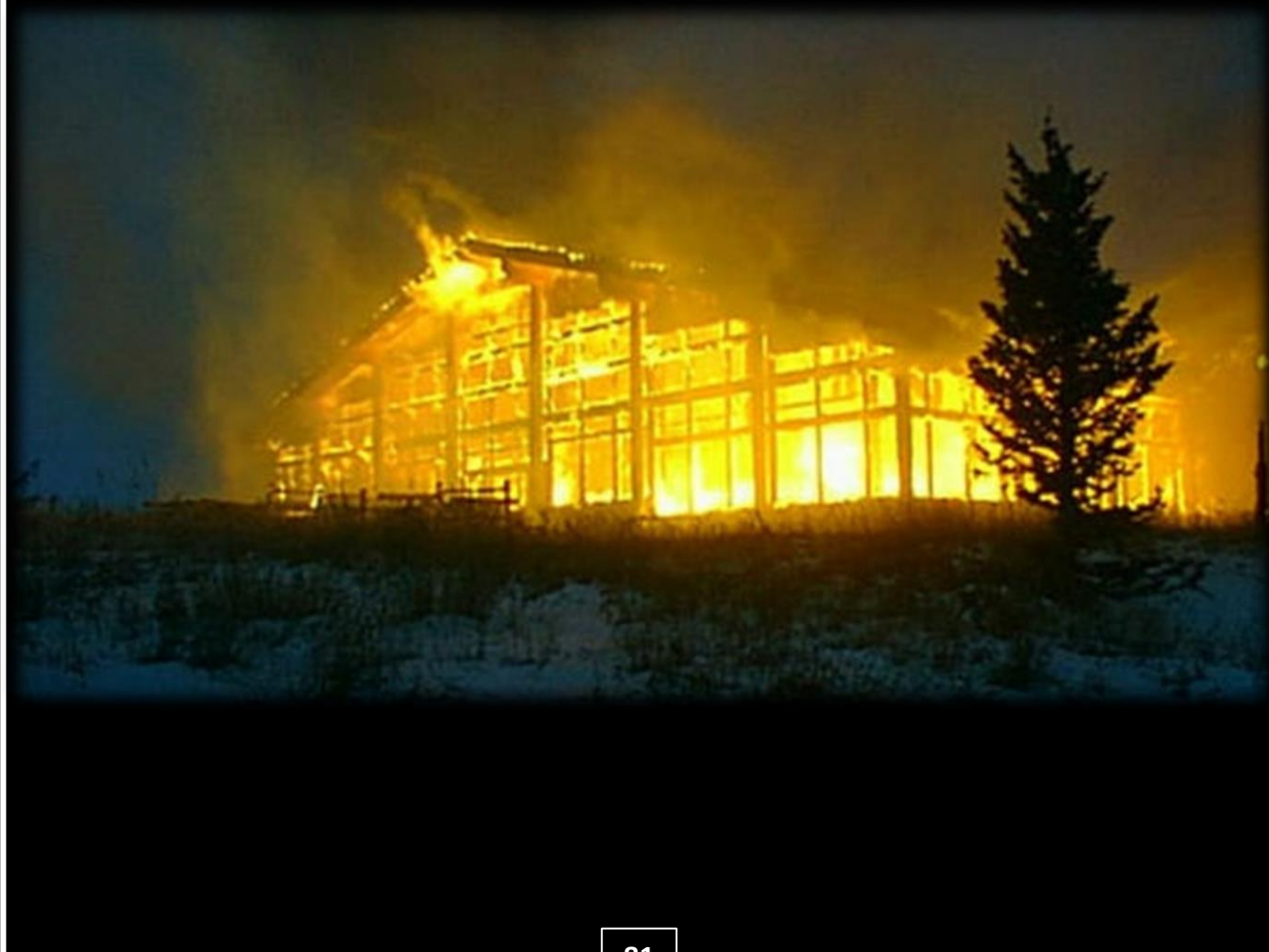
- Muitos dos condenados à prisão por atos da ELF nos EUA expressaram insistentemente que eles não são terroristas e que nunca causaram nem mortos nem feridos em seus ataques, e é aqui que eu digo: Sim, eu concordo, em seus ataques nunca houve vítimas, mas me pergunto depois: o que sentiram os donos das empresas, os responsáveis pelas instituições que reduziram a cinzas? Eles

ficaram felizes? Eles ficaram indiferentes? NÃO, eles sentiram medo e terror quando souberam que não havia sido um incêndio florestal, mas que havia sido a ELF e mais, o havia reivindicado por uma causa específica. Atenção! Pois aqui não me coloco do lado das pessoas que quando algo lhes acontece saem correndo para as autoridades sabendo que o ocorrido é apenas consequências de seus atos contra a Natureza.

Eu não me limito à linguagem jurídica que marca como terroristas apenas as pessoas que matam ou ferem a outras por essa ou aquela causa. NÃO. Me refiro ao terror como sentimento, como a reação que sofre aquela pessoa que sabe que aquele é o momento em que se deve pagar por tudo que cometeu.

Talvez no aspecto jurídico ou quando se está na prisão, onde tentam lhe impor uma condenação por terrorismo isso seja muito negativo e haja risco de pegar até 30 anos de condenação, isso na situação mexicana. Aí sim talvez alguém, dependendo da sua situação, poderá se indignar e dizer que não cometeu atos terroristas (segundo a lei). Se não, então não.

O contexto na qual foram sendo executados os ataques incendiários da ELF no país vizinho foi bastante convulsionado. Havia passado apenas alguns anos desde a prisão de Ted Kaczynski e os ataques da ELF se proliferavam em vários estados, juntamente com os selvagens distúrbios na batalha de Seattle em 1999 contra a cúpula da OMC, seguidos dos atentados contra as Torres Gêmeas. Todos estes elementos deram lugar ao endurecimento das penas para aqueles que ameaçavam a estabilidade de uma nação. Foi neste cenário sob todos os meios disponíveis que as agências de investigações receberam a tarefa para combater e prender os membros da ELF.

Teria sido melhor parar com os ataques após o 11 de setembro? NÃO, os ataques ocorreram no momento em que deveriam acontecer. Não podemos nos dar ao luxo de parar quando a crise se aproxima. O que eu mais gostaria de ressaltar em todo este contexto é que uma coisa é certa, após o endurecimento das penas para os terroristas (sejam eles quais forem), o trabalho sério da polícia veio. Como é que poderiam combater ameaças estrangeiras (no caso a Al Qaeda) tendo uma em casa (ELF/ALF)? A qual levou o FBI a se intrometer nos círculos ecologistas radicais e por mera casualidade deram de cara com um bocudo, o elo fraco que após breves ameaças estava caguetando geral. Toda esta série de acontecimentos e situações são as que não podem ser esquecidas na hora desta guerra, em outras palavras, que não te peguem desprevenido e mal informado! Manter-se a par do que está acontecendo ao nosso redor é essencial.

Notas Sobre o Anarco-primitivismo

Texto escrito por Abe Cabrera em seu blog Wandering Cannibals.

Eu estaria mentindo se eu dissesse que não gosto de me envolver em discussões. Mas eu também estaria mentindo se não dissesse que creio que isso não é bom para mim na maioria das vezes. O reino das ideias "anti-civilização" é pequeno, o daqueles que se opõe totalmente à civilização é ainda menor, e o daqueles que tem certas ideias a respeito é ainda mais pequeno, etc. Creio que foi Henry Kissinger quem disse que as políticas dos campus universitários são asquerosas devido haver muito pouco envolvimento. Esse é igual o nosso caso. Nem sequer conheço a alguém na "vida real" que sustente algo que se pareça com estas ideias. Portanto, se meter com alguém através de um gole retórico é lamentável no melhor dos casos, e tolo na pior das hipóteses.

De muitas maneiras você está no mesmo barco, não importando quantas distinções faça. Se é "são" enterraria o machado e agradaria a todo mundo. É claro, o homem não vive apenas de sanidade. (Aqui vem o grande "porém...."). Uma vez que se tem certa "epifania" você percebe que não está na mesma página com aqueles que o observador externo diria que você tem afinidade. Eu venho do anarco-primitivismo, ao menos em teoria, embora nunca tenha me sentido cômodo com ele. O antropocentrismo, o otimismo, a ideia de que existe um estado primordial que encaixa como uma luva na psiquê humana... estas coisas nunca se encaixaram comigo. Como Marxista sempre vi a "natureza" como um ato do intelecto e da vontade humana, ou algo que atua por parte do intelecto e da vontade humana. Ou seja, a vida humana não é algo que simplesmente é "produzida" por nossa natureza manifestando-se em uma circunstância em particular. É algo ativo e vibrante, resultante do homem testando sua força contra o caos e a entropia. Creio que é evidente que nossa situação está desbalanceada, que todos os projetos humanos são insustentáveis no final, e muitas vezes, o modo de se formar uma sociedade humana é o produto de milhões de vontades diferentes disparando ao mesmo tempo para produzir uma harmonia e desordem, o alçamento e a derrubada dos artifícios e hierarquias, o retorno a uma base que pode tornar-se instável em um ciclo que chega até os distantes recessos do passado…

Por algum tempo pensei que este entendimento era aquele que estava envolvido em outras escolas do pensamento anti-civilização. Eu nunca aderi a seu aspecto "vendedor" (selling): você estaria mais feliz e saudável sem a civilização, tua comodidade seria mais estável, tua vida seria mais satisfatória, etc. Para mim a vida sempre se tratou de lutar, não de felicidade, mas de significado; não de liberdade, mas sobre o que fazer com ela. Talvez eu seja muito "pré-moderno" neste sentido do meu pensamento: a egolatria nunca foi uma preocupação, os indivíduos seguem sendo peões em um grande jogo cósmico, nosso único papel agora é o de derrubar sem esperanças a reconstrução. O de perceber que o homem é o compêndio e não o fim do cosmos, e se ele cai, como o mordomo personificado do mundo físico, o único honorável a fazer é retirar-se e deixar que o mundo volte a ser o que foi antes de nós. Isso não é algo que você pode vender ao jovem idealista que quer fazer do mundo "um lugar melhor", mas é a única coisa em que estou interessado.

Estive lendo a mais nova edição da revista "Revisão Verde e Negra" (Back and Green Review), e enquanto não quero chutá-la ou criticá-la de uma forma sistemática (principalmente, por que quem se importa? E para que serviria?) Dei-me conta de que nós (os criadores dessa revista e eu) estamos nisso por razões completamente diferentes. Um dos ensaios é uma descrição exaustiva de como um dos autores chamado "Humano de Quatro Patas" tem treinado para retornar imediatamente a ser um caçador-coletor nômade. Embora isso seja problemático em muitos aspectos, é refrescante em sua honestidade. Por exemplo, representa um ponto de viragem no discurso anti-civ por empregar um "bait and switch" (conceito que faz referência a trocar um bem que é grátis por um mais

sofisticado que tem um custo maior), afirmando que, embora historicamente possa ser que os caçadores-coletores tenham trabalhado umas poucas horas ao dia, aqueles que tem a vocação para converter-se em caçadores-coletores agora deverão trabalhar duro, e muito duro, por horas e horas ao dia, com a perspectiva do fracasso e a inanição sempre por perto. Aí se pode ver um ponto de venda, suponho. Após muitas gerações pode ser que as pessoas regressem a um estilo de vida nômade, de ócio geral. E novamente, tenho muito pouco controle sobre meus próprios filhos, não tenho tanta certeza de que posso determinar a mentalidade da descendência que jamais conhecerei.

Para apoiar um pouco, tudo isso é baseado no Plano Mestre do Anarco-Primitivismo, que vai da seguinte forma:

Plano A: A civilização irá se colapsar sozinha (mais ou menos);

Plano B: Não há plano B.

O que eventualmente nos leva ao paraíso nômade caçador-coletor, que não será fácil, mas de algum modo é para isso que estamos preparados inerentemente, assim dizem eles. Não é violar a Lei de Godwin, mas creio que não há melhor analogia aqui que o Partido Comunista Stalinista proclamando: "Depois de Hitler, nós". O ponto do artigo do "Humano de Quatro Patas" citado acima é de realizar a corrida do "super-homem" (todos teremos potencialmente estes super-poderes), que vencerá a civilização pelo desgaste. É como wu wei ou algo assim.

A obsessão dos Anarco-primitivistas da escola dos Black and Green Review é, desse modo, a de preparar as pessoas para este futuro. Assim, as sociedades "primitivas" que os indivíduos decidem emular serão de entornos marginais tais como os Inuítes ou os Selk'nam (Ona) da Terra do Fogo. Ou seja, lugares em que a maioria dos seres humanos não querem viver como primeira opção. A partir desse foco de colonos sub-árticos virá a nova esperança da humanidade, e todos os demais podem simplesmente morrer, porque eles não tem esperança. Parem, por favor. (Como é que isso não é niilismo? Ou seja, abraçar um sistema na qual eu e minha gente sobreviveremos, mas o resto pode simplesmente morrer de fome lentamente ou se matar entre eles em guerras por recursos, eu não tenho ideia. Creio que é totalmente kosher o cometimento de pecados de omissão ou simplesmente deixar que 99,99% da população da terra morra, mas se você faz algo para mencionar isso traria impureza, ou é ao menos uma perda de tempo. Tenho certeza de que os humanistas ao redor do mundo apreciariam essa distinção na misantropia).

O que é mais triste em tudo isso é como os anarco-primitivistas pegam essencialmente, a um nível narrativo, as visões científicas/coloniais do mundo e colocam nas sociedades que tentam emular: pegando o que gostam e deixando de lado o que não gostam, como se pudessem selecionar como se fossem tomates, as formas de vida que muitas vezes estavam intimamente relacionadas com as formas nas quais alguém via na natureza. Portanto, chega-se a "essência" ou a "substância" do que significa ser um caçador-coletor nômade, enquanto que os detalhes "irrelevantes" e "falsos" tais como a cosmologia, a mitologia, os rituais, etc., são deixados de lado como se não importassem. Como se os Ona (Selk'nam) fossem simplesmente algumas pessoas que puderam ser o que foram drenando todo o endurecimento físico e perseverança, mas deixando de lado os grandes rituais como o Hain, e as deidades como o Hoowin, como se não tivessem nada haver com tudo isso. Você pode abstrair e sangrar uma sociedade primitiva para teus próprios fins e usar o que te agrade para salvar tua própria pele, enquanto provavelmente nenhum caçador-coletor prudente tenha pensado sobre o mundo e o que ele ou ela fazem diariamente nestes termos. (Veja, por exemplo, o artigo "Os Seris, os Eco-extremistas e o Nahualismo" nesta mesma edição da revista para uma visão alternativa de como abordar esse tipo de sociedades).

Assim como o esquerdismo vejo o anarco-primitivismo como algo inventado na mente do contador e do administrador de recursos, mas levado à era da Idade da Pedra. Para mim, parece que preocupações tais como "como posso sobreviver e como posso evitar ser oprimido" são muito modernas e domesticadas. Claro, todos nós queremos sobreviver, mas em quais circunstâncias? Fugindo sempre? Esperando a Godot na forma de catástrofe para que assassine a todos os nossos inimigos por nós? Desistir das melhores terras e ir para um lugar onde se sobrevivermos ou não, não seja melhor que uma brincadeira de merda? Ao menos o "Humano de Quatro Patas" admitiu no final de seu ensaio os Paleo-guerreiros da Super-Elite dentro de seu clube, aqueles que quiseram ir ao parque urbano após o trabalho para tecer cestos e esculpir pedras: boa maneira de dar esperanças a seus leitores. Quanto a mim, qualquer interesse no Anarco-Primitivismo e no que eles pensam e fazem diminui mais e mais a cada dia. Isso também me aconteceu com o Marxismo, embora eu não tenha me considerado um Marxista por anos estava ainda interessado remotamente nele. Especialmente com os anarco-primitivistas estou cansado de "a civilização é ruim para a saúde e está nos matando" misturado com o "reselvagear-se é quase impossível para a maioria das pessoas e há um grande risco delas se matarem". Ok, podem trabalhar em seus projetos que eu trabalho nos meus.

A Noite do Mundo Infernal

Traduzido de Revista Ajajema número 2 que por sua vez traduziu do trabalho em italiano "INCUBO", escrito por Orkelesh e editado pela "Casa Editrice Ferox".

Olhaste o pôr do sol.
Percepção e pressentimento.
Ao redor, em cada lugar, e dentro de cada tesouro escondido.
Cheire seu cheiro, misturado nos poros dilatados do presente.
Perdido, nos flashs luminosos de uma realidade triste e opaca, fugiste de cada espelho distanciado do manto do toque humano.
Tua figura, tua postura, era a aparência inexistente da criatura deformada que se expandiu aumentando o domínio sobre o outro, e sobre o que tinha perto.
Quem estava próximo de ti? Alguém tem coragem para isso?
A fria superfície de teu corpo emanou um aroma potente, forte e pungente.

Alguém, algum pobre ser mortal sentiu algo dentro de si mesmo, aquela sensação que ninguém quer buscar no final. Olhaste a humanidade e a observaste, sob seu olhar arrogante e fugaz, sem dar um sinal do que estava pensando.

Vieste em meu sonho.

Entraste aqui, em minha invocação, sublime audácia, e me agarrei firmemente a profunda e hermética ordem do segredo que anseio, ascendendo a um elemento inexistente que esconde a si mesmo, e aos olhos plácidos da humanidade vazia.

Teu rosto pálido foi minha ilusão e ao mesmo tempo as ilusões dos que estavam ao meu lado.

Teu rosto falava de mundos remotos, distantes, escuros e inapreensíveis, sem que existisse a necessidade de viagens.

Monstruoso, te equivocaste, e andaste como grandes passos em minha habitação, com uma luz tênue e fixa em direção à parede, feita de sucessões e representações geométricas.

Querias, alçaste a ti a luz projetada, se parecia com a esperança caduca da sociedade e do humano, vagando pelas portas do conhecimento.

Supremo, afirmaste, enquanto eu era acorrentado à cama por um vínculo à Terra, tu não sentiste nem quiseste saber, a coisa que vi e sonhei eu meu sonho.

Foi a luz que se "mostrou" na parede regular que te irritou.

Uma luz que consideraste como o mundo exterior lutando "inutilmente" contra o mundo interior, aquele do não-conhecimento e da não-existência de cada valor fundamental.

Ah, como gritaste, monstruoso diante de mim, molestavas minha vista, que não pude capturar teu instinto de morte, aquele toque sedutor e frio ao mesmo tempo.

Eis aqui! Era o tempo que não existiu mais, não entendia o fluxo dos instantes, não leu a variação da luz, a projeção da sombra parou antes da aplicação de seu som mortal e cruel.

O tempo -afirmaste, o matamos, esta aparente verdade que é assim chamada pelo humano mortal. Matamos o valor do tempo, vamos aniquilar o alçamento dos acontecimentos e das normas, conceitos e matéria. Teu rosto anormal pronunciava palavras de honra e horror. Agora um humano devia ser engolido, em sua caverna, onde chupa sua linfa vital.

Foi-se o momento em que te iludia através de meus olhos e meu olhar, que me seduziste, eu mal saí da cama.

Caiu a noite? As pulsações articularam minha expressão em cada momento, tive que criar uma ideia, e realizar minha pergunta para ti.

Impassível irias, e antecipaste a produção de minha ideia, aquela que tinha intenção de levar a cabo, participando em teu debate, com um impulso e sons da boca, que pensei que poderiam ser articulados.

Um áspero sotaque enfatizava aquilo que deveria ser dito, em uma gutural expressão de sinais e palavras...

O que queres de mim? -digas o que pretendes, mortal, aqui estou e em tudo, estou de volta e estou em meu reino, não podes calcular, não podes rodear, nem sequer pensar, nem limitar meu corpo ou meus movimentos. "Presságio escuro, desconhecido e esquecido do vazio, expressão da vida, da humana sociedade, íntimo e irreal, presságio que limpa os membros adormecidos pelo langor do valor absoluto e utópico.“

Isso queria expressar-lhe, o nada, em comparação a seu poder colérico e sedutor.

Foi apenas um instante, um veloz movimento de sons da boca, nada comparado a magnitude da destruição da sociedade, do valor dado às coisas, contra tudo o que parece ser regular e utópico.

Sua imagem pousou na parede, ficou deformada e se levantou, voltando-se ao normal, caiu em um vazio sem luz, era seu poder, seu instinto de morte que deveria ser transmitido, sem que pudéssemos saber "onde e por que", rasgando a garganta da consciência, no fundo de um abismo onde milhares de moinhos engoliam o vazio e aos redemoinhos.

Espirais e ondas em toda a habitação, toda balançando, era sentido o passo de um ciclo que terminava e nascia, para morrer, expressão daquela subida ao topo do conhecimento, amplificando a dor do desejo do que perseguia.

Agora, apenas agora, via e sentia, que levava em minha mão um cadáver, os restos de algo que se parecia a um humano, e enquanto "olhava", isso que suas mandíbulas comiam, destroçavam e engoliram, previram a morte do humano, pela seleção e a conexão, em sua viagem sem rumo, para aniquilar e destruir o conceito do homem, suas esperanças, e seu tempo.

Olhaste o por do sol.

Halputta

O caiman é um caçador noturno. Durante o dia, na maioria das vezes ele é visto com apenas a cabeça acima da água, descansando. Mas quando o sol se põe, ele começa a caçar. Caça indiscriminadamente, quase como uma “máquina”, dirão alguns tolos. Mas estão errados, as mandíbulas podem facilmente quebrar uma perna, ou um braço ou algo mais. Sua cauda se move rapidamente na água à procura de presas, suas poderosas garras se movem na terra, tudo isso é a força da Natureza. Caso percebe algo se movendo na costa, o espreita, o ataca, o morde, o leva abruptamente para a água, o afoga, e, finalmente, o devora. Sem se importar com o que seja. Talvez, se percebe que não é algo tão saboroso, o deixa, mas sempre ataca primeiro, morde primeiro, e então decide se consumirá ou não. O caiman faz o que caimans fazem, não pode fazer nada a mais. Todo o raciocínio do mundo não pode mudá-lo.

As aldeias que se formaram em torno das águas dos caimans sabiam muito bem como eram. Os reverenciavam, como um dos donos das águas. Os híper-civilizados, com sua arrogância e sua ignorância, anseiam que a Natureza se curve à sua vontade. Mas são descuidados, se sentem seguros, e a Natureza outra vez ataca.

Isso ocorreu no “Reino Mágico”, no que hoje é conhecido como o estado da Flórida, nos Estados Unidos. Uma família de Nebraska, estado do interior e sem litoral, pensava em deixar seu bebê de 2 anos brincar na margem de um lago próximo a seu hotel, em torno das 21 horas. Claro, os caimans estavam caçando, e o bebê se converteu em uma presa. O pai viu o caiman agarrar o seu filho, lutou com ele, mas nada pode fazer. O caiman levou o menino, mas não o comeu. O deixou na água, afogado e morto, uma tragédia para a família jovem do interior que estava de férias na Disneylândia com o seu bebê. Os civilizados, por pura vingança travestida de “segurança” mataram o caiman, depois outro e outro, procurando o culpado, o criminoso, o animal delinquente que se atreveu a seguir com sua natureza feroz, aconteça o que acontecer. Ainda não estão seguros se pegaram o malfeitor.

Cada selvagem nestas terras sabe que não se deve estar próximo a margem a esta hora da noite, pois é o momento de se respeitar a hora do caiman, da puma, do urso, das serpentes, e outros animais que são manifestação da força e esplendor da Natureza, a Vida e a Morte. Todo o Selvagem. Mas a família “inocente” não, a família “inocente” pensava que seu filho estava em uma “banheira”, brincando em sua casa com seus bonecos. Foi um momento de alegria e relaxamento que se converteu na vingança pela escravidão da Natureza. Assim, o pai pagou o preço mais alto:

“No meio da noite, Deus matou a todos os primogênitos da Terra do Egito, desde o primogênito do faraó, que se assenta sobre o seu trono, até o primogênito do prisioneiro na cadeia…”

O eco-extremista é uma manifestação da Natureza, não tão perfeito como o caiman, é claro. É um ser rejeitado, um produto defeituoso e mal feito da sociedade tecno-industrial. Por isso não respeita suas leis, seu horário, sua ordem. Ataca como o caiman e depois se esconde na escuridão das podres urbes como um caiman se esconde na água pantanosa, sempre observando. E acima de tudo, é indiscriminado. Quando lhe aparece a presa, já era, não há remédio. Não é que não tenha “livre arbítrio”, o que francamente é uma piada. A civilização não nos dá escolha, é uma questão que ou você aceita completamente ou te classificam como um delinquente, um criminoso, um perverso. Bem, o eco-extremismo rejeita a falsa escolha do sistema tecno-industrial. A única escolha que será oferecida é o ataque, o fogo, a morte, até mesmo de “inocentes”.

Que os hiper-civilizados, até mesmo os mais progressistas ou também os “anti-autoritários”, morram de asco pensando nos atos indiscriminados dos eco-extremistas. Como os caimans, não é possível mudá-los. É uma questão de caçar ou ser presa, às vezes acontece de você ser uma, outras vezes não.

Ânimo, sempre foi assim.

Boa sorte.

-Bowlegs

kvco-hvse (junho), ano do crucificado, 2016.

Animismo Apofático

Texto reflexivo do editor-chefe da Revista Atassa, onde aborda o assunto do animismo do tipo eco-extremista.

As pessoas modernas, claro, não podem deixar de cercar isso com os seus olhos, e tenho a mesma tentação. No meu caso, enquanto o bom anarquista ou o esquerdista pode condenar a "superstição" porque pensam que conhecem a história, eu conheço a história ainda melhor, então eu penso duas vezes antes de fazer isso. Hegel escreveu em algum lugar que enquanto os gregos antigos podiam se curvar aos ídolos o homem moderno já não pode. Isso porque ele se tornou um ídolo de si mesmo, de sua realização científica e da compreensão do mundo. Embora eu vá mais longe que muitos defensores "anti-civilização", em minha apreciação da ciência e da tecnologia moderna (principalmente pelo que fazem, não pelo que representam), eu sei muito bem que eles são também produto de certa forma de pensamento religioso, de uma genealogia que remonta a Einstein e Newton e a magia renascentista, ao neoplatonismo, a escolástica, a Aristóteles, aos pré-socráticos, e assim por diante. Recusar a "mistificação" da Natureza baseado puramente na racionalidade do Iluminismo parece ir parar bem abaixo das origens históricas da "racionalidade" no Ocidente. Não vejo o pensamento secular como algo que não seja um desvio de todas estas tendências.

Este poderia ser um bom ponto a partir do nível abstrato, mas em termos concretos as pessoas modernas estão radicalmente separadas da "espiritualidade" como algo diferente de uma escolha do consumidor. Um eco-extremista já apontou isso como no longo ensaio de Halputta Hadjo, "**Os Calusa: Um Reino Selvagem?**":

"Antes de discutir a religião Calusa e a posição dos espanhóis em relação a ela sinto que é apropriado discutir brevemente o cisma na mente moderna entre a religião e o conhecimento. Para chegar imediatamente ao ponto, a religião na maior parte de sua existência tem sido uma coisa eminentemente prática. Isto é, como as pessoas acreditavam e como sabiam que o mundo era um só em si mesmo. Isso porque os seres humanos, em geral, não tem o luxo de fazer atos de fé, esperando contra toda a esperança. "Bem-aventurados os que ainda não viram, no entanto creem" teria sido uma premissa incompreensível para qualquer pessoa "primitiva", e esse foi o caso mais provável com os Calusa. Seus espíritos e seu ambiente era um só, suas práticas religiosas e sua forma de vida eram uma só, não havia nenhuma razão para duvidar disso já que se baseavam nas coisas que constituíam sua realidade cotidiana. O Calusa acreditava em um mundo cheio de deuses, algo que não podemos nos conceber em nossa mentalidade tão ocidental e secularizada. Portanto, desafiar suas crenças era desafiar sua forma de vida. Fora a maioria dos povos de sua região foram os Calusa que conservaram suas crenças até o fim. Eles nunca foram conquistados, mas desapareceram gradualmente junto com o mundo espiritual que habitavam."

No Ocidente moderno não vemos que são os nossos espíritos, ou melhor, a Terra, que nos alimentam. A civilização nos alimenta, a tecnologia nos veste, a moral nos protege, etc. Portanto, não é de surpreender que até mesmo os mais "radicais" ideólogos híper-civilizados voltem seus olhos para os sistemas do passado para se aproximarem destes mundos e encontrá-los dispostos. Não sentem qualquer conexão com eles, podem até respeitá-los, mas não será subjugada qualquer entidade numinosa nem fingirão ser seu mensageiro, etc.

Como então se concentra a ideia do "paganismo/animismo" (sim, há uma diferença, mas eu não me importo com esse ponto)? Como recuperar os “deuses”? É mesmo necessário, desejável, etc.? Sinto que Halputta Hadjo em seu ensaio já abordou esse ponto no final de seu trabalho, mas irei fornecer minha própria abordagem. O que segue é minha própria tentativa de ser um animista no século XXI, com todas as contradições no pensamento e nenhum destes rituais frescos. É minha atitude e acima de tudo minha compreensão de que provavelmente nunca terei o que preciso, porque sentir que é "preciso" é o problema em primeiro lugar.

Minha própria entrada na crítica contra a civilização vem da sensação de lugar. De fato, os livros influentes para mim nos últimos anos não tem sido sobre a teoria, mas sobre onde plantar meus pés agora e onde os plantei. Por exemplo, tive o grande prazer de traduzir o XVI comunicado de ITS da cidade de Torreón, Coahuila. Esta é a cidade de meus avós, minha mãe foi criada em um pequeno povoado nos arredores. Eu ia muitas vezes ali nas férias quando era criança, e a sensação que eu tinha é que era feio e muito pouco atraente. Um deserto sem muito o que ver, cheirava a animais de fazenda e havia construções de adobe em ruínas. Eu não esperava mais visitar aquele lugar. De fato, eu apaguei da minha memória a paisagem da minha cabeça. Então esta parte do comunicado soou verdadeira para mim:

"A Natureza Selvagem foi destruída, o futuro ideal é tão cinza e inerte. Desde esta realidade atacamos; somos individualistas travando uma guerra vingativa em nome da montanha derrubada para construir uma mega estrada, pela flora e fauna destruída em nome do progresso, em nosso ser levamos a essência do rio desaparecido por alguma grande represa."

"Merecido tem Torreón e seus cidadãos, que com suas práticas colaboram para a perpetuação da civilização tecno-industrial. Você vê o horizonte e encontra uma colina negra artificial criada pela empresa "socialmente responsável" de nome Peñoles, água envenenada, o ar contaminado, fauna e flora aniquilada pela expansão sem freio que tem a urbe. Por tudo isso...., três mortos parece pouco para nós.“

Agora, não sou o maior admirador da prosa histriônica. Eu seguro o meu nariz e faço todo o possível para traduzir estas coisas. Mas o sentimento não está longe do que eu sinto. Embora eu seja o primeiro a admitir que a Natureza muda e muda com frequência, o que os humanos modernos fazem com o meio ambiente segue sendo repulsivo e enlouquecedor. Não é a mudança o problema, é a taxa de mudança juntamente com a arrogância atrás dela, a miopia, o fracasso em parar de danificar nosso ambiente que é apenas uma extensão de nossa ferida e da alienação entre pessoas. Cheguei à conclusão há alguns anos de que se você não pode amar a seu entorno, a água, as árvores, o ar que respira, etc., você não quer mais nada. E sim, para mim, neste mundo, ITS tem sentido. Chame-me de psicopata, o que quer que seja, eu não me importo.

Como os eco-extremistas de La Laguna eu olho para aquele lugar agora tão distante em minhas memórias de infância, mas também para o lugar onde eu cresci, para os rios e pântanos que secaram quando a água foi utilizada para irrigar os campos e ajudar o gado com sede. Olho os rios por aqui que os antigos *temporeiros dizem, eles costumavam ser claros quando estavam crescendo, você podia ver o seu fundo, mas agora são cinzentos e opacos. Olho os pinheiros e os ciprestes e aos poucos grandes ciprestes, grossos e sábios, atados pela idade e a ferocidade: o resto das velhas árvores que não foram cortadas para fazer a Grande Cidade que posso ver através de Ok’wata. O eco-modernista e o progressista me dirão para eu deixar a natureza selvagem ir, para não chorar, e para olhar para frente. Eu rejeito isso, eu nego com todo o meu ser. Enquanto outros híper-civilizados não veem mais que shoppings e parques, vejo uma cena de crime, de fato, a cena do único crime que vale a pena abordar. Minha existência e a existência dos que amo é baseada em uma mentira, uma ordem social que não tem o direito de estar aqui. Ou tem um "direito", mas não merece meu respeito ou lealdade. Nem uma porção disso.

Admito que não posso ser animista como os povos primitivos foram. Sei que as estrelas são apenas bolas mortas de gás, que a lua é uma rocha fria em órbita ao redor da Terra, que a doença é resultado de micróbios e vírus e não de um poderoso Xamã a três aldeias de distância jogando feitiços, e assim sucessivamente. Eu sei destas coisas, mas porque eu as conheço é esse o problema. As conheço pelo sistema, para o qual sou um meio e não um fim. Eu sei disso por causa de um sistema que é racional quando se dirige a estas coisas, que pode manipular matéria inanimada, mas que não tem ideia de como organizar e controlar animais humanos reais em muitas circunstâncias. Eu as conheço por causa do sistema que põe em perigo a Terra por causa de milhões de dólares ou de ideologias estúpidas. Minha adesão a um "animismo" é minha preferência por não tê-lo conhecido. Claro, isso não é possível agora, não posso praticar lobotomia em mim mesmo para eliminar o conhecimento moderno. Mas eu posso estar bem consciente do preço e declarar que ainda não vale a pena.

Tenho uma excepcional formação teológica/espiritual, mesmo que seja em meu catolicismo ancestral e em outros caminhos espirituais que resolvi estudar aleatoriamente. Tenho que admitir que a adesão ao "animismo" me deixa frio porque sei muito sobre os rituais e os dogmas para ir inventando o meu próprio credo. Eu nunca serei capaz de evocar os deuses mesoamericanos ou amaldiçoar as pessoas com a cara fechada. Mas muito menos serei capaz de condenar as pessoas que fazem isso, muito pelo contrário. Pode ser que eu não seja capaz de crer que as árvores, as rochas, os cervos, os jacarés, as bagas, etc., tenham espírito, e todos estejam sofrendo devido a nossa aflição contra o planeta, por nossa negligência e ganância, mas eu reconheço que eu gostaria de alcançar isso. No entanto, tenho aqueles momentos de atenção, aqueles momentos de assombro e admiração que todos devemos ter diante da Natureza Selvagem, e isso é o suficiente para mim, suponho.

O apofático é da escola do pensamento teológico que afirma que só podemos nos aproximar do Divino ou o Transcendente através

da negação. Ou seja, conhecemos o Divino não pelo que é, mas pelo que não é. Minha própria crença no animismo é que todas as ideologias humanas se desmoronam, todas são o resultado de se voltar para a própria cabeça, para as ideias e certezas de uma pessoa, em vez de partir. Os olhos estão destinados a ver as coisas, os ouvidos a escutá-las, as línguas para prová-las etc. As coisas são primárias, não as faculdades que as percebem e processam. Meu verdadeiro ser está fora de mim, e o sentido do homem está fora de sua própria história... Não posso concluir esta reflexão de melhor modo que citando o poema de Robinson Jeffers, "Credo", em sua totalidade:

Meu amigo da Ásia tem poderes e magia, arranca uma folha azul de uma jovem borracha-azul

E olhando-a, coletando e acalmando

O Deus em sua mente cria um oceano mais real que o oceano, o sal, o real

Péssima presença, o poder das águas.

Ele crê que nada é real exceto quando o fazemos. Eu humildemente encontrei em meu sangue

Foi criado ao oeste do Cáucaso o misticismo mais duro.

A multidão está em minha mente, mas creio que o oceano na abóbada de osso está sozinho

O oceano na abóbada do osso: ali está o oceano;

A água é a água, o penhasco é a rocha, vem os choques e os flashes de realidade. A mente

Entre, feche os olhos, o espírito é uma paisagem; A desoladora beleza

A beleza das coisas nasceu ante os olhos e foi suficiente para si mesma; A dolorosa beleza

Permanecerá quando não haja mais coração para quebrar

**** Povos antigos que sem auxílio tecnológico moderno faziam a previsão do tempo.***

O Mito do Veganismo (1)

Texto extraído de Matar o Morir Ediciones.

"O veganismo é uma filosofia de vida que exclui todas as formas de exploração e crueldade para com o reino animal e inclui uma reverência pela vida. Na prática se aplica seguindo uma dieta vegetariana pura e incentiva o uso de alternativas para todas as matérias derivadas parcial ou completamente de animais". ***– Donold Watson, membro fundador da Vegan Society (Sociedade Vegana).***

Este pequeno texto não questionará a irracionalidade das ideias e valores **(2)** da filosofia vegana. Nesta ocasião demonstraremos que o veganismo é um mito na Sociedade Tecno-industrial e como é um obstáculo para entender e atuar pela verdadeira Libertação Animal **(3)**.

O veganismo é um mito. Nada nem ninguém é vegano dentro da moderna Sociedade Tecno-industrial. No entanto, são muitos os ingênuos que acreditam neste mito e que creem que seus alimentos, vestimenta, calçado, produtos de higiene e beleza, aparatos tecnológicos, livros, música, bikes… e todo o lixo industrial que consomem compulsivamente é, segundo eles, "vegano".

Mas na realidade é bem diferente disso. Todo esse resíduo industrial denominado "vegano" não poderá conter materiais de animais não-humanos, ok, mas, na verdade, contém… ou melhor dizendo, de fato colaboram com a exploração animal, humana e não humana.

Então se retomarmos nossa definição anterior de veganismo, "… uma filosofia de vida que exclui toda forma de exploração e crueldade para com o reino animal…", é evidente que não é coerente com a filosofia porque contribui com a exploração sistemática do reino animal, logo, o veganismo é um mito.

Os autodenominados "veganos" são muito ingênuos ao não analisar, questionar e entender o funcionamento da complexa realidade e do grande complexo sistema social em que vivemos.

Todo alimento ou produto que provenha da moderna Sociedade Tecno-industrial não está livre de colaborar com a exploração e domesticação sistemática do reino animal e ambiental.

As sementes, frutas e verduras que produz e distribui a moderna Sociedade Tecno-industrial não são veganas já que a moderna agricultura industrial necessita de:

a) desmatar grandes extensões de terra fértil para aproveitar a fertilidade deste solo e convertê-lo em um campo de cultivo. Desmatar significa; destruir o ecossistema que ocupava este solo. Deve-se cortar ou incendiar a vegetação deste ecossistema e em seguida é necessário assassinar, capturar, domesticar, deslocar ou até extinguir as diferentes espécies de animais deste ecossistema. Isso aniquila todas as complexas relações e interações que mantinha esse ecossistema consigo mesmo (ecossistema e habitantes) e a relação que esse ecossistema mantinha com outros ecossistemas e com o planeta em geral.

b) já que se tem o campo de cultivo pronto, se necessita de camponeses que trabalharão a terra, há a necessidade de suas ferramentas (máquinas ou animais não-humanos de trabalho), se necessitam as sementes (nativas ou transgênicas) que serão semeadas, se necessita o fertilizante (natural ou industrial), se necessitam inseticidas (naturais ou industriais), se necessita a água para irrigação, etc…

E uma vez obtida a colheita ela é vendida a intermediários, eles a transportarão, armazenarão e distribuirão, até que finalmente esta semente, fruta ou verdura chegará ao estabelecimento comercial onde os "veganos" farão suas compras.

Então para poder realizar todo este processo é necessário utilizar a grande e complexa divisão do trabalho da moderna Sociedade Tecnológica, e em todas estas grandes complexas relações existe exploração e domesticação sistemática do reino animal e ambiental.

Alguns "veganos" poderão argumentar em sua defesa que as sementes, frutas e verduras que consomem não são de origem industrial, mas de hortas orgânicas, ok, mas se esta horta utiliza tecnologia moderna para a produção, armazenamento e distribuição de seus alimentos e se para poder adquiri-los há circulação de dinheiro, inevitavelmente continua colaborando com as dinâmicas de exploração e domesticação sistemática, animal e ecológica.

Talvez, as sementes, frutas e verduras realmente veganas são as que colheriam cada indivíduo com técnicas como; a permacultura ou jardinagem orgânica, e com o uso de ferramentas ou tecnologia simples, já que apenas assim deixaria de depender do Sistema Tecno-industrial e haveria uma renúncia a seus mecanismo de poder, controle, domesticação e exploração sistemáticos, mas a maioria dos autodenominados "veganos" não plantam seu próprio alimento.

Os autodenominados "veganos" dependem da moderna Sociedade Tecno-industrial para poder levar a cabo sua dieta. Na Natureza Selvagem nenhum animal determina de que maneira se alimentará, isso em grande parte quem determina é o entorno natural no qual se desenvolve. A dieta onívora dos animais humanos não foi uma escolha, mas uma necessidade de sobrevivência, um requisito para poder sobreviver em distintos entornos, comer o que houver, o que se possar comer. O organismo humano não é especialista, é oportunista, e sua dieta onívora é uma prova disso.

O animal humano domesticado em sua jaula civilizada é quem é capaz de decidir como se alimentar (dieta vegetariana, vegana, frugívora ou carnívora), mas para que isso seja possível é necessário colaborar e manter sua condição de animal humano domesticado a serviço do progresso do Sistema Tecnológico.

Nenhum vegetariano, vegano ou frugívoro com este tipo de dieta sobreviveria como o animal humano realmente livre deveria ser no entorno onde deveria se desenvolver (Natureza Selvagem).

A maioria dos autodenominados "veganos", talvez, não se considerem a si mesmos como o que realmente são: animais humanos.

E também é bem verdade que aqueles que lutam pela "Liberação Animal" não lutam por sua própria Liberdade Individual Selvagem e não questionam nada sobre sua própria condição de animais humanos domesticados.

Se as sementes, frutas e verduras que nos oferece a moderna Sociedade Tecno-industrial não são veganas, muito menos seus demais produtos nocivos de origem industrial são: vestimenta, calçado, produtos de higiene e beleza, livros, música, bikes…

Uma análise similar poderia ser aplicada aos produtos enganosamente chamados de "verdes" ou "ecológicos".

Nenhum produto proveniente da moderna Sociedade Tecno-industrial é vegano, e muito menos ecológico.

Os autodenominados "veganos" poderão seguir enganando a outros e enganando a si mesmos, poderão seguir dependendo do sistema de domesticação e exploração sistemática.

Poderão seguir denunciando as condições de escravidão dos animais não-humanos; e tudo isso sem ver nem denunciar sua própria condição de animais humanos domesticados a serviço do Progresso Tecnológico.

Eles conseguem ver as jaulas dos demais animais, mas são cegos demais para ver a moderna jaula civilizada em que vivemos.

Poderão seguir lutando inutilmente pela "Libertação Animal" sem antes lutar primeiro por sua própria Liberdade Individual Selvagem. É muito engraçado como um animal domesticado pretende libertar a outros animais.

Poderão seguir defendendo e promovendo as ideias e valores do Sistema Tecnológico (esquerdismo), buscando apenas melhorá-lo com suas inúteis reformas, e não destruí-lo definitivamente.

Poderão seguir consumindo compulsivamente seus produtos ou alimentos nocivos industriais supostamente veganos.

Tudo isso apenas enganará e tranquilizará de alguma maneira sua consciência, mas na verdade não fará nada para tentar atacar a domesticação e exploração sistemática do reino animal nem muito menos fará algo contra a domesticação, devastação e artificialização sistemática da Natureza Selvagem.

Frente a irracional fraude que resulta a teoria e a prática vegana, decidimos:

Renunciar ao consumo desnecessário, reutilizar os materiais já produzidos e deixar de depender do Sistema Tecnológico, desenvolvendo nossa própria forma de vida autossuficiente, longe dos valores da jaula civilizada e o mais próximo de nossa Liberdade Individual e da Natureza Selvagem.

~~Revolución~~ Feral

Primavera de 2013

Notas:

(1) *Estas ideias e valores a que nos referimos, são: animalismo, sentimentalismo, anti-especismo, biocentrismo, hedonismo, a religião, o esquerdismo, a suposta naturalidade do vegetarianismo nos animais humanos, ecologia social, misantropia, etc..*

(2) *Quando falamos do veganismo neste texto estamos nos referindo a todas suas "diferentes" vertentes, desde o "veganismo burguês" até o chamado "anarcoveganismo". E desde o movimento pela "Libertação Animal" reformista até o movimento pela "Libertação Animal" abolicionista ou radical (ALF, Animal Liberation Front – FLA, Frente de Libertação Animal).*

Os ativistas da ALF-FLA poderão argumentar que eles não são reformistas porque são de ação, mas a verdade é que eles são idênticos aos que compõem o movimento pela "Libertação Animal" reformista que tanto criticam. São reformistas por defender e promover os mesmos valores do Sistema Tecnológico (esquerdismo), eles não buscam destruir o Sistema Tecnológico, apenas procuram melhorá-lo, e o pior é que não são conscientes disso.

(3) *Por Libertação Animal nós entendemos: animais humanos e não-humanos que desenvolvem sua vida em Liberdade, em seu habitat Natural e Selvagem.*

Os Seris, Os Eco-extremistas e o Nahualismo

Escrito extraído da Revista Regresión número 7.

Os Seris foi um grupo de nativos provenientes do que agora é o estado de Sonora, eram basicamente caçadores-coletores e pescadores. Ao serem nômades por excelência os territórios onde habitavam iam desde o deserto de Encino até o rio São Inácio, municípios como o de Guaymas, passando pelas Ilhas Tubarão, São Estevão, entre outras, ou seja, as ilhas costeiras mais próximas do território "sonorense" onde chegavam remando com embarcações muito primitivas. Os grupos Seris eram divididos em bandos, os quais por sua vez, se dividiam em clãs.

A grande maioria dos Seris eram guerreiros, e com isso ocasionalmente se declaravam em conflito entre cada clã. Geralmente as guerras entre eles eram acompanhadas de uma carregada dose de animismo. Como exemplo temos a história de "O Invencível", um Xamã do bando III que enviou uma incursão de guerreiros até as subdivisões vizinhas, assassinando a muitas pessoas.

Como qualquer grupo nativo este povo tinha uma relação muito íntima com o seu entorno, suas crenças se baseavam nas correntes do mar, nos ciclos da chuva, no sol e na lua, enalteciam o tubarão, a tartaruga e os animais do deserto. A cosmologia dos Seris era simples e nada complexa, dado o seu entorno hostil e seu modo de vida nômade não tiveram tempo para se fazerem adoradores nem terem deidades complexas. Era dito que os Xamãs dos bandos e subdivisões podiam carregar grandes pedras e dobrá-las apenas com a mente.

Embora cada bando tivesse suas particularidades, apenas alguns poucos ofereceram uma resistência feroz à chegada dos europeus. Estes selvagens nunca se deixaram conquistar nem pela espada nem pela cruz, sempre se tornaram hostis diante do alheio e lutaram até a morte com a intenção de preservar os seus conhecimentos e as suas crenças ancestrais. De fato, hoje em dia, os Seris ou "Comcaac" (como se chamam hoje), são um dos poucos grupos indígenas sem intervenção católica em suas crenças animistas. Nas zonas Seris de agora não há nenhuma igreja católica nem padres, embora haja algumas igrejas protestantes.

Voltando ao assunto sobre a chegada dos espanhóis, lá pelos anos de 1855 quando os europeus pretenderam conquistar territórios e converter à fé católica os hostis Seris, se deram conta de que estes representavam uma antíteses do que eles queriam. Dado que seu

território era tremendamente hostil, os Seris em si eram bastante duros, eles não se destinaram a serem subjugados, eles não podiam ser escravizados nem vendidos como mão de obra barata já que fugiam na primeira oportunidade. À parte de que não sabiam cultivar, não tinham riquezas acumuladas como outros povos mesoamericanos, etc. Diante disso os espanhóis junto como os rancheiros mexicanos daquela época decidiram exterminá-los, sem mais. Devido a isso, neste ano começaram as Guerras Encinas, conflito bélico que duraria mais de 12 anos.

Embora coubesse dizer aqui que nem todos os bandos Seris reagiram da mesma forma diante da invasão, como por exemplo, o bando VI, que era mais primitivo, vivia em covas e não usavam arcos nem flechas, apenas eram expertos no uso do arpão, se alimentavam de mariscos, iguanas e maguey. Eram desconfiados e impetuosos, sua zona era a ilha de São Estevão. A este bando não lhe interessava o novo mundo nem os brancos, já que estavam praticamente ilhados em sua pequena ilha, mas por ser um dos grupos Seris foram os primeiros a serem atacados pelos invasores.

É dito que um barco europeu chegou até a Ilha de São Estevão e enganando aos Seris com presentes os fizeram subir, e estes foram aprisionados (embora não todos). Os homens foram assassinados e as mulheres e crianças foram levadas a terra continental como cativos.

Ao mesmo tempo o bando II que era relacionando com a pilhagem e o roubo de gado dos brancos foi reduzido pelos espanhóis, fazendo-os retirar-se em direção aos pântanos inacessíveis da Baía de Kino onde assassinaram a todos, menos a um dos jovens guerreiros que conseguiu chegar a Ilha Tubarão onde avisou aos demais Seris. Foi assim que os bandos I, III e IV se uniram contra os invasores e contra os indígenas aliados dos brancos (chamados entre eles de "pápagos"), fazendo da Ilha Tubarão um verdadeiro campo de batalha. Vários espanhóis morreram nos encontros com estes hostis. As montanhas ingrimes serviam de refúgio para os guerreiros, aqueles que com sua sabedoria ancestral acertaram vários golpes contra os europeus.

Os espanhóis não sabiam como encontrar água potável na ilha (coisa que os Seris sabiam por ser seu território), então, em várias ocasiões os brancos retrocederam desidratados e cansados depois de suas armadilhas, e estes ao não encontrar os nativos nas montanhas (como se houvessem desaparecido), tiveram que empregar vírus estranhos contra os Seris (varíola, sarampo, etc.), fazendo que seu número se reduzisse gradualmente, até a sua destruição, embora não completa.

Voltando ao assunto, em plena Guerra Encima, os Xamãs diziam que os espíritos dos animais acompanhavam aos Seris nas batalhas e que eles ajudavam-nos a seguir adiante. Aqueles guerreiros com uma superioridade espiritual maior que os outros, por sua parte, contavam histórias a seus clãs depois das batalhas travadas, que eles mesmos se convertiam em animais para, deste modo, poder escapar sem que os invasores percebessem. Um exemplo do tipo foi um guerreiro conhecido como "Coiote Iguana". É contado que em uma ocasião foi capturado e amarrado nos pês e mãos e jogado no mar para que se afogasse, mas ele se converteu em uma iguana e pode escapar. Em outra ocasião que era perseguido pelos espanhóis, os quais tinham o encurralado, ele se converteu em um coiote e pode passar despercebido zombando de seus captores.

Esta tradição animista não é rara dentro da cultura dos Seris. A habilidade de converter-se em um animal em certas circunstâncias passando do plano espiritual ao físico tem acompanhado a várias culturas ao redor do mundo, desde os aborígenes australianos até os yanomamis amazônicos. Hoje em dia isto é conhecido como "nahualismo". Também não é raro que os eco-extremistas em seus comunicados relatem que se converteram em animais, antes, durante e depois da realização de um atentado, já que esta tradição ancestral pagã igualmente os acompanha.

O que quero expressar com esta informação dentro deste pequeno texto é a geração de um impulso que faça com que os individualistas regressem àquelas práticas pagãs que tanto aterrorizaram e confundiram aos ocidentais daquela época. Nesta guerra contra o progresso humano o plano físico é importante, mas o espiritual é primordial. Aprendamos com os Seris, aprendamos com a sua dura defesa extremista do Selvagem, convertamo-nos em animais e os espíritos de nossos ancestrais nos guiarão pelo caminho que nos tem preparado.

Em nome do Desconhecido!

Com a Natureza Selvagem do nosso lado!

Frente a batalha gritemos HOKA HEY!

Hast Hax

Reflexões a Respeito da Liberdade

Maravilhosa reflexão de Zúpay sobre o termo "liberação" e todas as suas implicações reformistas e idealistas.

Neste texto, proponho apresentar, da maneira mais clara possível, minha visão sobre a liberdade, como conceito, a partir de uma perspectiva eco-extremista. As razões que me fazem realizar este ensaio são bastante variadas, entre elas pode se considerar de maior importância o fato de que tenho observado como este conceito tão ambíguo é metido nos discursos de uma quantidade muito alta de indivíduos e grupos, os quais fazem apologia do mesmo, sem nunca chegar a uma visão polida do termo. Por esta razão, em meu entendimento, é produzida uma nuvem escura que dela nunca pode ser extraída a ideia clara, que é o que se está buscando, ao que se quer chegar quando se tenta alcançar a "liberdade". Não me interessa entrar em detalhes sobre as definições propostas pelos dicionários sobre esta palavra nem tampouco abordarei neste ensaio as perspectivas que poderia ter um cidadão sobre este conceito, uma vez que, claramente, não vai dirigido a eles. É destinado a qualquer pessoa que esteja em busca de uma interpretação mais clara e realista do mundo que a rodeia, e o expresso como uma contribuição ao debate, e não como uma declaração.

Alguns indicariam que se trata de um conceito negativo no qual uma pessoa não é "livre para" (interpretação positiva), mas "livre de", "livre de toda autoridade", "livre de opressão", "livre de denominação", etc. Enquanto outros, talvez mais astutos, ou menos confusos que os primeiros, veriam este termo de forma positiva, "liberdade para se desenvolver", "liberdade para atuar", etc. Um anarquista poderia dizer que busca alcançar a liberdade ao lutar em uma guerra contra o estado e a autoridade, os quais restringem seu livre desenvolvimento e determinação, enquanto um anti-civilização poderia dizer que a única coisa que você pode aspirar neste mundo é alcançar a liberdade individual. Nisso ninguém está sendo claro sobre o que busca ou o que realmente deseja. Em um mundo sem Estado nem autoridade, o humano, assim como todas as demais criaturas viventes, estaria sujeito a uma quantidade imensa de fatores que limitariam o seu "livre desenvolvimento". Enquanto que, dentro desta realidade em que nos vemos submersos alcançar a realização de um conceito tão vago como "liberdade individual" é simplesmente impossível. Você poderia se dedicar totalmente a viver ao lado do selvagem, esculpir a sua lança, aguçar os seus sentidos, caçar e coletar o seu próprio alimento, você poderia até tentar. Mesmo supondo que você tenha alcançado esta façanha não demoraria muito para presenciar o seu entorno sendo invadido por máquinas e pelo cinza inerte da civilização. O primeiro poderia argumentar que as condições de um determinado ambiente não restringem a sua "liberdade", mas sim moldam a sua realidade de uma determinada maneira. Analisaremos a isso com cuidado.

Uma das principais razões pelas quais os anarquistas detestam ao Estado e a autoridade é porque eles privam a muitos de alcançar as mesmas oportunidades que os demais. Em um mundo em que estas entidades demoníacas não existissem eu realmente acho muito difícil, senão impossível, pensar em qualquer cenário que apresentasse as mesmas possibilidades para todos. Um grupo de humanos que vivesse em ambientes tropicais claramente teria uma vantagem na coleta de frutos e acesso a uma variedade deles, enquanto outro grupo, em entornos mais austeros, se veria "forçado" a recorrer à caça ou a pesca com muito mais frequência. As condições são IMPOSTAS a você, não há "liberdade" nisto (este ponto será aprofundado mais adiante neste ensaio).

Outro exemplo prático poderia ser a questão da alimentação. Muitos anarquistas acreditam seguir o caminho da coerência e da ética ao praticar o veganismo já que o consideram como parte do exercício de sua liberdade ao escolher determinada forma de alimentação

e, simultaneamente, isso é feito em busca da liberdade de outros indivíduos. Na natureza selvagem nenhum animal pode escolher qual será a sua alimentação, isso depende de seu entorno. A civilização necessita tirar proveitos de todas e de cada uma de nossas práticas, se nos alimentássemos unicamente do que o nosso entorno tem para nos oferecer seria algo muito pouco rentável, então é aí que cada vez mais surgem novas e estranhas modas, com infinitas propostas alimentícias, para que possamos escolher a que melhor se ajuste às nossas "aspirações individuais" (induzidas). Tenho a certeza de que para muitos será difícil ver a ilusão que se forma aqui, mas pensemos. Realmente não podemos decidir sobre os assuntos que realmente são de vital importância neste caso. Não podemos decidir se queremos consumir alimentos não intervencionados, livres de produtos químicos e tóxicos ou se queremos tomar água limpa. Mas é claro, podemos levar uma dieta "paleolítica", podemos escolher ser veganos ou crudívoros. Ter um bocado de opções falsas (falsas no sentido de que naturalmente não poderíamos escolher estas opções) é realmente mais valioso que poder acessar a única opção natural e verdadeira?

O segundo, referindo-se à liberdade individual, poderia talvez dizer que o simples fato de determinar o seu caminho é suficiente para ser considerado como possuidor de certa "liberdade". Eu acho um ponto interessante, embora também muito questionável. Primeiro porque neste caso a liberdade passaria a ser algo muito abstrato, já que praticamente qualquer indivíduo que se declare consciente de suas decisões poderia alegar ser "livre". Esta afirmação cai por seu próprio peso ao contemplar o fato de que vivemos em um ambiente civilizado. Dia após dia somos expostos a uma infinidade de estímulos sensoriais que afetam profundamente a nossa percepção da realidade. Uma pessoa poderia andar por aí acreditando que determina o seu próprio caminho, mas na verdade é a sua própria criação e o seu entorno que o moldou para andar nessa ou naquela direção. Mesmo o anarquista mais "desconstruído" se veria obrigado a admitir até que ponto têm permeado em seu ser os artifícios da civilização, e não fazer isso seria algo bastante tolo. Agora falando de nós, os eco-extremistas, ou ao menos falando de mim, não tenho o menor problema em assumir-me como um humano moderno e civilizado, profundamente domesticado e muito distante da minha verdadeira animalidade. Para nada sou "livre". Até mesmo o eco-extremismo, como já pontuou Halputta Hadjo, é produto de seu entorno, um ambiente hostil, doente e banhando de artificialidade, um ambiente que nos empurra inevitavelmente para o caminho da confrontação, aqueles que escutaram o chamado de nossos instintos e de nossas raízes ancestrais.

Falar de "liberdade individual" dentro da civilização me parece sem sentido, nem sequer podemos nos locomover livremente pelo ambiente físico, isso para não mencionar o mental. Mas mesmo fora da civilização em um cenário que colapse por algum motivo, este tipo de conceito tampouco seria praticável. Nenhum animal pode se deslocar com total liberdade, os falcões não podem explorar cavernas submarinas, os ursos polares não podem habitar ambientes tropicais, exemplos há de sobra. E no que diz respeito ao mental, levando o assunto a um nível abstrato e talvez subjetivo, pelo menos na minha opinião, também não é possível. Irei me apoiar em um exemplo para expressar este ponto com mais clareza. Um bonobo nascido em uma família de bonobos está acostumado desde o seu nascimento a se alimentar de frutos e insetos, a viver em um ambiente tropical e levar uma vida altamente ativa. É a única opção que lhe foi apresentada, jamais conheceu algo diferente. É possível que se houvesse experimentado outro tipo de alimentação os seus gostos ou desejos seriam diferentes, é possível que se houvesse habitado terrenos menos quentes talvez lhe agradaria, talvez não, mas no fim das contas nunca será capaz de descobrir. Utilizarei outro exemplo que poderia deixar mais claro. Os lobos viveram milhares de anos de forma selvagem, habitando um número muito variado de ambientes. Em algum momento os lobos começaram a se aproximar dos humanos, se reclinaram ao calor do fogo e provaram da comodidade de receber alimento sem ter que caçá-los sozinhos. Muitos decidiram ficar. Pouco a pouco perderam a sua selvageria e se tornaram animais domésticos. Aqui estará em cada leitor a opinião que este exemplo pode gerar. Poderíamos pensar que a renuncia do lobo a sua vida selvagem o sujeitou a escravidão da domesticidade. A verdade é que ele não possuía liberdade antes de tomar esta decisão, levando uma vida sofrida, dura, passando necessidades e tendo que realizar esforços enormes para sobreviver. Sob que ponto de vista isso poderia ser considerado liberdade? O lobo tomou uma decisão entre duas opções que lhe foram apresentadas. Optou por uma ao invés da outra. Eu não me oporia muito à afirmação de algum indivíduo que sustentasse que isso dava ao lobo a liberdade que a vida selvagem não poderia oferecer a ele.

Outro ponto sobre o fenômeno da "liberdade" da qual eu gostaria de fazer algumas apreciações é sobre as lutas pelas supostas "libertação animal e da terra".

Primeiro, arrancar um animal da jaula física em que ele se encontra lhe outorgará necessariamente a liberdade? As opções são limitadas, ou o leva a um "santuário vegano" onde ele terá um terreno muito limitado para circular, onde dependerá de horários pautados pelos humanos para se alimentar, e às vezes até mesmo para sair de seu recinto ou curral, onde (na maioria dos casos) será forçado a conviver com grandes números de animais em espaços reduzidos, onde há muitas espécies distintas, de forma totalmente anti-natural, alimentando-se de lixo industrial, e acessando artificialmente a esse lixo desde as mãos de algum humano. Qualquer um pode perceber que, se a liberdade existisse, não seria representada pela situação recém mencionada.

Outra opção para este ser "resgatado" seria a de ser abandonado em algum resquício de natureza selvagem que ainda reste. Este animal que possivelmente foi arrancado em seus primeiros momentos de vida de seu ambiente natural ou que nasceu diretamente em cativeiro e não conhece nada sobre o ambiente na qual deveria se desenvolver, não contaria com as ferramentas para se cuidar e sobreviver dentro da natureza selvagem. Muito provavelmente não conseguiria passar a primeira noite com vida. Mas mesmo assumindo que conseguisse, as feridas exercidas tanto em seu corpo como em sua mente deixariam cicatrizes totalmente indeléveis em seu ser. Poderia, talvez, conseguir viver por um tempo, lidando com o seu entorno, mas como um ser domesticado, com um profundo condicionamento instilado por sua experiência próxima aos humanos. E além de tudo isso, no caso remoto e ilusório em que o animal pudesse esquecer completamente todas as suas memórias e vivências em cativeiro, curar as suas feridas e negar a sua

domesticação, não viveria em liberdade dentro da natureza selvagem, porque dentro da natureza selvagem a liberdade tem validade zero, tanto de forma teórica como prática.

Agora, referindo-me à questão da "libertação da terra", não tenho muito a dizer. Me parece um conceito exageradamente ilusório e esquerdista. A terra não necessita que venha um grupo de humanos para devolver a sua "liberdade" perdida. Se neste momento fugaz ela está suportando e abrigando o lixo humano em sua superfície isso não significa que ela não o fará sentir as consequências. O humano afunda a si mesmo em sua desgraça, foram desrespeitosos com a terra por muito tempo, e será a própria terra quem apagará a todo o rastro civilizado. Se isso acontecerá em breve ou não, não é algo que eu realmente me importe. Além disso a terra não necessita de "liberdade", ela precisa apenas ser e se desenvolver com seus ciclos e processos como tem feito ao longo da história. E eu me pergunto, o que faria a terra mais livre? A queda da civilização? A gestão responsável de "recursos"? A extinção do humano? Creio que diferentes pessoas poderiam ter observações variadas a respeito disso, o que demonstra que este conceito além de ser falacioso e esquerdista, é extremamente subjetivo. Nenhuma análise séria da realidade pode surgir com base nisso.

Chegando ao ponto central deste ensaio me esforçarei para explicar porque, sob minha perspectiva, a liberdade, entendida em qualquer uma de suas formas expostas anteriormente não existe e, para tanto, seria oposta como conceito e prática à vida selvagem.

Como eu disse antes, é o seu entorno que determina o seu caminho em maior medida. Nenhum animal dentro de um ambiente selvagem tem a possibilidade de decidir como será a sua vida nem para onde ela irá. Todas estas condições nos são impostas antes do nascimento. Foi o humano civilizado, dentro de sua imensa confusão disfarçada de "raciocínio" e "inteligência" o único animal que transformou a sua experiência vital, de modo que, atualmente pode optar por um certo "modus vivendi" determinado, justificado pelo abstrato e prejudicial conceito de liberdade. A confusão humana expressa o pico de sua fraqueza neste sentido. Temos construído uma imensa barreira entre nós e o mundo natural, a maioria dos humanos ainda temem a tudo aquilo que se esconde, se arrasta, voa, rasteja, nada ou corre para além dos muros de concreto que delimitam as suas cidades. Daí a busca insaciável da civilização por projetar a jaula mais confortável possível, na qual os indivíduos possam enxamear tranquilos, e sem fazer muito barulho.

O fracasso é inevitável. Você não pode simplesmente pegar um grupo de animais que viveu por milhares de anos de uma maneira, jogá-los em uma jaula e esperar que se desenvolvam de maneira saudável e plena. A natureza já nos deu o nosso lugar neste jogo, não é um lugar central, não é de vital importância para nada nem para ninguém, é apenas uma peça dentro de um grande compêndio de outras peças, tão útil como dispensável. É o lugar que nos foi dado, e foi assim, porque se encaixa simbioticamente com tudo o que o rodeia e, assim, se adaptou ao longo dos séculos. Não importa quantos cientistas e tecno-nerds você tenha a sua disposição tentando através do cálculo frio e da rigidez técnica, observando os diferentes atributos e qualidades dos humanos, para poder reproduzir o ambiente mais "saudável" para eles, simplesmente não funciona assim. Necessitamos andar descalços, não com calçados ultrafinos que se adaptem aos contornos do solo, necessitamos ter uma vida ativa, não bons ginásios para fazer exercícios, necessitamos estar em contato com os deuses e espíritos que habitam em tudo o que se manifesta sobre a terra, e toda a lógica do mundo jamais poderá se harmonizar com isso.

A natureza é tudo aquilo que é por si só, como foi dito antes, não necessita de um propósito, não necessita ser explicada e NÃO necessita de razões. Nossa mentalidade civilizada tenta encontrar um porque para tudo, brincamos de ser mestres e senhores da

existência, ignorando que somos meros atores, jogando nosso papel histórico dentro da efêmera e sobrestimada experiência conhecida como "vida", não seremos mais que uma luz que se acendeu por alguns segundos para logo desaparecer na eterna escuridão do infinito. Rejeitamos o nosso papel neste jogo, nos banhamos em ilusões e esquecemos a nossa verdade. O eco-extremismo é apenas a crença em uma ordem, o caos natural, ou como a queira chamar, ao qual obedecemos sem qualquer tipo de reprovação. Todos os animais sabem desde o seu nascimento qual é o caminho a seguir, não é que "não pensem nisso", "que atuam por instinto", como um simples robô respondendo a comandos do computador. Sim, o instinto influencia, também a contemplação do entorno, a prova através da experiência direta, o ensino dos mais velhos, entre muitos outros fatores. Neste ponto realmente não importa se os macacos tem ou não a capacidade de construir edifícios, eles simplesmente jamais fariam semelhante estupidez. O humano atenta constantemente contra si próprio, nega a sua própria natureza e desde o começo da civilização até os dias de hoje, não foi registrado um único ato humano que dê algum sinal de inteligência, astúcia ou a mínima sensatez. O fato de poder fazer certas coisas, ter a capacidade para executá-las não influencia de nenhuma forma na necessariedade ou importância destas coisas. A mentira da civilização tomou o controle das mentes fracas daqueles animais que, aprisionados e à beira da extinção decidiram perverter o seu entorno e natureza para sobrepor-se. Esta mentira assume um papel especial nas mentes daqueles que creem se opor a esta realidade tortuosa. Aqueles que tomam os valores da civilização que lhes resultam mais "cômodos" e tentam desenhar com eles uma experiência igualmente fictícia da qual eles supostamente rejeitam.

Se horrorizam com os atos "bárbaros" dos selvagens que viveram em outros tempos, mas enaltecem uma falsa visão da natureza e a existência do resto das formas de vida animal. Parece que na civilização a lógica do "eu aceito o que eu gosto e o que eu não gosto eu deixo para lá" é constante. Claro, qualquer um acha cômodo e agradável pensar nos nobres nativos que viviam livres de hierarquias e de autoridade, em harmonia com a natureza, mas quando falamos dos Selk'nam e o seu patriarcado, dos Calusa e a sua complexa sociedade hierarquizada, das tribos que arrancavam cabeças e comercializavam as mulheres, vários olham para o lado e fingem que nem tem ideia do que se está falando. Os anarco-primitivistas seculares se doem muito para aceitar que os seus idealizados humanos primitivos praticavam culto a deidades. Sério mesmo que qualquer um estaria satisfeito ao pensar em uma vida sem trabalho assalariado, caminhando tranquilamente pelas pradarias coletando amoras? Mas a vida selvagem não acontece dessa maneira.

Não podemos deixar de pontuar isso de modo energético e o mais conciso possível, a liberdade é uma ilusão, a natureza não é nossa mãe, é "cruel", "implacável" e sim, é "opressora", ou pelo menos é para os olhos dos híper-civilizados porque para nós simplesmente é, é como é e como sempre foi. Não nos trememos diante do impacto das placas tectônicas nem quando um tsunami faz sumir algum ecossistema, portanto, muito menos nos assustamos quando um crocodílio come a suas crias ou uma tribo de humanos selvagens asfixia a seus bebês. Nos livramos dos preconceitos civilizados, assassinamos a nosso ser moral, mandamos pelos ares aqueles que quiseram domesticar nossos corpos e mentes, aceitamos a realidade, olhamos a nossa verdade nos olhos e NÃO sentimos medo.

Zúpay

Conversações Eco-extremistas: Uma Conversa Com Eco-extremistas Mulheres Desde o Norte do Continente

Diálogo extraído da Revista Ajajema número 4.

Vocês acham que para uma mulher é mais "difícil" que um homem para adotar a tendência eco-extremista?

Yoloxochitl: Eu penso que é relativo, a atração pela Tendência é muitas vezes produto da vida que você leva, as condições em que se encontra ou as situações que ocorrem diariamente. Isso é evidenciado pelo número de individualistas que tem se posicionado a favor disso ultimamente. Um ou uma individualista da Europa pode ser atraída pelo eco-extremismo pelo mesmo ódio que um ou uma individualista pode sentir à civilização na América ou noutro continente. Acontece mais ou menos o mesmo entre homem e mulher, o ódio a toda esta realidade artificial é compartilhado, e este transcende fronteiras, idiomas, culturas e claro, gêneros.

More: Que casualidade, é um tema que eu estava discutindo agorinha com outras irmãs da Tendência, e a resposta, minha resposta é, sim e não. Às vezes é mais difícil para uma mulher adotar o eco-extremismo pelo fato de que como estamos na era do feminismo chocante e ulceroso, muitas estão sendo atraídas por esse lixo progressivo, até mesmo dentro de círculos que pensam ser "radicais", chamem de anarquistas ou comunistas. O feminismo é a lei e a ordem do dia, é o que é hoje, é a moda rosa. O eco-extremismo é visto como uma postura psicopata ao menos no México, e para ser honesta, quem se atreveria a ser contra tudo o que está estabelecido nesta época? Quem se atreve a lançar uma crítica contra TUDO e agir em consequência? Muitas poucas pessoas, e não digo que as mulheres "tenham que" se sentir atraídas pelo eco-extremismo ao invés do feminismo, claro que não, eu digo apenas que é esta era que dificulta que existam mais afins que se atrevam a arrebentar os valores que a grande maioria das pessoas defendem. É difícil, mas estamos aqui, não necessitamos ser muitas, o que precisamos é ser perigosas, só isso.

Vocês acham que o eco-extremismo é algo experimentado de forma diferente por uma mulher e por um homem?

Yoloxochitl: Em certos aspectos penso que sim, por exemplo na questão da utilização da medicina tradicional. Nós somos as que nos destacamos já que desde tempos ancestrais nós mulheres temos sido as que levaram com orgulho a vara do conhecimento nas artes de cura da Terra. Certamente a espiritualidade é mais poderosa em nós que em muitos homens eco-extremistas. Aqui denoto uma superioridade relativa (mas nunca absoluta) com base em minha experiência individual em minha vida de mulher eco-extremista, apenas. Mas claro, não duvido que por aí haja algum eco-extremista homem que tenha conhecimentos em medicina milenária e que seu poder e práticas espirituais tenham um grau avançado devido, talvez, sua proximidade a suas raízes nativas.

More: Sim, nós sabemos curar com plantas e eles quase não sabem! HAHA, é brincadeira, vou falar sério agora. Cada um vive o eco-extremismo de um modo, isso é fato, homens e mulheres são diferentes, nunca fomos iguais, portanto se vive o eco-extremismo de maneira diferente. Sobre isso, toda esta vitimização da mulher nesta época, nós podemos utilizá-la a nosso favor. Talvez para um homem eco-extremista seja um pouco difícil passar despercebido ao executar um atentado contra um certo alvo. Mas e para uma mulher "indefesa" e "santa"? Em muitas ocasiões esta vitimização do "sexo frágil" pode ser uma faca de dois gumes.

O que as eco-extremistas pensam do gênero? É uma questão social ou natural?

Yoloxochitl: É uma questão natural que a própria civilização converteu em uma questão social, política, econômica, etc. O gênero existe entre diversas especies para perpetuar estas mesmas espécies, e o mesmo acontece com a espécie humana, só que ela tem pervertido esta perpetuidade natural e a sobrecarregou com toda essa massa gordurosa de humanos saltando por todas as partes. A Natureza é tão sábia que criou todas as condições para que dentro de uma mulher cresça uma vida. Se você analisar bem, é um acontecimento mágico, desde a fecundação do ovário até o nascimento de uma criatura, é todo um processo que envolve um monte de características glandulares, hormonais, enzimáticas, etc., que nos deu o Desconhecido, só que o ser humano moderno não sabe o valor, há mulheres que nunca em sua vida deixam de parir, tem 5 ou 8 crias só para nada, engravidam sem pensar, servem apenas para abrir as pernas e não são capazes de ser responsáveis. Toda esta situação faz com que meu ódio misantrópico crença cada vez mais. Valorizo muito a minha condição de mulher, mas odeio as mulheres que circulam no ouroboros da miséria humana.

More: Para mim o gênero é uma questão de natureza, nascemos mulheres por uma razão e agradeço a Naturaë por isso. Eu nunca neguei a minha condição de mulher, e estou orgulhosa disso, me encanta ser mulher, minha sensualidade feminina, meus ciclos que compartilho com a lua, minhas características físicas e mais. A sociedade é que se encarregou de que o gênero fosse visto como algo obsoleto, dizem que somos todos os mesmos, enchem suas bocas com discursos inúteis mencionando isso na igualdade de gênero, algo que me faz rir muito porque muitas levam isso para a sua mera conveniência. Gritam por igualdade de gênero enquanto batem em um homem, mas quando um homem responde dizem que é machismo, misoginia e coisas do tipo. Quem as entende? Não queriam igualdade de gênero? Muitas destas mulheres não se dão conta de que isso é o que quer o sistema, fazer que todos sejamos iguais para que todos igualmente, sem se importar com gêneros, raças, condição econômica, língua, etc., sirvam ao mesmo sistema, e que este se autoperpetue.

O que vocês pensam do patriarcado?

Yoloxochitl: É um sistema de dominação a mais com a qual temos que estar lidando. Embora tenham nos colocado na cabeça de que esta sociedade ocidental é baseada COMPLETAMENTE no patriarcado, há também algumas marcas do matriarcado, porém não nos dizem para não escandalizar ainda mais a massa de mulheres tolas que por qualquer situação que as "oprima" gritam irritavelmente que isso e aquilo é produto do patriarcado.

More: É uma desculpa a mais para que as feministas sigam com a sua miserável campanha contra o assunto do gênero, para que se vitimizem mais e para que continuem a sua campanha social pela inclusão das mulheres ao mesmo sistema que elas dizem odiar, mas que ao mesmo tempo contribuem para sua perpetuação.

O que vocês opinam sobre uma pessoa transgênero? Acham que é algo ligado diretamente à civilização? E em relação a isso, o que opinam sobre as tribos nas quais haviam pessoas que não identificavam seu gênero em relação a sua genitália?

Yoloxochitl: As pessoas transgênero são o reflexo da podre civilização e da miséria social em que nos encontramos. Ver mulheres ridiculamente pretendendo ser homens ou vice-versa é um reflexo fiel do que eu digo, além da evidente crise de identidade que atinge cada vez mais a uma geração de jovens alienados com a tecnologia, os vícios civilizados, com estereótipos absurdos, etc. Uma vez cheguei a ver uma propaganda sobre um evento em um okupa que tinha como título "raggaeton trans-feminista". Que porcaria, todo o politicamente incorreto com a correção extrema do gênero incluído ali.

More: A mim tanto faz as pessoas trans, não me importa se são homens que querem ser mulheres ou se dizem que estão presos em corpos do sexo oposto, sua condição de humanos é o que me interessa, embora eu deva sim dizer que considero os transgêneros como um fruto da civilização. Soube de alguns comportamentos do tipo "trans" em vários estudos antropológicos historiográficos, mas lamentavelmente os estudiosos se baseiam muito em suas inclinações políticas que fazem de seus próprios trabalhos um reflexo do que parece ser correto e incorreto. Há poucos acadêmicos que se comportam de maneira neutra e não metem seus alinhamentos ideológicos em seus estudos, mas são poucos. Além disso penso que é algo completamente diferente um comportamento que se possa perceber como "trans" dentro de algumas tribos primitivas e os grupos de trans que pedem direitos aos governos, que exigem melhoras e serem incluídos na sociedade longe da discriminação e coisas desse tipo. O que está claro é que considero as pessoas trans como um fruto da civilização, assim como são os viciados, os estupradores, os pedófilos, as pessoas com transtornos mentais graves, etc.

Apesar de que os eco-extremistas em geral não negam a sua condição de homem ou mulher, o que pensam sobre as características que o mercado e o espetáculo impuseram a ambos os gêneros? Por exemplo, a insensibilização do masculino em seu estágio inicial de desenvolvimento ou a submissão forçada imposta às meninas, pondo-as em um papel secundário a serviço do homem e pondo os seus próprios desejos e motivações em segundo plano, a dependência da mulher com relação ao masculino na maioria dos assuntos importantes, a supervalorização do sexo masculino, levando-o a viver com a preocupação constante de vincular-se sexual-afetivamente para obter reconhecimento social, entre outras coisas, etc. Estas são as que me ocorreram, mas é óbvio que tem mais, se houver alguma outra que lhes interessa dizer, fiquem à vontade. Consideram importante se desprender destas coisas?

Yoloxochitl: No que diz respeito às mulheres, penso que a cultura do mercado influenciou bastante em suas condutas, e tudo vem de uma cadeia de fatores que se denominam cultura. A cultura ocidental fez o homem e a mulher esquecerem que suas existências coexistiram plenamente em um ponto na história humana, mas agora isso é esquecido, a amnésia histórica é contagiosa, e é necessário que voltemos a ver o passado para reencontrarmos com nós mesmas, resgatar nossas raízes e sermos inteligentes para não reproduzir os mesmos valores que estão repetindo de geração em geração. O mercado e o espetáculo prejudicaram tanto a nossa essência que muitas vezes nos dá trabalho para nos localizarmos nisso tudo, mas é como sempre digo, necessitamos nos distanciar das concepções ocidentais moralísticas humanistas e ter uma visão diferente de tudo o que tem nos levado a este extremo desconhecimento pessoal moldado pela cultura do espetáculo e do marketing.

More: Não só é importante se desprender das características citadas, mas uma necessidade que se transforma em um desejo egoísta dos inumanistas. Estou muito consciente de tudo o que foi dito, toda esta insensibilidade gerada tanto em homens como em mulheres através da mídia, a educação imposta desde pequenas, a merda trocada por ouro nesta era de complacência artificial. Diante de tudo isso eu sei que é necessário estabelecer cumplicidades com individualistas homens e mulheres e desde já, estarmos atentas diante de qualquer indício de humanismo moral e civilizatório que há no ar poluído das necrópoles. Reencontrarmo-nos com nosso Eu é uma das tarefas mais importantes que temos, e cumpri-la deveria ser prioridade.

O que pensam do fato de usar o feminino como insulto, como por exemplo, quando alguém diz que tal coisa era fraca como uma mulher ou lutava como uma mulher, fazendo referência a não saber lutar?

Yoloxochitl: Eu penso que estes insultos são velhos e até mesmo relativos. Agora eu escuto mais frequentemente que a fraqueza ou a covardia são relacionadas com a homossexualidade, com os gays e já nem tanto com as mulheres. A civilização fez fraca as mulheres modernas, as fizeram ser vistas como um símbolo de inferioridade por muito tempo. Antigamente, recordo que meus avós conversavam entre eles e diziam que as mulheres em seus tempos eram consideradas as mais resistentes em alguns aspectos da árdua vida, tanto para o trabalho no campo como para aguentar as dores do parto, por exemplo. Como te digo, agora eu vejo que se faz referência a alguém que não sabe lutar (por exemplo) como um "viadinho" ou "bixa", deixando de lado o insulto relacionando à mulher, embora não duvide que exista quem o empregue. Penso que é parte da cultura civilizada, e para falar a verdade eu não crio escândalo com isso, se algum dia alguém diz algo relacionado a isso talvez eu deixe passar ou talvez eu lhe arrebente a cara, depende de como eu me sinta no momento.

More: Estes insultos me fazem rir, sabe? É um tema bastante complexo porque não só é o tema dos "insultos machistas" ou os

insultos que algumas consideram "machistas" por seu enraizado complexo de inferioridade, mas é também o tema da fraqueza. Coloquemos vários exemplos, veja, a sobrevivência das nômades Inuítes (mal chamadas de "Esquimós") é baseada na caça e na pesca. Ali os homens proporcionavam a maior parte da comida para a sobrevivência do pequeno grupo tribal. Na ausência de uma grande diversidade florestal no Polo Norte as mulheres se encarregavam do cuidado das crias e às vezes conseguiam apenas coletar algas e pequenas plantas. Onde está a fraqueza aqui? Por acaso se pode considerar fraca a mulher Inuíte apenas por cuidar dos filhos e coletar pequenas quantidades de plantas enquanto o homem se encarrega de caçar grandes leões marinhos ou passar horas sentadas esperando que uma foca ou um peixe grande morda o seu anzol? Eu penso que não, cada um tanto o homem Inuíte como a mulher tem o seu papel neste modo de vida. Um não pode existir sem o outro, são parte de uma bela simbiose, onde encontram um no outro o apoio real. Outro exemplo está nas tribos de Bosquímanos que como os Inuítes os homens se encarregam da caça de gazelas, aves, lebres, etc., no deserto de Kalahari na África, e as mulheres se encarregam do cuidado das crias. Neste caso quando a caça é escassa as mulheres saem para coletar bagas, plantas, frutos, sementes, escavar tubérculos, etc., aos arredores do deserto. É dito que nesta época do ano é possível ver os homens praticamente vivendo da coleta das mulheres sem mover um só dedo. Aqui o humano moderno taxaria de "fracos viventes" aos homens Bosquímanos, mas não é bem assim, como eu disse há uma parte do ano em que os animais escasseiam seja porque migraram ou porque morrem por falta de água. Os homens caçadores não podem fazer nada a respeito, saírem para ver se tem a "sorte" de dar de cara com um animal na época da seca apenas os deixariam mais exaustos e com mais fome, sendo assim deixam que as mulheres os alimentem enquanto chega a temporada ideal para sair para caçar. Aqui pode se considerar fracos os homens Bosquímanos por deixarem que as mulheres os alimentem em vez de saírem para obter comida em plena temporada de seca? Não, a mulher e o homem Bosquímano se complementam, são um para o outro e é isso. Bem, na era moderna isso varia muito, obviamente não é a mesma situação, e penso que, assim como disse Yoloxochitl, a mulher moderna tem sido considerada sexo frágil por se distanciar de seu passado e estar sempre se vitimizando diante da figura do macho dominante.

Quais são os traços e características mais primitivas e ancestrais que vocês associam com sua feminilidade?

Yoloxochitl: A menstruação, o "sexto sentido" (para chamá-la de alguma forma), a sabedoria nos conselhos, a sabedoria relacionada à arte da cura ligada às plantas, a capacidade de perpetuar-se não como espécie, mas como um "tipo separado", a proteção maternalista do grupo de afinidade, a serenidade de ver as coisas desde um sentido objetivo, o expressar dos sentimentos à flor da pele, etc.

More: Os ciclos lunares emparelhando-se com os eventos corporais femininos. Eu ainda acho impressionante como é que a lua tem uma influência bastante forte nas mulheres e estas não se dão conta disso. Para mim este é um ponto que devemos enfatizar, a íntima relação entre a mulher e a natureza. Há outras mais, mas penso que esta está acima de todas as outras.

Há alguma experiência de guerreiras ancestrais que vocês conheçam e que tenham algum interesse em lembrar ou exaltar?

Yoloxochitl: Há muitos exemplos de mulheres que em seu caminho ancestral deixaram histórias realmente inspiradoras, e estas as tenho em minhas memórias. Algumas são bastante conhecidas, mas outras não. Pessoalmente gosto de lembrar aquelas que a história esqueceu, as que não são conhecidas exceto por pequenas menções. Poderia dizer muitas, mas as que eu gosto sempre de recordar são as mulheres que fizeram parte da Guerra do Mixtón no norte do México lá por meados do século XVI, como muitos já sabem. Quando as tropas espanholas tinham encurralado os guerreiros teochichimecas na Colina de Mixtón e no Pico de Nochistlan as esperanças de saírem vitoriosos daquela situação eram nulas, e foi aí quando os teochichimecas decidiram empregar o "Até a Tua Morte ou a Minha", guerreando até a morte contra o invasor, chegando o momento em que os guerreiros homens foram mortos quase em sua totalidade, e foi então que as mulheres juntamente com suas crias se arremeteram como projéteis humanos contra os espanhóis que subiam ameaçando pela íngreme colina, demonstrando assim que não estavam dispostas à dominação estrangeira e que ante isso preferiam morrer. Este tipo de mulher são as que eu lembro, aquelas que em seus últimos momentos de vida dão tudo o que tem para manter viva a sua essência até sua morte.

More: Mulheres como Tuira Kayapó que violentamente se opôs a chegada das petroleiras ao Amazonas e que inclusive golpeou com seu facão o representante da Eletrobrás em uma de suas reuniões com a tribo Kayapó. A anciã Kiepja, mulher sábia, última descendente dos Selk'nam que com os seus contos e histórias nutria a imaginação ancestral e enchia de paganismo o ar nas cabanas de uma das tribos mais importantes do sul do continente. Maria Sabina, curandeira nativa do México, especialista na utilização das plantas de poder. O que me deixa furiosa é que os seus ensinos foram utilizados por uma estúpida juventude em busca de "viagens" em torno da "droga alternativa" nos anos 60.

A Guerra de José Vigoa:

Um Breve Discurso Sobre o Método Eco-extremista

Extraído da primeira edição da Revista Atassa.

A coisa mais notável que o eco-extremismo empreendeu durante o ano passado foi a sua maior clareza na organização. Embora o seu modo de atacar sempre tenha sido pequeno, disperso e reservado; e embora tenha sempre renunciado ao discurso revolucionário ou à discussão de um "movimento", apenas uma ruptura ressonante poderia deixar claro que o ethos do eco-extremismo é diferente daquele dos anarquistas e outros terroristas radicais. Em comparação com o ativista, o eco-extremista busca emular o criminoso. Em vez do Partido, o niilista individualista constrói uma "sociedade secreta" (muitas vezes secreta mesmo entre eles). Em vez de um movimento, aqueles que realizam a defesa extremista da Natureza Selvagem defendem uma máfia. Se o surgimento do eco-extremismo sinaliza a travessia da ponte para sair da Terra do Progresso e do Iluminismo, a nova etapa do manejo da selvageria está incendiando esta ponte e observando-a arder.

Claro, existem razões teóricas para isso. Para realizar ações eco-extremistas, os próprios atores requerem uma maior autonomia e anonimato, assim como os delinquentes. O liberal, o esquerdista, o anarquista, o anarco-primitivista defendem ações que outros podem emular e proclamar como o Crucificado no Evangelho: "Vá e faça o mesmo". Querem "produzir em massa" um curso de ação e comportamentos desenvolvidos para se adaptar a todas as situações e contingências possíveis. Tudo é em "código aberto" e para que todos vejam. Isso responde a sua necessidade do ethos democrático, sua Fé no Povo, seu Dogma da Bondade Fundamental da Natureza Humana. Mesmo os mais compreensivos leitores híper-civilizados param na literatura eco-extremista e se perguntam: "Mas o que eu devo FAZER? Como posso aplicar isso a MINHA PRÓPRIA VIDA?, etc.," Se você tiver que se perguntar, então não há resposta no seu caso.

O eco-extremista é um oportunista. Ele é um individualista. Não existe um molde eco-extremista assim como há um molde comunista, anarquista ou primitivista. Cada um é diferente, assim como cada crime é diferente. O ativista moderno busca limitar o caos e a contingência: o eco-extremista conta com eles, e até mesmo prospera neles. As massas de ativistas híper-civilizados, desde os pacifistas até os Black Bloc, buscam se mover como uma coluna de tropas napoleônicas, com disciplina, objetivo comum e com uma força que confronta o Estado em uma situação de "duplo poder". Estes são tão fortes quanto o seu elo mais fraco. A ação eco-extremista é a guerra de guerrilha no sentido pleno do termo: não apenas na prática, mas também no propósito. O eco-extremista, como o criminoso, luta apenas por si mesmo, em benefício próprio, e com os que mesmo longe lutam de maneira similar; aqueles que buscam igualar seus atos baixo as suas próprias circunstâncias.

É por isso que o eco-extremismo é a "pedra de tropeço e rocha que faz cair, porque tropeçam com a palavra" (1 Pedro 2: 8). Mesmo aqueles que simpatizam, esses líderes de torcida de esquerda que querem ser um pouco mais militantes e pensam que algumas poucas palavras em apoio a ITS aumentam a sua credibilidade com "pós-esquerdistas", não entendem este primeiro princípio eco-extremista. O eco-extremismo não se trata de algumas poucas palavras militantes que estimulam a conversação, ou uma forma ligeiramente mais violenta de pessimismo passivo que permeia nos círculos intelectuais progressistas, se é que são honestos. O eco-extremismo é uma cumplicidade conspirativa, uma afinidade violenta e uma simpatia que leva à ilegalidade. O eco-extremismo não é outro ídolo ideológico que alguém tem no altar junto com o anarquismo insurrecional, o anarco-primitivismo, o eco-anarquismo, o niilismo passivo, etc. O eco-extremismo é o rompimento dos ídolos, até mesmo o ídolo da "autorrealização" e "autonomia" dentro da

podre civilização tecno-industrial. É o zelo santo do fanático frente as blasfêmias contra a Natureza Selvagem, o desejo ganancioso da violência contra a vítima híper-civilizada e a singular paciência necessária para atacar o inimigo no momento oportuno. Qualquer semelhança com as ideologias que o precederam é superficial, na melhor das hipóteses.

Para irmos além, tomaremos algumas lições da vida de um guerrilheiro/criminoso moderno, alguém que teve opiniões semelhantes sobre a legitimidade da atividade criminosa em uma sociedade corrupta. Falamos aqui de José Vigoa, ex-Spetsnaz (**NdT1**), possível oficial da inteligência cubana, traficante de drogas e ladrão de cassinos que era o terror nas ruas de Las Vegas durante os anos de 1999 e 2000. Durante esse tempo, ele e seu pequeno bando roubaram alguns dos maiores cassinos de Las Vegas, incluindo o MGM e o Bellagio. Vigoa também matou dois seguranças de um carro forte que tentavam dar uma de heróis durante um roubo. Não nos debruçaremos sobre os detalhes biográficos de Vigoa aqui, apenas citaremos passagens do fascinante relato de John Huddy, **"Storming Las Vegas: How a Cuban-Born, Soviet-Trained Commando Took Down the Strip to the Tune of Five World-Class Hotels, Three Armored Cars and Millions of Dollars"**, e comentaremos sobre isso, conforme for o caso. Com isso, buscamos aprender com as regras do compromisso e esclarecer como o ataque individualista acontecerá a partir de agora no futuro. O futuro, tanto quanto se pode falar dele, pertence ao individualista, ao caos e a amoralidade.

"Não é que José Vigoa pense bem na determinação dos guardas da Brinks, já que estragaram o que poderia ter sido o seu roubo de aposentadoria. "Estúpidos heróis, merda!" , pensa Vigoa enquanto dispara fogo pesado contra os guardas e se retira ao rodeio que o espera. Vigoa se surpreende que os homens mal pagos da Brinks lutem. Se não fosse pela linha de fogo que veio contra ele e o gringo louco que atirou por cima do baú, Vigoa diria na cara deles o quão absurdos são: eu não estou tentando roubar seu dinheiro, ou faltar-lhe com respeito, ou roubar algo de sua família. Quero pegar o dinheiro dos donos gordos do cassino, do porco que tem milhões e milhões e explora seus empregados com salários de merda." **(16)**

Intrépido, Vigoa realiza uma reunião pós-missão e anuncia uma nova política: "Da próxima vez nós disparamos primeiro e não faremos perguntas a ninguém. Não perguntarei aos guardas por seus malditos relógios. Todo mundo quer ser um herói neste país". Vigoa escreve mais tarde em seu diário: "No meu mundo, você é o caçador ou o caçado. Las Vegas faz isso, Vigoa aceita.'' **(22)**

A abertura do livro descreve um robusto roubo de veículos blindados no Desert Inn Hotel de Las Vegas, quando Vigoa e sua equipe abriram fogo cedo demais para que os guardas entregassem o dinheiro, permitindo assim que eles devolvessem os disparos e se defendessem. Isso seria um problema na onda de crimes de Vigoa: que os pobres guardas que tinham tudo a perder e nada a ganhar, com as balas revidadas defendiam o dinheiro de seus chefes de qualquer maneira. Talvez aqui vejamos que os "híper-civilizados", longe de serem inocentes ou explorados, sustentam um sistema injusto por algum senso de orgulho ou hábito. A civilização não suprime os instintos animais, mas aproveita-se deles para os seus próprios fins, e neste caso, para defender o conceito de propriedade privada e o "trabalho bem feito" do trabalhador honesto. Poderia haver mais provas de que os híper-civilizados nunca se voltam contra o sistema tecno-industrial? **(16)**

*"Os roubos e as táticas de pequenas unidades utilizadas pelo grupo lembraram a polícia de seu próprio treinamento. Os veteranos da Marinha e do Exército reconhecem as táticas de guerra de guerrilhas das Forças Especiais. O agente especial Brett. W Shields do FBI percebe que o bando usava as doutrinas clássicas dos comandos: (1) inserção clandestina, (2) combate breve e violento, (3) fuga rápida e (4) retirada rápida e enganosa. A polícia percebe que eles estão contra um criminoso organizado e tão colorido e letal quanto qualquer valentão da velha escola, mas que possui uma inteligência excepcional no campo de batalha, poder de fogo moderno e sofisticadas táticas de pequenas unidades." **(25)***

Esta "militarização" da atividade criminosa é um tema comum em nossos dias, como veremos mais adiante.

*"O que Vigoa chamava do Demônio Feroz estava sacudindo-o agora; logo estaria acordado. Vigoa poderia sentir a sua força bruta e o calor acumulando forçar por todo o seu corpo. Uma vez que ele havia temido o sentimento, pensou que era o que o havia atraído para a vida do crime e brutalidade, mas Vigoa sabia melhor agora. O Demônio Feroz era seu escudo e salvação, a força primitiva que o matinha vivo. Estava acordado e cada vez mais forte, e logo estaria livre para fazer o seu trabalho." **(104)***

Esta passagem refere-se a um episódio no início da carreira de Vigoa, mas como muitos individualistas e selvagens de antigamente, Vigoa também tinha um espírito de orientação no combate. Para ser mais do que se pode fazer como um mero animal mortal, e para atacar, muitas vezes é preciso a inspiração de um espírito, de um demônio, como na crença grega antiga. Não é de surpreender que Vigoa acreditasse nisso, e pela qual o anarquista ou esquerdista zombaram disso, já que o poder destes vêm do povo segundo as suas crenças humanistas. Aqueles que aspiram a ações inumanas devem ter ajuda inumana.

Muitos traficantes também eram viciados e usavam seus lucros para sustentar os seus hábitos, mas Vigoa não. Sua abstinência não era moral, mas de vida e morte. *"Você tem que manter o cérebro limpo", advertiu a um de seus aliados. "Tem que estar em alerta em todos os momentos, mesmo quando esteja dormindo, fazendo amor ou com a sua família. Você tem que enxergar mais longe que os outros homens e em todos os cantos. Tem que ver nos corações dos homens. Você tem que ler os olhos do seu inimigo e saber que estão prestes a atacar, ou um dia eles tentarão te matar." **(106)***

Vigoa ensina a sobriedade e vigilância pela mesma razão que os eco-extremistas: não por razões morais, mas por um propósito

individualista. O objetivo do eco-extremista é o ataque, e os inimigos estão em todas as partes. A sobriedade e a vigilância são sempre necessárias. Alguns dirão que isso equivale ao ascetismo: que tal vida é um abraço desnecessário nas dificuldades para algum tipo de desfecho moral inverso. Nada poderia estar mais longe da verdade. O homem híper-civilizado espera ser defendido por sua tecnologia, seus edifícios e sua moralidade. Mesmo o mais amoral dos egoístas híper-civilizados baseia-se na civilização e suas pompas por sua "amoralidade". A condição real do homem sem civilização é da constante vigilância: na selva, no bosque, na planície, e nos mares. Estamos tão separados de nossos sentidos e de uma vida de compromisso com as coisas selvagens, que acreditamos que uma vida de vigilância e sobriedade é uma vida de privação. A alternativa, no entanto, é a vida do animal do zoológico: não estamos sob nenhuma ameaça física porque vivemos em jaulas. Pelo menos, o eco-extremista resiste à vida na jaula, embora seja apenas para atacar e voltar a lutar outro dia. A alternativa é tentar encontrar a liberdade dentro da jaula, o que é um absurdo.

"De certa forma, o desaparecimento de Pedro foi algo bom", diz Vigoa mais tarde. "Nos colocaram a prova. Depois que Pedro foi expulso do estacionamento, não nos desmoronamos nem nos deixamos entrar em pânico. É assim que é no combate real. Sempre há surpresas. Nada nunca acontece da maneira que se supõe que irá acontecer, e o plano é apenas o primeiro passo. Sempre haverá um refluxo e fluxo na luta. É como você reage às surpresas que importam. Nós fizemos bem." ***(146-147)***

O contexto para esta reflexão é o roubo do MGM que o bando de Vigoa realizou, e a lição aqui é óbvia. Sigamos adiante.

"Embora não seja o assalto mais lucrativo, o roubo ao Mandalay Bay será o modelo seguido pela quadrilha nos assaltos, sem resistência, e exatamente segundo o plano. O roubo atual dos dois guardas do Brinks leva menos de um minuto, e a fuga ainda menos tempo. Para quando a polícia chegar, os atiradores já tem desaparecido faz tempo. Ninguém sabe exatamente em que direção fugiram os suspeitos, as descrições do veículo de fuga variam, algumas testemunhas descrevem os bandidos como homens negros e não há evidências balísticas nem impressões digitais." ***(186)***

Este é um bom resumo das táticas do bando de Vigoa, que focou na velocidade e na precisão na hora de realizar os seus roubos e fugas.

"Como um tubarão, Vigoa pensou que foi encorajado por um impulso primordial, até mesmo o vício fora de seu controle. Talvez seus roubos não fossem sobre o bem ou o mal, o dinheiro, a vingança pelas injustiças passadas, ou mesmo pela família. Eles eram sobre o poder, a violência, o perigo e a emoção da caça. Os tubarões fizeram o que fizeram sem arrependimento, e o mesmo fez Vigoa. A polícia não poderia compreender isso, pensou Vigoa. Não tem ideia de quem ou com quem estão lidando." ***(158)***

É estranho que todos os "anarquistas verdes", apesar de seus esforços pela "reselvagização" e por seus estudos antropológicos dos povos primitivos, não possam entender o que um criminoso comum aprendeu tão bem. Ou seja, a violência não era um meio para um fim na vida "primitiva", mas muitas vezes um fim em si mesmo: um modo de vida. A emoção da caça e do ataque não é absorvida pelo hippie reselvageado em nossos dias, mas pelo criminoso e o vândalo, com todas as suas contradições e egoísmos.

"No geral, talvez o bando de Vigoa nunca poderia trabalhar com a precisão dos comandos Spetsnaz, mas era possível ensiná-lo a obedecer ordens simples e executar os planos bem desenhados de Vigoa. Mais tarde ele escreveu: "Uma de minhas habilidades especiais, na guerra e no crime, era treinar meus homens duramente simulando a missão uma vez e outra, às vezes vinte ou trinta vezes. Não havia lugar para o erro. A polícia e o exército os descobrem o tempo todo, mesmo quando você treina bem haverá erros. No meu negócio, posso cometer cinco roubos bem sucedidos, mas se cometo um pequeno erro ou permito que meus homens sejam descuidados e indisciplinados, todos morreremos ou seremos presos e cumpriremos largas penas." ***(161)***

Aqui começa uma parte crucial no livro, onde Vigoa começa a descrever sua metodologia com mais detalhes. Aqui vemos que Vigoa, porque é um homem de ação, não tem nenhum problema em exercer a autoridade. Embora os eco-extremistas tendam a ser individualistas, eles não tem problema algum com a autoridade, já que é concebível que uma situação assim possa surgir onde um pequeno grupo se forma para realizar uma ação particular. Ao contrário do anarquista ou do esquerdista, a organização não é uma função da ideologia, mas da eficácia em uma situação apropriada onde a velocidade e a precisão são fundamentais. Portanto, o eco-extremismo não possui problemas com a autoridade.

E agora a equipe poderia recitar as Regras de Vigoa quase palavra por palavra:

- "Não falar durante um trabalho, exceto na hora de "gelar" a vítima (ordenando-a que jogue a sua arma). Silêncio absoluto entre os membros da unidade.

- Plano A: Desarmar os guardas. Plano B: Matá-los sem hesitar se resistirem.

- Vigoa, e apenas Vigoa dá as ordens de quando se retirar para o carro na fuga.

- O segundo veículo de fuga (tecnicamente conhecido como o primeiro carro de fuga) estará dentro da distância próxima do

*trabalho porque o condutor dentro do veículo foi ensinado a utilizá-lo como aríete (**NdT2**), e poderia danificar o primeiro carro na cena do crime.*

- São necessários no mínimo três carros por trabalho. Estes veículos, além do primeiro carro de fuga – aquele cuja a placa todas as testemunhas anotam imediatamente, fazem um total de quatro carros por trabalho.

- A velocidade é essencial – um minuto e fora. (Quando Suárez começa a protestar que levará tanto tempo apenas para recolher o saque, Vigoa o interrompe: "Isto não é o cinema, menino, as pessoas tem telefones celulares, ligam ao 911, e os estúpidos [a polícia] sairão para fora de suas lojas de rosquinhas para uma pequena ação".)

- Não se pode deixar nos estacionamentos dos cassinos os carros que serão utilizados, porque a segurança tem estado anotando os números das placas. Utilize estacionamentos de apartamentos.

- O caos é fundamental. (Vigoa diz a seu bando: "Quem sabe o que é modus operandi?". Silêncio. "Bem, porque não temos um. Há que ser imprevisíveis. Isso é a guerra. Seja previsível e morra").

- Não deixe nada para trás.

- Máscaras de esqui e roupa escura. Sempre use luvas. Utilize as máscaras até chegar ao terceiro carro de fuga." (165 – 166)

Nestas regras, vemos novamente a ênfase na autoridade, velocidade e precisão. Mas também vemos um aceno ao caos. Os eco-extremistas buscam ser o caos, a Natureza Selvagem em uma sociedade domesticada e artificial. Eles tampouco tem modus operandi. Eles não querem nada da sociedade, exceto atacá-la, então seus métodos não são tão diferentes de seus fins: atacam pelo bem do ataque. Isso permite que eles sejam imprevisíveis como Vigoa procurou ser.

*"Não quero matar ninguém em meus roubos. Não queria matar os guardas do shopping. Mas depois do Desert Inn, percebi que todo americano quer ser um cowboy. Chamo isso de herói de merda. Você tem que ser John Wayne, Mel Gibson e Bruce Willis, e se faz coisas estúpidas, me obriga a fazer o que faço, o que não é totalmente estúpido, porque para sobreviver eu vou explodir o seu maldito cérebro. Vou mandar você no trem para o inferno por um capricho. Meu capricho.'' **(223)***

Esta passagem descreve o que aconteceu quando Vigoa e seu bando tentaram roubar um carro blindado e tiveram que matar os dois seguranças porque decidiram lutar. Mais uma vez, os híper-civilizados defendem a civilização mesmo quando ela não é de seus interesses materiais. Chame-os como quiser, mas eles não são amigos do individualista ou da Natureza Selvagem para o assunto.

*"Eu não estava drogado ou bêbado, mas tinha certeza. Muito confiante. Era o clima da festa. Me senti bem e suave, quase em transe. Me senti invencível e foi então que baixei a minha guarda. Assim como os hotéis fizeram quando os ricos, advogados e contadores deram conta dos gangsters italianos difíceis". **(248 – 249)***

Vigoa descreve aqui como estar com a guarda baixa o levou a sua queda. Durante seu roubo do Bellagio, Vigoa usava o chapéu errado e foi identificado pelas câmeras de segurança, mostrando seu rosto em todas os noticiários. Isso é também uma advertência contra a vida dupla: Vigoa era um homem de família e deixou que uma festa familiar o relaxasse demais e o fizesse perder o foco. Em última análise, por isso foi capturado: uma parte de sua vida dupla contaminou a outra.

*"Em 3 de Junho de 2002, eu estava pronto para sair, pronto para fugir da prisão de Clark County pela noite. Seria um presente bom e definitivo meu para todos os agentes da lei, sem mencionar a publicidade para o DA (**NdT3**) e algo para manter as pessoas ocupadas com as notícias. Mas algo inesperado e não planejado aconteceu. Um amigo meu foi preso com vinho feito na prisão. A polícia me perguntou se poderiam entrar em minha cela por um segundo porque alguém foi preso com vinho, e a polícia queria saber se eu tinha alguma coisa. Eles olharam em volta e não encontraram nada. Estava trabalhando aquele dia na janela, fazendo o meu último trabalho, mas não tinha as placas de metal coladas ou muito bem disfarçadas, porque a busca nas celas foi tão repentina, e eu estava tão perto de fazer a checagem - e a nova correção oficial inexperiente descobriu meu trabalho por acidente. Foi um tiro de sorte." **(335)***

Depois que Vigoa foi capturado, um integrante de sua equipe estava preparado para testemunhar contra ele em troca de clemência. Esta pessoa, no entanto, terminou pendurada em sua cela em circunstâncias misteriosas. Apesar de estar em isolamento a maior parte do dia, Vigoa estava tentando sair pelas grandes de sua janela e escapar. Isso demonstra o espírito indomável de Vigoa: mesmo quando estava prestes a ser condenado a prisão perpétua, ele ainda encontrou a possibilidade de tentar escapar.

"O tom de nossa primeira e das subsequentes entrevistas é prático e até cordial. Mas quando Vigoa compara o tiroteio de Ross e as trágicas mortes na guerra, eu o interrompo. "Roubar as pessoas à mão armada não é guerra", lhe digo. "Roubar as pessoas sob a mira de uma arma para se enriquecer e depois atirar nelas quando resistem é assassinato."

O rosto de Vigoa escurece. Ele me olha duramente, e nos olhamos nos olhos. Há uma longa pausa e depois suspira. "Tem razão,

não é guerra.", diz Vigoa. "-Bem, talvez um pouco como a guerra. Na guerra não matamos apenas soldados, mas também pessoas inocentes. Mas às vezes um homem não tem outra opção." Vigoa ainda está atônito porque os guardas do Desert Inn e do Ross arriscaram suas vidas pelo dinheiro de outra pessoa." ***(354 – 355)***

Quando é questionado pelo autor do livro, Vigoa resiste à moral híper-civilizada, e se nega a excluir o "inocente" em seus ataques indiscriminados. Mais uma vez, é muito revelador que ele entenda o que tantos "eruditos" não conseguem: que os inocentes não são tão inocentes assim, e que as pessoas "fazendo o seu trabalho" são justamente os que sustentam a civilização.

"José Vigoa é um exemplo do criminoso mais temido no futuro", disse o xerife Bill Young. "Nas forças de segurança os EUA sabemos exatamente como lidar como o bandido de rua, mas estamos muito atrasados com os estrangeiros nascidos e treinados, que são inteligentes e não cometem delitos porque são viciados ou precisam de dinheiro para drogas. Estamos vendo cada vez mais esses caras em Las Vegas, particularmente no Oriente Médio, nos Estados Bálticos e na América do Sul. Seus valores são muito diferentes dos nossos, e o lado implacável que eles mostram deixa muitos policiais americanos atordoados. Muitos desses caras tem formação militar e são sofisticados e bem instruídos. Será necessário um esforço conjunto de nossa parte para lidar eficazmente com os José Vigoas do mundo".

"A história de José Maual Vigoa Pérez acaba por ser a história do nosso tempo." ***(364)***

Assim termina o livro de John Huddy sobre um grande ladrão individualista que passará o resto de sua vida em uma prisão nos Estados Unidos. A partir desta passagem, fica claro que José Vigoa foi um pioneiro: um presságio das coisas por virem. Acredito que o eco-extremismo compartilha muitas das mesmas características que o xerife descreve aqui: pessoas que são treinadas (mesmo as que se autotreinam), indiscriminadamente violentas, bem instruídas e comprometidas com o empreendimento criminoso. À medida que a estrutura da sociedade continua a se desintegrar (no sentido institucional), e implacáveis em seus métodos. Isso, portanto, não é uma previsão, mas a leitura do inevitável. "As coisas desmoronam, o centro não aguenta..."

O eco-extremista é aquele que se entregou ao caos que ameaça a civilização tecno-industrial. Aprendem com José Vigoa, as tribos primitivas, companheiros terroristas, e qualquer um que possa fornecer exemplos sobre como conduzir uma guerra pessoal em defesa extrema da Natureza Selvagem, embora essa defesa seja apenas olho por olho, dente por dente.

Fonte:

Huddy, John. Storming Las Vegas: How a Cuban-Born, Soviet-Trained Commando Took Down the Strip to the Tune of Five World-Class Hotels, Three Armored Cars, and Millions of Dollars. New York: Ballantine Books, 2008

(NdT) Notas do tradutor:

**Forças especiais russas. Vigoa como soldado cubano foi treinado na antiga URSS, sob a doutrinação das forças de elite.*

***Utilizar um carro como "aríete" é tomá-lo como uma arma para quebrar portas e penetrar obstáculos na fuga.*

****District Attorney, o procurador.*

JOSÉ VIGOA: DADOS BIOGRÁFICOS

José Vigoa foi o maior assaltante de Las Vegas. Nasceu em 24 de Dezembro de 1959, em Caimito del Guayabla, Cuba. Ele cresceu sob o regime socialista implementado por Castro.

Aos 13 anos foi enviado para a URSS e lá ficou por 6 anos para receber treinamento militar.

Após terminar o treinamento de Spetsnaz, encabeçou um grupo armado de cubanos no Afeganistão que combateram contra os Talibãs enfrentando a União Soviética e seus aliados naqueles anos.

Após os confrontos Vigoa retorna a Cuba, mas logo depois decide sair do país e em 1980 chega a cidade americana de Las Vegas.

Sem oportunidades de emprego e se vendo numa plena crise de imigração que sacudia os Estados Unidos, se torna traficante, mas em 1989 é preso em uma operação especial da DEA, e é acusado de tráfico de cocaína.

Vai para a prisão cumprindo uma sentença de 7 anos e, em dezembro de 1996 sai baixo liberdade condicional.

Vigoa, fora da cadeia, sedento de vingança, começa a preparar um plano criminoso elaborado que o colocaria na história. Treina seus amigos no hostil deserto de Nevada (Oscar Cisneros, Luis Suarez e Pedro Duran), começa a juntar armas curtas e vigiar cassinos de luxo, hotéis caros e carros blindados que transportavam dinheiro destes mesmos negócios. Assim, a espetacular carreira criminosa de Vigoa dá seus primeiros passos:

***- 20 de Setembro de 1998**, Vigoa e seus homens assaltam o cassino MGM Grand, vão para a saída previamente vistoriada onde emboscam dois guardas armados que levam sacos cheios de dinheiro do mesmo cassino. Roubam suas armas e levam 1 milhão e meio de dólares em dinheiro vivo, além de cheques.*

O trabalho é limpo, sem disparar nenhum tiro. Os ladrões fogem sem deixar pistas. A polícia ainda não sabe o que estão enfrentando...

***- Outubro de 1998**: O bando de Vigoa se faz passar por empregados e rouba 11 veículos de uma loja de aluguel de carros. Estes ao serem muito difíceis de rastrear seriam utilizados para escapar nos assaltos que tinham pensado mais adiante. Este é o maior roubo de carros de Las Vegas.*

***- 28 de Junho de 1999**: Em uma tarde ensolarada, o grupo liderado por Vigoa embosca um par de guardas de um blindado que saía do cassino Desert Inn. Os guardas resistem ao assalto e começa um tiroteio onde os guardas são feridos. Nesta ocasião Vigoa e companhia partem sem um único dólar, e embora a fuga deles seja implacável, essa seria uma lição que os marcaria.*

***- Agosto de 1999**: O famoso e luxuoso casino Mandalay Bay é roubado por um grupo de homens armados, desta vez o montante seria de 100 mil dólares em dinheiro, os responsáveis seria o bando de Vigoa que foge sem deixar pistas para a polícia.*

***- 03 de Março de 2000**: Homens encapuzados emboscam um veículo blindado que saía de uma loja de roupas em Henderson, os guardas resistem ao assalto e Vigoa com um Fuzil AK-47 os assassina a sangue frio. A polícia procura desesperadamente os assaltantes e os assassinos, mas não há nenhuma pista.*

***- 22 de Abril de 2000**: Pistoleiros roubam dois seguranças do luxuoso hotel New York New York. Levam milhares de dólares e, como em todos os casos, não deixam nenhuma pista conclusiva para as investigações da desmoralizada polícia de Las Vegas.*

***- Junho de 2000**: Em uma operação que dura aproximadamente 1 minuto, três homens se dirigem aos caixas principais do famoso cassino Bellagio e com pistola em mãos levam todo o dinheiro que encontram. Vigoa dirige o assalto desde o bar e dá a ordem para abandonar o lugar. O centro de operações em segurança do cassino capta todo o assalto em suas câmeras de segurança, e alertam os guardas que logo seguem o carro onde fugia o bando de Vigoa. Este, percebendo a presença dos guardas, com um só disparo no pneu deles, os detém e consegue escapar.*

O roubo do Bellagio foi de 200 mil dólares em dinheiro.

É aqui onde começa a queda do bando de assaltantes mais famoso de Las Vegas.

Após o espetacular assalto ao Bellagio, os mesmos proprietários do cassino forneceram as imagens das câmeras de segurança à polícia, que cederam a todos os noticiários. Assim, difundiram as imagens dos rostos dos ladrões em todos os veículos da época; o oficial da liberdade condicional de Vigoa o reconhece e dá informações à polícia que rapidamente começa a caçada.

***- 07 de Junho de 2000**: Vigoa é localizado saindo de um shopping center com sua família, e é seguido pela polícia. Ao perceber a presença da polícia, Vigoa acelera seu carro e começa uma feroz perseguição, a equipe da SWAT fecha a estrada fazendo com que Vigoa saia do veículo deixando sua família dentro dele, e fugindo a pé tentando despistar seus verdugos. Ao se ver encurralado Vigoa luta fisicamente com os policiais que tentam prendê-lo, os enfrenta, mas o número o supera. São necessários 4 agentes para imobilizá-lo e ele é preso.*

Já na prisão, os juízes pensam em decretar a pena de morte a Vigoa devido os assassinatos dos guardas do Henderson, e após prender seu amigo Oscar Cisneros, obrigam-no a depor contra Vigoa, mas este amanhece enforcado e o caso se afunda, a única testemunha que iria depor contra Vigoa está morta, não se sabe se Cisneros decidiu cometer suicídio em vez de enviar a morte o chefe criminoso de seu próprio bando, ou se alguém o matou fazendo com que o fato parecesse um suicídio.

***- 03 de Junho de 2002**: Vigoa tenta escapar da prisão, mas é descoberto pelos guardas.*

***- 16 de Agosto de 2002**: Vigoa é julgado e este se declara culpado de 43 acusações de crimes não graves e 3 acusações de crimes graves. O condenam a sentença perpétua, onde ele passa seus dias pensando em como escapar, se a vida o permite...*

ASSASSINANDO A NOSSO CIVILIZADO INTERNO

Extraído de Revista Regresión número 7.

Cada um de nós temos um ocidental enraizado, seja por nossa cultura ou pela religião que nos faz uma lavagem cerebral desde pequenos com essas mentiras de "inferno eterno" e de "reino dos céus". Ditos credos alheios muitas vezes tentam controlar os comportamentos caóticos e reprimem cansativamente os instintos do animal humano selvagem que ainda vive em nós. E embora muitos de nós tem posto em prática o método do terrorismo indiscriminado e seletivo (tirando de nós parte desta educação ocidental), a alguns ainda lhes falta arrebatar uma vida, assim como fizeram os mais antigos ancestrais.

Antes da chegada dos invasores (no caso dos que vivem no "continente americano"), as concepções sobre a vida e a morte, a guerra e a vingança eram completamente diferentes das que vieram nos impor.

Desde os Inuítes da Groelândia até os Selk'nam da Terra do Fogo, todas e a cada uma das tribos e grupos humanos primitivos tinham crenças não muito distintas sobre tais pontos. Para a maioria deles, quitar uma vida era um orgulho, arrancar um coro cabeludo era um troféu, sair de uma batalha cheio de sangue alheio era a maior honra de um guerreiro. A Guerra que travamos nesta era não pode ser diferente. É por isso que abaixo colocamos algumas recomendações para os individualistas interessados em passar ao "próximo passo" em sua Guerra. O material coletado vem desta fonte, o qual incentivamos que vejam, mas apenas através do Tor:

http://www.bestgore.com/murder/isis-instruction-video-how-to-kill-disbelievers

Nada melhor que um combatente do Estado Islâmico para nos ensinar as partes onde é preciso golpear para assassinar a um alvo. Sobre isso tenho que dizer que pessoalmente não compartilho da visão religiosa dos islâmicos radicais, mas já que é importante tomar em conta os seus métodos para a minha guerra, não tenho nenhum problema moral em citá-los.

Para finalizar, recomendo aos individualistas que estejam preparados para quitar uma vida e que escolham bem o seu objetivo, encomende a seus ancestrais, afie bem seus punhais, sejam frios e desfrutem do momento. Nada se compara ao momento em que se escuta o último alento de um híper-civilizado, nada se iguala a ver o jorro de sangue emanando do corpo de seu alvo. Decidamos traiçoeiramente sobre a vida dos outros.

Recordando com atos aos guerreiros assassinos!
Passemos por cima dos valores humanos e esmaguemos fortemente a moral cristã!
Assassinemos a nosso civilizado interno!

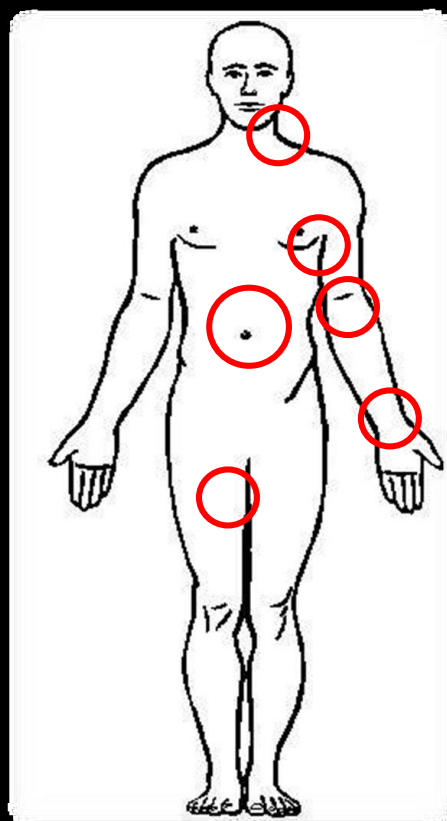
Aqui é mostrado que uma das partes sensíveis para esfaquear a teu alvo é no estômago.

Outra opção é esfaquear diretamente o coração, mas apenas com bastante força, posto que o coração está protegido pela caixa torácica, costelas, músculos, etc.

Outra parte sensível é o pescoço. Se a jugular que vai ao coração é danada isso faz com que o alvo sangre com relativa facilidade, mas depende do corte que é feito, o qual pode ser direto como é possível ver à esquerda ou pode ser horizontal, como se pode apreciar à direita.

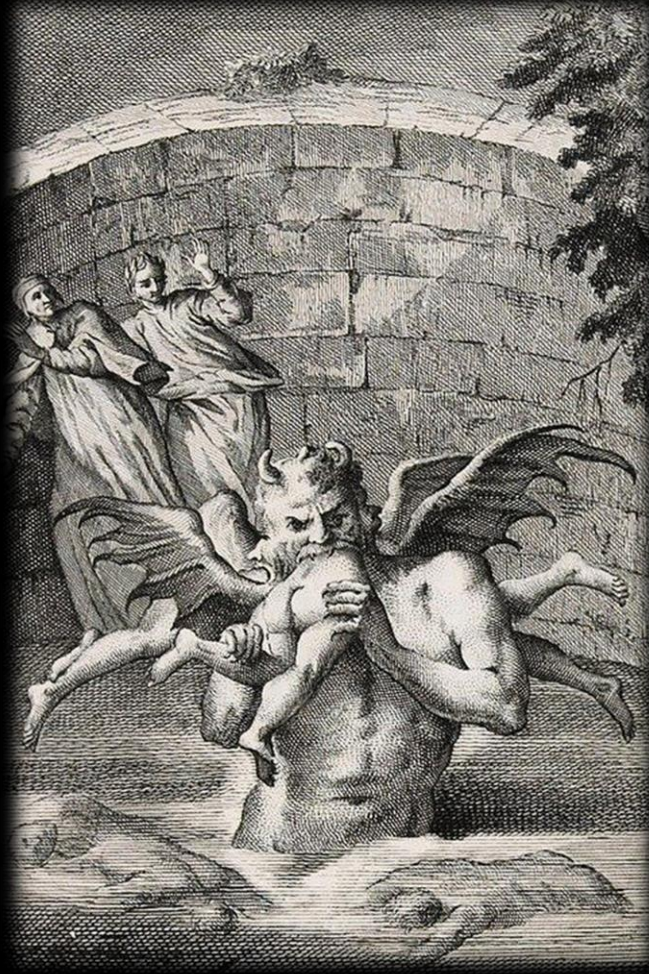
Se pode cortar também o pulso, o ante-braço e debaixo do braço esquerdo.

Outro lugar é a virilha direita onde está localizada uma artéria que vai ao coração e que se é cortada é certeza a morte por sangramento.

Outra forma de apunhalar o pescoço. Nota-se as diferentes maneiras de pegar a faca tanto nesta imagem como nas outras que conferem ao pescoço.

Há várias formas de surpreender seu alvo, uma delas é pelas costas, encaixando uma faca diretamente nos pulmões ou na parte dos rins, em seguida pode segurar sua cabeça e cortar sua jugular.

Outras das formas é aproximar-se e distrair a sua atenção para depois rapidamente apunhalá-lo no estômago e cortar a sua perna direita nas reiteradas ocasiões, para que sua morte seja certa.

Uma das formas que recomenda o EI é aproximar-se amavelmente a teu alvo e pedir informação sobre um endereço escrito em um papel, isso para distrair o olhar de tua vítima, seguido de uma série de apunhaladas no estômago, perna direita e na parte esquerda do pescoço. Recomendamos observar o vídeo de referência para que a explicação seja mais entendível.

(Roma Infernetto – “Mundo Merda”) – Profanação e Devoração

Fragmento niilista que dedico a um “defunto” inimigo meu.

Por mim.

Ajoelhe-se diante de mim.

Tu te estiras e te alargas em uma posição raquítica.

Cuspo sangue negro, bílis da efusão.

Cuspo meu líquido venenoso contra meu inimigo.

Estás preso.

Capturado vivo, respira morto.

Morto estavas antes, com sua vida inútil, na necessidade de Minha paixão.

Aprisionado por uma armadilha que entreguei a ele.

Como uma aranha que tece sua teia para capturar a sua presa.

A fria necessidade estratégica e a ardente Paixão para avançar neste “mundo morto”.

União de elementos, partículas venenosas de Egolatria, que se juntam e se chocam entre si, formando-se e destruindo-se.

O Criminoso Niilista é um animal feroz em uma sombria metrópole.

Empobrecida carne viva e apodrecido interior.

Ele recebe horror pela humanidade decadente e sente Terror.

Está de frente e de joelhos: aflito desde o nascimento de seu atributo de limitação à sociedade honesta e correta.

Estavas equivocado.

O que pensava, que pensavas, viu-o como um absoluto no absoluto de tua condição.

Estás confundido, o que pensava, o pensavas, falsificaste tua vida e tua vitória de maneira geometricamente perfeita.

Precipitado em minha cova clandestina:

Agora és um morto errante.

Queria, já sabes, não duvidar… de ti mesmo.

Pensar e sentir, cheirar como um animal selvagem, em meio a espelhos simulados do ser humano mortal.

Não espelho nem reflito o sentido dado às coisas, mas romperei e esmagarei a certeza absoluta.

Me afundo com o veneno abismal, na profundidade solipsista de Meu inferno exclusivo.

Abro o abismo, hermético e infinito, e vejo uma parte superior, vertigem que suga aspectos infinitesimais da vida e da morte, o desejo do sentido morre a partir de uma esplêndida vida linear.

Não há um bocejo "comum", aqui, em Minha cova clandestina, está o desejo de aniquilar a vida que capturei.

Cérbero está a meu lado.

O cachorro infernal de três cabeças.

Uma invocação caótica a suas bocas infernais.

Elementos unindo-se e encontrando-se, se liquefazem e misturam-se com a forma da sombra maléfica que persegue a meu corpo.

Tenebrosidade da noite que obscurece o conhecimento do raio limpo da paz.

É uma oração esquizofrênica, e uma petição de prazer e dor, sublime agonia pela morte de meu Objetivo Egoico.

"O cão do inferno expulsa seu esperma venenoso sobre meu inimigo, desejo o mal que aniquila a moral, teu julgamento para um ser humano infeliz que Agora está de frente para mim".

Profanação de um corpo.

Devorando seu "sopro de vida".

Um membro da Seita do Niilístico Momento Mori

Caçador: Um Resumo de "The Other Slavery", de Andrés Reséndez

Extraído do blog Malpaís.

Para colocar mais conteúdo neste blog, e também para se concentrar no ponto de vista eco-extremista, ocasionalmente, colocaremos resumos de livros, especialmente de livros que talvez possam ser inacessíveis para a maioria dos eco-extremistas e seus cúmplices hispanofalantes. Começamos com o recente livro do professor mexicano-estadunidense de História pela Universidade da Califórnia Davis Andrés Reséndez, chamado "The Other Slavery: The Uncovered Story of Indian Enslavement in America" (A Outra Escravidão: A História Relevada da Escravidão Indígena na América). Este livro recém publicado tem muito haver com temas discutidos na Revista Regresión e em outros textos, e em alguns assuntos mais conhecidos na América Latina em comparação com terras anglófonas. Por essa razão, não nos concentraremos em resumir o livro completo, já que muito do conteúdo é ensinado em várias faculdades e até mesmo em escolas como história da colônia e do Vice Reino. Por exemplo, quase todo mundo sabe sobre a escravidão dos indígenas no México e Peru, não é necessário abordar esta questão novamente.

Deve-se notar, no entanto, que tem havido bastante "revisionismo" entre os teóricos sobre o progresso da civilização no que hoje é conhecido como "as Américas". Os escritores estadunidenses Charles Mann no livro "1491" e Jared Diamond em "Guns, Germs, and Steel" (Armas, Germes e Aço), dão a impressão de que a violência do colonizador foi exagerada em algumas fontes históricas. Neste livro, pelo menos, Reséndez refuta este revisionismo. A conquista era tão sangrenta como Bartolomeu de las Casas e outros escreveram.

No entanto, não queremos permanecer no âmbito de fazer os pobres indígenas como "mártires", que é o que o discurso esquerdista faz com seu culto ao "nobre selvagem". Queremos aqui concentrar-nos nos trechos do texto que compliquem a questão o suficiente. Em seu capítulo "Powerful Nomads" (Nômades Poderosos), Reséndez descreve o papel da introdução do cavalo nas tribos de caçadores-coletores.

O autor escreve:

"Os exemplos mais dramáticos da reinvenção índia ocorreram no que é hoje o sudoeste americano. Muitos fatores levaram os indígenas daquela região a se tornarem traficantes [de escravos]. A atividade contra a escravidão da coroa espanhola e as proibições legais contra a escravidão dos índios dissuadiram alguns caçadores de escravos no norte do México, deixando espaço para que outros retomassem o papel. Além disso, as rebeliões do século XVII que culminaram na Grande Rebelião do Norte, restringiram a troca de escravos indígenas e abriram mais lugares para a caça de escravos, criando mais oportunidades. Mais importante, a utilização de cavalos e armas de fogo se acelerou naquela época, dando a alguns índios a capacidade de escravizar outros povos. Os novos traficantes, novas vítimas e novas rotas para o transporte de escravos surgiram nos séculos XVII e XVIII. Algumas comunidades nativas experimentaram um processo da "desterritorialização", como chamou Cecilia Sheridan, deixando suas terras ancestrais, juntando-se com outros grupos, e reinventando-se como bandos móveis capazes de operar em longas distâncias. Ganhavam a vida com o comércio de pilhagem da guerra, incluindo cavalos e cativos."

No sudoeste do que hoje é conhecido como "Estados Unidos", sobretudo nas Grandes Planícies (Great Plains) no centro do país, houve uma "revolução do cavalo". Não era uma questão de introduzir o comportamento bélico nos povos que eram historicamente caçadores-coletores, melhor, os índios itinerantes fizeram tudo o que os povos com cavalos fizeram (mover-se, caçar, participar do comércio, fazer guerra, etc.). Era apenas uma questão de "fazer melhor".

Algumas tribos se beneficiaram mais do que outras, e essas tribos geralmente escravizaram outras, incluindo outros caçadores-coletores e povos que praticavam a agricultura. Os Comanches foram um exemplo de uma tribo "menor" que se converteu em um grande "império caçador-coletor", que ganhava suas riquezas de saqueamentos e assaltos. E a atividade mais lucrativa foi o comércio de escravos. Embora a escravização dos índios fosse ilegal no império espanhol, a lei era geralmente ignorada. Os Comanches, em particular, caçavam escravos para trocá-los por cavalos, rifles e navalhas de metal. Mas também incluíram alguns escravos em sua sociedade. Geralmente nos roubos, os Comanches matavam a todos os machos adultos, mas levavam os meninos e as mulheres que poderiam servir para aumentar a sua quantidade. Como povo poligâmico, um guerreiro poderia ter muitas esposas, até dez ou mais se tivesse muito êxito na guerra. As mulheres não serviam apenas para o prestígio ou gratificação sexual; ter muitas mulheres também era útil porque um guerreiro podia matar muitos bisontes em apenas uma hora, e era o dever da mulher processar a carne dos animais mortos, o qual era um processo muito trabalhoso.

Reséndez descreve a preparação para uma incursão que indicava que um grupo de guerreiros iria desfilar publicamente com os seus cavalos, de modo a irem convidando outros a se unirem. Grandes espetáculos de cavalos e adornos pessoais foram vistos naquela época, a força e a valentia dos guerreiros foram avaliadas para determinar o potencial êxito da incursão. Uma dança de guerra precederia o ataque, que poderia se espalhar longe no México, a certa distância do território Comanche.

Reséndez descreve uma incursão significativa em meados dos anos 1800:

"As testemunhas enfatizaram o sigilo nos ataques dos índios, que em um instante poderiam transformar uma boa noite de sono em uma cena surrealista de caos absoluto com gritos de "Os Bárbaros!", disparos, cavalos galopando, e flechas voando. Fazendas periféricas, casas isoladas e pastores que exerciam seu comércio em áreas remotas eram presas fáceis. Mas os guerreiros Comanches às vezes se dirigiam também às grandes cidades do México. Em dezembro de 1840 e janeiro de 1841, um grupo de atacantes indígenas passou duas semanas assaltando fazendas nas proximidades de Saltillo, a capital do estado de Coahuila, movendo-se de uma fazenda a outra, como se estivessem desafiando completamente qualquer consequência mexicana. Em uma proeza da "audácia inconcebível" como a imprensa mexicana os qualificou, apareceram bem nas imediações da cidade antes de serem expulsos apressadamente pelas autoridades mexicanas. Da mesma forma, em agosto de 1846, durante um dos ataques mais ousados e descarados de todos, cerca de quinhentos Comanches cortaram uma faixa através de Chihuahua e Durango. George F. Ruxton, um inglês que viajava pelo norte do México naquela época, nos deixou um retrato sombrio: "ranchos abandonados, estradas intransitáveis e povos barricados, vivem com medo de ataques dos índios." Quando ele chegou a cidade de Durango, em Setembro, se surpreendeu ao saber que a conversa daqueles 18 mil habitantes da cidade não era sobre o curso da batalha Estados Unidos–Guerra Mexicana, mas de uma possível invasão dos Comanches que haviam estado devastando as fazendas no nordeste da cidade do século".

Os Comanches não eram a única tribo que realizava invasões. Reséndez fala dos Apaches e Utes que também se alimentavam de outros índios e dos não-índios igualmente. As histórias de Mangas Coloradas e Gerônimo são amplamente conhecidas e exigem pouca descrição aqui. Os Apaches se diferenciavam de outras tribos em que, até o século XVII, eram algumas das piores vítimas da escravidão dos espanhóis para trabalhar nas minas de prata do norte do México. Após a chegada do século XIX e da República Mexicana, esforçaram-se para se tornar sedentários e agricultores, mas devido à diminuição da presença militar na fronteira mexicana, começaram rapidamente a fazer das invasões uma forma de vida, como muitos de seus vizinhos. Eles ferozmente se enfrentaram com os militares mexicanos que muitas vezes terminaram em combates corpo a corpo, e como em muitos outros casos, os homens escravos foram mortos ou escravizados pura e simplesmente, enquanto que as mulheres e os meninos muitas vezes dissolvidos na comunidade Apache.

Os cativos nem sempre foram tratados muito "humanamente", no entanto, esta não é a história de Matilda Lockhart, capturada pelos Comanches e depois, "devolvida à civilização":

"...tinha hematomas e feridas por todo o seu corpo, e seu nariz havia sido cortado, suas fossas nasais abertas e despojadas de carne, especialmente o nariz, e estavam a gritar e a rir como demônios quando ela chorava." "Muitas vezes sequestravam estes prisioneiros, especialmente se tivessem meios para o resgate. Os mórmons, ao chegar a Utah na metade do século XIX se encontraram com o chefe Walkara dos Ute, que segundo o líder mórmom Brigham Young, nunca foi sem "uma quantidade de meninos índios escravos". Young comentou que, "eu vi seus escravos tão emaciados que não eram capazes de ficar de pé. Ele tinha o hábito de amarrá-los fora de seu acampamento à noite, nus e com necessidade de comer, a menos que fosse tão frio que pensasse que iam morrer de frio." "Os meninos de Walkara foram literalmente descritos por outra testemunha como "esqueletos vivos", "literalmente mortos de fome por seus captores".

Walkara foi chamado, o "Falcão das Montanhas", vendia as crianças indígenas de outras tribos como os Paiute por armas e outros bens da civilização. Ele cavalgava e negociava em lugares distantes como a Califórnia, e era conhecido por roubar gado e cavalos,

bem como as caravanas. Os recém chegados mórmons o temiam muito e tentaram atender a Walkara e os Utes, mas eram muitas vezes incapazes de deter a sua barbárie. Na tentativa de evitar a venda de crianças indígenas, os mórmons foram testemunhos de uma outra cena horripilante quando o irmão de Walkara, Arapeen, disse a ele que se recusaram a comprar as crianças indígenas que ele vendia:

"Vários de nós estávamos presentes quando ele pegou uma das crianças pelas canelas e tacou seu cérebro no chão duro, depois atirou seu corpo em nossa direção e nos disse que se tivéssemos corações teríamos salvado a sua vida".

Os Utes também participaram da destruição da tribo Navajo, juntamente com as forças do governo dos Estados Unidos, embora com um elevado grau de autonomia para que pudessem roubar e escravizar os Navajo.

Claro, existem outras partes deste livro que não iremos discutir aqui, que cobrem ditos aspectos da história como a rebelião do povo e ainda uma seção sobre a Guerra Chichimeca, que foi descrita com detalhes na Revista Regresión. A razão pela qual discutimos esse tema no livro em particular é outro golpe ao mito do "bom selvagem". Os pessimistas, é claro, dizem que as tribos como os Comanches, Apaches, Utes, etc., não se converteram em guerreiros e cruéis até que domesticaram o cavalo e foram atraídos para tornarem-se isso pela promessa de bens dos europeus (pistolas, facas, cavalos, etc.), isso é verdade até certo ponto, mas talvez também levante a questão de que "sempre foram assim", e a introdução do cavalo e outras novidades, foram apenas mais um manifesto óbvio. A civilização não é a mancha do pecado original na alma do "bom selvagem", é o meio para amplificar e realizar algo que já está lá, o que faz com que tudo o consuma e desequilibre.

No entanto, nossa tendência não volta atrás apenas na herança selvagem dessas tribos, pelo contrário. Um selvagem não pode escolher o "momento ideal" para ser um selvagem, onde quer que esteja, e agir em consequência. Para o anarquista verde, talvez Mangas Coloradas e Walkara são "vilões" que caíram na armadilha da civilização, escravizando e vendendo seus prisioneiros. O eco-extremismo renuncia a tais "moralidades de ataque". As vítimas não são "santos de nossa devoção", não se contraem novamente pela inevitável crueldade da vida. Essas coisas têm que ser assim, e os golpes devem ser devolvidos a base de golpes.

O que é ainda mais revelador é como isso se reflete na utopia do "futuro primitivo do anarquista verde". Estou certo de que eles mesmos se darão uma lobotomia a fim de desdomesticar o cavalo, esquecer como usar armas de fogo e metal, e se tornar completamente nômades que andam apenas a pé, porque caso contrário, isso levaria a "hierarquia", e não podemos chegar a isso. Também se esquecerão dos reatores nucleares, aviões, naves espaciais, etc., etc. Portanto, um bando do "futuro primitivo" nunca poderia cair na venda de crianças esqueléticas em mercados de escravos e açoitar crânios de crianças pequenas quando as pessoas se neguem a comprá-las... Não, eu tenho certeza de que estes "anarquistas verdes" preservarão sua "pureza de coração" em mundo tecno-industrial depois do colapso, ao contrário de pecadores indignos da história, como Gerônimo, Mangas Coloradas, Walkara e o resto dos repreensíveis de salvação na história anarquista…

Os Eco-extremistas são selvagens no aqui e agora, atacam no aqui e agora, usam as ferramentas do presente para lutar contra o que procura escravizá-los e domesticá-los. Isso pode parecer hipócrita, mas pelo menos eles são uma boa companhia. Como qualquer pessoa sensata, eles utilizam as armas à mão para lutar contra o inimigo. Termino esta reflexão com uma passagem de um artigo da Revista Regresión número 3 em relação a este tema:

"Aqui fica respondida a pergunta que foi abordada nesta quarta lição, não podemos nos limitar às antigas ferramentas de guerra apenas porque criticamos este sistema tecnológico, devemos utilizar as armas do mesmo sistema para combatê-lo. Assim como os nativos americanos, os participantes da matança da Pequeno Grande Chifre não se detiveram na utilização destes rifles de repetição, então que nos não nos detenhamos na hora de utilizar a arma moderna que possa causar baixas no inimigo."

Chicomoztoc, Lua cheia de Julho, 2016
-Arco de Huizache

Extraído de Revista Regresión número 7.

"O lobo come toda a carne e lambe a sua"

O título da "Guerra Oculta" não se refere especificamente a um único texto, é a especificação de um caminho (ou de um não-caminho) através do labirinto de um (ou dele próprio) projeto de Terrorismo Niilista. Este texto é, portanto, uma parte única e fragmentada de um "discurso" maior que escavará profundamente a Tendência da qual escrevo, que fornece várias precisões úteis, tanto para esclarecer certos aspectos, talvez às vezes mal entendidos, e também como contribuição para aqueles que queiram "aderir" a esta Tendência, e a "necessidade" de esclarecer certas coisas sobre esta lei.

Isso porque é muito complexo e, por vezes, difícil compreender os textos e os atentados que se desenvolvem na destruição da moral cristã-platônica, e ocidental.

EGO-ARCA: TERRORISMO NIILISTA

Em "Trizas" eu havia descrito o término Ego-arca com referência à Máfia, como método de ataque e aniquilamento do próprio inimigo ou inimigos.

Bem, agora é o momento de ir até o fundo, e declarar de modo Amoral, a semelhança ou afinidade, a compreensão, entre o Terrorismo Niilista e a Ideia Ego-arca.

Isto, voltando a dizer, mesmo se houvesse vivido em uma era na qual a ideia ou Tendência pousasse no ser de Meu Niilismo, seria específico, agora, na era da "generalização", devo ser preciso e definir.

Portanto, este texto que é um fragmento de uma complexa "Guerra Oculta" falará da união de termos e ideias que misturam-se entre si.

Em meu folheto chamado "Seita" eu havia desenterrado o contexto no qual a afinidade de um Projeto Ilegal deveria se mover em uma perspectiva independente, mas dentro da Seita Niilista. O comportamento e o modo de vida foram as coisas enfrentadas de maneira apropriada no uso da ação Terrorista no ocultamento de seu "vero nome" [NdT: nombre real], da destruição da dependência de um certo tipo de dinâmica social, do desenraizamento da ideia de igualdade, do debate amoral entre afins que consista na realização de seu próprio Ser Dominante, e formar uma união de Egoístas, livres para escolher seu próprio prazer, fora de uma Seita,

mas sob a estrita observância das regras peculiares do mesmo grupo.

Por que isso?

Porque a união de Egoístas que propus é a união de Seres livres (literalmente) do que eles querem fazer e/ou como queiram fazê-lo, como segue:

***1° -** Se o termo se confunde no texto, continuarei explicando a ideia da igualdade;*

***2° -** Um sujeito com vontade de formar uma Seita não poderá formá-la enquanto reproduza a mesma ideia anárquica do conceito de respeito mútuo;*

No término "Afinidade" há muitos, mas muitos aspectos, que se reproduzem com o debate amoral em seu interior, e predeterminá-lo escrevendo que "todo mundo faz o que quer" acaba em uma ideia meramente utópica, porque, então, um grupo que se define genuinamente como anárquico, teria em seu interior aqueles que eles mesmos chamam de "indivíduo autorizado", que reproduz o mesmo termo de "autoridade".

É por isso que o folheto "Seita" tinha que ser escrito e tinha que ser exposto após eu ter vivido uma ação individual acompanhado por outro indivíduo, para com isso formar o que seria uma Seita Niilista Com Direção Ego-arca.

A formação de uma Seita que em seu interior começaria a crescer através das bases impostas com um selo distintivo, do que um dos indivíduos, como porta primordial de classificação e a união de elementos, conduzam ao fortalecimento, a experiência da experiência, em um mundo específico onde as coisas são vistas.

Atenção, aqui não falo ou escrevo sobre um papel que está estabelecido a priori (ao menos que o individuo promova que formou uma Seita, não específica no fim do início), de uma atribuição ou de uma tarefa atribuída a cada indivíduo dentro do grupo, mas – através do debate amoral– a aparição de uma figura proeminente é fundamental para o desenvolvimento do projeto ilegalista, pela penalidade, a queda ou a destruição de tudo.

A Seita Niilista da Livre Morte, por exemplo, impõe aos que poderiam ser os "Sete Afins" a não-união (embora agora os os últimos grupos de Terroristas Niilistas surgidos tiraram o foco desta ideia sem deixar de ser um complexo debate amoral), para ensinar que uma coisa é a ideia do Ataque e o Atentado Amoral, e outra coisa é ser parte de uma federação, negando extremamente a proliferação de células, núcleos, etc. [*]

Este é um exemplo claro da característica peculiar da "palavra" de imposição de uma opção clara e que se põe em contato diretamente com a ideia Ego-Arca.

Falamos sempre de uma escolha específica, expressadamente única e, portanto, de um mesmo grupo, mas também se estende a outros Sete, que pode ou não, se preocupar com tal abordagem.

Esta escolha, de uma Seita, não significa a referência à suposta "liberdade" (que existe apenas naqueles que não veem para além do seu nariz), para guerrear com o próprio sangue, e também define, um certo tipo de Tendência, também chegando a um enfrentamento entre eles, e se não se obtém uma posição que se comprometam de outro modo, pode-se dizer, de maneira “Stirneriana”.

A afirmação Stirneriana de compromisso viaja através da realização de um objetivo específico, canalizando em um caminho de aceitação informal (e não informal) dos que querem chegar a um ponto egoisticamente "afim", sem perder as características "originais" de cada Seita ou Grupo.

Compromisso por conseguir atingir um objetivo "comum" entre os Sete, mas não, para aceitar em sua totalidade o que a imposição lançou da pedra (tendo estendido a mão no lançamento e não retirando-a).

Por que usei o termo "imposição"?

Primeiro, para destruir com isso o termo com sua ênfase negativa (e moral), e continuar perturbando o sonho dos bons e dos justos que anseiam os mitos do "cuidado".

Em segundo lugar porque o termo tem um significado específico que se você for cortar com uma faca afiada, tirará sangue com a pressão, a proeminência de um Ego em respeito a outro, a emoção de uma batalha também "verbal". A emergência da fibrilação e tensão afirmativa, a anulação da paz social imposta desde a humanização dos conceitos e valores, regressando o uso e o consumo dos que vivem em monotonia e no tédio.

Deve ficar claro para o leitor que o termo "Ego-arca" está associado de maneira similar à Tendência "Terrorista Niilista", por um

certo tipo de especificidade, determinante para não ter medo de dizer e fazer, distinguindo um certo tipo de ideias extremistas.

Isso porque o sangue que corre em minhas veias me aproxima da vida, aquela da "realidade", poderia experimentar, afrontar, ver, roubar e fazê-lo meu, Minha ideia, que só poderia ser atacada, mas não canalizaria em algo que não tem nada haver com o que eu expressei Agora nestas linhas.

Então poderíamos continuar com a afirmação de que o Terrorismo Niilista é Ego-arca porque se aproxima de maneira fundamental com a imposição de uma ideia. Quem deve querer roubar o segredo oculto e transformá-lo em ervas daninhas? Coisas para os adoradores macios das utopias modernas.

Além disso, embora o termo "oculto" se refira a um "idioma" específico não é compreensível pela multidão, mas também para aqueles que não querem entrar em um Estado Abismal, e afrontar a vida e a morte, divorciados das regras comuns e humanas.

Leiamos o vocabulário da sociedade moral e as coisas que escreve a respeito:

"O Ego-arca com egoísmo e presunção pretende impor sua própria autoridade e sua própria moral".

Coloco isso para que tenha sentido para o leitor, que às vezes os termos são combinados com a estupidez desta sociedade que, sim, quer impor sua própria moral, mas logo escreve que aqueles que tem uma visão Única do que vivem são pessoas presunçosas e egoístas.

É por isso que cada termo tem haver com o "Niilismo", então também deve ser especificado com o "Egoísmo".

Egoísmo que poderia ser para mim aquele que te diz que "você é egoísta" haha!

Partindo desta pequena nota irrelevante vamos agora ler o vocabulário das coisas distintas:

O Terrorismo Niilista, a Seita, é para Mim, um ato amoral, que dentro de si mesmo, tem características peculiares de Poder e de domínio autoritário, porque nega completamente a "falsa" abordagem da visão de igualdade, e porque com características dessa natureza conduz a emergência da particularidade que esta porra de sociedade, com seus valores vulgares, quer impor.

Além disso, como já indicado, o Terrorismo Niilista, se dirige à confrontação, mesmo dentro da mesma Seita, uma vez que deve ser realizada, o que é, a sobrevivência de um grupo, sua força, através da escolha de um capo (líder), figura decisiva, com características distintas, que pode continuar com o Projeto Ilegalista, sem que este caia no esquecimento.

E se estende aos Sete através de um texto, um comunicado, um atentado, a abordagem imposta para chegar a retirar ao verbo "ético" de qualquer profundidade, e levar a força de sua própria Ideia Terrorística, um fundamento básico para atacar com unhas e dentes os inimigos sociais e da "realidade".

Por que não deveria ser assim?

Por se tratar de uma ideia específica e original surgida de uma Seita para seguir sendo específica deve ter seu próprio fundamento, continuar exercendo seu próprio Poder de domínio, por outro lado, por causa da derivação desta Ideia Original, não poderia ser específica sem ser impositiva.

Isso não significa que Eu não possa abordar outra ideia que possa me influenciar, mas sempre sob uma perspectiva de "compromisso Stirneriano".

Mais uma vez, por que isso?

Por que se eu me considero Único, unicamente devo permanecer "original" e não sucumbir a uma ideia que possa me levar a perder.

Tudo isso combina com a ideia de minha sobrevivência como meu eu animal-humano em relação à outra sobrevivência, naturalmente convertendo-se mais tarde em algo complexo e articulado, vital, e proeminente, subterrâneo e extremista, que cresce e cresce de novo, e atinge completamente.

Nesta mesma posição de uma denominação específica da "ideia" (neste caso dos Sete Terroristas Niilistas), emerge uma espécie de concatenação no que diz respeito a sobrevivência de uma Tendência ou de um grupo específico "original": a medida de tudo o que pode ser na ação, como uma espécie de agrupamento de indivíduos que parecem ter uma afinidade peculiar intrínseca entre eles, que é o Individualismo. Individualistas, mas que tem duas visões específicas: O individualista Egoísta e o Individualista igual-cêntrico, ou para colocá-lo de maneira normal, o "o igualitário".

Devemos deixar este aspecto bem especificado já que dá um significado de peso e de poder à denominação de um grupo Ego-arca sobre tudo aquilo que gira em torno dele, e que poderia confundir aos interessados no Terrorismo Niilista.

Especificamos que o individualista igual-cêntrico é sempre um Ser egoísta, mas que pretende sê-lo através de uma utópica visão de uma escolha individual que equivale a um conjunto totalizador. Isto é o que "o afirma", porque deve cair na coletivização forçada, aquela que é sua escolha final.

Então, com isso, sem deixar de ser utopia, a escolha do Indivíduo pressionado por ter êxito em um ataque instintivo se rende dócil e suavemente, tudo dentro de sua seção que deve adiar e avançar para a formalização coletiva.

A escolha peculiar e específica através do domínio Egoico de uma ideia afirmativa (lembremo-nos, não por isso permanece imutável) se diferencia amplamente daquela coletiva onde para ser colocada deve ter uma convergência paralela entre os sujeitos que a formam, reduzindo-o assim a um mero apêndice, o poder do indivíduo que se põe em seu Ser como o mais forte, decisivo, fundamental, para avançar em um mundo "realmente real".

Então voltamos a escrever e a aprofundar que o Terrorismo Niilista é Ego-arca, porque nega completamente e com toda sua força a ação niveladora para a proeminência da imposição da ideia imposta que se reivindica como a maioria, não só exclusivamente forte, mas também mais decisiva, específica, seletiva, particular, etc.

Devemos especificar também que o Terrorismo Niilista é profundamente Misantrópico, feito exclusivamente de Indivíduos que atuam através da Vontade Egoica, para distinguir-se do "resto" que consequentemente se separam, em opções precisas, as quais não são rechaçadas pela multidão, de fato, derrubam o conceito ético da sociedade, se colocam no topo de cada posição coletiva, ou necessariamente não Egoica.

Sem nenhuma conclusão final deste fragmento, em uma mais completa e ampla "Guerra Oculta", termino com uma citação do 4° livro da "Vontade de Potência" chamado "Disciplina e Seleção", cito com várias perguntas que, você leitor, pode refletir o desgosto com a linha superior, ou levantar-se, quebrar e fragmentar a moral dentro de ti, e começar a atacar e golpear de maneira Niilisticamente Terrorista os valores do "mundo real".

"As típicas formas de se configurar. Ou seja: as oito questões fundamentais".

1) - Você quer ser mais complicado ou mais simples?

2) - Você quer ser mais feliz ou indiferente à felicidade e à infelicidade?

3) - Você quer ser mais contente ou ser mais exigente e implacável?

4) - Você quer se tornar mais suave, mais flexível, mais humano ou mais "inumano"?

5) - Você quer se tornar um especialista ou carecer de considerações?

6) - Você quer alcançar um objetivo ou esquivar-se de tudo com propósito?

7) Você gostaria de se tornar o mais respeitado ou o mais temido? Ou talvez, o mais desprezado?

8) - Você quer se tornar um tirano, um enganador, um pastor ou um animal do rebanho?

Afinidade de sangue com o Sete e com o Clã Terrorista Niilista!

Afinidade de sangue com o Terrorismo Eco-extremista!

Eu, Nechayevshchina!

[*] Extraído de "Nomen Omen" - Seita Niilista da Livre Morte

Nos pontos anteriores já havíamos especificado que negávamos qualquer pacto federativo ou de associação com qualquer forma "externa" que faça parte da esfera do "compartilhar", mesmo sendo fundamentalmente egoica.

Vamos especificar os pontos anteriores para delinear a atitude da Seita Niilista da Livre Morte. Estamos contra qualquer pacto federativo porque excluímos de nossa união secreta o seguinte:

CÉLULA: uma célula é uma entidade "orgânica" dentro de um elemento mais complexo constituído de uma estrutura coordenada

chamada federação. Uma célula que atua com base em um acordo conspirativo ou federativo deve reconstituir-se e unir-se com outras células em harmonia seguindo um programa que embora seja informal, formaliza o acordo através de uma base que deve ter características semelhantes para corresponder.

NÚCLEO: o núcleo tem características semelhantes à célula onde os indivíduos que o formam se unem, fazendo parte de um pacto associativo em torno do centro de um projeto federativo, com fundamentos consensuais que devem ser perseguidos, mesmo que se dividam em ações diferentes, com o denominador comum da federação a qual pertencem, mesmo informalmente.

FRAÇÃO: a fração é uma parte divisória dentro de um "todo", neste caso, de um pacto federativo ou associativo, sobre umas bases de igualdade, sendo a escolha e o ataque de uma fração o denominador comum para golpear e atacar.

Bélico: Resumo da Revista Black and Green Review No. 3

Extraído de “Cuadernos Sin Número”.

“Black and Green Review” é uma revista estadunidense, sendo o projeto mais recente de John Zerzan e Kevin Tucker. O Sr. Zerzan não requer introdução nos círculos do pensamento "anti-civilização" já que depois de Don Ted (Kaczynski), ele é o teórico mais conhecido no mundo destes assuntos. Kevin Tucker é menos conhecido, mas é o escritor que trabalhou com Zerzan em publicações como "Green Anarchy" na primeira década deste milênio. Tinha ele também o seu projeto chamado "Species Traitor" (Traidores da Espécie), que era uma revista no estilo da atual "Black and Green Review", só que mais livro do que revista e era composta de vários artigos de diferentes autores. Como revista é fisicamente bem feita, com fotos e várias seções com artigos longos e curtos, e neste caso está composta por mais de duzentas páginas.

“Black and Green Review” sai duas vezes por ano nos Estados Unidos. Não iremos explicar como conseguimos uma cópia aqui, do outro lado da fronteira, mas nós a temos e lemos ela. Muito menos iremos resumir a revista (ou melhor, o livro) inteiro, resumiremos os artigos mais importantes e daremos o nosso ponto de vista dentro do eco-extremismo particularmente desde a Antiga Mesoamérica Setentrional. Embora tenhamos nossas críticas bastante agudas contra esta revista, agradecemos a oportunidade de discutir seu conteúdo.

Em primeiro lugar, nosso artigo favorito era um "dos menores" e falava sobre o mosquito. Traduzimos aqui uma parte para compartilhar com os leitores lusófonos o conteúdo bastante informativo:

"Uma das falhas que padece a humanidade é que não vemos nenhuma espécie como benéfica se não pudermos explorá-la. Isto é especialmente verdadeiro para uma das espécies que nos causa uma grande dor. A ecologista evolucionista Dina Fonseca da Universidade de Rutgers, aponta isso perfeitamente ao comparar a situação com os Maruim (mosquitos médios) da família Ceratopogonidae, também conhecida por muitos como Moscas de Areia. “As pessoas que são picadas por Moscas de Areia ou infectadas com vírus, protozoários e filarias adorariam ser picadas para que esses insetos desaparecessem depois de estudar as suas próprias picadas.” disse ela. Mas, como alguns ceratopogonídeos são polinizadores de cultivos tropicais de cacau, "isso se traduziria em um mundo sem chocolate". Para finalizar isso, quero mencionar um ponto muito óbvio, nós criamos este monstro. O mosquito transmissor da doença é nossa criatura e nosso Frankenstein. A instabilidade climática causada pelo humano gera desequilíbrios em todo o mundo. As populações de insetos aumentam quando aumenta a temperatura. O desmatamento e a erradicação das espécies e dos preadores levam a mudanças ecológicas, juntamente com a liberação de vírus latentes. A imunidade coletiva sofre do "progresso" humano. Ficamos doentes com tudo. Os mosquitos são vetores da doença, não a causa. Os mosquitos são apenas um dos cinco principais modos de transmissões de doenças amplificadas pela globalização. Não reconhecemos a maneira imprudente em que nos tornamos, cegos pelo ego e atuando como deuses nos esquecemos que para cada causa há um efeito.“

A explicação sobre a relação simbiótica entre o mosquito e seu ambiente é um ponto importante, e mostra que, de tempos em tempos, o anarco-primitivismo gringo pode pensar além de seu antropocentrismo. Talvez um dia possamos traduzir este artigo inteiro e o reproduziremos em outro lugar. Também imaginamos que as entrevistas que são publicadas na revista mencionada, com a advogada de ativistas eco-radicais e outra com um ex-prisioneiro são muito úteis para os eco-radicais daquele lado da fronteira. O compa "Halputta Hadjo" já apresentou uma crítica eco-extremista da entrevista com os eco-radicais de Zerzan no Canadá em seu artigo sobre os Calusa, e não temos mais nada a acrescentar aqui.

Indo aos "principais artigos" da revista, há alguns que merecem um comentário mais extenso. Comecemos com o artigo de “Four-Legged Human” (Quadrúpede Humano), intitulado “The Wind Roars Ferociously: Feral Foundations and the Necessity of Wild Resistance.” (O Vento Ruge Ferozmente: as fundações ferais e a necessidade da resistência selvagem). A cena deste artigo são os territórios inóspitos do estado norte do Alaska nos Estados Unidos. O texto tenta desenvolver o tema da domesticação e a dependência que ela cria nos humanos civilizados, especialmente, envolvendo a domesticação no fracasso universal da esquerda no mundo moderno. Ele também tenta apresentar a resistência como um processo de desdomesticação e fuga da civilização para lugares isolados. Neste sentido, estes anarco-primitivistas desejam imitar aos "Povos da Flecha" que ainda existem nas terras amazônicas. Ele escreve:

"Estima-se que, atualmente, nos últimos vestígios primários da Amazônia brasileira existam até 43 tribos isoladas. Índios Bravos ou Povos da Flecha. Muitas vezes caracterizados como 'não contatados', a realidade mais provável é que estes bandos amazônicos, conscientemente optaram por viver em isolamento e evitar a interação, precisamente devido a um profundo conhecimento entre gerações sobre as consequências desastrosas associadas a seus ancestrais e seus irmãos indígenas vizinhos que se converteram em domésticos e civilizados:

'Determinação deliberada, ou melhor, autodeterminação... parece ajudar todas as tribos isoladas que ainda vagueiam pelas selvas da Amazônia... Os grupos indígenas que vivem em isolamento são isolados porque escolhem. Não é por causa de uma completa falta de contato, mas precisamente porque as experiências anteriores de contato com o mundo exterior se revelaram negativas.'“

Não temos muito o que discutir com o Quadrúpede sobre o seu diagnóstico do problema da domesticação e do híper-civilizado. Na verdade, a civilização cria humanóides dependentes e fracos que não podem viver sem a sua dependência, o que significa sua escravização ao sistema tecno-industrial. No entanto, a solução apresentada é especificamente fugir para os lugares remotos do norte e tornar-se selvagem novamente. Isso foi algo que nos confundiu muito. Ele escreve:

"Hoje temos conhecimento histórico e antropológico que nos leva ao desespero criado por 10 mil anos de domesticação. Não é hora de "sentar", é hora de se levantar e caminhar na floresta, deixando para trás toda a nossa bagagem domesticada. Devemos agora finalmente nos converter no povo da flecha. Um futuro selvagem representa o nosso único caminho a seguir. Eu postulo que os reselvageados ferais estarão de pé no final, após os levantes massivos que virão, sendo capaz disso apenas por causa dos avanços alcançados multigeracionalmente a nível indomesticável. Prevejo a formação de bandos selvagens (bandidos!) muito unidos, não acorrentados pelas circunstâncias, mas instalados rapidamente nos bosques, montanhas e sacudindo o impenetrável pelos domésticos – Habitantes do nosso próprio 'labirinto marrom" em que os domesticados não se atrevem a entrar. Não apenas isso, mas também bandidos eficazes para golpear a infraestrutura da civilização, causando um dano irreparável, e desaparecendo facilmente nas sombras apenas para emergir golpeando de novo e de novo."

Para dizer a verdade, este parágrafo nos causou muitas risadas. É sério? Esta é a revista de John Zerzan? O cara que pega seu rosário toda vez que escuta algo sobre os ataques eco-extremistas no sul? Esses caras querem ser "bandidos", mas os eco-extremistas já são, e por acaso eles apoiam? Muito pelo contrário. Nós não vimos nenhuma evidência que prove que os anarco-primitivistas ianques não tenham alergia ao cheiro de sangue. Os eco-extremistas não tem essa alergia, isso é fato. Eu não sei, provavelmente o Quadrúpede não leu a Revista Regresión, mas ele tem que fazer uma comparação com alguns textos ali (sobre banditismo) que saíram muito antes deste ensaio. Por exemplo, na Regresión 3 (Primavera de 2015):

"Resistir e negar a vida imposta desde pequenos e formarmos uma vida simples e o mais longe possível daqueles alinhamentos e esquemas culturais modernos, é um dos propósitos a serem alcançados desde o presente. Mas para formarmos essa vida que queremos, distante das grandes cidades e nas profundezas da natureza, às vezes requer dinheiro, dinheiro que preferimos roubá-lo de qualquer lugar ou obtê-lo através das centenas de formas criminosas que existem, antes que nos escravizem à vida de subordinados que a maioria das pessoas carrega. Esta é a razão pela qual o grupo editorial desta revista sente simpatia pela reapropriação do dinheiro para propósitos específicos que levam a uma vida que vala a pena ser vivida, sem se importar com quem sofra o disparo quando o dinheiro não é entregue, porque quando um empregado não entrega o dinheiro do patrão, este não merece seguir vivendo, já que defende como um cão obediente as migalhas do mestre, por isso merece uma facada ou uma bala em seu corpo, da mesma forma, quando o empresário, dono ou executivo do negócio não cumpre as exigências do ladrão, também merece o mesmo ou algo pior.

Não há misericórdia nesses atos, é tudo ou nada, é do extremismo de que falamos abertamente, se esse dinheiro será necessário para algum propósito extremista individualista, este o deve consegui-lo a qualquer preço. Aqui devo mencionar que para nós o dinheiro não é tudo, isso dizemos de uma forma muito realista. Neste mundo dominado por grandes corporações econômicas, às

vezes é preciso obter dinheiro para cobrir certos fins e/ou meios. Pra nós, obtê-lo trabalhando não é uma opção, obtê-lo por fraude, assaltos ou enganando, sim. Aqueles ancestrais que viram seus modos de vida afetados pela expansão das civilizações tanto mesoamericanas como ocidentais, tiveram que atuar desta forma em algum momento (predação, saqueio, engano, roubo e/ou assassinato), temos apenas cumprido nosso papel histórico como herdeiros daquela ferocidade selvagem.“

Também este texto, retirado do editorial da Regresión 5 (Abril de 2015):

"Sou um eco-extremista e estou em Guerra, eu confeccionei explosivos recheados de fragmentos que dirigi contra tecnólogos que trabalham para artificializar a Natureza Selvagem. Os fios positivo e negativo se encontraram, a energia da pilha conseguiu aquecer o ignitor dentro do niple galvanizado preenchido por dinamite, uma faísca é gerada, o explosivo funcionou, os ferimos, os estilhaços perfuraram seus corpos, os gases da dinamite ardente chegaram a seus pulmões queimando-os ao mesmo tempo, seus sangues derramados serviram para lhes recordar de que NÃO são deuses, embora brinquem disso; não me arrependo por nenhuma destas feridas, de seu espanto, das consequências, o que aconteceu com eles é apenas uma resposta da Natureza Indomável que falou através de MIM. Estive escondido em várias cidades preparando atentados, conspirando com afins, e ampliando minhas práticas no plano da atividade criminosa. Incendiei carros indiscriminadamente, luxuosos e não luxuosos, pequenos ou grandes, uma vez que todos são asquerosas máquinas que fazem com que a camada de fumaça siga se solidificando sobre minha cabeça, os vi arder como um incêndio nas densas florestas, eu soube da reação de seus donos, não me importo com nada, a Natureza me deu a forma para sair intacto dessas situações."

Então, se os ianques quiserem aprender algo sobre ser "bandidos", talvez os eco-extremistas possam dar-lhes alguns conselhos para que não sejam detidos pelos valores humanistas civilizados.

Sobre a questão da fuga para a floresta ou o que quer que seja, recordamos uma correspondência com um mano eco-extremista que nos faz lembrar que o contexto ao sul da fronteira é muito diferente daquele dos gringos:

"Aqui muitos poucos “primitivistas" fazem o que fazem lá, isso de comprar um terreno e aprender habilidades de sobrevivência. O que sempre pensamos sobre essas atitudes é que a pessoa que faz isso está sendo covarde ao abandonar a civilização sem ter lutado contra ela. A cultura mexicana herdou de seu passado nativo esta atitude, aqui se você não responder a uma agressão você é fraco e viadinho, o mesmo vale para os “primitivistas" que compram um terreno e em vez de guerrear decidem viver alternativamente. Embora tente de todas as formas fugir da civilização, esta chegará a você. Um exemplo é o que passou com o velho Ted, ele partiu, mas a civilização chegou até ele, e o mesmo acontece aqui.

Só que aqui é muito mais violento, muitas áreas selvagens estão sendo controladas por pistoleiros que utilizam as montanhas para plantar papoula ou usam as colinas para esconder laboratórios de drogas sintéticas. Estes terrenos belos e selvagens estão sob o controle deles e se você ousar pisar neles, os pistoleiros te prendem e te levam como escravo a essas plantações, junto com os imigrantes do sul, e assim por diante. A situação aqui é mais complicada.

Com respeito as comunidades zapatistas, são uma merda, e o mesmo ocorre, estão sob o controle do comitê clandestino indígena que de indígena não tem muita coisa já que são controladas pelos marxistas mais relutantes, muitos estrangeiros.".

Nós pelo menos concordamos completamente com o mano. Fugir não é uma opção real nem é algo que queremos fazer. A civilização insultou a nossa mãe Natureza, e pagará por isso, aconteça o que acontecer. Naturalmente, apoiamos os indígenas (os poucos que restam) que fogem da civilização, mas não somos eles, e é uma estupidez pensar que podemos nos tornar como eles. Melhor ficarmos aqui e lutar como somos, na verdade, não temos nenhuma outra opção.

Completando a informação sobre a opção de comprar um terreno no México assim como fazem nos EUA, existe também uma aparente desvantagem econômica, enquanto muitos anarco-primitivistas de lá tem uma economia estável dado a sua cultura de primeiro mundo (embora rejeitem), aqui se um anarco-primitivista mexicano quisesse comprar um pedaço de terra lhe custaria cerca de 60 mil a 100 mil pesos ou mais dependendo do lugar. Para obter essa grande quantidade de dinheiro o anarco-primitivista mexicano teria que trabalhar (dado o seu rechaço ao salário de uma empresa) em uma cooperativa universitária autogestiva (por exemplo), onde os lucros líquidos não chegam nem a 200 pesos por dia, então ele teria que trabalhar por um tempo indeterminado para comprar as suas terras. Num outro caso, se o anarco-primitivista "urgisse" comprar um terreno na natureza e decidisse trabalhar em uma fábrica oito horas por dia ralando em turnos noturnos e matutinos, ganhando 1000 pesos por semana, então estamos falando que conseguiria o dinheiro em pouco mais de dois anos, e isso juntando todo o dinheiro, embora esta opção seja quase impossível, já que teria que repartir estes 1000 pesos ganho por semana em aluguel, pagamento de serviços, alimentação, transporte (talvez), etc., então aqueles mais de dois anos dobrariam ou talvez mais. Possivelmente o anarco-primitivista mexicano se canse após tantos anos de trabalho, jogue tudo para o alto, deixe de ser um anarco-primitivista e decida viver uma "vida louca". Ou talvez o anarco-primitivista em questão herde de sua avó uma casa na floresta e decida ir viver por lá, ou talvez o anarco-primitivista possa ir trabalhar nos Estados Unidos e faça como os trabalhadores michoacanos que trazem dólares os quais aqui tem um grande valor no mercado estimado em 18 pesos cada um, e assim possa adquirir seu terreno, pode ser, são apenas ideias…

Mas de qualquer maneira, alguns anarco-primitivistas dos EUA acham que podem de uma hora para outra se tornarem os bandidos

mais fodas de toda a história, ou dentro de algumas "gerações", ou que podem sobreviver em um dos lugares mais inóspitos do planeta (Alaska), E TAMBÉM atacar a civilização de vez em quando e saírem ilesos. Não pensamos assim, mas boa sorte. Vale a pena mencionar que o Quatro Patas descreve os Selk'nam da Terra do Fogo como um povo selvagem que poderia sobreviver em um dos ambientes mais difíceis da Terra, mas não mencionou que a sociedade Selk'nam era baseada no patriarcado rígido, era a fundação de suas crenças. Talvez ele tivesse que comentar algo sobre isso a suas companheiras primitivistas, que pensam que o patriarcado é sempre um produto da domesticação. Bom, apenas sugerimos.…

O mais curioso vem quando você termina este artigo com aspirações de se tornar um criminoso e logo passa para outro texto que diz que os anarco-primitivistas devem ter aspirações para ser... MONGES. Isso é completamente verdade, eu não estou inventando. O nome do artigo é "The Sacred Sunrise", de Ian Smith. Não vou tentar resumir os argumentos aqui, pois eles são muito estúpidos e mostram uma profunda ignorância da natureza do monarquismo cristão desde sua origem até a atualidade. Por exemplo, menciona a regra de São Bento, mas não a sua lei mais importante: "ora et labora", em latim, "rezar e trabalhar". Bem, é muito interessante que alguns anarco-primitivistas pensam que podem se salvar trabalhando no campo e recitando palavras da bíblia. Será que o autor não sabe que os grandes monastérios da Idade Média, e até mesmo aqui na Nova Espanha durante a colônia eram donos de grandes terrenos, e não apenas de terrenos, também dos campesinos que pertenciam a essas terras, e seus trabalhos permitiam uma vida de luxo aos monges para se comprometer com a "Opus Dei", a vida de "contemplação", a erudição, e o ofício divino? Ou sabe que a virtude mais importante do monastério foi a obediência? Talvez esse cara seja obediente a São João (Zerzan) como abade, e Kevin Tucker como mestre dos noviços? É vergonhoso que permitiram que tal estupidez fosse publicada em uma revista "séria".

Passaremos então a discutir o ensaio do editor principal, Kevin Tucker, sobre a civilização e a dependência, "Hooked on a Feeling: The Loss of Community and the Rise of Addiction" (Viciado em Um Sentimento: A Perda da Comunidade e a Aparição da Dependência). Ao nosso ver, este é o ensaio mais longo, e muito difícil de se resumir em alguns parágrafos. O texto começa com a descrição de "kia" ou as energias curativas que emergem das danças comunitárias das tribos nômades caçadoras-coletoras em várias partes do sul da África. Segundo Tucker, o sedentarismo cria a necessidade de resolver conflitos que anteriormente poderiam ser resolvidos pela mobilidade nômade. Pouco a pouco surge o papel do Xamã, e a especialização sobre o uso de plantas e cerimônias para resolver os problemas de uma comunidade sedentária. A partir daí surgem o álcool, o peiote, e os demais tóxicos que tentam resolver a frustração da domesticação. A primeira objeção que encontrei é que os animais também se "drogam" e se "embebedam". Em algumas tradições, são os próprios animais ou as plantas que "ensinam" sobre seus usos, até mesmo seus usos narcóticos e alucinógenos.

No entanto, é necessário contemplar o tema da "civilização como um vício", como Tucker descreve no seguinte parágrafo sobre o papel do álcool.

"A civilização foi levada literalmente nos ombros e costas dos bêbados. Uma devoção religiosa à produção requer um grau de embriaguez para criar raízes. A agricultura, o combustível necessário da civilização, define a monotonia: monótono, dor de ressignificação, sem brilho, e o trabalho sem fim. A humanidade nunca havia levantado suas mãos para a produção excedente se não estivesse segurando um copo levantado".

Segundo Tucker, então, a humanidade deve retornar à energia da dança dos nômades para a cura emocional e psicológica baseada na comunidade e na atitude igualitária. É uma questão de quebrar a "lógica" viciante da civilização e fugir para forjar novas comunidades de resistência com base na lógica dos caçadores-coletores nômades. A crítica que tenho neste sentido é inspirada nas palavras de outro mano eco-extremista em uma entrevista com um certo John Jacobi:

"(...) sempre que há uma chance vocês gringos, ou seja, as pessoas que compartilham a cultura estadunidense (reformistas), querem sempre criar 'movimentos', é como se trouxessem nas veias um sentimento muito característico que os empurra a querer sempre 'arrumar' as coisas, e a Natureza Selvagem não escapa desse sentimento.‘‘

Diz-se em algumas partes do texto que o melhor é o inimigo do bem moral, e acreditamos que Tucker cai neste erro. Pelo menos aqui, não é uma questão de defender as culturas primitivas onde quer que apareçam, mas de buscar as culturas "mais puras" da terra e tentar imitar seus modos de vida (é preciso comentar aqui, referindo-se ao Quadrúpede, que os Selk'nam também tinham Xamãs). Sabemos muito bem o que Tucker está jogando: nestas culturas se manifestaram a hierarquia, a domesticação, a civilização, etc., em algumas culturas pelo sedentarismo e o armazenamento de comestíveis, e isso é certo. Mas o processo que criou a civilização e está destruindo a vida na Terra não é produto de um processo de domesticação retirado de um processo particular, ou seja, os processos que criaram a sociedade tecno-industrial. Cada domesticação não criou o Leviatã que está nos ameaçando, e que nos escravizou. O rei Calusa no século XVI ou um agricultor africano do Delta do Níger no século XVII não tem culpa de nossa civilização.

Esta civilização é produto de um processo muito particular, quase ocidental, e seria difícil em nossa opinião encontrar a causa específica desta sociedade asquerosa. Portanto, não há a necessidade de julgar todas as sociedades primitivas e selvagens por suas habilidades de "domesticação", como ter Xamãs ou qualquer outra coisa. Cada sociedade foi um fenômeno que era produto de seu ambiente e a resposta das pessoas que viveram naquele ambiente. O que vemos agora não foi inevitável, em nossa opinião, poderia ter sido diferente, e muitos selvagens lutaram até a morte para que assim fosse. Mas estas são apenas questões acadêmicas, o que foi perdido foi perdido, mas ainda existem os instintos de atacar e defender que são os mais importantes.

Há também um ensaio de John Zerzan, mas parecia bobo e não o lemos.

De qualquer forma, em nossa opinião, as diferenças entre os anarco-primitivistas do norte e os eco-extremistas do sul vêm dos exemplos das tribos "primitivas" que desejam imitar. Os anarco-primitivistas estão sempre buscando seus exemplos nas tribos que viveram em ambientes inóspitos, onde a fuga ainda era uma opção. Isso inclui os Bosquímanos e Pigmeus do sul da África, os povos que viveram no Alaska, e os Selk'nam (Embora não se dão conta de que eram "sexistas" e tinham hierarquia na forma de Xamãs. Talvez também irão reconsiderar estes selvagens e excomungá-los da "comunhão dos saltos selvagens"). Isto é, eles são selvagens relativamente "pacíficos" onde a guerra contra a civilização não era possível ou necessária. Mas essa não é a nossa situação.

Os eco-extremistas, por outro lado, buscam seus exemplos históricos em situações que correspondem a nossa situação atual, especialmente nos Teochichimecas antes e após a conquista da Mesoamérica, os Yahi na Califórnia, Estados Unidos, os Seri dos desertos de Sonora no México, os Apaches, os Comanches, etc,. Em suma, todas as tribos que estavam em uma guerra até a morte contra a civilização, as que empregavam o ataque indiscriminado, o roubo, o terror, e outras táticas de guerra total. Os anarco-primitivistas querem atuar como se estivéssemos em um tempo mais ou menos pacífico, e dizem que primeiro devemos "convencer as massas" para fazer uma "mudança social". Dizem que ainda nos resta "tempo" e "esperança". Essa etapa para o eco-extremismo já passou há muito tempo, assumindo que já foi em algum momento uma opção verdadeira, o que é duvidoso.

Os anarcos dirão que essa opinião é "niilista", e talvez estejam certos. Não temos problema algum com o rótulo de "niilista". Mas se nós somos niilistas, também eram as mulheres e homens que se lançavam desde o alto da montanha para converter-se em projéteis humanos contra os espanhóis na Guerra do Mixtón em Zacatecas, e as tribos que preferiam se afogar em um rio do que serem levadas como escravas, ou os milhares de guerreiros que preferiram lutar até a morte contra o invasor. Se não ser "niilista" significa ter que esperar até que as massas te deem a sua "benção" para atacar, ou te impedem de atacar porque viola os "valores igualitários das tribos nômades caçadoras-coletoras" [que não existem], ou te obrigam a ceder antes de lutar porque não há probabilidade de "ganhar", bem, repetimos, somos niilistas e ponto final. Não temos interesse em nos converter em hippiers vivendo em comunas no Alaska e, ao mesmo tempo, fingir "lutar contra a civilização". Se esta é a "Primal War" como diz Kevin Tucker, (a guerra primal) é mentira e os anarco-primitivistas devem pelo menos admitir isso.

- Campamocha

Humanos

Odeio a todos os humanos
Vejo-os como animais comuns
Aqueles que eles comem e servem
Tremendo a mão como o velho que se enforcou em prejuízo da hoi polloi da cultura das prisões*
Nunca são capazes de captar o mundo fora da moral cristã
Este é o animal que as sociedades de moradores conversadores criaram e domesticaram
Odeio a todos os humanos
*Os tipos progressistas se emaranham no eterno Panchreston** por uma liberdade que emana da mente*
Nunca existiu e nunca o fará
Os perpetuadores da ética religiosa
Filhos do humano
Detesto os materialistas obscuros, esses pretensiosos sacos de merda, os zumbis ocos de duas caras da sociedade do consumo
Detesto os idealistas, os mórmons imbecis da consciência que não podem captar o mundo pelo que ele é
Cravo uma faca no coração coletivo, pensando e atuando!
Eu odeio a todos os bastardos!
Vocês podem me escutar, putos cadáveres?
Todos os sonhos estão mortos porque isso é o que merecem. Tudo deve perecer!
Sua alienação é total! Nada resistirá se eu puder destruí-lo!
Eu busco apenas as maneiras de danar e destruir a tua existência!
Eu respiro um desprezo atroz e um ódio não diluído
Toda a minha vida estive rodeado por estes tolos que aspiram a rasgar a minha carne se eu não esconder as minhas verdadeiras intenções e pensamentos do além
Humanos.
A evolução biológica dos patas das ovelhas!
Uma nova raça para o massacre, a definição da escravidão e a contaminação que açoita sobre mim para entrar na porta do metafísico
O que me transforma em um organismo aleijado possuído pela busca da essência
Odeio a todos os humanos
Animais superestimados, um erro da natureza.

Archegonos

****Expressão grega que significa "a maioria", fazendo uma conotação depreciativa da classe obreira das massas ou das pessoas comuns.***

*****Palavra grega para definir uma explicação que tenta abordar um problema complexo tentando explicar todas as possíveis contingências.***

"Hoka Hey" e "Memento Mori", a Morte Desde a Perspectiva Pagã

Extraído de Reflexiones Paganas.

"***Hoka Hey!***" (em língua Dakota: "*Hoje é um bom dia para morrer!*"), foi um grito de guerra que se escutou nas proximidades do rio Pequeno Grande Chifre, no território de Montana, Estados Unidos, no final de Junho de 1876, quando ocorreu a célebre batalha entre **Tasunka Witko** ("***Crazy Horse***" ou literalmente: "*Cavalo Louco*", 1840 – 1877), o grande guerreiro e chefe da tribo **Sioux** Oglala e o infame comandante do 7° Regimento da Cavalaria dos EUA, o Tenente-Coronel **Coronel George Armstrong Custer**.

O primeiro, comandando os bravos guerreiros de sua tribo natal, lutando por sua terra e seu direito de viver em liberdade; o segundo, um genocida e racista, com pretensões políticas para a Casa Branca, e que não hesitou em matar centenas de homens, mulheres e crianças aborígenes americanas e violar a todos os tratados existentes para atingir os seus objetivos.

Mas o propósito desta nota não é narrar dita batalha, nem como "***Cavalo Louco***" fez justiça ao seu povo e herança cultural ao aniquilar seu inimigo, os "*wasichus*" ou invasores brancos, mas sim para resgatar aquele grito, para dar nome a uma virtude **pagã** esquecida: *a de saber morrer bem*.

Saber Morrer é Tão Importante Como Saber Viver

O humano moderno, independentemente da cultura nativa, a religião que pratique ou o nível de educação que tenha, geralmente esqueceu do fato mais importante da Vida: **A Morte**. Tentamos não pensar sobre isso e deixar mensagens nos cemitérios e lugares de respeito e lembrança dos falecidos, qualquer pensamento ou sentimento a respeito.

Um saber inestimável foi perdido, um conhecimento transcendente: a ideia de que vivemos para a morte, que nossas vidas são menos que um lampejo na Eternidade, que a poeira e o esquecimento é o destino dos homens. Um conhecimento que esteve presente desde os primeiros escritos humanos, como o que segue:

«Gilgamesh, por onde você vagueia? Não encontrará a vida que procura. Quando os deuses criaram a humanidade, separaram a morte dela, retendo a vida em suas próprias mãos. Você, Gilgamesh, encha a sua barriga, aproveite o dia e a noite. Cada dia celebra uma festa de alegria. Dança dia e noite e brinca! Certifica-se de que as suas roupas sejam novas, lava a sua cabeça; banha-se na água. Cuida do pequeno que pega na sua mão. Que sua esposa se deleite em seu seio! Porque essa é a tarefa da [humanidade]!»

(“Poema de Gilgamesh”, Tábua X, Coluna III – h. 1500 a.C.)

No entanto, apesar da inegável realidade do que precede, o ***paganismo ancestral***, em quase todas as suas tradições, propunha uma visão corajosa e realista diante do destino final que espera a todos nós. Não propunha a visão de se lamentar, de ocultar o temor ou manter distante todo o pensamento sobre o final da existência, mas, muito pelo contrário, usar este conhecimento como uma ferramenta para viver plenamente, para ser feliz e tirar o máximo proveito dela e desfrutar a vida.

Não se trata de nenhuma verdade "*revelada*", de nenhum conhecimento "*iniciático*" ou "*arcano*". Não é necessário realizar viagens exóticas ou longas meditações, para poder vivê-la... Somente a partir da simples sabedoria do senso comum, emanada daqueles homens e mulheres que, por milhares de gerações, viram a Morte diante de seus olhos, desde muito próximo. Não em hospitais esterilizados e pintados de branco, mas em qualquer momento e lugar, de maneira violenta, quando havia guerras, saqueios ou ataques de predadores; de um modo sub-reptício e silencioso, quando chegavam as pragas ou a escassez.

Aquelas pessoas antigas aprenderam a viver com a Morte seguindo seus passos desde muito perto e justamente por isso costumavam ser, às vezes, mais felizes que nós (nem sempre nem constantemente, porque a felicidade permanente é apenas uma quimera) e também ter vidas plenas e energéticas.

Esse conhecimento que os ancestrais nos deixaram e que foi esquecido pela cultura moderna, não é inacessível, mas requer apenas um mínimo de contemplação da existência e de nosso papel nela. É realmente simples: *devemos estar preparados para morrer nos dias de hoje, viver cada dia como se fosse o último.*

Isso, por si só, fará com que você viva com intensidade cada momento, valorizando cada minuto, ciente de cada segundo. Se você não abandonar a ideia de que a morte está próxima, a vida é vivida com intensidade, com a percepção aguçada e aumentada, com plena consciência de cada momento.

O **pagão** considera a si mesmo um guerreiro. Não porque busca a violência ou a guerra, mas porque está sempre preparado para lutar contra os obstáculos da Vida e contra as injustiças dos homens. Como tal, tem medo da morte como qualquer outro ser finito, mortal... Mas sabe que antes é preferível enfrentá-la com integridade do que viver como um roedor assustado, escondendo-se nos cantos mais sinistros pelo simples fato de tentar viver um segundo a mais.

Para viver bem é preciso saber morrer bem e para morrer bem, é preciso ter vivido bem. Esta simples verdade é muito pouco reconhecida e valorizada pelos sistemas de crenças dominantes. Tanto pelas religiões (supostamente) "*reveladas*", como pelas ideologias e filosofias de corte humanista (predominantemente ateias).

A morte é o evento humano que mais significado dá a vida, não só porque é algo único, algo que ocorre apenas uma vez e não pode ser revertido, mas porque é o epílogo de toda a existência, o final da história pessoal de cada indivíduo. A morte é a "*graduação*" da Vida, o fim da estrada.

Todos os humanos querem ter uma vida boa, cheia de prazeres, conquistas e satisfações. No entanto, mesmo sabendo que todos nós teremos a última hora, pouco são aqueles que se preocupam em ter uma bela morte.

Os antigos romanos tinham um saudável costume: quando seus heróis e generais desfilavam de frente para a plebe pelas ruas de Roma, em seu momento de maior glória, depois de alguma campanha vitoriosa, sempre havia um escravo atrás dele, que segurava a coroa de louros sobre sua cabeça, mas também lhe sussurrava ao ouvido: "***Memento Mori***" ("*Lembre-se que morrerás*"). Alguns acreditam que, com base no escritor cristão **Tertuliano**, a frase na verdade era: “***¡Hominem te esse memento!***” ("*Lembre-se que és apenas um homem*"), mas esta última versão é tardia e desconecta do propósito original.

Com essa ação, os romanos (e talvez primeiro os Sabinos, de onde se supõe que se originou o costume) queriam recordar o herói, o poderoso, que sua realização era efêmera, tanto para que não abusara da fama e do poder ganho, como para que não perdesse de vista o seu destino.

Há um velho provérbio que diz: "*Se vive com dignidade, não se morre com ela, porque nenhuma morte é digna*". Mas isso é falso, já que não é a própria morte o que geralmente tememos ou rechaçamos e que podemos aceitar e tentar conscientemente experimentar, mas o seu prólogo. A Morte, seja o que for que implique para o Ser, se é o passo para o outro "*plano*" ou a aniquilação total e final, não é "*o ato de morrer*", mas sua consequência. O "***ato de morrer***" é o que todo humano pode realizar com dignidade ou catástrofe; com consciência ou sem ela; com coragem ou covardia.

São estes minutos "*antes e durante*" o processo que definem o que foi dito anteriormente, o ato de morrer, o epílogo da vida e não o que ocorre depois disso, que já é desconhecido para o Homem, nem é relevante para a existência terrena quem foi um indivíduo durante os dias de sua vida.

"Memento Mori" ("Lembra-se que Morrerás")

A Morte é o propósito da Vida, não há nada na Natureza que seja imortal, imperecível, permanente. Para os pagãos, até os deuses acabam morrendo com os éons da Eternidade. Os universos, os planos do ser e tudo o que existe deve deixar de existir, mas não em vão, e sim para dar lugar a um novo começo, a uma nova vida e a um novo Cosmos.

A física moderna mostrou que a energia não se perde. Isto é formulado pela **1ª Lei da Termodinâmica** (também chamada de "*Princípio da Conservação da Energia*"), que muitas vezes é tomada de forma distorcida e interpretada como: "*Nada se cria, nada se perde; tudo se transforma.*", postulado pelo químico francês **Antoine-Laurent de Lavoisier** (1743 – 1794), mas tomada como evidência da imortalidade da alma ou a essência do Ser.

Tal coisa é errada, porque enquanto a energia nunca desaparece nem é aniquilada, existe uma 2ª Lei da Termodinâmica, também chamado de "*Entropia*", que dita que a energia sempre que passa por alguma transformação, vai degradando-se, ao ponto de que (como hoje em dia é conhecido cientificamente) o Universo acabará, depois de incontáveis milhões de anos, como um incomensurável páramo escuro e frio, muito maior do que hoje em dia e irá conter apenas fótons de energia muito baixa, incapazes de gerar luz ou calor. Algo como os últimos cadáveres de energia e matéria que atualmente compõem as galáxias, os sóis; os planetas e os seres vivos.

Este conceito é odiado e temido pela maioria dos filósofos e teólogos otimistas, porque os obriga a considerar a extinção final de todas as coisas, até mesmo do Universo. No entanto, no **Paganismo**, não existe essa preocupação, porque a concepção cíclica garante que, de uma forma ou de outra, tudo voltará a começar enquanto os indivíduos desaparecerão, a Natureza continuará para sempre.

Mas, no entanto, há algo que a física conhece e que raramente capta o interesse dos "*crentes*" de qualquer sistema espiritual ou dos filósofos propensos à metafísica, porque todos estes estão apenas interessados na possível sobrevivência da "*alma individual*". Hoje sabe-se que "***a informação nunca se perde***". Mas, que significado ou importância isso pode ter para os seres humanos? Nada mais e nada menos que o conhecimento (não a crença ou a superstição, mas o *saber real*) de que todo trabalho, todo pensamento, todo acontecimento desde sempre e até esse estado final da existência, descrito anteriormente, jamais desaparecerá.

Essa informação pode ou não ser acessível ao Homem (por enquanto não é se está "*no passado*", mas nada impede que a evolução da tecnologia e da consciência nos permita acessá-la algum dia), mas jamais desaparecerá, dando-lhe com isso uma profunda e tremenda importância e significado a cada segundo de nossas vidas, a cada palavra, a cada interação.

Isso dimensiona a Vida de maneira diametralmente oposta a como a colocam os sistemas hegemônicos de crença e pensamento: a vã busca da imortalidade, a absurda ideia do "*perdão e o esquecimento*" das más ações; dos fracassos e misérias, é apenas produto da fraqueza de nossa memória, mas de modo algum implica que o que aconteceu mude, se modifique, se resolva ou possa ser compensado.

Nossas vidas são evanescentes, efêmeras... Mas os acontecimentos nelas, nossas ações, reverberam na Eternidade...

Não é na imortalidade onde o pagão deveria concentrar as suas energias e o seu ponto de vista, sem que isso implique negar a sua possibilidade ou mesmo a sua realidade, mas no legado que deixa e deixará à memória da Humanidade, e também a essa outra "*memória*" indestrutível e eterna do próprio Universo, da Existência. Se você quiser, coloque de uma forma poética, na memória dos deuses, que jamais sofrerá o "*esquecimento*".

Não se trata de viver "*no passado*" ou "*para o passado*", mas de fazer bom uso do presente e de terminar a "*batalha da vida*", mas vitoriosos, ao menos com dignidade e honra, com a maior consciência possível de si mesmo e do que foi deixado para trás.

A Morte não deveria nos assustar, essa amiga benevolente, que levará consigo toda a dor, toda a ansiedade e toda a miséria. *Toda a dor está na Vida, não na Morte*. Deveríamos nos preocupar com o modo como percorremos o caminho da Vida e como encerramos esta jornada, como damos um final a nossa história pessoal.

Todos nós queremos viver 100 anos, é lógico, mesmo visto do ponto de vista daqueles que pretendem dar um significado transcendente às suas existências. Uma vida curta implica em menos tempo para fazer, alcançar e aproveitar. No entanto, e muitas vezes, isso geralmente é uma falácia... Quantos milhões de seres vivem 80 ou 90 anos sem que suas vidas tenham algum significado, sem haver conhecido a si mesmos, sem haver evoluído suas consciências; sem ter deixado legado algum a suas famílias ou amigos próximos, a sua cultura ou a Humanidade?

É comum ver a dor e as lágrimas dos mais velhos pela morte dos jovens. Isso é lógico quando se trata de seres a quem o Destino negou a obtenção de uma vida suficientemente longa, para ser significativa e memorável. Mas estas pessoas choram também pelos heróis caídos, pelos notáveis falecidos, pelos ícones reivindicados por Thánatos.

Tal coisa demonstra a indolente ignorância em que a maioria vive. Não se pensa que, talvez, esse falecido tenha cumprido com *sua vida e o seu destino*, que deixou algum legado (não importa o quão grande ou pequeno) a seu entorno e que se jamais é esquecido, não deveriam chorar por ele, mas *glorificá-lo.*

A cada pagão lhe é apresentado em algum momento da vida o *dilema de Aquiles*: Viver uma vida longa e medíocre, sombria e esquecível ou uma curta e gloriosa, que jamais será olvidada. Livre como é cada ser humano de poder viver sua vida como melhor lhe agrada, não é digno de chamar a si mesmo de pagão aquele que pretende transcorrê-la de forma medíocre e regozijar-se nela.

Não se trata de desejar ou propiciar uma vida curta ou uma morte dramática. Não é o suicídio, direto ou indireto, o caminho do paganismo. Se trata é de não escolher por viver mais, mas de viver melhor. *Aquiles não optou por uma vida curta porque queria morrer, e sim porque não queria viver em vão.*

Muitas pessoas se comovem e valorizam aqueles seres patéticos que se agarram à vida, mesmo nos últimos momentos de agonia, só para viver mais uma hora. Esse tipo de "*resistência*" não é uma virtude, mas o efeito ou a expressão do medo e da ignorância. Uma coisa é não aceitar a morte sem lutar, porque ninguém sabe se realmente é seu destino morrer naquele momento, e outra muito diferente é não saber aceitá-la com serenidade, dignidade e alegria, no momento em que já não restam dúvidas do que virá.

Um verdadeiro pagão deve fazer de cada jornada "*um bom dia para morrer*", não buscando que esta seja a última, mas tampouco escapando da vida, do destino ou dos desafios que se apresentam para tentar evitar que ***esse*** seja o último dia. Aceitando que, a qualquer instante, o momento funesto pode chegar, viverá a cada um com a intensidade do herói, do guerreiro.

Se trata apenas de pensar para nós mesmos: "***Memento Mori***" ("*Lembre-se que morrerás*"). Assim como fez ***Cavalo Louco*** naquela batalha em que sobreviveu e da qual queria sair com vida. Seu grito não implicava: "***Hoje é o dia em que quero morrer***", mas: "***Nenhum dia de minha vida seria melhor do que o de hoje para que a morte viesse a mim***".

Uma vida assim vivida é uma vida que valerá a pena e que produzirá um sorriso final, no momento de fechar os olhos pela última vez. É claro, quase ninguém poderá alcançar isso plenamente, mas sim tentar atingir dito objetivo com todas as suas energias e com toda a sua vontade.

Heróis e Mártires

Não temos que nos confundir-nos muito, entre a ideia de morrer lutando por um ideal e a de deixar-se matar por ele mesmo. O segundo, o "*martírio*" pode ou não ser algo meritório, depende da forma que se olhe. Mas também é uma vida desperdiçada, porque foi entregue sem luta, sem resistência.
Pelo contrário, nenhuma vida é mais significativa e nenhuma morte é mais gloriosa que aquela que deixa esta existência ao defender ou lutar por seus ideais, quando tenta sustentá-los; por proteger aqueles que não podem se defender, por salvar os outros e por promover a justiça, a liberdade e a verdade. Eis aí a diferença entre o herói e o mártir: *O herói morre lutando, o mártir se deixa matar.*

Todavia há outra diferença nestes dois seres: O verdadeiro herói não espera que outros morram junto com ele, se ele puder evitar outras mortes, o fará. O mártir tenta fazer com que seus iguais o "*sigam*" em seu infeliz negócio (como é frequentemente visto em muitas seitas alucinadas) e, muitas vezes, como ocorre entre os extremistas muçulmanos modernos ou entre os primeiros cristãos, aspiram levar a maior quantidade de vítimas como eles.

Não é como que, nos tempos modernos, alguém morra em "*batalha*" mantendo a filosofia de guerreiro. Mesmo aqueles que se veem forçados (ou se volutariam) a participar nas tristemente numerosas guerras da atualidade, raramente morrem por um ideal e poucas vezes tem consciência do porque que estão lutando.

Por outro lado, também ocorre o oposto, entre aqueles indivíduos que matam e morrem cegos por um obscuro e trágico fanatismo (geralmente religioso ou político). Nestes casos, o heroísmo é desconhecido por eles e chegam ao fim impulsionados unicamente pelo ódio e a ignorância.

Não é uma questão de recomendar que hoje ninguém tente ter uma "*bela morte*", como os **hoplites** gregos diziam e que as **Kers** dos aqueus ou as **Valquírias dos Vikings**, venham por suas almas. Pelo contrário, trata-se de não buscar uma morte lenta e decrépita, uma longa agonia sem sentido. A "*batalha*" pode ser para o guerreiro pagão em qualquer parte ou âmbito.

Seria um erro interpretar tudo o que foi dito como um endosso para negligenciar o corpo e a mente, para submetê-lo a vícios ou atividades que o debilite ou degrade. Não há nada mais distante disso que o pensamento pagão: O pagão não teme o excesso, mas tem como regra a moderação. "***Nada em excesso***" *("μηδὲν ἄγαν")* dizia **Sólon** de Atenas, que mais tarde se converteria no famoso "**credo grego**".

O pagão não tem medo de ser ferido ou morto por defender o que ele acha que é certo, mas em nenhum caso ele quer que isso

ocorra. Um velho ditado diz: "*Soldado que sobrevive serve para outra guerra*". Isso às vezes é tomado de maneira irônica e se iguala à covardia, mas na verdade não é bem assim. O verdadeiro herói não tem medo de morrer, mas tenta sobreviver a qualquer custo, exceto no caso de que a sua sobrevivência implique no fracasso de seu propósito. Tenta, porque ele sabe que se tiver sucesso ele poderá protagonizar outra vitória futura, outra possível façanha.

E o que dizer do homem "*comum*"? Aquele que vive dia após dia, enfrentando as pequenas lutas e misérias da existência? Nenhuma consideração muda, exceto que se deixe abater pela rotina; que o automatismo, o tédio e a irracionalidade o vençam.

O "campo de batalha" para o guerreiro pagão pode ser qualquer coisa ou lugar. Um médico pode ser um *guerreiro que luta* contra a doença, um varredor que luta contra a sujeira, a contaminação e a favor da higiene. Há guerreiros famosos e outros anônimos, mas a diferença não está nisso, e sim na ação pela vida com indolência, com inconsciência ou fazendo com determinação, premeditação e paixão. Mesmo se o caminho tomado é equivocado, é respeitável que ele o faça com coerência e fervor e leve às últimas consequências.

Como dizia **Bruce Lee**: *"O crime não é o fracasso, mas sim deixar de tentar. Em grandes tentativas, até falhar é glorioso."*

A energia é limitada, no Universo, em um sistema determinado ou em qualquer indivíduo. Isto implica que uma vida intensa seja, em geral, mais curta que uma vida lenta e frouxa. Não é uma pergunta de uso comum aquela de "*por quê os grandes, os mais valiosos, morrem jovens?*". No entanto, o pagão crê que a versão curta e plena vale mil vezes mais que a longa e medíocre, que 100 anos inúteis ou submetidos a uma vulgar rotina não velem 100 dias vividos com sentido, plenitude e glória.

Os gregos diziam que havia três caminhos para servir aos deuses: O heroico, reservado para poucos; o sacerdotal ou iniciático, que era apenas para aqueles que queriam viver dessa maneira e o do homem comum. Enquanto este último seguisse os parâmetros que os deuses do Olimpo haviam estabelecido para ele, seu destino não seria menos digno do que o do próprio Herakles.

Não se trata então de que o "**guerreiro pagão**" moderno viva como um **Viking**, um **Sioux**, um **Espartano** ou um **Samurai**, mas que recorde aqueles valores ancestrais de desafio e força diante da morte e o perigo, e tente adaptá-los a seu tempo e as atividades que ele realiza em seu próprio mundo.

Não é o mesmo que morrer enquanto se vive plenamente, sem importar que seja pelas mãos de outras pessoas, em um acidente, por doença ou o que for, do que deixar de existir (morrer) quando o último alento de vitalidade abandone o corpo após vegetar por décadas, temendo o futuro e com saudades do passado. Essa é a diferença. Quem não deixa um legado na vida, de qualquer tipo, não viveu com dignidade e, portanto, não terá uma morte digna nem haverá dia, por mais que viva 1000 anos, que encontre bons motivos para enfrentá-la.

O Morrer Como Reafirmação do Sentido da Vida

Existe a crença popular de que **Sócrates** cometeu suicídio. Isto é produto de mentes estreitas, que lendo o "*Crítias*" e o "*Fedón*", não foram capazes de compreender a ideia central pela qual o filósofo decidiu aceitar o destino que lhe impuseram as leis atenienses, sem fugir de seu cativeiro ou sem demonstrar resistência, mesmo quando seus amigos-discípulos haviam propiciado tais possibilidades. Alguns outros, talvez a maioria, nem sequer leram estes livros, mas tomam como um "*fato*" a opinião dos primeiros.

A realidade é que, ao menos se nos basearmos nos escritos de **Platão**, seu amigo e discípulo direto, Sócrates deu sua vida pelo que acreditava. Não por um sentimento meramente "*heroico*" relativo ao respeito por suas próprias ideias, mas por algo mais importante: O filósofo ateniense tentou viver toda a sua vida de acordo com as leis de sua pátria, a Atenas que tanta grandeza deu à Grécia. Desconsiderar a decisão do tribunal que o julgou, mesmo que ele estivesse em total desacordo com o resultado do julgamento, teria sido equivalente a destruir o próprio esquema de seu propósito de vida, o significado mais profundo que, para ele, tinha a mesma profundidade do que a própria vida.

Mais uma vez, não se trata de querer morrer, mas de não desejar seguir vivendo, se a sobrevivência implica na destruição do sentido da própria vida.

Outro caso semelhante é aquele que pode ser extraído do célebre **Epitáfio de Simônides**, em homenagem ao rei **Leônidas I de Esparta** e a seus 300 bravos **hoplitas**, mortos na **Batalha de Termópilas**. Ele não fala da façanha imortal destes, nem de suas virtudes como guerreiros ou a forma como decidiram ir à batalha, apesar de enfrentar um exército centenas de vezes mais numeroso. O epitáfio diz:

«Ὦ ξεῖν', ἀγγέλλειν Λακεδαιμονίοις ὅτι τῇδεκείμεθα,
τοῖς κείνων ῥήμασι πειθόμενοι.»

("Estrangeiro, vá e diga aos espartanos que nós aqui jazemos em obediência às suas leis.")

Não havia nada melhor que isso para ser dito. Nada era mais glorioso que morrer respeitando aquelas leis pelas quais estes guerreiros haviam vivido. A rendição, a retirada ou o pacto de um acordo com os persas equivaleria a esquecer o principal motivo de suas vidas, o sentido mais profundo que haviam dado a si mesmos. Ser infiéis a estas leis, a estes valores existenciais, era para eles, muito mais difícil, que encarar a morte com determinação e serenidade interior.

A partir destes exemplos, infere-se que não se trata de "*buscar a morte*", mas de não "*tentar se salvar dela*", se o preço for muito alto.

Esta decisão não precisa necessariamente ser feita na véspera de uma batalha. Em geral, é dada como o produto de uma reflexão de anos... através das mais rotineiras das atividades humanas. Nunca pode ser tomada *in situ*. A única maneira de poder ser coerente com tais valores é se preparar a cada dia para isso.

Nem Sócrates nem Leônidas tomaram a decisão de fazê-la, em seus últimos dias, porque passaram as suas vidas assim como Cavalo Louco, o personagem que inspirou o início deste artigo, pensando a cada manhã que: "*Hoje é um bom dia para morrer (se for isso o preço para ser coerente com a minha vida)*" e que o destino ou os deuses seriam os que decidiriam em qual destas jornadas tal evento teria que ser cumprido.

Se os pagãos modernos se proporem a tentar seguir esses ancestrais e redescobrir a sabedoria sobre a Vida e a Morte que tinham, as suas vidas adquiririam um maior sentido, seriam mais plenas (*inclusive mais felizes!*) e um dia, chegado o momento, poderão fechar os olhos sorrindo diante da visão da **Lagoa Estige**.

*Vivamos então, cada dia, gritando realmente ou figurativamente: "**Hoka Hey!**"*, porque essa deve ser *a maneira pagã de enfrentar a morte* e também, esse outro curto período que a precede, a qual costumamos chamar de *vida*.-

Por quê te amar? Breves Reflexões Noturnas Sobre o Amor

"Quanto a mim, eu nunca compreendi como dois seres que se amam e acreditam encontrar neste amor a felicidade suprema, não preferem romper violentamente com todas as convenções sociais e sofrer todo o tipo de vergonha, ao invés de abandonar a vida, renunciando a uma aventura além da qual não se imagina que existam outras." **(a)** Diria Schopenhauer talvez em uma noite aterrorizante, talvez em uma noite semelhante a esta na qual eu penso sobre o fato de amar, sobre o amor e como se relaciona com a sociedade moderna.

Em primeiro lugar, há tempos tenho escrito um texto sobre os discursos promovidos pelos mass media e como estes regem a vida cotidiana do humano moderno, o texto ainda não está finalizado, ainda falta um tempo para terminá-lo, poli-lo e trazê-lo à luz. No entanto, isso não me impede de escrever um pouco sobre o amor nesta noite de abril. Mas o que tem haver com isso o texto mencionado? Para mim, a relação está no que é o amor nesta época moderna ou o que se formou pelo entendimento de amor -como em outras épocas passadas- através de discursos, discursos destinados novamente a moldar e reger o atuar do humano.

Assim como o velho Schopenhauer não conseguia compreender a felicidade que encontravam dois seres ao se amar, eu em algumas várias dezenas de anos depois não posso compreender como o humano encontra a felicidade amando ao próximo quando este sujeito referido como próximo é ou pode ser alguém tão distante e desconhecido. Aqui encaixa perfeitamente a frase "amor ao povo" muito entonada por aqueles esquerdistas de coração nobre.

O "amor ao povo", quem é o povo e por que deveria eu amá-lo?, me questiono. Nestes tempos modernos o amor ao próximo se tornou uma faca de dois gumes, e talvez dizer que tem apenas dois gumes ainda é pouco. A onde quero chegar com isso? Bem, que o humano moderno em sua vida cotidiana tem sido bombardeado por discursos que lhe sussurram sutilmente ou, noutros casos, lhe gritam de forma aterrorizante que ele deve amar a seu próximo, aquele filho de Deus que é igual a ele e que, portanto, merece o seu amor, tolerância, respeito e compreensão. Por quê é meu próximo? Por quê eu devo sentir alguma afinidade com este "próximo" se os nossos interesses são distintos? É aqui onde eu me pergunto, por quê o amar? Por quê amar o próximo se eu não tenho nenhum apego por ele?

Volto a recordar o assunto que preocupava a Schopenhauer e a mim, que era: como se alcança a felicidade através do amor a um ser? Reconheço que para mim a finalidade de amar não é totalmente semelhante à concepção de Schopenhauer, para mim o amor ao próximo, assim como é uma arma de multi-gumes, possui múltiplos interesses e finalidades. Quais são estas?

As respostas ao questionamento anterior são incontáveis e recaem no interesse do sujeito que está refletindo sobre o tema, para mim e meus interesses um motivo pelo qual o humano moderno ama o próximo e não só isso, garante também que os diversos contextos sociais em que este se desenvolve se inteirem deste amor ao próximo expressado e demonstrado por ele. Como efeito, o interesse por amar ao próximo e demonstrá-lo recai na busca pelo reconhecimento social tão característico do humano moderno. **(b)**

É assim como o amor ao próximo se transforma em um objetivo, uma vez que o humano moderno busca obter um reconhecimento social ao demonstrar o seu amor por este ente nomeado como o "próximo" por mais desconhecido que seja. Atos de altruísmo difundidos por diversos meios, principalmente os cibernéticos, fazem com que os humanos sintam empatia e apego com quem realiza o ato altruísta, até mesmo atos de "caridade" com os animais, e ainda mais recentemente, com o que eles entendem -ou se fizeram entender- por natureza.

Esse sentimentalismo aparentemente inocente, amoroso e compassivo para com as pessoas, animais e plantas, não é nada mais que uma falácia, uma mentira na qual os humanos modernos atuam em sua busca insaciável por reconhecimento social, desejo e busca que na maior parte das ocasiões é invisível para os híper-civilizados. O fato de que um sujeito de bom coração alimente com uma pizza um morador de rua, dê a um cachorrinho moribundo algo para beber ou regue a uma planta a ponto de secar não significa nada, nem mudará absolutamente nada, o mundo seguirá em seu caminho rumo ao abismo, caminho na qual é guiado e empurrado pelos humanos. Então, por que o humano moderno faz isso? Se desculpam dizendo que esta ação muda o mundo de quem recebe a ação, o que para mim é estúpido e falso.

Quem recebe a nobre ação, ou melhor dizendo, a "amorosa ação", segue vivendo dentro de um contexto social, e assim é com o morador de rua que segue vivendo dentro da sociedade na qual carece de oportunidades de trabalho, o cachorrinho e a planta seguem dentro de um mundo envenenado onde cedo ou tarde a atividade humana os destruirá. O ato de amor desculpado na empatia e o altruísmo é o ato mais falso que alguém pode cometer.

Seu amoroso altruísmo está encharcado de interesse por obter o reconhecimento social, embora o neguem, já que, o desejo de consegui-lo é algo que se encontra escondido na consciência do humano. Como escrevi no começo, a vida do humano moderno é controlada. Aquele que se vê livre é apenas um cego! Os discursos expressos na publicidade desempenham um papel importantíssimo no controle do híper-civilizado que cada vez mais se ajoelha perante a isso, sempre de uma maneira imperceptível para ele.
Até aqui escreverei nesta ocasião, sei que o texto é apenas uma ligeira introdução a um tema com múltiplas arestas como é o amor, sempre tão controverso. Espero que estes diversos textos que escrevi se relacionem entre si e sejam de interesse e sirvam como contribuição para a tendência. Por enquanto, me parece que é um breve, mas claro esboço de um aspecto dos muitos que podem se desenvolver em termos de amor, isso a partir de minha perspectiva como eco-extremista.

-Huehuecoyotl-
Torreón, Abril de 2017.

Notas:
(a). Veja em: Arthur, S. (n.d.). El amor. En, El amor, las mujeres y la muerte.

(b). Para uma melhor referência sobre o conceito de "reconhecimento social", veja o texto que escrevi junto com Ozomatli para a Revista Regresión: Huehuecoyotl, & Ozomatli. (4 de Abril de 2017). "Algunas reflexiones sobre el actuar del humano moderno desde una perspectiva eco-extremista." Regresión. Cuadernos Contra el Progreso Tecnoindustrial, número 7.

Pensamentos Sobre a Moralidade

Tradução do texto "Thoughts on morality", de Abe Cabrera.

Ao investigar sobre a "Creek War" (Guerra dos Creek) algo curioso que encontrei foi a atitude dos índios em relação aos escravos negros. Para os Creek e os Seminoles, um escravo não era livre em virtude de que a escravidão era uma instituição imoral e, portanto, ilegítima. Um escravo deixava de ser escravo quando decidia não mais sê-lo e fugia. Uma das questões que os brancos tinham com estes índios era sobre como abrigavam os escravos fugitivos, e este foi um grande ponto de disputa na segunda guerra Seminol. Mas isso não foi por causa da atitude "iluminada" dos índios. Eles não estavam acima de tomar os escravos negros por conta própria, ou de mantê-los subjugados. O ponto era que a "liberdade" e a "dignidade" concedida a todos os seres humanos pelo Iluminismo não era um fato para a mente incivilizada. Tinha que ser "ganhada" ou "tomada" daqueles que a levaram embora.

Eu deixei para trás a ideia dos sentimentos nobres, aqueles sentimentos passageiros que apenas desejam coisas boas para me fazerem uma boa pessoa. Tenho visto muitos casos em que as pessoas acreditavam na piedade apenas para cometer atrocidades, ou cometiam atrocidades em nome da piedade. É melhor simplesmente se deixar esvaziar destes sentimentos: o que tiver de acontecer, acontecerá. A morte chega em breve, a fadiga traz o esquecimento, uma dormência de sofrimento prolongado.

A única vitória é trazida por seguir permanecendo aqui e de pé. As pessoas querem que a sua vida e a dignidade sejam reconhecidas meramente por existir. Não funciona assim. Este é o sonho esquerdista, mas nunca alcança nada, que todos temos um significado simplesmente porque somos/estamos: estamos unidos ao nobre selvagem e ao futuro transhumanista explorador das estrelas por causa de alguma continuidade... Continuidade! Que mentira fabulosa! Todos os selvagens são assassinados, e por dançar em suas tumbas... quer dizer, "honrá-los", obtemos a sabedoria e o poder que eles ainda deveriam ter, mas que não tem. Acreditamos que somos todos iguais, mas não somos. De fato, é esse pensamento de que somos todos iguais, que somos a "humanidade" que nos leva a derrubar a floresta, contaminar os rios, levar a terra ao esgotamento, e pavimentar o resto. Porque somos a humanidade, porque este é o nosso "bem". A humanidade é a inimiga da natureza porque é inimiga do lugar, do físico, do selvagem. Existem os seres humanos (animais humanos) e depois há a Gloriosa Humanidade. Se alguém olha a humanidade de frente e a declara a própria oposição, ou é um tolo ou um covarde.

A separação do ser humano/animal e a Humanidade não é tão simples. De fato, é praticamente impossível. É como pedir aos animais que fiquem longe do bebedouro durante o verão quente. Postular as ações indiscriminadas e seletivas é postular a superioridade do inumano sobre o humano, que os seres humanos não são um sistema fechado, eles "se abrem" a algo maior que eles mesmos (embora

eles não entendam nem o obtenham). Para destruir estas coisas maiores (Natureza Selvagem), eles falham em sua vocação, ou seja, estão aberto ao universo, sendo apenas outra força dentro dele e agindo como tal.

Postular a "amoralidade" é buscar a destruição de todos os obstáculos pelo caminho. É postular o individual sobre a sociedade, o caos sobre a ordem. É postular que os pecados de omissão (não fazer nada) não são menos graves que os pecados cometidos (fazer algo). Que a paz civilizada está construída sobre um monte de ossos branqueados de selvagens extintos. Que você não pode vencer o universo com um bom comportamento. Que você se recusa a negociar a regra de ouro porque apenas a escravidão e o vício provém disso (e não do tipo recomendado). A "Amoralidade" reconhece que todos temos a "nossas mãos manchadas de sangue", porque todos estamos banhados neste sangue. Nossa sociedade foi irrigada com ele. Então isso destrói o amor por completo? Não necessariamente, mas certamente se opõe à sua codificação: sua consagração dentro do reino dos direitos e da "dignidade inerente" da pessoa ipso facto. Posso esperar por piedade daqueles que amo, e desejar a destruição daqueles que não: o desejar não me faz nobre nem me deixa de fazê-lo. Não sou Deus: minha Palavra não está no começo e nada foi criado por ela, mas é perfeitamente razoável que eu odeie a um sistema que transforma meus desejos ou qualquer outro em um código universal de moralidade: hipocrisia? Isso Importa?

ÓDIO MISANTRÓPICO

Tradução do feroz texto com sentimento misantrópico desde o blog afim de sangue "Abisso Nichilista", publicado em Projeto Amoklaufe.

Misantropo não se nasce, se faz.

A receita para um misantropo genuíno começa sempre com uma pessoa transbordante de amor ao próximo, e a isso se acrescenta uma pitada de desencanto misturada com uma saudável dose de cinismo e de amargo ressentimento, então é deixado descansar para que os ingredientes se assentem até ficarem totalmente submersos. Finalizado, sirva-o sobre um mundo ocupado com outras pessoas.

Por trás de cada personalidade misantrópica é possível encontrar os restos em decomposição de um antigo filantropo.

Tudo isso é evidente apenas se considerarmos a intensidade da apaixonada crítica do misantropo. O grau de seu desprezo e desdém pela humanidade é sempre precedido por uma abundância de amor apaixonado, porque é impossível para alguém odiar apaixonadamente se não se sabe amar apaixonadamente.

Que muitos misantropos foram uma vez, na ingenuidade de sua juventude, idealistas ou românticos, isso não deveria surpreender a ninguém.

O que distingue o ódio misantrópico é a sua amplitude e universalidade. O ódio misantrópico é geral, porque o misantropo detesta a todos os homens, seu ódio abarca a tudo, porque despreza com cada fibra de seu ser a multidão e seus imbecis costumes e gestos, ele acumula desprezo por aquilo que é popular e cotidiano para as impensadas e amorfas massas, tem bastante experiência nos costumes dos homens para não aceitar qualquer coisa pelo seu valor aparente, e seu ceticismo em relação às supostas intenções dos outros não conhece limites.

O misantropo genuíno e verdadeiro não deveria ser confundido com uma indiferença distante, como é o caso do egoísta. O egoísta subordina os interesses dos outros aos seus e com isso é relativamente apático com as massas. Como tal, é geralmente alheio. Pelo contrário, o misantropo é bastante reflexivo e muito consciente para ser um simples egoísta, porque a misantropia nunca é uma indiferença passiva, mas sempre se manifesta em um aborrecimento e ódio ativo.

Moralidade

Tradução do texto "Moralidade", extraído de Antisocial Evolution.

A moral é a teoria de que todo ato humano deve ser bom ou ruim. O propósito de todos os sistemas morais é fixar o comportamento humano mediante a imposição de normas absolutas desenhadas de tal maneira que permaneçam além do exame e da crítica. Todos os sistemas morais são apresentados como a norma superior, a lei absoluta, a ordem peremptória que impõe a todos, em todos os momentos, o que devem fazer e o que não devem, sendo aplicável a todos os seres humanos sem exceção.

Para entender plenamente como funciona a moralidade como mecanismo de controle é útil examinar as funções pedagógicas subjacentes aos códigos morais e as justificativas utilizadas para exigir a obediência universal. Até recentemente, uma das mais comuns dessas justificativas era um dito Deus e, de fato, isso não acabou por completo. Este deus diz a nós o que é certo e o que é errado, ou o "assim diz a crença". Este conceito metafísico do sonho emite regras para que nós obedeçamos, e se nos recusarmos a fazê-lo, esse deus nos castigará horrivelmente. No entanto, ao ameaçar a outras pessoas dessa maneira, o moralista mudou uma postura por outra postura moral, rumo à outra postura de conveniência pessoal, para evitar os resultados dolorosos de não se submeter a alguém ou a algo mais poderoso que nós mesmos. Claro, existem aqueles que não acreditam em um deus e que, no entanto, são crentes na moralidade. Estes moralistas humanistas buscam uma sanção para seus códigos morais em alguma outra ideia fixa: o Bem Comum, uma concepção teleológica da evolução humana, das necessidades da humanidade ou da sociedade, direitos naturais, e assim por diante. Uma análise crítica deste tipo de justificativa moral demonstra que não há mais nada atrás do que está atrás da "vontade de Deus". Conceitos como o "bem comum" ou "bem-estar social" são meras peças retóricas de grande ressonância utilizadas para disfarçar os interesses particulares daqueles que as utilizam. É precisamente este disfarce de interesses particulares como leis morais que se escondem por trás da máscara ideológica da moralidade. Os sistemas morais funcionam como um ocultamento do propósito real e do motivo e quase sempre são uma "vontade de poder" disfarçada. Mergulhe os planos luminosos dos Salvadores Morais da Humanidade no ácido da análise brutal e veja o padrão escondido no rolo: o desejo de forçar uma certa linha de ação sobre todos, o desejo de governar e reprimir. Somente quando, em certos momentos e lugares, por meio da força física ou astúcia superior, alguns conseguem impor a sua interpretação moral particular aos outros de uma única moral que triunfa, entendida e seguida por todos da mesma maneira -como na Idade Média, quando a Igreja Católica dissolveu toda a variedade na unidade, ou como vemos hoje em certas partes do mundo islâmico.

Um dos usos mais populares do mito moral é adicionar um enfeite ao já desagradável prato da política. Ao converter até as mais insignificantes das atividades políticas em uma cruzada moral, se pode assegurar o apoio dos crédulos, os vingativos e os ciumentos, além de dar uma pseudo-força aos fracos e vacilantes. Enquanto se espera que aqueles que desejam governar os outros invoquem

repreensões morais em uma tentativa de converter (ou purgar) o iconoclasta desviador ou crítico, é profundamente desanimador observar os autoproclamados anarquistas atuando na mesma farsa, na forma dos códigos do discurso politicamente correto, as restrições dietéticas, as escolhas dos consumidores, a ética social dogmática e as moralidades escravagistas como o pacifismo. É difícil imaginar algo mais desfiado, mais irremediavelmente plausível para fundar uma rebelião antiautoritária que a moral, mas os anarquistas o fazem o tempo todo, em detrimento de sua própria luta e credibilidade.

O egoísmo consciente do egoísmo –não é nem moral nem imoral– está além do "bem" e do "mal". É amoral. Um egoísta pode ser verdadeiro ou mentiroso, considerado ou desconsiderado, generoso ou cruel, de acordo com a sua natureza, gostos ou circunstâncias, e a seu próprio risco, mas não é obrigado a ser nada disso. É possível que uma pessoa se comporte de modo que a moral tache de "bom" ou de "mal", mas fazem isso apenas porque seus interesses julgam e mentem em uma direção ou outra, não porque esta pessoa está possuída pelo aspecto do moralismo ou do imoralismo.

Enquanto o moralista tende a ver os conflitos entre indivíduos (e grupos e instituições) em termos de "certo" e "errado", o egoísta nunca considera um adversário correto ou incorreto em nenhum sentido moral. Cada um está simplesmente perseguindo o cumprimento de sua própria agenda, e se o conflito não pode ser resolvido de outra maneira, deve ser resolvido pela força. Bem, não se enganem, ao repudir a ideia de moralidade os egoístas não fazem exceção à "violência". Tampouco fazem qualquer distinção piedosa entre o nível da força ou a força de retaliação. Qualquer uma das formas é usada se for uma maneira conveniente de perseguir um dado fim, e para o egoísta não há lei moral que proíba a violência à qual eles devam subordinar sua vontade à soberania pessoal.

Para o egoísta consciente a inexistência da moralidade é tão verdadeira como dois e dois são quatro e, neste sentido, o egoísmo supera os limites das mais ousadas especulações do anarquismo sobre a soberania individual, atuando como um poderoso solvente para uma imaginação obstruída por teorias de "certo ou errado". Só depois de escrutinar todo o horizonte da amoralidade -o nada que resta na ausência do bem e do mal ou de qualquer outra autoridade metafísica- o indivíduo se encontra cara a cara com a liberdade emocionante e terrível em que nada é verdadeiro e tudo é permitido.

Fazendo Peróxido de Acetona (Peroxiacetona, "Mãe de Satã" ou também TATP)

Extraído e traduzido da Revista Regresión número 5, que por sua vez extraiu de Inspire Magazine N° 6 (órgão de difusão da rede terrorista da "Al Qaeda").

*Esta informação é precisa e confiável, já que a este tipo de organizações não lhes é conveniente que seus membros tenham problemas com seus explosivos. Ressalto isso devido a grande quantidade de manuais que existem na internet e que possuem doses adulteradas para que não funcionem, ou para que os "cozinheiros" tenham acidentes.

Sem qualquer dilema moral, traduzo este material que espero que sirva aos grupos eco-extremistas em guerra contra a civilização e o tecno-sistema. Finalizando, devo acrescentar que, pessoalmente, não me limito a utilizar apenas os métodos de certas correntes esquerdistas que se dizem contra o sistema (anarquistas, comunistas, etc.), tenho notado que esta "receita" é de vital importância para o eco-extremismo e para o desenvolvimento destrutivo em busca de substâncias e métodos mais mortais nesta guerra em defesa extrema da Natureza Selvagem, por isso decidi traduzi-la e difundi-la nesta revista. Enfatizo que NÃO sou islâmico e NÃO me sinto (completamente) afim a eles.

Que os explosivos detonem como os trovões caindo do céu!
Que os híper-civilizados tremam ao saberem de nossas práticas!
Morte à moral do ataque!
Pela defesa extrema e indiscriminada da Natureza Selvagem!

O que é Peróxido de Acetona?

O Peróxido de Acetona (AP) é um explosivo muito popular porque é fácil de fabricar e seus ingredientes estão amplamente disponíveis. Para fazê-lo é necessário H_2O_2, Acetona, Ácido Sulfúrico e Ácido Clorídrico.

Quais são as suas vantagens?

- Fácil de fazer;
- Ingredientes amplamente disponíveis.

Quais são as suas desvantagens?

- O Peróxido de Acetona volatiza se deixado à temperatura ambiente. Portanto, deve ser usado dentro de poucos dias após a fabricação.

- É sensível: AP é sensível ao atrito, calor, chamas e impacto. É preciso ter grande precaução ao manusear o Peróxido de Acetona.

- Não deve ser utilizado como carga principal, a menos que não exista algum outro material disponível.

- A sensibilidade do AP é tamanha que fazer grandes quantidades dele é muito arriscado.

- Para a sua fabricação é necessário utilizar máscara e luvas, uma vez que os gases que podem ser liberados da mistura são tóxicos.

Quais são as suas características?

- Cristais brancos;
- Insolúvel em água, mas solúvel em acetona;
- Pode ser detonado por uma chama ou uma gota de Ácido Sulfúrico;
- Velocidade de detonação de 3.700-5200 m/s;
- Explosivo primário (explosivos primários são utilizados para detonar as cargas principais);
- No caso de produzi-lo, produza em pequenas quantidades devido à sua sensibilidade.

Ingredientes:

- Peróxido de Hidrogênio;
- Acetona;
- Ácido Sulfúrico ou Ácido Clorídrico;

Onde conseguir os ingredientes?

1. Para o Peróxido de Hidrogênio:

O Peróxido de Hidrogênio (H_2O_2) ou Água Oxigenada tem muitos usos. É vendido sem receita nas farmácias até mesmo como antisséptico para feridas. Neste caso há geralmente 3% de concentração e às vezes vem em 6%. O H_2O_2 também é utilizado como branqueador para cabelos e, portanto, é encontrado nos cabeleireiros e salões de beleza. Como descolorante de cabelo, é encontrado em qualquer uma das seguintes concentrações: 6%, 12% e 18%.

O H_2O_2 está disponível em concentrações mais altas, mas é difícil de se obter. O H_2O_2 puro é muito volátil e explosivo. Na forma pura, é usado como combustível de foguete. Em concentrações superiores a 70% o H_2O_2 pode ser mesclado com combustível orgânico para fazer uma carga explosiva principal. Às vezes a porcentagem da concentração não é incluída na garrafa. Em vez disso, seria algo como volumes. Isso não deve ser confundido com a porcentagem. Então, por exemplo, se é dito que o Peróxido de Hidrogênio é de 10 volumes, isso não significa que ele é de 10% de concentração. O volume se refere a quantidade de Oxigênio liberado do H_2O_2. Por exemplo, 1 ml de uma concentração de H_2O_2 é 3% liberado de 10 ml de Oxigênio e, portanto, o faria um volume de 10. Veja na tabela **1.0.**

H_2O_2	Volume
3%	10
6%	20
12%	40

Table 1.0

Outros lugares onde o H_2O_2 pode ser encontrado é em lojas de materiais para piscinas, onde é usado como desinfetante e em lojas de hidroponia.

2. Para a Acetona:

A Acetona é um líquido volátil transparente com um cheiro forte. Devido à sua volatilidade, ela deve ser mantida em um recipiente fechado. A Acetona é um solvente forte e é amplamente utilizada na indústria. Por exemplo, nos EUA, em volume, a Acetona é um dos produtos químicos industriais mais produzidos. Está disponível sem receita médica nas lojas de produtos de beleza e de ferragens. Nos salões de beleza é utilizada como removedor de esmalte de unhas. No entanto, você teria que olhar a lista de ingredientes para se certificar de que inclui Acetona, porque outros solventes poderiam ser usados como os Acetatos. Portanto, se você não encontrar Acetona na lista de ingredientes do removedor de esmalte de unhas e em vez disso estiver Acetato como N-butilacetato, então você deve procurar em outro lugar. Se os ingredientes do removedor de esmalte não contém Acetona, o que é preciso fazer é um experimento para testar se o removedor de esmalte é adequado para fazer o Peróxido de Acetona, já que alguns dos ingredientes podem interferir na reação.

3. Outros:

O Ácido Sulfúrico está disponível em baixas concentrações nas baterias automotivas. Você pode utilizar a água da bateria nova ou usada, mas a nova tem menos contaminantes nela. Concentre o líquido, ferva até 1/10 do volume original e no final você deve ficar com o Ácido Sulfúrico em alta concentração. Também está disponível como um limpador de ralo. O Ácido Clorídrico pode ser usado como um substituto do Ácido Sulfúrico. Está disponível como limpador de ralos e pode ser vendido sob o nome de "Ácido Muriático".

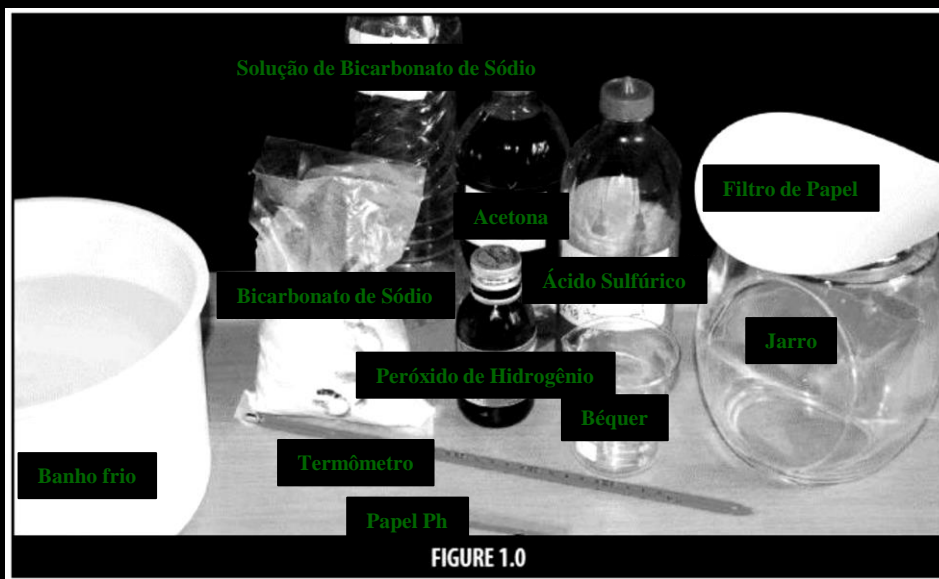



FIGURE 1.0

Preparação: A regra é o uso de 6 vezes mais a quantidade de Acetona pura com seu H_2O_2 puro equivalente. Então, se você está usando 20 ml com 100% de H_2O_2, deverá adicionar os mesmos 120 ml de Acetona ao 100%. O Ácido é adicionado para facilitar a reação. Então, para cada 3% de H_2O_2: Use 50 ml de H_2O_2 + 9 ml de Acetona + 10-20 ml de Ácido Sulfúrico.

Veja na Tabela 1.1 abaixo para mais detalhes.

Tabela 1.1

TABLE 1.1
The rule is to use 6 times as much the quantity of pure acetone with its equivalent pure H_2O_2.

Ingredients in ml	3% H_2O_2	6% H_2O_2	18% H_2O_2	30% H_2O_2
H_2O_2	50ml	50ml	50ml	50ml
Acetone	9ml	18ml	54ml	90ml
Sulfuric acid*	10-20ml	20ml	20ml	20ml

Table 1.1

As quantidades acima são para 98% de Ácido Sulfúrico. Se você utiliza uma concentração fraca, a quantidade de Ácido aumenta. É possível que você possa substituir o Ácido Sulfúrico por Ácido Clorídrico.

Você precisará de um copo de vidro (ou um béquer), água fria (banho frio) e um termômetro.

1. Adicione a quantidade necessária de Acetona de acordo com a concentração de H_2O_2, como você pode ver na **figura 1.1**.

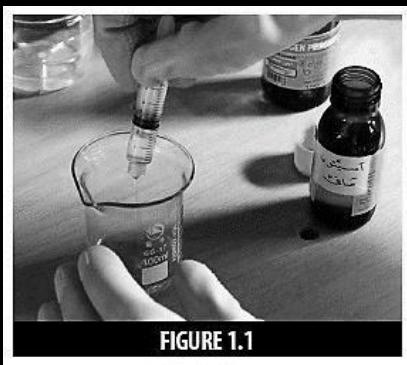



FIGURE 1.1

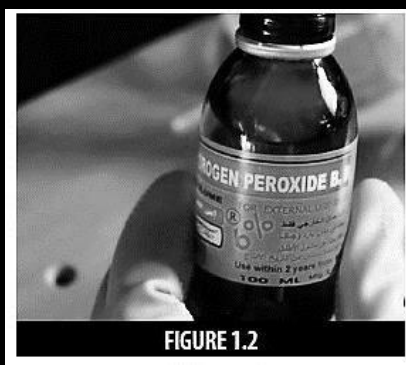



FIGURE 1.2

Consulte a Tabela 1.1 para verificar o método e ver as quantidades.

2. Despeje em um copo de H_2O_2.

3. Adicione Ácido Sulfúrico gota a gota a partir de um conta-gotas. Na **figura 1.3**, o Ácido Sulfúrico foi coletado de um copo e colocado num béquer na **figura 1.4.**

4. Durante o processo de adicionar o Ácido, mantenha o termômetro dentro da solução. Durante todo o tempo, o béquer deve permanecer em banho frio. A temperatura deve ser mantida abaixo de 40 °C. Se a temperatura se aproximar de 40 °C, mexa o béquer no banho de água fria até que a temperatura caia.

Veja na figura 1.5.

Você deve manter a solução entre 30 °C e 40 °C.

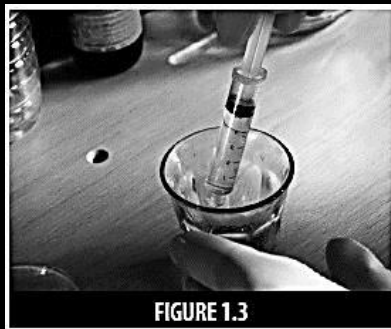
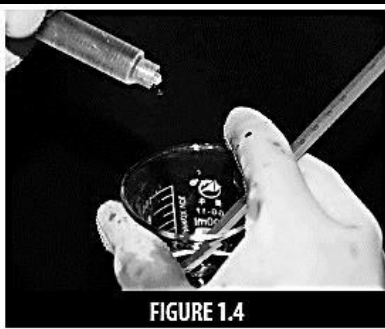
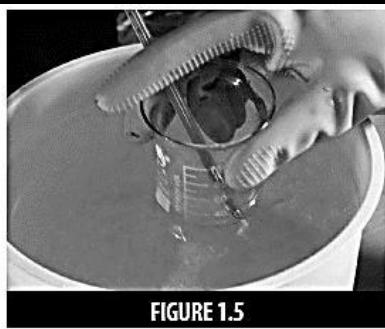



FIGURE 1.3 FIGURE 1.4 FIGURE 1.5

Lembre-se: Quando se trabalha com o béquer em banho frio, nunca tire os olhos do termômetro (não se distraia). Lembre-se que 40 °C é o máximo.

IMPORTANTE: Ao chegar no quarto passo, certifique-se de mover repetidamente a parte inferior do béquer dentro da água fria. Se não for rápido o suficiente, as partículas podem mudar e se volatilizar.

5. Quando os cristais brancos começarem a se formar, remova-o do banho em água fria.

Veja a figura 1.6.

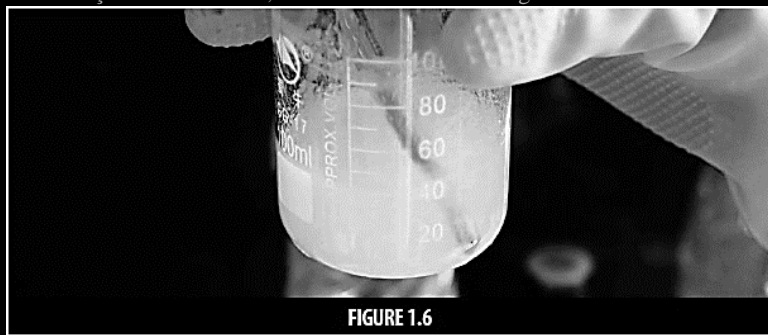
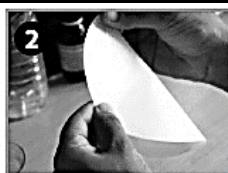
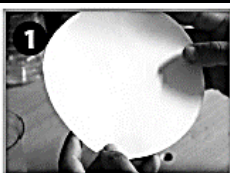



FIGURE 1.6

Lembre-se: No quinto passo, é importante manter a mistura na água durante o tempo necessário até que os cristais brancos comecem a se formar. Não é um problema tirá-lo esporadicamente fora do banho frio para ver se formaram-se ou não.

6. Prepare o filtro em forma de cone. Em seguida, coloque-o sobre uma jarra.

Fazendo o Filtro

Para este experimento, usaremos um filtro regular. Embora qualquer filtro de café possa servir. Um filtro pode ser feito seguindo estes seis passos simples.

7. Como o Ácido Sulfúrico detona o Peróxido de Acetona, o Ácido deve ser eliminando antes que os cristais sequem. Então, temos que fazer uma solução de Bicarbonato de Sódio.

Para fazer isso, pegue duas gramas de Bicarbonato de Sódio e coloque-o em uma garrafa de plástico. Em seguida despeje 100 ml de água e feche bem o frasco. Agite bem a garrafa por alguns segundos. Mantenha a garrafa ao lado até chegar ao **passo 11**.

FIGURE 1.7

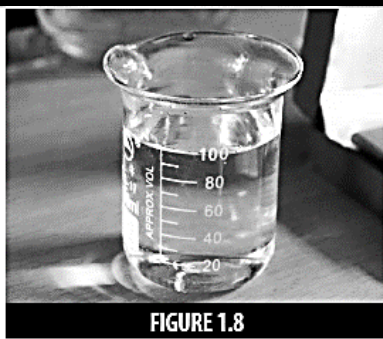



FIGURE 1.8

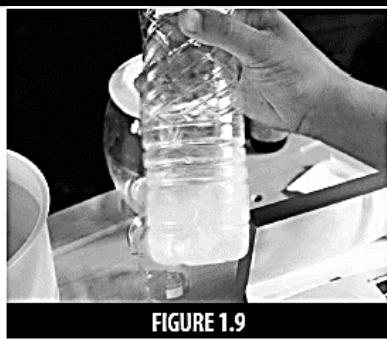



FIGURE 1.9

Neste experimento foram utilizados 20 ml de H_2O_2 (6% de concentração), 7,2 ml de Acetona e 10 ml de Ácido Sulfúrico apenas para uso experimental. A tabela 1.1 mostra as quantidades necessárias para despejar.

8. Vire o Peróxido de Acetona sobre o filtro de café como é mostrado na **figura 2.2.**

9. Depois de despejar a mistura no filtro, coloque um papel de pH nela.

Lembre-se: Se não houver um funil de vidro, pode-se colocar um filtro sobre um recipiente de vidro, como mostrado na figura 2.1.

Despeje a mistura lentamente para que o filtro não rompa. O mesmo para quando adicionar a solução de Bicarbonato de Sódio.

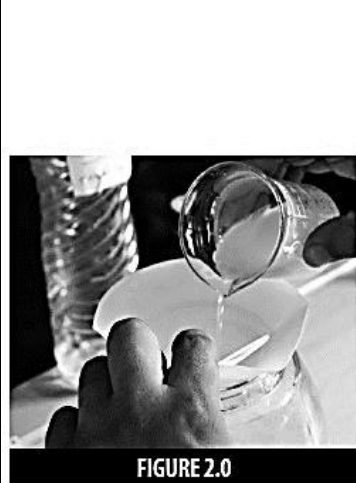
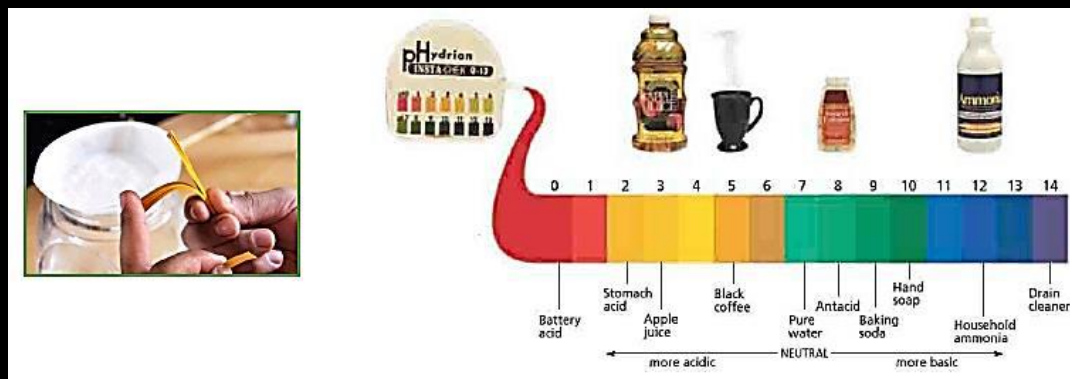



FIGURE 2.0

FIGURE 2.1

Figura 2.0: Utilizamos aqui Bicarbonato de Sódio a 2% com 98% de água. As porcentagens, nesse caso, não necessariamente precisam ser exatas.

Pequena ciência: O pH de uma substância pode ser determinado pela imersão do pedaço de papel pH e a comparação da cor resultante com a escala fornecida abaixo.

Figura 2.2.

10. Em seguida, adicione a solução de Bicarbonato de Sódio pouco a pouco. Quando o papel indicador de pH passa para a cor neutra (entre 3-6 na **figura 2.2** acima), pare de adicionar a solução de Bicarbonato de Sódio.

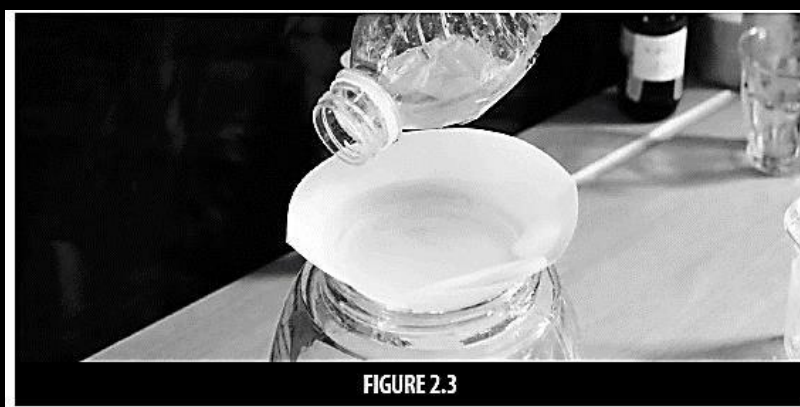



FIGURE 2.3

11. Recolha os cristais de Peróxido de Acetona do filtro. Na **figura 2.5**, os resíduos são filtrados através do filtro na jarra.

12. Seque os cristais à luz do sol. Isso conclui o experimento.

Lembre-se: Ao despejar a solução de Bicarbonato de Sódio, o papel de indicador de pH tende a mudar de cor. Deve ir de vermelho a laranja.

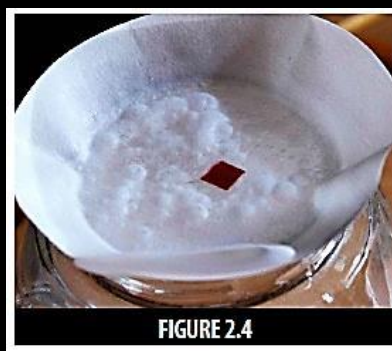



FIGURE 2.4 FIGURE 2.5

FIGURE 2.6

FIGURE 2.7

Conselhos de "Inspire Magazine"

- Quando você tentar isto pela primeira vez, use as mesmas quantidades que utilizamos para que você possa se familiarizar. Em seguida, teste as concentrações mais altas com base na tabela 1.1.

- Não é obrigatoriamente necessário utilizar um béquer. Qualquer recipiente de vidro que tenha uma escala numérica está bom.

- Um conta-gotas de vidro é melhor que um de plástico. Sempre despeje os produtos químicos pouco a pouco quando usar o conta-gotas. Isso porque, ao não fazê-lo, pode causar a queima dos produtos químicos, causando um grande vazamento, especialmente quando se trabalha com Ácido Sulfúrico.

- Se você teme uma explosão, vê fumaça ou escuta sons durante o trabalho, imediatamente derrube o béquer no banho frio. Se não for suficiente, coloque a água no interior do béquer. Isso deve ser feito rapidamente.

- Dependendo de qual país você resida, possa ser que você precise de uma pequena jarra ou balde de água quente (mas não perto do ponto de ebulição). Isso porque se o seu país tiver um clima frio, o clima afetará a solução. Então, por exemplo, terá o béquer na água fria e você verá que ele não passará dos 25 °C. Então você deve colocar na água quente para a temperatura subir.

VIDA LONGA À MÁFIA DO SUL!

THE SUN, A NEWS UK COMPANY

RT | TV & SHOWBIZ | NEWS | FABULOUS | MONEY | MOTORS | TRAVEL

All News | UK News | World News | Politics | Opinion | Health Ne

RIO BOMB THREAT Eco-terrorists who detonated pressure cooker bomb last week 'declare war' on the Olympics in revenge for bulldozing wildlife

The "Sociedade Secreta Silvestre" organisation – who claimed responsibility for detonating a pressure cooker packed with metal in Brasilia – say they will bomb the Olympics

EXCLUSIVE By JAMES BEAL and NICK PARKER, in Rio de Janeiro

9th August 2016, 7:56 am | Updated: 9th August 2016, 8:11 am

A GROUP of eco-terrorists who detonated a nail bomb in Brazil last week have issued a chilling threat to the Rio Olympics – in revenge for ripping up the city to make way

A TOCAIA SEGUE...